UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SEVERINO DO RAMO CORREIA

A EDUCAÇÃO ENQUANTO PALCO (AUTO)BIOGRÁFICO: o “eu” identico de Lepê Correia

RECIFE
2023

SEVERINO DO RAMO CORREIA

A EDUCAÇÃO ENQUANTO PALCO (AUTO)BIOGRÁFICO: o “eu” identico de Lepê Correia

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, na linha de pesquisa Identidades e Memórias, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza

Coorientador: Prof. Dr. José Vieira da Cruz

RECIFE

2023

Catalogação na fonte
Bibliotecário Danilo Leão, CRB-4/2213

C824e Correia, Severino do Ramo
A educação enquanto palco (auto)biográfico : o “eu” idêntico de Lepê Correia / Severino do Ramo Correia. –2023.
245 f.

Orientação de: Edilson Fernandes de Souza.
Coorientação de: José Vieira da Cruz.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, 2023.
Inclui Referências.

1. Autobiografia. 2. Memórias. 3. Identidade negra. I. Souza, Edilson Fernandes de (Orientação). II. Cruz, José Vieira da (Coorientação) III. Título.

370 (23. ed.) UFPE (CE2024-008)

SEVERINO DO RAMO CORREIA

A EDUCAÇÃO ENQUANTO PALCO (AUTO)BIOGRÁFICO: o “eu” identico de Lepê Correia

Tese presentada como requisito para obtenção aotítulo de Doutor em Educação, ao Programa de Pósgraduação em Educação da Universidade FederalPernambuco – PPGEdu/UFPE.

Aprovada em: 14/03/2023.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

_____

Profª Drª Aurenéa Maria de Oliveira (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

_____

Profª Drª Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi **(**Examinadora Externa)

Universidade Cidade de São Paulo - UNICID

_____

Prof. Dr. José Vieira da Cruz (Examinador Externo)

Universidade Federal de Sergipe - UFS

_____

Prof. Dr. Arnaldo Sucuma (Examinador Externo)

Universidadedo Estado de Pernambuco - UPE

_____

Profª Drª Tania Maria de Araujo Lima (Examinadora Externa)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha avó Brandina, minha mãe Benedita, ao meu tio Severino Tiago e ao meu irmão José Luiz. (Foto) Incluo Meu Genitor José Luiz Pereira (in memorian), a minha prima Zezé Correia(in memorian) e meu tio José Correia(in memorian). (Minha família inicial).

AGRADECIMENTOS

Ao meu **Orí** e meu **Orisá**, seu guardião, por nunca me abandonarem e a toda hora contribuirempara que eu seja o que eu sou.

À Dona Brandina, por ter trazido ao "planeta-escola", Dona Benedita, a negra guerreira que me pariu e teve a brilhante idéia de organizar uma escola para alfabetizar crianças, e assim, pude aos cinco anos de idade já estar lendo jornal.

Ao meu pai, José Luiz Pereira, por ter, junto a Dona Benedita, facilitado minha vinda à Terra eme facultado a herança de pertencer ao povo Liele, da Burkina Faso.

Ao meu tio, Severino Tiago que, usando o pretexto de cuidar de minha avó Brandina, termina cuidando de mim, do meu irmão, José, e de minha prima Zezé.

Ao meu Bàbálorisá, pai Paulo Nunes (Paulo Preto), pela valorização, paciência e sabedoria emabrir-me as portas para o infinito e meu irmão e (bàbá ìsìmì) Fernando Nunes, que pacientemente me ensina a continuar na tradição e herança dos mais velhos.

Ao meu Mestre Paulo Hindemburgo, que me apontou o caminho do compromisso de cuidar doshumanos com a chave das Epistemologias Convergentes a partir da Psicologia.

À Dona Leda Maria Amorim Guimarães, minha primeira professora, na primeira escola oficialem que estudei: Escolas Reunidas Felipe Camarão, no bairro do Jatobá, em Olinda. Foi Dona Lêda que descobriu meu talento me incentivando a cantar em público pela primeira vez. Eu tinha 7 anos de idade.

À Dona Neuza Rangel (Diretora); Dona Eni e Dona Miriam (professoras), pelo afeto por todosnós da "Escola do quartel 7º RO – antiga Marechal Floriano Peixoto- antes do Golpe Militar de1964, e fora do Quartel: Escola Argentina Castello Branco.

A Dona Maria Elba de Andrade Galvão, diretora da Escola Rotary de Olinda que, ao aceitar minha mãe como sua lavadeira, muda um pouco nossa vida para melhor. E Dona Maria da Saúde Cruz, professora nossa e ex-colega de de minha mãe, dava-nos (a mim e meu irmão) muita atenção e rigor. À merendeira Dona Nair, minha estima e gratidão.

À Dona Maria Rosalina Cruz da Silva, minha professora da quinta série no Grupo Escolar Duarte Coelho – Olinda - pelo seu cuidado em me ensinar para que eu passasse no exame de admissão ao ginásio.

A todo o corpo docente do Colégio Estadual de Olinda, que me acompanhou de 1966 a 1973, principalmente nossa diretora Eglantine do Rego Barros, que sempre me teve em alta conta. Professoras(es) Ceci Ramiro, Letícia Alcoforado, Iara Rocha, Dona Juraci, D. Conceição (DonaOlinda), Claudino Leal, Jano Almino, Elisio Silveira, professor Caio, prof. José Jasmo

Bezerra, Dona Marly, Dona Marieta; aos Auxiliares de disciplina Afonso, professora Bartolomina e Gilson Lúcio do Amaral, meu professor de judô, e pessoa que me ofertou o primeiro livro espírita.

Aos meus e minhas colegas do Colegio acima citado, pelo respeito e carinho, tendo por vários anos comprado meus livros e cadernos e anonimamente depositado em minha banca e, emboravissem minhas lágrimas de alegria nunca se identificaram nem tocavam neste assunto. Só sabiam que eu não podia comprar. Obrigado: Celinha, Elvira, Fred Audifas, Bartô, Joaquim Bananola, Ricardo Piriquito, Sergio Amaral, Marcos Tonel, Louies Annie Bold, Toinho Dedão, Maria (Fátima) da Boca grande, João Crisóstomo, Antônio Carlos, Marcos Andrade, Paulo Cruzy, Philemon, Rui Cioba, Ruy Onça Pintada, Rildo e Rinaldo, Rosecléa Dantas, Dóris Andrade, Fátima Spinelli, pela ousadia em dançar quadrilha comigo, sem ligar as críticas, e tantos outros.

À equipe Campeã Pernambucana de Futebol de Salão Infantil, mesmo quando eu já não mais jogava, Jovino, esquerdinha, Marcelo Peneira, Zé Gago, Bananola, Eduardo Pelezinho, Paulo Veras; (juvenil) Nando Barroca, Panta, Josimar, Jessé, Djalma, pelo carinho que tinham por mim: o Nêgo Pelé.

Aos da Banda Marcial, Marly Martins, Maestro Duda, Paulo Almeida, Fred Cornetão, Izabel, Jacyara (Mana)Novelino, Débora Acyole e tantos(as) outros(as).

À toda a turma de Comunicação Social desde 1974, da Universidade Federal de Pernambuco, pela união, profissionalismo e respeito, quando até hoje nos encontramos, uma vez no semestre.Citando alguns: Nilton Rangel, Zé Rocha, Ligia, Baruque, Katarina, Soninha toda Pura, Iranise,Sarapatel, Alexandre Sopa, Edson Pudim (in memória), Marcos Valois, Nando Cordel, Pedro Henrique, Carlos Bartolomeu, João de Deus, Ruth (in memória), Telma, Tereza, Francisca, Flávia Lemos, Regina Mendonça e o meu muito amigo e irmão Ari Luiz da Cruz.

Ao Mestrado em Teoria Literária da Univeridade Federal de Pernambuco – fora as fuleragens - por ter me apresentado aos amores de pessoas queridas: Tânia Lima, Elio Ferreira, Zuleide Duarte e Amarino Queiroz.

À professora Patricia Pimentel, pelo cuidado na organização da pasta contendo fotos e comentários históricos dos jornais a respeito de minhas caminhadas em vários campos e feitos artísticos.

À Dra. Maria Amélia Monteiro, pelos toques metodológicos e a amizade.

À minha querida professora, Zuleide Duarte, por ter-me conduzido ao Mestrado em Literaturae Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba –UEPB, me apresentando à falecida

Rozilda Bezerra, minha ex-orientadora, a quem devo uma melhor compreensão nos estudos desemiótica e de como não se deve tratar os orientandos.

Ao meu Orientador no Doutorado em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, professor Edilson Fernandes de Souza, pelo carinho, respeito, cuidado e ensinamentos constantes, me colocando no coração uma jóia chamada Pesquisa (Auto)Biografica, e até trazendo para o rol das pessoas a reclamarem dos meus lapsos, sua esposa, profª Roseane que, com muito cuidado, me advertia dos riscos, caso houvesse descuido no salvamento dasescriturações.

Ao meu Co-orientador, Dr. José Vieira da Cruz, pela seriedade e compromisso com a minha organização e pelos, embora sorrindo, puxões de orelha e alertas acadêmicos carinhosos para que eu tomasse jeito de pesquisador.

À Banca Examinadora (professoras(res) Conceição Passeggi, Tânia Lima, Aurenéa Oliveira, Arnaldo Sukuma, Jossé Vieira e Edilson Fernandes), que gentilmente aceitou o nosso convite e, mesmo em pouco tempo, se dispuseram a verificar em leituras o conteúdo desta tese, dando sugestões e engrandecendo a escrita com suas construções criticas para que eu pudesse chegaraos termos satisfatórios da defesa.

Às minhas filhas, Iyainã, Iyalê, Iyasanã, Iyadirê, Dáffany, Deuzwilma, Priscila, Roberta, Izadora; Viviane, Alessandra; e meus filhos, Orum Nathan, Omorinlê, Andrey, Olubeniwi, George, Marquinho, Emmanuel, por compreenderem minha ausência em suas festas de aniversário e/ou não responder em tempo hábil e esperado suas mensagens, uma vez empenhado na escrita do final da tese. Muito grato a Olubeniwi, meu mais novo, por encontrar sempre os livros perdidos nas desarrumações; Iyasanã pelas correções em espanhol, Dáffany sempre me ajudanda nas cópias, digitalizações e Orun Nathan, por ter feito as vezes de feireiro nos dias em que eu não podia sair para buscar o material das festividades para os Orisá. Minha neta Dhara por entender a ausência de vovô em sua festa de 10 anos de vida.

À professora Helena Bezerra, pela História e pela Filha.

À pintora Antônia Santana, pelas lindas gravuras africanas nas camisas que exibo.

À minha Enfermeira favorita, Marta Lúcia, por cuidar de nós e nos “adoçalgar” com bolos etortas maravilhosas, além do afeto.

Aos meus companheiros e companheiras de PPGEdu: Tulane, Paulo Dutra, Pergentino, Gina, Rizo, Zumar, Dornellas, Edvaldo, Fabíola, Henrique Tchê, Juliano de Belém.

À Luzinete Assunção (in memorian), por ter-me levado pela primeira vez a uma Casa deMbanda – de Dona Helena e Seu Apé - em frente ao 7ºRO- Olinda.

À Olivia Grandidier (in memorian), pelo afeto e a minha Roberta.

Àquelas que me acolheram em Campina Grande – Fabíola e Olivia – no tempo do Mestrado. Aos meus irmãos e irmãs da Fraternidade Branca do Triângulo e da Cruz e às Sacerdotizas Samys, Débora e Inês, com quem tanto aprendi, sob comando do Mestre Kaifas Ben-Azir. Aosirmãos e irmãs do Olinda do Amanhecer, onde fui presidente aos 26 anos de idade, com autorização de Tia Neiva Chaves Zelaya, ladeado pelo Mestre Jaguar Ivonildo Pessoa e o Mestre Sol Sublimação, Genival.

Aos meus Frateres e Sorores da Antiga e Mistica Ordem Rosacruz -AMORC, especialmente aoMestre Rodrigo Marinho, meu padrinho, e à Matre Lindsay Pessoa, minha madrinha, pelos ensinamentos e aprendizados deixados por Akenaton, desde nossa casa no Egito, Nordeste da África, até o Capítulo Recife, na Santos Dumont.

Ao povo do Ile Asé Obalufon Deyi, pela generosidade e compreensão, disponibilidade em podermos louvar aos Orisá, os Pretos e Pretas Velhas, Mestres, Mestras, Caboclos e Encantadoscom alegria e devoção. Ao Bàbá ìsìmì Bernardino Fernando, meus respeitos.

À Marilia Santos e Iyasanã Lepê, Verõnica Gomes e professora Auristela Oliveira Melo, respectivamente na ordem, por tomarem a frente, na hora do sufoco traduzirem para o Espanhol, Inglês e Frances o resumo, bem como aos moçambicanos Tsumbe (Caustomo) e Chico Rafael, por tranporem para língua de sua etnia africana, Sena, o resumo em Português.

Ao casal adventista, Dona Zefinha (Mãezinha), Sr. Heleno (Paizinho), suas filhas, genros e seusfuncionários, pelo carinho e o respeito que têm por mim em cada visita que faço ao RestauranteVida Longa para alimentar-me.

Ao meu produtor musical Valdi Afonjah, por ser paciente, adiando tantas gravações, sorrindo.À minha clientela psicoterápica e demais, pela confiança e por me ensinarem com suas histórias. Finalmente, à minha inigualável companheira, Maria das Dores Pereira, sempre presente nas horas de reclamação e desespero, listando as figuras, selecionando os desenhos, preparando a comida, incentivando, ralhando, alertando sobre as exigências de Edilson e Vieira; alertando sobre o pagamento das contas e principalmente torcendo por um final feliz para a minha escrita.

RESUMO

Esta tese tem origem no Núcleo de Identidades e Memórias, do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco, e minha pretensão é responder a seguinte questão: *Montado nessa alegoria chamada vida, conseguirei, a tempo, sobre o palco onde ainda se constrói esse "Eu" Idêntico a cada dia, exibir as façanhas apreendidas e executadas entre 1952 e 2023?* A periodização preambular corresponde ao ano de meu nascimento; minha aterrisagem na Travessa da Colina, no bairro do Fundão, em Recife-PE; quando Getúlio Vargas assume, pela segunda vez, a presidência do Brasil; minha estreia no campo do ensino aos 5 anos de idade, antes mesmo de entrar no curso primário, meu começo escolar na Escolas Reunidas Felipe Camarão, em Olinda-PE., e a peregrinação em tantas outras; e o desenlace do recorte espaço-temporal diz respeito à defesa deste estudo na perspectiva da narrativa de si. Dessa forma, a investigação está ancorada nos seguintes objetivos: a) contribuir com as pesquisas autobiográficas e educação no Brasil; b) analisar autonarrativa construída em relação a minha identidade sócio racial, para entendê-la a partir do próprio método autobiográfico; c) levantar e analisar fontes que possam oferecer um entendimento de como pude me reinventar por meio das etapas e ciclos vividos, conhecendo mais de mim, enquanto experienciava as mudanças no sistema e métodos educacionais ao longo de minha trajetória. Considerando o que diz Aróstegui (2006) sobre a *fiabilidade* e *adequação* (originalidade e abundância de fontes), esta tese se estrutura a partir do seguinte *corpus documental*: iconografia (fotografias, desenhos e autorretratos), recortes de jornais, poesias e crônicas, livros, arquivos pessoais e de familiares, depoimentos espontâneos de ex alunos e admiradores do Movimento Negro do Recife, bem como minhas próprias memórias, gravadas e transcritas, especialmente para manuseio nesta tese. Para análise e interpretação dessas fontes, dialogo com os seguintes autores: Nóvoa (1992), Bourdieu (2005), Elias (1994), Souza, E. C. (2006), entre outros, Passeggi (2010), Passeggi e Abrahão (2012), Ferreira (2015) e Souza, E. F. (2020a; 2020b). O pano de fundo da minha trajetória semprefoi a educação, ladeada pelas artes, a política, esportes, as ciências humanas e as tradições de povos originários, principalmente negros. Por conseguinte, a hipótese se materializa em vários"Eus Idênticos", pois educado na leitura e na busca do conhecimento e retidão no caráter, fez de mim um exibicionista ciclotímico – "seção de educação" - sempre disposto a aprender, paracontribuir mais e melhor, tal qual um negro Mina, que "chega em pensamento onde não chegaseu braço"; o que resulta na ideia do Eu Idêntico, antes disperso em várias formas e conteúdos.

Palavras-chave: Autobiografia; Memórias; Educação; "Eu" Idêntico; IdentidadeNegra.

NCIGWAGWA[1]

Unyandandanda uxo, una ndawa ya ntsoka unapangisa cidzindikiro ca Maganizo a mabukho makulu-makulu a mbale ya universidade Federal ya Pernambuco, kufuna kwanga nkhu thumburudza fundo ixi: kumanikika kwanga pa ndima inacemerwa makhaliro, ndinati ndikwanise pa ndzidzi wakucepa pa thando yakuphindzira uunthu wanga, wa sawa-sawa wa pantsiku na ntsiku, towera kupangisa pire pidapfundzene na pidacitayne pyaka pya cikwi madzana mapfemba, makumaxanu na piwiri, mpaka caka pikwi piwiri makumawiri na pitatu? Pyaka pya midzidzi ya kutoma ndi caka cidabalwene, kufika kwanga pa kupandira nthunda pa n'thambo wa makhaliro, cisa ca fundao, ku Recife-PE, pa kukwidzwa cidzo kwa Getulio Vargas, ninga ntongi wa dziko ya Brasil pa utongi wa kuphindzira, mbandi kumbukambo bukho yakutoma idapfundzene na pyaka pixano pyakubalwa, mbandidzati kutoma namapfundziro a unyandandanda wakutoma, pa mbuto ya mapfundziro a ciungano ca Felipe Camarão, cisa ca Olinda-EP, na kundzendza kudacitene mbuto zinango zamapfundziro a mabukho, pontho na kugwanda kwa ndzidzi na kucindja mbuto pinandawa ya mapangisiro a udziwisi. Naipyo, mabasa a kupfupfudza alikugumanika na pfundo ixi: a) kuthambarusa basa ya kupfupfudza kwa cithankano ca makhaliro ako munthu pa upfundzi a Dziko ya Brasil; b) kuwedza cithankano ca makhaliro cina thumburuza makhaliro na macitiro anga, towera pibveke pyamasobulukira pa pire pidalongene na mulomwanga; c) kulamusira na kuwedza mphangwa za pithankano, towera kudziwa camaso pa pidacitene towera mpaka kukwanisa kundzwenga madodo na mphinga-mpinga a makhaliro, mpaka kudzindikirika mwaine ndekha, uku, mbandikwata luso kakamwe pa macitiro atswa pa mbale ya mapfundziro pa makhaliro anga. Mbatimbvera Arostegui (2006) thangwi ya undimumwene na mphangwa zezi, unyandandandaonoyo wa thumburudzwa pa pfundo ya tsamba ninga naixi: Pithundzi-thundzi, ku umba na kuthanda, ku ceka matsamba a mphangwa, pithankano na misangani, mabukho, mafala a muntima mwa munthu, panango cibiso-biso ca ubale a kubiswa mbuto ya citsidzikiro, mapfalaa anyakupfundza, anyakutoerera ndzero za cicendjedzo kuli anyakuswipa khanda a cisa ca Recife, na kukumbuka kwanga kwa mafala adatapiwa na kuthumburudzwa towera kuphatisa basa pfundo ya mafala a udziwisi, pa kuwedza na kuthumburuza kwa fala ya anyakulemba ninga na awa: Nóvoa (caka cikwi, mazana mapfemba makumapfemba na piwiri), Bourdiu (caka pikwi piwiri na pixanu), Elias (caka cikwi madzana mapfemba makumapfemba na pinai)Sousa (caka pikwi piwiri na pitanthatu) na anango Passeggi (caka pikwi piwiri na khumi), passaggi pabodzi na Abrahao (caka pikwi piwiri kumi

[1] A língua Sena é a terceira língua bantu de Moçambique, língua materna de cerca de10% da população do país. Falada nas províncias do Baixo Zambeze e extremo sul doMalawi.

na piwiri), Ferreira (caka pikwi piwiri khumi na pixanu), na Souza (caka pikwi piwiri na makumawiri). Pa pidzindji pa makhaliro anga, cikulo kakamwe ndi mapfundziro, mbapizungulirwa na mphaso, luso na ndzero za ndale,tsendzo, makhaliro na macitiro a mbumba anaciro dziko, maka-maka, anyakhanda ya kutswipa.Mwa ipyo, kutsudzuka kuna ndawa ya uunthu wakulandana, upfundzi bulukira pa kuona pa ndjira ya kusaka udziwisi na kukhudzumuka nyakupangisa na citsandzo pa mbale ya mapfundziro, mbandi khala ciriri nayo basa ya kupitiriza kupfundza, towera ndi dzese uthambaruki wa dziko pa mbuto ya mapfundziro, ninga nyakutswipa khanda anga fika pa ndzero mphale pa kuti nkono nkhabe kwanisa fikako, pinatipasa kuti tinyerezere ninga tonsene ndife sawa-sawa, basyene tamwadzana pa mbuto na mphaso yace yace.

Pfundo ya fala: Citankhano cakulongwa na iwe wekha; Manyerezero; Upfundzi; Ine sawa-sawana unango; Cidzindikiro ca khanda ya kutswipa.

ABSTRACT

This thesis originates from the Nucleus of Identities and memories, of the Graduate Program in Education, at the Federal University of Pernambuco. My intention is to answer the following question: 'Mounted on this allegory called life, will I be able, in time, on the stage where this Identical “I” is still being built every day, to display the exploits seized and executed between 1952 and 2023?' The preambularperiodization - 1952 - corresponds to the year of my birth, my landing on Travessa da Colina, in the Fundão neighborhood, in Recife-PE, when Getúlio Vargas assumes the presidency of Brazil for the second time. My debut in the field of teaching at the age of 5, even before entering primary school; my school start at Escolas Reunidas Felipe Camarão, in Olinda-PE, and the pilgrimage in so many others; and the outcome of the spacetime clipping concerns the defense of this study from the perspective of self-narrative. Thus, the investigation is anchored in the following objectives: a) to contribute to autobiographical research and education in Brazil; b) analyze the self-narrative constructed in relation to my socio-racial identity, in order to understand it based on the autobiographical method itself; c) raise and analyze sources that can offer an understanding of how I was able to reinvent myself through the stages and cycles I experienced, knowing more about myself while experiencing changes in the educational system and methods throughout my career. The background of my trajectory has always been education, flanked by the arts, politics, sports, the humanities and the traditions of indigenous peoples, mainly black people. Therefore, the hypothesis materializes in several "Identical Selves", because educated in reading and in the pursuit of knowledge and righteousness in character, made me a cyclothymic exhibitionist - "eager for education" - always willing to learn, to contribute more and better, just like a black Mina man, who “reaches in his mind where his arm cannot reach”; which results in the idea of the Identical Self, previously dispersed in various forms and contents.

Keywords: Autobiography; Memories; Education; "I" Identical, Black Identity.

RESUMEN

Esta tesis tiene su origen en el Núcleo de Identidades y Memorias, del Programa de Posgrado en Educación, de la Universidad Federal de Pernambuco, y mi intención es responder a la siguiente pregunta: Montado sobre esta alegoría llamada vida, ¿lograré, a tiempo, en elescenario donde este "yo" sigue construyéndose, idéntico cada día, desplegar las hazañas aprehendidas y ejecutadas entre 1952 y 2023? La periodización preambular corresponde al año de mi nacimiento; mi aterrizaje en la Travessa da Colina, en el barrio de Fundão, en Recife-PE;cuando Getúlio Vargas asume, por segunda vez, la presidencia de Brasil; mi debut en el campode la educación a los 5 años de edad, antes incluso de entrar en la escuela primaria, mi escolarización a partir de las Escolas Reunidas Felipe Camarão, en Olinda-PE, y el peregrinajeen tantas otras; y el desenlace del recorte espacio-temporal concierne a la defensa de este estudioen la perspectiva de la narrativa del yo. Así, la investigación se ancla en los siguientes objetivos:

contribuir a la investigación autobiográfica y a la educación en Brasil; b) analizar la autonarrativa construida en relación a mi identidad socio-racial, para comprenderla a partir del propio método autobiográfico; c) levantar y analizar fuentes que puedan ofrecer una comprensión de cómo pude reinventarme a través de las etapas y ciclos por los que pasé, conociéndome más a mí mismo, mientras experimentaba los cambios en el sistema y métodos educativos a lo largo de mi trayectoria. Teniendo en cuenta lo que dice Aróstegui (2006) sobre fiabilidad y adecuación (originalidad y abundancia de fuentes), esta tesis se estructura a partir del siguiente corpus documental: iconografía (fotografías, dibujos y autorretratos), recortes de periódicos, poesías y crónicas, libros, archivos personales y familiares, declaraciones espontáneas de antiguos alumnos y admiradores del Movimiento Negro en Recife, así como mis propios recuerdos, grabados y transcritos, especialmente para su tratamiento en esta tesis. Para el análisis y la interpretación de estas fuentes, dialogo con los siguientes autores: Nóvoa (1992), Bourdieu (2005), Elias (1994), Souza (2006), entre otros, Passeggi (2010), Passeggi y Abrahão (2012), Ferreira (2015) y Souza (2020). El telón de fondo de mi trayectoria siempre ha sido la educación, flanqueada por las artes, la política, los deportes, las ciencias humanas y las tradiciones de los pueblos originarios, principalmente negros. Por lo tanto, la hipótesis se materializa en varios "Yoes Idénticos", porque educado en la lectura y en la búsqueda del conocimiento y la rectitud de carácter, me convirtió en un exhibicionista ciclotímico - "sección educación"- siempre dispuesto a aprender, para aportar más y mejor, tal cual a un negro Mina, que "llega con el pensamiento donde no llega su brazo"...; lo que da lugar a la idea del Yo Idéntico, anteriormente disperso en varias formas y contenidos.

Palabras clave: Autobiografía; Memorias; Educación;“Yo” Idéntico; Identidad Negra.

RÉSUMÉ

Cette thèse a son origine dans le Núcle d'Identités et Mémoires, du Programme de Pós-graduation en Éducation, de l'université Fédérale de Pernambouc, et ma prétention est celle de répondre à la suivante question: Monté dans cette allégorie appelée vie, parvenirai-je en temps, sur l'estrade où encore l'on bat (ce? Ou a?) "Moi"" identíque à chaque jour, exposer les promeses saisies et accomplies entre 1952 et 2023? La périodization préambulaire corresponde à l'anneé de ma naissance, mon atterrissage dans la Travesse de la Colline, dans le quartier du Fundão, à Recife-PE, quand Getúlio Vargas assume, par la deuxième fois, la presidence du Brésil, mon début dans le champs de l'enseignement quand j'avais cinq ans, avant même d'entrer au cours primaire, mon début escolaire dans les Écoles Réunies Felipe Camarão, à Olinda- PE, et la pélégrination en autant d'autres, et le dénouement du découpure de l'espace temporel se réporte à la défense de cet étude dans la perspective de la narrative de soi. De cette manière, l'investigation est en encorée dans les suivants objectifs: a) contribuer avec les recherches autobiographiques et l'éducation au Brésil; b) analiser l'autonarrative construite en rélation à mon identité socio-racial, pour l'entendre à partir de la même méthode autobiographique, c) hausser et analyser les sources qui puissem offrir un entendement de comment j'ai pu me réinventer atravers des étapes et des cycles vécus, en connaissant plus de moi-même tandis que j'experienciais les changements dans le système et dans les méthodes éducationnel au long de ma trajectoire.

Mots Clés: Autobiographie; Mémoires; Éducation; “Je” Identique; Identité noire.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1. **APENOPE** – Associação dos Professores do Ensino Oficial dePernambuco
2. **CECERNE** – Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra
3. **CELPE** – Companhia de Eletricidade de Pernambuco
4. **CECOSNE** – Centro de Comunicação Social do Nordeste
5. **COVID-19** – Doenças do Coronavirus 19
6. **CNAB** – Congresso Nacional Afro-Brasileiro
7. **E.U.A** – Estados Unidos da América
8. **DCE -** Diretório Central dos Estudantes
9. **FUNDAJ** – Fundação Joaquim Nabuco
10. **LDB** – Lei de Diretrizes e Bases
11. **SINTEPE** – Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco
12. **UEPB** – Universidade Estadual da Paraíba
13. **UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais
14. **UFPB** – Universidade Federal da Paraiba
15. **UFPE-** Universidade Federal de Pernambuco
16. **7º RO -** Sétimo Regimento de Obuses
17. **PPGLI** – Program de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade
18. **UFBA** – Universidade federal da Bahia
19. **MNU** – Movimento Negro Unificado
20. **SEDECET** – Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Turismo daParaiba

LISTA DE NOMES FICTÍCIOS

- EDI
- LANJINHA
- SOSÔ
- TINA
- BOBY THAMO

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Auto-retrato 22
Figura 2 - A Coletividade - "Alaròyé", o Movimento de tudo. 21
Figura 3 - Mukuami (Lanceiro) 32
Figura 4 - Diagrama do Constructo do "Eu" Fonte 35
Figura 5 - Moça do Turbante 44
Figura 6 - Dona Benedita, minha mãe 46
Figura 7 - Buscando Justiça 81
Figura 8 - Tamborilando 88
Figura 9 - Dandalunda ni Kaiala 99
Figura 10 - Ancestralidade 114
Figura 11 - Despedida 119
Figura 12 - O passista 176
Figura 13 - Capa de livro 184
Figura 14 - Lepê e Governador Miguel Arraes promovendo a Educação 187
Figura 15 - Auto retrato II 188
Figura 16 - Moça do turbante (repetição) 190
Figura 17 - Acasalamento 193
Figura 18 - Lepê, Orum e Iyainã 194
Figura 19 - Mukuami (Lanceiro) - Repetição 195
Figura 20 - Kilemba 196
Figura 21 - Capa de livroIISagrada é a pergunta Divina é a resposta 197
Figura 22 - Triângulos- Escalados 198
Figura 23 - Rosto do Mundo 199
Figura 24 - Eu-Palhaço 200
Figura 25 - Olho-Espada 201
Figura 26 - Parto e Partida 202
Figura 27 - Nascimento 204
Figura 28 - Àpáàrá (Relâmpago) (Oya Mesan) 206
Figura 29 - Buscando Justiça (Repetição) 207
Figura 30 - "Nego Zau" 209

Quadro 1 - Obras em que fui citado 185

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - INICIANDO A CAMINHADA 22

1 CAMINHANDO COM A TEORIA E O MÉTODO 33

1.1 SEM FRONTEIRAS, DE COMEÇO..... 33

2 CAMINHOS DO "EU" IDÊNTICO 45

2 .1 ATERRISSANDO NA TRAVESSA DA COLINA..... 45

2.1.1 Educação: Uma Sina. 48

2.1.2 Caminhada Em Busca Do Meu Velho Pai..... 52

2.1.3 Minha Mãe, A Escola E Os Costumes... 54

2.2 A MUDANÇA E AS ESCOLAS 56

2.2.1 Um Drama Na Arena, Ou Tragédia No V-8 ?..... 64

2.2.2 Eu Retirante – Em Busca Do Meu "Eu" Idêntico. 68

2.2.3 Reencontrando Meu Tio 69

2.2.4 Igual Às Amas-De-Leite 70

2.2.5 Movimento Negro Educou Mãe E Filho 70

2.3 O CORPO NEGRO..... 73

2.4 O OUTRO CAMINHO IDÊNTICO**.** 74

2.4.1 A Teimosia..... 76

2.4.2 A Afrocenticidade 77

2.4.3 Ser Estranho..... 78

3 CONVITES E CONVOCAÇÕES 82

4 O "EU" ATIVISTA – UM NEGRO EM MOVIMENTO 89

4.1 - NOS CAMINHOS DO ATIVISMO ARTICULADO..... 89

4.1.1 - Passos de um "Eu" em deslumbramento..... 93

4.1.2 - E por falar em Solano... 95

5 O SER, O SAGRADO E A MEMÓRIA. 100

5.1 O SAGRADO QUE SOMOS NÓS 103

5.2 O TRABALHO DO PSICOTERAPEUTA: ENCONTRO DE DOIS CAMINHOS. 105

5.3 CONVERSANDO UM POUCO MAIS 112

5.4 IRÒKÒ: IGI OLÓDUMÁÀRE!..... 113

5.6 NZILA 117
6 EM BUSCA DO "EU" IDÊNTICO NAS TERRAS DE ALÉM-MAR(A TESE re-PROVADA) 120
6.1 SOBRE MODERNIDADE E TRADIÇÃO 127
6.1.1 O Colonialismo 127
6.1.2 Visões E Discussões 130
6.3 EVOCANDO A MEMÓRIA 141
6.4 AUTORES, PAÍSES E OBRAS 147
6.4.1 Vozes Coletivas 147
6.4.2 Tragédias 149
6.4.3 Paulina Chiziane 149
6.4.4 A Última Tragédia 152
6.4.5 Um Jogo de Cintura 156
6.4.6 Partitura Estranha, Ouvidos de Tuberculosos 157
6.4.7 O Alegre Canto da Perdiz 160
6.4.8 Uma Viga de Sustentação – Em Sila 164
6.4.9 A Menina Escrava 165
6.5 PALAVRAS DE MULHER 170
6.5.1 Sensibilidade Rebelde 170
6.6 RETORNANDO DA PROCURA 175
7 A BUSCA DO MEU "EU' IDÊNTICO NA VOLTA PRA CASA 177
7.2 REENCONTRAR NÃO É APENAS VER DE NOVO 178

8 ESCREVINHATURAS IDÊNTICAS 185
9 O “EU” IDÊNTICO E A ARTE DE DESENHAR-SE 189
10 CHEGANDO AO PONTO DE PARTIDA 210
REFERÊNCIAS 214
APÊNDICE 221
ANEXO A - OBRAS SOCIAIS DA ORDEM ESPIRITUALISTA CRISTÃ 230
ANEXO B – DEPOIMENTO DE VERÔNICA CABRAL 231
ANEXO C – DEPOIMENTO DE DEUZUWILMA GALVÃO 233
ANEXO D - DEPOIMENTO DE DÁFFANY CHARISSE DA SILVA LEPÊ CORREIA (MAIS NOVA) 234
ANEXO E - DEPOIMENTO DE MESTRE RODRIGO MARINHO 235
ANEXO F - DEPOIMENTO DE ANDREY PEDRO KITZYA CORREIA (FILHO) .. 237
ANEXO G- DEPOIMENTO DE OLUBENIWI MARINHO LEPÊ CORREIA (MAIS NOVO) 238
ANEXO H - ORUM NATHAN: AGRADECIMENTO AO VIVO PAI E SAUDAÇÃO AOS ANTEPASSADOS. (MAIS VELHO) 239
ANEXO I - DEPOIMENTO: DE ROBERTA GOMES DE SOUZA 240
ANEXO J - DEPOIMENTO DE LUIZ CORREIA –“NOGUEIRA” - (IRMÃO)..... 241
ANEXO K - HOMENAGEM DE PRISCILA UCHOA 243
ANEXO L - DEL, AMIGO QUE CONTA COMO CONHECEU LEPÊ CORREIA.... 244

Figura 1 *- Auto-retrato*

Fonte 1*: acervo do autor*

Figura 2 - A Coletividade - "Alaròyé", o Movimento de tudo.

Fonte 2: Acervo do autor

INTRODUÇÃO - INICIANDO A CAMINHADA

> ENU GBARIJÓ[2]
> (Boca Coletiva)
> Oh Primogênito do Universo / Oh Senhor dos caminhosBoca coletiva
> Eco de todos os tons / Nota de todas as pautas
> Guardião de todas as portas / Movimento de todo universo / Pésde todas as rasteiras / Perna de todos os andares
> Conduz teu povo
> No segredo e na algazarra / Na festa e no recolhimento
> (CORREIA, 2006, p.19)

Esta tese tem origem no Núcleo de Identidades e Memórias, do Programa de PósGraduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, e minha pretensão é responder a seguinte questão: Montado nessa alegoria chamada vida, conseguirei, a tempo, sobre o palco onde ainda se constrói esse "Eu" Idêntico a cada dia, exibir as façanhas apreendidas e executadas entre 1952 e 2023?

A periodização preambular corresponde ao ano de meu nascimento, minha aterrisagem na Travessa da Colina, bairro do Fundão, periferia de Recife-PE, quando Getúlio Dornelas Vargas assume, pela segunda vez, a presidência da República dos Estados Unidos do Brasil. Depois, o início do percurso até aqui; a minha estreia no campo do ensino aos 5 anos de idade, antes mesmo de entrar no curso primário; meu começo escolar na Escolas Reunidas Felipe Camarão, em Olinda-PE, e a peregrinação em tantas outras, como estudante e, às vezes, como professor. E o desenlace do recorte espaço-temporal diz respeito aos itinerários pelas artes (poesia, música, dança, pintura etc.); as palestras e a militância no Movimento Negro do Recife, bem como os estudos universitários à defesa desta pesquisa na perspectiva da narrativa de si.

Contudo, será que era minha intenção escrever uma (auto)biografia? Não afirmo nem (des)afirmo, mas posso muito bem me disfarçar de modesto, ou mesmo de um astro de vídeoclipe, dizendo que: se hoje o faço é porque fui incitado, convidado, ou porque todos queriam saber de mim. Mas o que até então era difícil ou mesmo culposo, era a fantasia de que

---

[2] A epígrafe é uma homenagem a ÈSU (EXÚ) que simboliza o movimento do Universo, cuja saudação é "alaròyé" (alaroiê), o "bem falante", o que fala por tudo e por todos, por isso intitulado –pelos da Língua Yorubá, na Nigéria - "Enu Gbãrijó, a "boca coletiva", "comunitária". Nos ritos ancestrais, é sempre o que vem primeiro.

poderia ser mal entendido, por exemplo, por ter abdicado da pesquisa anteriormente perseguida, ou melhor, reprovada pós-banca de qualificação, para incorporar um convite-desafio de meu orientador, prof. Dr. Edilson Fernandes, PhD e Titular da Universidade Federal de Pernambuco UFPE, na escrita da presente tese, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da referida Universidade.

O desafio foi configurado, na aula de 07 de agosto de 2020, uma aula *sui generis*, ministrada à distância, através de uma sala virtual, em tempos singulares marcados por uma pandemia (COVID19) que, de forma ambivalente, distancia fisicamente e aproxima pedagógica e afetivamente pessoas, pesquisadores e a humanidade. Desta forma, ganhou sentido e tomou assento em meu coração, mente e escrita. Mas poderia também me negar dizendo que a esse tipo de atitude Bourdieu (2005) classificou como "ilusão", e saiu de banda dizendo que "queria apenas tentar reunir e tornar disponíveis alguns elementos para uma auto-socioanálise" (BOURDIEU, 2005, p.11) e não queria correr o risco de ser "mal compreendido", fazendo algo "convencional", como uma auto-biografia.

Ele que era um filósofo francês, professor do Colégio de France, contemporâneo de Sartre e Merleau-Pounty e tantos outros iminentes intelectuais franceses da década de 1960 e que ousou criticar a arrogância e o distanciamento social do que ele chamou de "filosofia universitária da filosofia" e partir para o campo da Sociologia.

E o que sou eu? Eu, que tenho apenas o "mundo" como instrutor, o "Beco" como iniciação e "Peixinhos", bairro periférico de Olinda, como "pós-faculdade", tendo como mestres Dona Benedita, lavadeira; Seu Zé Augusto, do reisado e Seu Paulo Preto do Xangô? É muita ousadia! Mas ousadia ou não, também é uma trajetória de vida reveladora de experiências educativas, aprendizados e resistências culturais, religiosas, políticas e, em sínteses, (auto)biográficas.

Interpreto desse modo e só depois vejo que o discurso anteriormente usado é uma articulação obscura lançada sobre minhas próprias posições, medos, receios, alegrias, desfarçatez, vontades e (in)definições. Diante delas, procuro amparo frente ao desejo de buscar em mim um espelho, um "pareceiro", um relatado que possa esculpir por meio do que escrevo, uma parte de mim, do que vivi, do que acredito e do mundo que vivi experiências e vivos significados, e do qual alimento horizontes de expectativas, leituras e utopias. Isso gera compromissos na busca e constatação de um "Eu" Idêntico.

Depois de tantos rodeios e justificativas, ainda me pergunto: por que será que a contemporaneidade insiste em estimular a hipertrofia do eu? Por que terei eu que ser forçosamente modesto, "humilde" e quieto, me intimidando de falar o que eu sei de mim,

sabendo que mesmo sendo grandioso o que eu fizer, eles não terão respeito ou coragem de enaltecer o que eu fiz, como uma outra tese que apresentei e foi reprovada, na qualificação, na Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, mas que exponho no final deste estudo para efeito metodológico.

Eu não estou pedindo licença a ninguém, para falar de mim mesmo, mas reconhecendo meu "Eu" Idêntico como aquele que nunca me atraiçoou, que me deu o braço e se largou mundo afora para juntos vivermos e convivermos com pessoas solitárias, plateias diferentes e, principalmente, conosco, executando essa difícil tarefa de se olhar no espelho e admitir que: em nossa imparidade, éramos um.

No dia 20 de novembro do ano pandêmico de 2022, eu conversava ao telefone com o professor Edilson Fernandes, meu orientador, perguntando o que faria com tanta informação aglomerada. Ele me sugeriu que selecionasse e organizasse, porque já era hora. Que eu parasse com minha mania de perfeccionismo. Que eu fosse eu mesmo fazendo o trabalho. E já que eu estava escrevendo sobre meu "Eu" Idêntico, lembrasse que: "perfeição já é Lepê Correia ter nascido Lepê Correia. Ter nascido e vivido isso, já é a grande perfeição"; e que ele assumia ter dito isso. - Está certo, é o senhor quem está dizendo – replico do lado de cá da linha.

Até hoje fico pensativo, mas sem culpa, nem pensamento imitativo de santidade, pois, como "perfeitamente humano" posso, com tranquilidade, admitir que em alguns momentos eu falhei, sem ter sido campeão em nada, como diz Fernando Pessoa em seu "Poema em Linha Reta" em relação aos seus conhecidos: sempre "campeões em tudo". E tal qual o poeta: "Eu que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas" (PESSOA, 1960, p.389), tenho a ousadia de dizer que não estou ansiando a capa da *Times*, nem mesmo a contracapa de *O Globo*. Apenas me traduzir como ser construtor de histórias, despertador de lendas e provocador de falatórios e ingresias sem, inicialmente, pretender que fosse assim.

Ao admitir essa minha humanidade, estou apenas valorizando cada *kinama* (pé), como dono de minhas pegadas, como elementos condutores de meu corpo, responsáveis pelos meus passos, meus encontros e desencontros com pessoas ou mesmo "bichos" apessoados, mas que foram e ainda são meus instrutores nesta escola planetária chamada Vida!

Não sou o dono absoluto das sabenças que expresso, mas do meu desejo de saber. Por isso os mais velhos e mais velhas m'a deram (como diria Machado de Assis), e os mais novos me ajudam a aperfeiçoá-las, ouvindo cada comentário sobre minha pessoa e o que eu faço, como escutei o que disse o cineasta Rennan Peixe, ao ouvir, em sua adolescência, na Escola Polivalente de Jardim Paulista, Região Metropolitana do Recife (onde eu ministrava aulas), o professor de Sociologia, Reginaldo Salvino, falar sobre Lepê Correia e seu livro *Caxinguelê*: "é

um livro que pouca gente conhece por aqui, mas que é tão estudado lá fora do país [...]. Eu ficava surpreso em ver uma pessoa tão grande e tão próxima a mim, dentro do recinto escolar" (Informação verbal) (PEIXE, 2022)[2].

Eu não conhecia essa história que ele (Rennan) contou. Eu não sabia. Só tomei conhecimento na palestra que proferi no dia 21 de novembro de 2022, na antiga Escola Técnica Federal, hoje IFPE, a convite da professora Aline Ramos, em ato comemorativo ao Mês da Consciência Negra, onde tive a oportunidade de falar sobre a insubstituibilidade do ser, explicando que "imparidade" é a pessoa ser ímpar, ser única.

Dessa forma, como hipótese desta tese e da vida, sendo a pessoa, única, esse "Eu" Idêntico de Lepê Correia é idêntico ao próprio Lepê Correia. Não existe outro. E como estava na mesma mesa de debates que eu, estendi também a ele como exemplo, dizendo: - não existe outro Rennan Peixe. Existe um bocado de peixe por aí. O mar, por exemplo está cheio de peixe, mas este Peixe que é Rennan, é único; ninguém tem a sua história, fazendo da fotografia, como imagem fixa e do cinema, enquanto imagem em movimento, um instrumento pedagógico como ele faz por aqui, enquanto fotógrafo.

Observo que as lembranças de Peixe dizem respeito ao ano 2006, quando eu era professor da Rede Pública do Estado de Pernambuco, na Escola Polivalente de Jardim Paulista, trabalhando com o ensino médio, e ele, aluno da escola a fazer suas observações como fotógrafo em potencial.

Digo-lhes que fiquei estupefacto, emocionado aos cântaros, pois não sabia que meu "Eu" Idêntico era tão expansivo e educador, a ponto de despertar trajetórias e contribuir para a concretização de sonhos de outros "eus", também singulares. Enquanto Rennan Peixe aperta a minha mão dizendo que é uma honra poder segurá-la, pois, há muito desejava fazê-lo, mas achava que não teria chance, o meu orientador, professor Edilson Fernandes, diz que nem ousava, enquanto adolescente, pensar em chegar perto daquele "monstro sagrado", como assim ele qualificava, aquele palestrante ativista Lepê Correia, na década de 1980.

Que bom poder encontrar com esses meninos a tempo de poder ouvir, escrever e acrescentar-me através deles, do mesmo modo que, repensar-me enquanto ser que não me construo sozinho, visto que esses olhares são blocos e artefatos outros, no meu "me fazendo" na minha composição. Assim meu "eu" distinto é meu "eu" em composição pelos pares ao

[2] Fala proferida no dia 21/11/2022, no Instituto Federal de Pernambuco-IFPE; mesa redonda "Ancestralidade, Memória e Educação", comemorando o mês da Consciência Negra.

mesmo tempo, não uma estrutura construída monoliticamente só. Segundo Elias (1994) as pessoas na maioria das vezes, em suas vivências, consideram um "indivíduo" algo em oposição à "sociedade", mas a sociedade é dos indivíduos; logo, não há oposição.

Por princípio, "A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir" (FREIRE, 1981, p.16), ou seja, compreenderse como ser do mundo e no mundo, ter consciência de seus limites, dos limites que o mundo lhe impõe, mas também, ter consciência dessa consciência e intencioná-la para uma ação transformadora da realidade com o outro, buscando nunca abandonar o ato de refletir sobre seu derredor como ser relacional.

Tal reflexão se deu quando observei que, lendo um trecho do volume três de *Literatura e Afro-descendência no Brasil: antologia crítica – contemporaneidade*, organizada pelo professor Eduardo de Assis Duarte, publicado pela UFMG, em 2011, vi que no verbete construído sobre a minha pessoa enquanto escritor, fui observado pela Dra. Patrícia Weiss Bomfim, da Universidade de Berlim, enunciando que grande parte do que escrevo, tendo como ponto de partida eu mesmo, mas sempre em relação com os outros.

Isso me faz lembrar, outra vez, um trecho da escrita do sociólogo Norbert Elias (1994), discutindo sobre os indivíduos em sociedade quando afirma: "Não há dúvida de que cada ser humano é criado por outros que existiam antes dele; sem dúvida ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social – seja ele qual for" (ELIAS, 1994, p.19). Isso é uma maneira africana de viver, onde o corpo de um indivíduo é tomado como parte do corpo da coletividade. Entre os "moleques de rua" isto ainda não cessou. A frase: "o que dá pra um dá pra todos", desde o meu tempo de menino, ainda está em voga. Tenho sempre um amigo onde chego, ou seja, um "Eu" Identico em vários tempos e lugares.

Retornando à enciclopédia, conheci o professor Eduardo de Assis em Minas Gerais, em 2008, quando fui a um Congresso de Literatura em Belo Horizonte, e tive a honra de ser hospedado por um orientando do mesmo, o hoje Dr. em Literatura, Luiz Henrique de Oliveira, que conheci em um Seminário , também de Literatura em Campina Grande, na UEPB e que m'o apresentou ao vivo, pois ele (o professor Eduardo) só me conhecia pelos escritos em Cadernos Negros, e de algumas páginas escritas pela alemã, Patrícia Weis Bomfim que, na Universidade de Berlim, dedicou um capítulo de sua tese à analise do livro *Caxinguelê*, de minha autoria. Um exemplar do livro encontra-se no Instituto Íbero-americano em Berlim.

O citado pesquisador, no volume 3 – Contemporaneidade, coloca os autores nascidos na segunda metade do século XX, em seus ensaios portadores de "informações biográficas e de vida literária, relação de publicações, estudo crítico e excertos da obra escolhidos [...], seguidos

de notas e referências" (DUARTE, 2011, p.9). Assim, a observação da Dra. Patrícia Bomfim fez com que eu me sentisse desnudado ao saber que lá fora havia tal sinalização. O que para mim não passava de um mero costume, é anunciado como algo que faz parte de um *habitus* cultural do povo ao qual pertenço. Surpreendi-me ao ver denunciado na crítica que a "maioria dos poemas e contos parte da primeira pessoa, de um "eu" idêntico com o autor que articula claramente as posições dele" (BOMFIM, 2011, p.136). Ela ainda pontuou que as expressões articuladas por mim, para me comunicar com aqueles para os quais eu escrevia, eram "meu povo" e/ou "nós" como uma tática estabelecida, de comunicação com os leitores negros, uma vez que tais obras – *Caxinguelê, Cadernos Negros* – tinham como destino principal, os mesmos. Uma coisa a mais: a observação da autora me sugeriu o título desta tese. Quando ela diz observar, que tudo parte "de um "Eu" Idêntico com o autor", me sugere uma legenda ondea Educação surge luminosa, enquanto Palco (Auto)biográfico, para dar base à construção desse meu "Eu" Idêntico.

Chamei a isso "tomar ciência do significado de científico", pois começo a entender nuances do porque a professora Conceição Passeggi (2011), em seu artigo "Narrar é Humano" tanto insiste em chamar atenção, em relação aos "desafios epistemológicos" para definição da pesquisa (auto)biográfica, baseada em Delory-Momberger (2008; 2009; 2010). De acordo com a referida professora, o segundo desafio é "o reconhecimento interno: o seu lugar entre múltiplas posições teóricas e práticas que fazem uso de fontes (auto)biográficas em Educação" (PASSEGGI, 2010, p.109).

Ora, se em se tratando de investigação científica "a pesquisa autobiográfica explora o entrelaçamento entre linguagem, pensamento e *práxis* social" (PASSEGGI, 2010, p. 111), logo, a observação de Bomfim (2011), se não me assenta em tal enunciado, pelo menos, já me deixa direcionado à busca do caminho onde possa nessa minha pesquisa de teor (auto)biográfico encontrar metodológica e cientificamente, de que maneira poderei empregar linguagens que possam me fazer compreendido desenvolvendo um trabalho de tal monta, ou seja, materializar a caminhada desse "Eu" Idêntico a mim mesmo, através das atitudes e atividades integrativas, estruturantes e interpretativas dos espaços de convivência e desvencilhamentos, dentro do tempo a mim outorgado, fazendo e desfazendo histórias facultadas pela cultura e tradições vivenciadas, desafiando a escuridão do buscar saber como, orientado pela "luz do candeeiro" (SOUZA, E. F., 2020a).

Espero cultivar a simplicidade e poder detectar e denunciar-me nas tentativas de *knock-out* vaidosos diante de algum momento eufórico de meus diálogos comigo mesmo, os

outros e/ou com as coisas, compreendendo que o conhecimento não é propriedade privada, no entanto, filho desses dialogares.

Foi pensando na Educação como Palco (Auto)biográfico, na construção desse "Eu" Idêntico, que decidi encarar esta tese, em busca da valorização de minha trajetória no mundo, não como um mero passeio, mas um "espetáculo" digno de ser visto como algo referente para futuras gerações de pessoas comuns como as que eu vivo: minhas crianças, meus amigos e invadindo a academia com histórias e personagens que ela não viu, nem verá se eu não contar. Esta é a razão pela qual repito a pergunta: Montado nessa alegoria chamada vida, conseguirei,a tempo, sobre o palco onde ainda se constrói esse "Eu" Idêntico a cada dia, exibir as façanhas apreendidas e executadas entre 1952 e 2023?

Então, para tentar responder a esse questionamento, os objetivos desta tese são: a) contribuir com as pesquisas (auto)biográficas e a educação no Brasil; b) analisar a autonarrativa construída em relação a minha identidade sócio racial, para entendê-la a partir do próprio método (auto)biográfico; c) levantar e analisar fontes que possam oferecer um entendimento de como pude me reinventar por meio das etapas e ciclos vividos, conhecendo mais de mim, enquanto experienciava as mudanças no sistema e métodos educacionais ao longo de minha trajetória.

Considerando a hipótese de que o "Eu" Idêntico de Lepê Correia é idêntico ao próprio Lepê Correia, que se expressa como professor, psicólogo e comunicador, bem como mais fortemente, na militância junto ao Movimento Negro e nas artes (poesia, música, dança, pintura etc.), minha pretensão é mostrar aspectos de minha trajetória utilizando a autonarrativa enquanto recurso, "[...] a fala gravada, compromissada na busca da memória, das minhas lembranças" (SOUZA, E. F., 2020a, p. 6) e fatos como meu nascimento no Fundão de Dentro, no Recife-PE, bem como no manuseio de diferentes fontes documentais, na perspectiva da fiabilidade e adequação, ou seja, da originalidade e abundância de fontes (ARÓSTEGUI, 2006).

Além disso, a hipótese também se fortalece na percepção da vida em vários itinerários, nas mudanças (Terreno do Banco, Mangabeira de Baixo, Barreira do Rosário, Beco do Lixo); nos obstáculos (minha vida escolar e seus episódios artísticos, "políticos"), étnico-raciais (Orador oficial da turma do 4º ano ginasial); na minha vida de maloqueiragens pelos bairros de Recife e Olinda; na minha vida de atleta e artística-cultural, construída também de lembranças carnavalescas. Todavia, tudo isso se apresenta neste estudo, também, a partir de fontes iconográficas (fotografias, desenhos, autorretratos), recortes de jornais, poesias e crônicas,

livros, arquivos pessoais e de familiares, depoimentos espontâneos de ex-alunos(as) e admiradores(as) do Movimento Negro.

São muitas lembranças, tensas, densas e boas recordações. E na trajetória de aprendiz para ver onde poderia começar a ganhar dinheiro trabalhando, minha primeira experiência foi num escritório de contabilidade como escriturário. Depois disso, começou minha vida de professor, mesmo antes de entrar na Universidade. A "secura professoral" era tanta que se alguém me dissesse que na escola tal – particular – estava precisando de professor de Geografia, de História, Inglês, eu dizia como o Severino da Zorra Total, na TV: "tô dentro". Pedia para fazerem um pequeno teste de uma semana de graça, e já era professor. Já ensinei até Química.

A introdução desta tese, eu começo com uma epigrafe em homenagem a ÈSU (EXÚ) que representa o movimento do Universo, saudado como "alaròye!", o "bem falante", e como fala por tudo e por todos, para os Yorubá (Nigéria), é o "Enu Gbàrijó": a "boca coletiva", "comunitária". Estendo minha saudação ao Nkise Pambu Nzila (Kongo-Angola) e ao Vodu Legba. Na natureza todos com a mesma função e status.

Destarte, nesse processo de recordação e análise, no primeiro capítulo, Caminhando com a Teoria e o Método, abro com uma epígrafe que simboliza a continuidade da caminhada de ÈSU (EXÚ) que, como elemento da comunicação, transforma-se no próprio método de transmissão e estratégia, visando organizar o grande desfecho. O objetivo é dialogarcom os autores e teorias do método (auto)biográfico; apresentar os procedimentos, bem como as fontes utilizadas para efeito de comprovação desta tese.

No segundo capítulo. Caminhos do "Eu" Idêntico abro com a epígrafe que faz alusão às mulheres, saudando ao Nkise da fertilidade e abundância, Dandalunda, e homenageioa Dona Benedita, a grande guerreira que me pariu. O objetivo do capítulo é analisar a minha caminhada a partir de minha aterissagem no planeta, em terras pernambucanas, do Recife; apontar a construção diferenciada de meu núcleo familiar, minha inserção na escola, mudanças domiciliares e superação de obstáculos.

No terceiro capítulo, Convites e Convocações, a epigrafe é um trcho do poema "Lagoa Melhor que Riacho , expressando a indignação diante do que foi chamado "independência" do Brasil, e que não serviu aos negros - maioria da população - uma vez que abolição da escravatura só 66 anos depois. Os senhores da colonização, depois de trocarem Ogun por São Jorge, desarmaram a barraca e deram no pé. O Objetivo do capítulo é mostrar como vivem os que não aprenderam a dizer "não", sempre explorados por um grupo ou pessoassem escrúpulos que se aproveitam dos que têm medo de ficarem sós. Passei por esta fase e, hoje, mostro como virar a mesa.

No quarto capítulo, O “Eu” Ativista: Um Negro em Movimento, a epígrafeé um pouco do poema “Trilhando” uma exaltação à cadência do tambor como elemento de convocação, à jinga, à cura pelas plantas e à persistência em estar sempre atento, para não abandoná-las. O objetivo do capítulo é mostrar como pude escapar de alguns engodos aprontados pelo racismo, o peso de ter sido por muitos anos o “negrinho pelé”, o sofrimento psíquico pelo qual passamos enquanto crianças negras, e como foi importante minha inserção no Movimento Negro para poder reencontrar-me, podendo compartilhar experiências como: chegada ao Movimento Negro, Criação do Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra – CECERNE, depois, colaborações na criação do Movimento Negro do Recife – MNR, e por fim, a chegada do Movimento Negro Unificado e a minha virada no olhar militante para me tornar Um Negro em Movimento.

Minha vida de ativista em outros Movimentos Culturais e o adentrar aos Ritos Ancestrais, denominados Religiões de Matriz Africana, fez com que: como último “filho” mais velho a estar nas proximidades, eu fosse premiado com a função de Abórisá, logo após a “transição” de seu “Paulo Preto”, o antigo Babalorisá - Ogunbiy - que era meu pai espiritual e que me adotou pra que eu não fosse abandonado após sua morte.

No quinto capítulo, O Ser, O Sagrado e a Memória, na epígrafe, outra vez doudestaque ao povo bantu na figura de Dandalunda, divindade das águas doces, mas desta feita, junto à Kaiala, a mãe de todas as águas, mas no Brasil foi fixado seu domínio sobre o mar, as águas salgadas. O Objetivo do capítulo é caminhar pelos campos da História, localizando acontecimentos discriminatórios e autoritários, principalmente de exibição de poder político, mas também mostrar o poder do sagrado, as cosmovisões negras e a confiança na parceria com a natureza para estarmos até hoje, vivendo nossos ritos ancestrais apesar dos cercos racistas.

No sexto capítulo, Em Busca do “Eu” Idêntico Nas Terras de Além-Mar, coloco em evidência a (Tese re-Provada), a epígrafe é um fragmento de um poema de despedida, mostrando que quando os ciclos de nossas ações se encerram não tem como reverter. O objetivo do capitulo é acolher nesta tese o texto que junto com meu “Eu” Idêntico teve sua narrativa re-provada por questões ditas “metodológicas”. Nesse objetivo está também a disposição em mostrar o esforço empreendido na busca do “Eu” Idêntico até mesmo do outro lado do mar, a casa de nossos ancestrais!

É como se eu, também, estivesse a “tanatu-grafar” a vida, investigando, paralelamente, a ação sociológica da morte, como a que forçosamente leva o ser em si a sair em busca de seu espaço e “da temporalidade biográfica da experiência e da existência” (DELORYMOMBERGER, 2012, p. 524), temendo deixar apenas, e mais do que nunca, o vazio

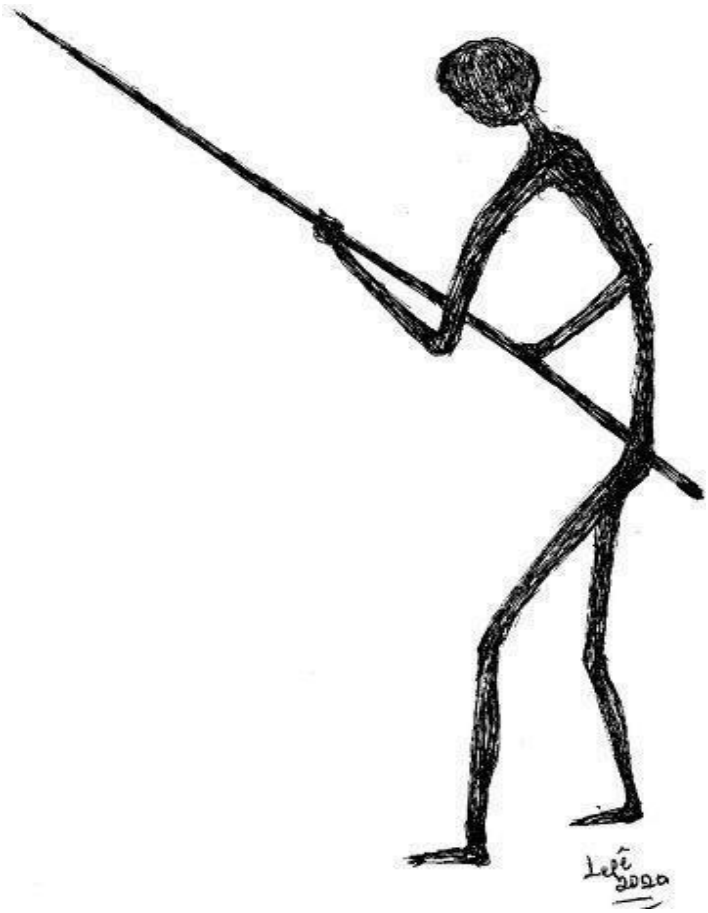
incompetente.

No sétimo capítulo, A Busca Do Meu "Eu" Idêntico Na Volta Para Casa, a epígrafe é uma reflexão sobre a busca e o retorno de quem quer encontrar fora se si o que nunca procurou e desperta, depois de um tempo, vendo o "eu" que, sendo o si mesmo, estava desconhecido. O objetivo deste capítulo é mostrar idas e vindas, reencontros, descobertas e determinação de novos caminhares do "Eu" Idêntico e seus aprendizados com os que um dia ensinou. Descrever o resultado dos desencontros, parcerias e encontros afortunados como o foidar de cara com os estudos e pesquisa (auto)biográfica, que redundou nesses escritos, coisa queeu poderia dizer que funciona como nos casos de paixão à primeira vista.

No oitavo capítulo, Escrevinhaturas Idênticas, a epígrafe é trecho do poema"Rastro Ancestral", onde o poeta insinua não ter medo de rótulos nem linguagens. Podendo ser qualquer coisa, ele só quer descomplicar a vida. O objetivo do capítulo é exibir algumas obras em que fui citado e observar logo após, qual a visão que escritores, jornalistas, criticos esboçaram sobre Lepê Correia, bem como os sentimentos que me ocorrem, quando vejo que atéagora meu "Eu" Identico tem se ocupado do principal em sua tarefa educativa: compartilhar o conhecimento.

Por fim, no capítulo nove, O "Eu "Idêntico e a Arte de Desenhar-Se, há uma epígrafe que corrobora o nascimento do mesmo: o trecho inicial do conto "Nego Zau", onde as lentes de um fotografo é determinante para fazer o desvio de uma trajetória. O Objetivoé mostrar como a visão de um detalhe pode determinar as etapas de um trabalho, uma relação, ou uma vida. Principalmente se a arte estiver no apoio refazendo as histórias. O conto-crônica,encontra-se na íntegra, no apêndice desta tese.

Figura 3 - Mukuami (Lanceiro)



Fonte 3: Arquivo do autor

1 CAMINHANDO COM A TEORIA E O MÉTODO

> [...] Empresta a cada garganta teu grito / Dá a cada jinga o significado!A cada olhar: a visão. / Que em cada trança a reunião se presentifiqueAssim como no toque do tan-tan / Uma mensagem se codifiqueAté a hora da grande gargalhada / Em nome de Olórun – Asé! / Bará o! (CORREIA, 2006, pp.19-20)

A epígrafe que abre este capítulo é a continuação da caminhada de Esu que, desta feita, como senhor da Comunicação, se transforma no próprio método de transmissão, estratégia, visando o grande desfecho.

O objetivo deste capítulo é mostrar minha caminhada para melhor compreender o método (auto)biográfico, discutindo sobre os primeiros e mais conhecidos autores a empregarem-no para a escrita sobre si mesmos em tempos longínquos, quando ainda nem tinha esse nome, bem como minha relação com as autorias contemporâneas, nacionais e internacionais, e ao longo do texto exibir os procedimentos por mim empregados para a escrita de tão melindroso trabalho acadêmico.

Uso o termo melindre pois não sabia que era tão difícil escrever sobre eu mesmo dentro de parâmetros teórico-científicos que não pertenciam, até então, à minha "praia", nem ao meu modo indisciplinado de poeticamente viver, embora acostumado a escrever na primeira pessoa: herança de meu povo e costume apreendido nas vivências com a literatura africana. Isso sem contar com algumas intempéries como a já citada mudança no campo de pesquisa, mudança de residência e mudança conjugal em plena época de grassamento da pandemia de Corona Vírus, constatação de perda de livros, fotografias e tantos outros materiais, fruto do meu, antes, não ter paradeiro fixo.

1.1 SEM FRONTEIRAS, DE COMEÇO

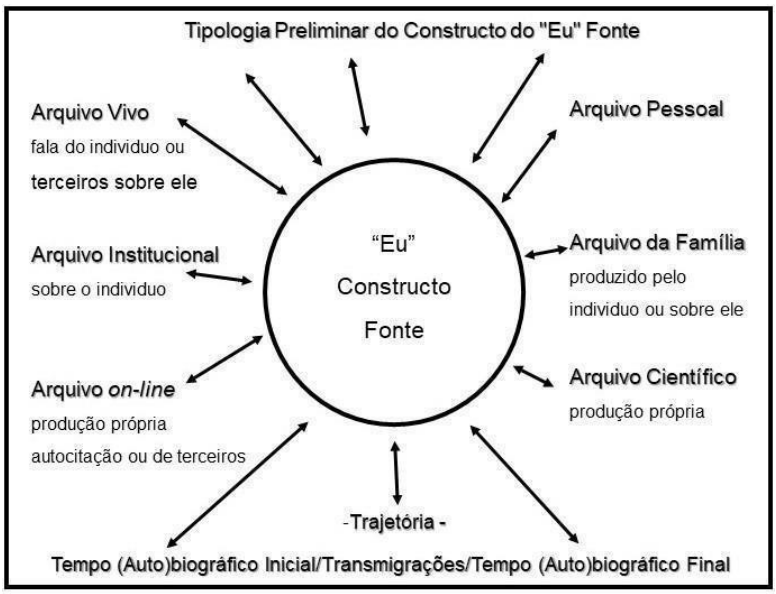
Para a escrita desta tese comecei a levantar, sugerida por meu orientador, uma bibliografia sobre o assunto para me inteirar do que era, em seus meandros, a (auto)biografia. Entretanto, dos 7000 livros de minha casa, só encontrei um livro com o tema autobiográfico: *LOBAGOLA – Autobiographia de um Selvagem Africano*, da Colleção Paizes, Raças e Costumes, Edições Cultura Brasileira; tradução de Adelina Fernandes, sem datas, entretanto com biografia escrita com "ph", coleção com "ll" e Países com "z".

Digo isso porque só através da professora Conceição Passeggi e da professora Aurinéa, vim saber que a (auto)biografia é uma atitude antiga e elas citaram, Santo Agostinho e Rousseau. Não quero aqui negar o papel de educador e filósofo de Jean Jaques Rousseau, mas de saída me interessei em saber desse primeiro por ser um africano, nascido em Tagaste, na Numídia, província dominada pelo Império Romano. Estudou em Cartago, e como detestava o grego foi para Roma, pois dizia que a Língua mãe era um colosso. Recebeu educação Liberal, pois o pai o queria um magistrado. Como vemos, no ano 354 as línguas africanas já eram discriminadas. Os africanos da província eram obrigados a falarem uma ou outra língua europeia universalizada, menos as suas. A ação dos colonizadores ainda continuas as mesmas. Agostinho (Aurélius Agostinus), foi um devasso: bebedor, frequentador de prostíbulos, praticante de furtos nos quintais alheios. Mas depois de uma visão mística, decidiu trilhar outros caminhos. Ajudado pela educação religiosa, precisava se reescrever, coisa que o faz no Livro X de sua obra *Confissões.* (AGOSTINHO, 1987)

Segundo minha avó, "Quem não pode com o pote, não pega na rudia"(Corruptela de rodilha: circulo de pano usado, sobre a cabeça, por pessoas interioranas, para amortecer o peso de algo que carregam), logo, seria covardia de minha parte deixar de seguir, conduzido pela "Luz do Candeeiro", os passos do Constructo do "Eu" Fonte, na busca de firmar uma ação metodológica, uma vez que, a maneira eufórica como foi recebido o quadro organizativo do método estruturado pelo professor Edilson Fernandes, para estruturação de sua tese, com finalidade de ascender ao cargo de Professor Titular da UFPE, apresentado em sala de aula, na disciplina "Pesquisa e História da Educação II", ministrada pelo mesmo, dava a impressão de que já estava entre nós a versão da nova "bíblia metodológica", até para os que não estavam a construir teses ou dissertações autobiográficas.

O quadro distribuído em seis arquivos, nos impressionou a todos. A mim, principalmente, porque as fontes veem dos arquivos vivos, seja constituído da minha fala, ou seja, como próprio autor ou de pessoas próximas a mim, arquivo institucional, arquivo de família, arquivo on-line (produção própria) autocitação ou de terceiros; arquivo científico (produção própria).

Figura 4 - Diagrama do Constructo do "Eu" Fonte



Fonte 4: Souza, E. F (2020a)

Tomar a atitude de narrar-se é se dispor a uma tarefa difícil; é ir para diante do espelhoe enfrentar fantasmas perigosos, inimigos atrozes, mas também se encontrar com grandezas, alegrias e desejos, guardiões de suas ternuras e gratidões por estar no mundo, pois, comungo com Freire (1981), do pensamento de que é preciso ser "capaz de, estando no mundo, saber-se nele" (FREIRE, 1981, p.16).

Mas antes de seguir descrevendo os outros arquivos, digo-lhes que me veio a pergunta: Como poderei escrever sobre mim mesmo sem me censurar e/ou cometer exageros em termos de autoelogio? (Só depois percebi que já estava me censurando). O primeiro autor que encarei, foi o próprio Edilson Souza, meu orientador, uma vez que sendo convidado a observar como se fazia uma construção metodológica de um trabalho (auto)biográfico, e como eu estava prestes a escrever uma tese nesse campo de pesquisa, fui intimado a fazer uma análise crítica sobre o artigo escrito por ele, extraído de sua tese. Em seguida, Pierre Bourdieu em seu *Esboço para uma Auto-Análise*, li, critiquei e fui em busca de Antônio Nóvoa o organizador de *Vidas de Professores.* Como diz o próprio, na apresentação, um chamamento de [...] "atenção para as vidas dos professores, que constituíram, durante muitos anos, uma espécie de "paradigma perdido" da investigação educacional" (NÓVOA, 1992, p.7). Eu queria saber onde eu me enquadraria nessa "epopéia".

Gostei muito do capítulo III, escrito por Ivor Goodson onde o tratamento é o desenvolvimento profissional e Conceição Moita, no capítulo V, tratando, em sua escrita, do

enquadramento teórico metodológico, coisa que sempre tive dificuldades, pelas razões poéticas que me circundam.

Não é que seja difícil. Pelo que vejo, eu é que não costumo me enquadrar em algumas regras: espalho tudo, escrevo em vários cadernos, escrevo duas coisas quase ao mesmo tempo. Primeiro escrevo a mão para depois digitar no computador. Isso é parecido com Ariano Suassuna, que primeiro anotava nos papéis pra depois dactilografar em sua Olivetti. Eu, é porque não gosto desse negócio de lata (computador) intermediando minha relação com o papel. O lápis ou a caneta, comigo, fluem porque me sinto pensando mais rápido como se fosse uma psicografia. Eles funcionam como uma extensão de minha mão: os carregos para onde quiser e escrevo quando dá na telha., num conluio com uma ou duas folhas de papel, que estão sempre dobradas no bolso, como excelentes acolhedoras de minhas inspirações.

"Trata-se de considerar os processos educacionais para além das fronteiras dastécnicas, valorizando as subjetividades, os processos memorialísticos, as histórias de vida [...]"(Passeggi, 2010, p.11). Senti que ela estava falando comigo e criei novo ânimo, apesar de ter me sentido o novato dos novatos, pois, afinal de contas estava em minhas mãos *Invenções de Vidas, Compreensão de Itinerários e Alternativas de Formação,* 2010, escrito pela própria supracitada. Daí comecei a espalhar os outros livros. Deu fome de saber mais. Afinal, minha mãe disse que eu aos cinco anos de idade já sabia ler.

Se o professor Edilson não inventar, para mim, outra moda, meus livros serão arrumados após terminar esta tese. Têm livros sobre a mesa, embaixo da mesa, no bureau, nas cadeiras, em cima da impressora, no chão e dentro das bolsas. Agora mesmo (13/12/2022) estava procurando *A Sociedade dos Indivíduos*, de Norbert Elias e, lembrei agora, que ele está dentro da bolsa que eu saí com ela ontem. O professor Vieira, meu querido co-orientador, já me disse: "você precisa é se organizar". Concordo! Mas é que eu não sei sair sem bolsa, pra não sair sem livros. Onde eu paro, saco um livro e vou ler. Até na sala de espera do oculista, enquanto minha pupila não embaralha tudo, devido à dilatação, estou sempre lendo.

Não gosto nem tenho paciência de ficar grunguzando celular, como faz a maioria das pessoas que esbarram em postes, nas ruas, olhando WhatsApp. Prefiro cair num buraco, lendo. (A propósito, a palavra "grunguzar", é uma corruptela de "bulungunza", que significa "mexer", em Kimbundo, Língua bantu, de Angola).

Mas voltando à obra organizada por Antônio Nóvoa, não só Conceição Moita vai tratar de metodologia mas o próprio Nóvoa, bem caminha nas plagas metodológicas, inclusive oferecendo opções e uma reflexão importante que foi a busca de um método de trabalho que [...] "permitisse estudar a experiência socioprofissional de modo a evidenciar a relação

dialética entre o indivíduo produto da História e o indivíduo agente de historicidade"(NÓVOA, 1992, p.179), buscando evitar a velha discussão que transforma indivíduo e sociedade instâncias antagônicas, do mesmo modo como faz Norbert Elias, na *Sociedade dos Indivíduos* (1994).

Isso é mais uma prova de que "aquilo que chamamos "nossas" histórias de vida enunciam percursos e escolhas que, apenas, são consequências daquilo que podemos ser, num determinado momento histórico, no campo social" (MOURA, 2004, p.134), visto que: "coerentemente com a ideia da vida como fluxo, como devir (o sujeito não é nunca o mesmo, mas sempre outro), a busca pelo ser marca uma cadeia desejante propensa ao infinito porque se estabelece segundo conclusões que somente podem ser provisórias, que não podem ser definitivas" (ROQUE, 2010, p.44).

É a prova de que nem construímos, nem desmanchamos nada sozinhos. Só podemos ser sós, ilusoriamente. Até mesmo quando estamos nos autobiografando, dado a esse emaranhado de funções e junções que nos compõem.

O grande jyali (griot) e escritor malinês, Amadou Hampaté Bâ (2011), em Metodologia e Pré-História da África, observando a tentativa de supremacia dos povos ocidentais euro-americanos, sobre os que preservam o que não está escrito, assinala em que "nada prova a *priori* que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração "[...] cada partido, cada nação "enxerga o meio-dia da porta de sua casa"[dito africano] (HAMPATÉ BÂ, 2011, p.167). Razão pela qual vemos que as narrativas são oriundas das maneiras e condições de como em cada um de nós foiforjada a personalidade, o caráter, nossas estruturas enquanto seres sociais.

Na verdade, mesmo que queiramos, a "configuração narrativa não é neutra, as palavras podem modular a representação e o pensamento" (PASSEGGI; ABRAHÃO, 2012, p.21), razão pela qual "a autobiografia é uma construção política, na medida em que você decide o que quer conectar com a história, com a trajetória, o que você deseja influenciar a partir dos registros da fala" (SOUZA, E. F., 2020b, p.792). Sabemos que esses registros comprometem, não só a quem fala de si mesmo, como a tantos que possam estar memorizados em suas narrativas.

Quem sabe se, para disfarçar o desejo e não demonstrar seu medo da exposição, embora estivesse nos caminhos da prática (auto)narrativa BOURDIEU (2005), sai escorregadiamente, na mesma hora em que entrava, dizendo: "Não tenho a intenção de me dedicar ao gênero da autobiografia, que afirmei bastante vezes o quanto era convencional e ilusório" (BOURDIEU, 2005, p.11). Entretanto, a minha fantasia é de que, ao perceber que não convencia, nem a ele

mesmo com esse discurso, trocou seis por meia dúzia: “Queria apenas tentar reunir e tornar disponíveis alguns elementos para uma auto-socioanálise” (Op.Cit. p. 11).

Isso, como se ao mudar de campo, nem as idéias nem as narrativas, também mudassem de autor, e isso mudaria, quem sabe, a má compreensão que os da sua época, tinhamem relação aos temas por ele discutidos. Só esqueceu que “o que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias [...]” (HAMPÂTÉ BÂ, 2011, p.168), e uma vez, recebendo atributos de sua sociedade, sobre as verdades ditas, estasmemóriassão de cunho individual e coletivo.

Esses argumentos me aproximam da compreensão em relação ao convite feito pelo professor Edilson Souza, para construir uma tese de caráter (auto)biográfico sob sua orientação, salientando que era preciso maturidade e que não era fácil falar de si mesmo, principalmente quando esta maneira de falar exigia seriedade e cientificidade nos argumentos discursivos.

Quando o professor Elizeu Clementino (2006) diz que o sujeito da escrita narrativa é remetido a uma “dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida através do conhecimento de si”, eu ouso, mesmo como iniciante, dizer que não é “como se” (SOUZA. E. C., 2006, p.14), é um contar para mim mesmo as coisas que experienciei e experiencio, que aprendi e estou aprendendo sobre eu mesmo, quando me debruço sobre o que me escuto dizendo de mim.

Daí em diante, concordo que é verdadeiramente uma experiência formadora e reflexivamente capacitadora do investigador, à proporção que o vai conduzindo rumo à consciência de sua itinerância comprometida por sua capacidade de ser professor de si e das outras pessoas, entendida como compromisso político, social, humano.

Dessa forma a “abordagem biográfica” vem contribuir para a organizar e facilitar uma nova maneira de exercício das funções sociais da educação, principalmente quando a proposta do capacitador, do orientador é pensar essa educação como “um processo de autotransformação do sujeito que envolve e provoca aprendizagens em diferentes domínios da existência, evidenciando o processo que acontece em cada sujeito” (ABRAHÃO, 2001, p.37), e não construindo robôs de ensino, em série, desvalorizando assim a diversidade e soterrando a criatividade, em prejuízo da aprendizagem educativa.

Me vejo no centro de um processo enriquecedor em matéria de pesquisa e compreensão do que se passava nas escolas onde estudei, onde dei meus primeiros passos em direção ao conhecimento, com mestras que me incentivaram a ser um amante da profissão de professor comprometido com o crescimento, principalmente o meu, para ter melhores estudantes onde

passasse.

Imagine se os da minha geração nos anos 1960, inclusive eu, tivéssemos discussões acerca de Identidades Sociais de Raça, bem como professoras preparadas para discutir com famílias e comunidade? Talvez, o autor da música “Em 60 negro vai virar macaco”, tivesse pelo menos passado por um susto.

Um trabalho como o da professora Aparecida de Jesus (2015), “Identidades Sociais de Raça em Autobiografias de Professores de Línguas”, teria feito muitas professoras negras, repensarem suas decisões de abandonarem o magistério, ou de se conformarem a ensinar só a terceira série, como a minha professora, Dona Maria da Saúde, que sabia Francês como ninguém, mas não tinha colocação num colégio que tivesse ginasial. Minha impressão é que, naquele tempo, negra não podia ensinar lá.

Um tema dessa relevância sendo abordado a partir de narrativas autobiográficas, “faz uma grande diferença no entendimento da dimensão da necessidade da reflexão e possivelmente propor ações para as práticas pedagógicas que ocorrem” (FERREIRA, 2015, p.19) não somente em sala de aulas de línguas, mas das várias disciplinas curriculares das escolas públicas e particulares e nas universidades.

O trabalho com a pesquisa autobiográfica tornou-se uma emergência em nossa sociedade, principalmente como um lugar onde as expressões são achatadas e/ou despejadas rumo à invisibilidade como a maioria de pobres, negros, mulheres, homossexuais, deficientes, e tantos outros personagens.

É pensando sobre isso que há uma trincheira, hoje, reconhecida como a “Da militância contra o apagamento do sujeito à inquietude da exposição permanente de si” (PASSEGGI; ABRAHÃO; DELORY-MOMBERGER, 2012, p.31) e de tantas outras e outros, numa incansável luta em defesa das narrativas (auto)biográficas em Educação como algo conspiratório dentro da história e da cultura, em favor de atitudes autoras, atrizes em sujeitos rumo ao futuro, contra posturas dominantes e o apagamento dos indivíduos nas ciências sociais e humanas desde os anos 1980.

Não quero leva-las comigo, em transição (morte), pois seria negar-lhes a importância de seus papéis na minha vida, nas suas existências e de seus conviventes. Por isso aceitei o convite e comecei assustado diante da farta biografia que me foi apresentada pelo Orientador, principalmente seus escritos.

Portanto, esta é a parte mais perigosa, pois, “ninguém se diz impunemente. As tentações da vaidade ou do niilismo perseguem os esforços para dar sentido a percursos feitos pelo

caminho do que somos, mas também pelo caminho que nos obrigam a ser" (ABRAHÃO, 2001, p. 7-8).

Elenquei os outros sugeridos como Velândia Mora, com uma história de vida muito interessante, mostrando a organização dos homossexuais, Conceição Passeggi, que tornou-se a tal, a ponta de lança do meu trabalho. Mandei buscar e passou um mês pra chegar. Saí separando os autores por Universidades e Países. Li vários artigos de Delory-Momberger. Quando vi que Nóvoa, Passeggi e Elizeu trabalham com professores, os deixei mais perto de mim. Precisava fundamentar a tese.

No dia 25 de junho, numa quinta-feira, comecei as gravações, no meio da maior desarrumação do mundo, mas estava tranquilo. Eu tinha me separado da companheira e alugado um apartamento. Como eu precisava estudar, uma vez que tudo era novo, pois já havia escrito 75 páginas da outra tese, feita para o PPGLI da UEPB - sem sucesso - sobre autores africanos, tinha que me adaptar ao novo. A gravação durou 28 minutos e dezessete segundos (28':17"). Eu mesmo fiz a decupagem (transcrição) que chegou a 10 laudas. Fiquei intimidado em mandar para alguém. Para mim era segredo demais.

Livros por todo lado: canto da sala, embaixo da mesa, em cima, no quarto de dormir e na porta de saída para a área de serviço, mais livros. O inverno tinha chegado. Às vezes, intretido escrevendo, a porta ficava aberta e lá vinha chuva molhando o que não estivesse coberto com plástico. Lá parava eu e enxugava ou botava onde pudesse levar vento para não colarem as páginas. Não sei trabalhar com nada arrumadinho. Gosto de estender o braço e saber onde está o que eu quero. Coisa que nem sempre sei, mas termino achando o que me será de grande valia depois. Agora mesmo, (13/01), estou revisando a escrita deste capítulo e sem saber onde coloquei um número do Jornal Djumbay, onde fui editor, mas penso que levei para meu orientador fazer uma revisão no material que estou trabalhando. Lá fora, Cachorro Preto late pra mostrar serviço. São 21 horas e penso que ele está a justificar porque daqui há uma hora tem que comer.

A segunda gravação foi no dia 1 de julho de 2020, deu 11':32'' segundos. Eram 10:55da manhã, eu estava estudando Mora, quando recebi um vídeo pelo WhatsApp que me fez chorar com saudade do avô de uma das filhas que me adotou como pai. (Tenho esse privilégio:ser pai adotado; ser escolhido pra ser pai, pela filha ou filho emociona-me muito!) Depois descobri que foi pena de mim mesmo, de não ter tido pai pra fazer algo para mim.

Depois, relendo a tese do professor Edilson Souza, vi que um dos meus defeitos era desarrumação. Inventei de fazer um cronograma para a próxima gravação, como se espontaneidade tivesse medida. Mas eu teria que organizar os assuntos da gravação 5, pois perdi

o celular onde ela estava gravada. Tinham coisas que eu não podia me esquecer.

A quarta gravação eu encontrei no HD-externo, onde tinha colocado por milagre. É do dia 18 de agosto. Tem 12 minutos e 55 segundos. Eu estava relendo o artigo do professor Edilson, onde ele explica, em sua concepção, o que é autonarrativa, como "fala gravada, comprovada da memória da busca de suas lembranças". Foi aí que vi que tinha um rumo para historiar as minhas autonarrativas. Só voltei a gravar no dia 29 de setembro de 2020, numa terça-feira, às 19:39, ao me lembrar de uma música cantada por Jessé, quando entrei para tomar banho, coisa que tratarei, posteriormente, em um dos capítulos. Hoje vejo que mais duas gravações se perderam junto com o celular.

Em compensação, encontrei duas esquecidas gravações, que chamo do alto valor: uma,é a entrevista que fiz com Ronaldo Lessa, Ex-governador de Alagoas em 15 de novembro de 2021, às 19 horas, na Pajuçara, Macéió, após um show musical que fiz no Palco Dandara. Meu interesse era captar sua fala e explicações do por que, ter-me agraciado com a maior Comenda das Alagoas: a Zumbi dos Palmares. Falei que era para colocar em minha tese (auto)biográfica. Ele ficou contente e se pôs à disposição para as perguntas. Isso me levou a refletir sobre a minha práxis enquanto pessoa negra em busca desse "Eu" idêntico ao meu povo, trazendo de volta a memória daquele domingo, 20 de novembro – Dia Nacional da Consciência Negra – de 2006. Em seguida, recebi o abraço e a contribuição narrativa da arquiteta Patrícia Mourão, na época, Secretária de Defesa e Proteção das Minorias. Hoje Secretária de Turismo e Esportes de Alagoas. Ao todo, as entrevistas com os dois, teve a duração de 6 minutos e 43 segundos. Fico feliz, uma vez que esse esforço continua promovendo a integração da fala com os conteúdos e a tecnologia gerando esta nova disciplina em crescimento, que é o exercício para a consolidação da Pesquisa (Auto)biográfica.

"Nesse sentido, é que as narrativas autorreferenciais são consideradas como objetos de estudo primordial para a pesquisa (auto)biográfica, pois são suscetíveis de revelar os modos como os indivíduos de uma determinada época e cultura interpretam o mundo e como dão forma a suas experiências." (PASSEGGI; ABRAHÃO & MOMBERGER, 2012, p.34). Embora descubramos depois, por não ser algo fácil, essa busca que parece não ter fim, na tentativa de juntar o que sentimos despedaçado. Afinal de contas, estamos a buscar as extensões de nós mesmas.

Fui buscar informações a meu respeito: pelas instituições onde passei e nos documentos como cartas, bilhetes, fotografias. Apresentar minha produção acadêmica: através de livros que escrevi - *Caxinguelê* e *Canoeiros e Curandeiros*, textos para Jornais, entrevistas, participações

em antologias literárias, anais de congressos e simpósios, além de lamentar os escritos que foram perdidos por ignorância ou desleixe.

Entretanto, nas minhas buscas em minhas casas, posso parafrasear meu orientador: “é intrigante a complexidade documental que pode ser encontrada em meu arquivo pessoal” (Souza Edilson, 2020, p.13). Tem coisas que jamais imaginei que pudessem estar guardadas: bilhetes de minhas filhas para mim, provas que fiz com conteúdos políticos no Mestrado de Filosofia, os rascunhos de poemas que me deram vitória em festivais de música e poesia; cartas de amor. Meus desenhos e pinturas, e minhas recordações. Até um troféu de Amigo da Polícia. Do mesmo modo que são decisivos os primeiros anos de docência, para a formação da identidade profissional de quem se lança à árdua tarefa de ensinar, é também decisivo o tempo de escrita e do refazer-se de quem está a escrever uma tese (auto)biográfica. Vejo agora que pra todo lado que me viro em busca do “Eu” idêntico, eu só encontro comigo, mesmo nas falas alheias. Uma vez que, diz NÓVOA (2006), no prefácio do livro de Elizeu Souza (2006), *O Conhecimento de Si*: Estágio e narrativas de formação de professores, fruto de sua Tese de Doutoramento pela UFBA, “[...] somos deixados muitas vezes isolados nesta fase tão decisiva de nosso percurso. Sem ninguém com quem possamos dialoga. Sem ninguém para partilhar dúvidas e incertezas. com esse livro, Elizeu Clementino dá provas da criação de “[...]uma rede de suporte e de diálogo com 10 alunos mestres/professores principiantes [...],” (NÓVOA, in – SOUZA, E. C., 2006, p.11), nesta hora tão decisiva de suas vidas. Isso gera acolhimento e segurança, como do lado de cá não somente eu, mas outras(os) colegas estamos recebendo de nosso orientador, Edilson Souza, que nos mostra o caminhar da pesquisa como uma contribuição para nossas formações e descobertas.

Deduzo eu que o trabalho (auto)biográfico nesta construção, de minha parte, do “eu” idêntico, seja uma capacitação de nossos “eus” pessoais para a tarefa de contribuição e suporte contra o abandono e o isolamento, que gera em tantos e tantas a desistência da compreensão de que, numa profissão tão exigente como a de ser professor, é preciso ser estagiário sempre do se fazer compreender. Por isso diz FERGUSON (1976), em relação às mudanças de paradigmas científicos e filosóficos por meio de uma grande conspiração: “os conspiradores se acham ligados, afinados por suas descobertas interiores e pelos abalos sofridos (FERGUSON, 1976, p.24).

Muita coisa tem mudado. Desde o Brasil que há muito não pegava fogo, como tem acontecido em 2022, e nesse começo de 2023 com a ressurreição do ultra conservadorismo doutrinário, até a alegria de saber que as teorias e conceitos teóricos têm surgido em vários

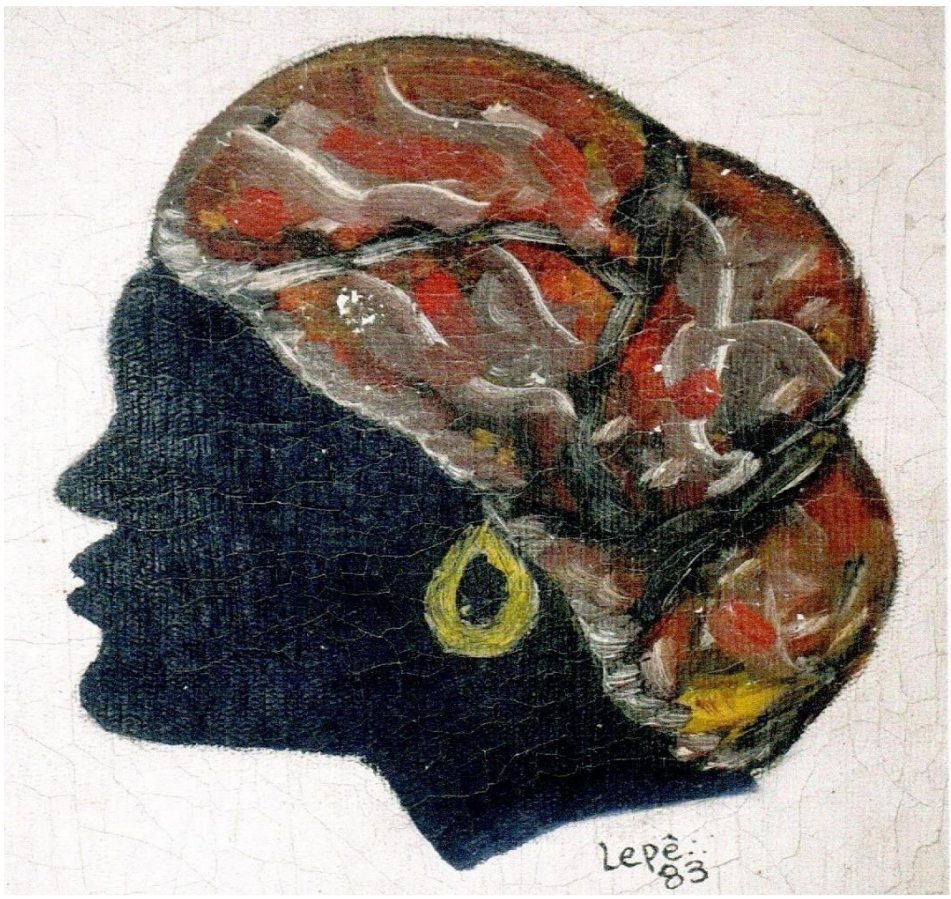
campos de estudos e pesquisa, principalmente, dentro do que é novo como a pesquisa e estudos (auto)biográficos, pelo menos pra mim.

Em conversas com meu orientador tenho descoberto várias maneiras de contribuições para a escrita desta tese, embora, por várias vezes em que estamos a conversar por telefone, Malvadeza, meu galo do pescoço pelado que já matou um gato e duas galinhas, teime em interferir em nossa conversa, ora tentando discordar do que dizemos, ora a trocar insultos com o galo garnizé da vizinha. Entretanto, algumas produções artísticas, como desenhos e pinturas que fiz quando nem sonhava com (auto)biografia, me foi sugerido inserir na tese, por ter segundo ele, valor simbólico e interpretativo dentro de minha trajetória, além da escrita, do canto, da dança que sempre pratiquei.

Melhor ainda foi o artigo de Gabriela C. de Oliveira, da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), para a Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v.6, 2021, sobre "Delory-Momberger e Fotografia", ressaltando a prática docente de artistasprofessores dialogando com a (Auto)Biografia, memória, criação e narrativas de si, a partir do desenvolvimento do conceito sobre *Automedialidad*, que tem "imbricado em si o elemento espaço, como fundamento para a (auto)biografização [...] processo de construção de si no espaço da imagem, da pintura, do texto poético, do cinema [...] (OLIVEIRA C., 2021, p.228).

Por aqui vemos que "Os conspiradores se acham ligados, afinados por suas descobertas interiores e pelos abalos sofridos. Qualquer um pode tornar-se mais produtivo, confiante, confortável na insegurança. Problemas podem ser recebidos como desafios, como oportunidade de renovação[...]" (FERGUSON, 1974, P.24). É o revirar-se pelo avesso, e ter a coragem de, apesar do medo, exercer o extraordinário dom da ousadia de ter coragem de transformar-se a cada dia, a cada ato. Assim será o próximo capítulo; uma aterrissagem em meioàs coisas finitas, mas ...

Figura 5 - Moça do Turbante



Fonte 5: Acervo do autor

2 CAMINHOS DO “EU” IDÊNTICO

> Dandalunda que nas águas brilhaFaça a lua clarear a trilha
> De quem deu-me à luz por gentilezaE querendo clarear meus passos
> Agradeço por ter-me nos braços Quando ainda eu era incerteza
> E não tinha definidos traços (CORREIA, 2016, CN39, p.213)

A epígrafe é uma saudação ao Nkise da fertilidade (Divindade dos ritos kongo Angola)e uma homenagem a Dona Benedita, a negra que fez com que eu pudesse desenvolver-me na grande água do seu útero (líquido amniótico) e depois me pariu.

2 .1 ATERRISSANDO NA TRAVESSA DA COLINA

Neste capítulo, meu objetivo é abordar algumas fases da vida começando pelo meu nascimento, a constituição e desconstrução do núcleo familiar onde nasci; a nova maneira que a família se fez, os feitos de minha mãe e meu tio; o começo de meu aprendizado intelectual e educacional, minha inserção na escola; as mudanças ocorridas na vida de todos nós, visto que meu mundo por muito tempo foi feminino. A vida de retirante que eu, meu irmão, minha mãe, minha avó Brandina e minha prima Zezé, tivemos que enf por algum tempo, “morando de favor”, mas sempre superando obstáculos e vicissitudes.

Quarta-feira, 25 de junho de 2020, em um *insight* de memória me vi repensando meu nascimento ... Eu nasci no dia 21 de dezembro de 1952, registrado Severino do Ramo Correia, por decisão de minha mãe, Maria Benedita Tiago Correia. Sim, sou filho de Dona Maria Benedita Tiago Correia e de seu José Luiz Pereira – homem que, segundo minha mãe, gostava de umas histórias compridas. Entre elas, que passou por Luanda, viu duzentos terreiros e foi parar nos engenhos da cidade de Goiana, munícipio da Mata Norte de Pernambuco. Chegou ainda menino. Lá foi batizado com esse nome de branco, digo, de José Luiz Pereira. Não por um acaso, sua madrinha era a senhora do engenho. Esse fato fazia com que, como ele dizia, não levasse mais chibatadas, quando se atrevia a ir para a senzala cutucar as negrinhas. Deve ter sido comprado por algum “cristão novo”, para ser um Pereira.

Figura 6 - *Dona Benedita, minha mãe*

Fonte 6: Aarquivo pessoal do autor

Segundo minha mãe, ele contava que sua avó sabia como invultá-lo. Quando ele estava sendo perseguido por capatazes do engenho, ela de repente parava, olhava para o tempo e dizia: “abre a porteira que José vem aí”. Até ele chegar em casa, se não tivesse um lugar seguro pra que se escondesse, ela o transformava num tronco de bananeira, na estrada, ou num “mourão” de cerca, ou mesmo um “toco” fumaçando na beira do caminho. Eram essas histórias que eu ouvia sobre ele, contadas por minha mãe e minha avó. Eu achava o máximo, ter uma bisavó com esses poderes. Tanto é que quando meu Babá (pai) Paulo Preto, contou que a mãe dele (Dona Fortunata, a Baiana do Pina, quem lhe criou), lhe deu determinado objeto, para que em caso de emergência ele colocasse na mão e a levantasse em determinada posição, que ficaria invisível, eu não estranhei. Só pensei cá comigo: “de novo?”

Mas voltando à Travessa da Colina, o casamento dos dois (meu pai e minha mãe), foi em agosto de 1950, dois meses antes de Getulio Dornelas Vargas ser eleito pela segunda vez Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Meu pai, eu não sei, mas minha mãe era “getulista”. Nos contava (a mim e a meu irmão), que ele era um homem de coragem. Respondeu a uma provocação de Hittler em cima da bucha. Contava que, era perto das festas de São João e ele provocou Getúlio dizendo que preparasse a canjica que ele iria mandar o fogo.

Prontamente, Getúlio respondeu que “a canjica já estava pronta, e o fogo também. Só estava esperando que ele viesse comer.”

Três meses após o casamento mamãe engravida e meu irmão nasce em 2 de julho de 1951. Oito meses depois, março de 1952, engravida outra vez e em dezembro chego eu. Eu nasci justamente quando o Presidente Getúlio Vargas tem aprovada a criação da Petrobrás, É ela quem [... [“marcaria, inequivocamente, o sentido nacionalista de sua política” (SILVA; CARNEIRO, 1975, p.49), cuja proposta lançada no ano anterior estava em discussão nas assembleias do Clube Militar. “Os nacionalistas ergueram a bandeira do **Petroleo é nosso** e os comunistas deram a essa jornada o caráter antiamericanissta” (Op.cit, p.49). Logo após vem o Ministério das Minas, Ministério da Saúde e o trabalho dele junto à classe trabalhadora, faz vir a Eletrobrás.

Mas essas criações não foram nem fáceis, nem a passos de mágica. Teve muito engodo, tramas, embaraços, visto que os dois partidos mais fortes da época eram UDN e PTB, cuja presidência de honra e fundação, tinham sido de Getúlio, e esses partidos discordavam e brigavam velada e/ou abertamente pela primazia na governança do país. Vejam só em que tempo em vim ao planeta. Parece até que esse ninho de cobras se interpenetrava nos caminhos do público e do privado, macro e micro.

Ela me disse que quando eu tinha 16 dias de nascido, houve uma cisma entre os dois e ele (meu pai) foi embora, deixando meu irmão com 1 ano e 4 meses e eu com 16 dias de nascido. E assim, eu fui criado pela minha mãe. Ela era muito engenhosa, muito geniosa e decidiu criar os filhos sozinha. E aí ficamos nós, na casa de meu tio, lá no Fundão. Melhor dizendo, Fundão de Dentro, na área Metropolitana do Grande Recife. Sim, eu nasci lá no Fundão. Ali perto de Água Fria, na Travessa da Colina, perto do sítio de dona Zefinha.

Nasci no horário brasileiro de verão, às 06:00 horas da manhã. Como em se tratando de cálculo astrológico se conta pelo horário sem alteração, nasci na verdade às 05:00 horas da manhã, na hora do planeta Júpter. Por isso, sou sagitário com ascendente em Sagitário. Minha mãe conta, que com poucas horas, 5 ou 6 horas de nascido, eu estava lá deitadinho, quando veio a vizinha, dona Ponina, fazer uma visita ao recém-nascido, e disse: “olha o teu menino, que menino grande!” Quando dona Ponina (devia ser Eponina) levantou o timão, o sangue já estava umedecendo o colchão. (Devo salientar que não estou a falar do Santa Cruz, nem do Corinthians). Timão é um tipo de batinha comprida, toda aberta na parte traseira, só com uma fitinha unindo os dois lados, e que se punha nas crianças recém-nascidas.

Manda chamar Dona Noca, que era a parteira. Eu nasci em casa, embora minha mãe já tivesse uma base de 37 anos, coisa que no hoje não se aconselha. Dona Noca, a parteira, era

uma velhinha com mais ou menos 80 anos. Para aquele tempo, já era uma idade bastante avançada. Agora isso me fez lembrar uma toada de pretos velho que meu segundo pai, cantava nas rodas de Jurema: “Quem é aquele velhinho / Que vem no caminho / Andando devagar / Com seu cachimbo na boca / Puxando a fumaça / E soltando pro ar / Ele é do cativeiro / Ele é pai Joaquim, Ele é curandeiro...”.

Como minha mãe disse, dona Noca veio de novo. Devagarinho ... naquele passo dela. Ela chegou, examinou a situação, e apertou o cordão umbilical: o nó tinha ficado folgado. Tu imaginas, né? Imaginemos aí esse menino ... Ele lá tranquilo e o sangue da mãe indo embora. Segundo minha mãe, na minha infância eu fui “uma pessoa muito doentinha”, como ela dizia “acho que devido a essa perda de sangue”. Mas eu sobrevivi. Mãe e menino sobreviveram a essas intempéries. Posso dizer que esse “Eu” idêntico veio ao mundo e ficou até agora, para ensinar e aprender.

2.1.1 Educação: Uma Sina.

A minha mãe ensinava em casa, tinha uma escolinha, que alfabetizava jovens, adultosà noite e crianças de dia, quando a gente se mudou para a casa do meu tio Severino Tiago, ou Tio Biu. Antes, ela ensinava na casa onde eu nasci, a alguns adultos que precisavam aprender a ler. Me lembro de seu Zé Correia. Um negociante que ia de porta em porta com duas éguas, cada uma com 2 caçuás[3]. Ele entregava esterco, carvão, barro, o que pedissem. Lembro-me do comentário de minha prima e de minha avó. Elas diziam que ele queria casar com minha mãe. Mas ele tinha filhas grandes, já era viúvo duas vezes, tal qual meu pai. Era mais velho e “não tinha emprego certo”, meu tio não deixou. (Esse tio, após a morte de meu avô, tornou-se arrimo da família). Comentava-se que era para mamãe não morrer também, como as outras mulheres de Seu Zé Correia, mesmo depois de descobrirem que ele (Seu Zé) era aposentado do Departamento de Estradas e Rodagens (DER). Tiago, meu tio, apesar de ser mais novo e mamãe tê-lo, bem dizer, criado, era quem mandava em todo mundo. Segundo minha mãe, como Tio “Biu” (Severino Tiago) tinha contribuído com a maior parte do dinheiro para o casamento dela, ela não teve coragem de jogar fora o véu, a grinalda e ir-se embora devido a uma contrariedade provocada por meu pai, no dia do casório. Ela falava isso ao lembrar que pisou na sua própria vontade, satisfez a sociedade e o casamento não deu certo.

---

[3] Espécie de porta bagagem, feito de madeira ou cipós – como cestos - que são presosa uma armação de madeira que fica sobre o lombo dos cavalos ou jumentos, pendendopara os dois lados do animal. (Nota do autor)

Meu tio passou a trabalhar na Tramways[4] quando saiu do quartel. Ele contava quesó não foi com os demais expedicionários, para a Europa, participar da Segunda Guerra Mundial, porque era arrimo de família. Contava também que muitos dos seus colegas do exército, não foram à guerra porque, no dia dos exames finais, estavam demasiadamente febris: cada um passou um dente de alho no "fiofó" (anus). Segundo eles, era uma maneira de provocara febre. Moramos na casa desse meu tio. Eu, minha mãe, meu irmão e minha avó. Eu souneto de Dona Brandina, uma velha nascida no engenho "Parmaro ou Parmare", como elanominava o município de Palmares, na Mata Sul de Pernambuco. Era filha de seu Mané Capistrano e Dindinha, que foi pegada no mato. Dindinha, mãe da minha avó, era índia de Palmares. Foi pegada, como dizem, feito índio brabo: "a dente de cachorro". Minha bisavótrazia, portanto, na carne, alma e memória, minhas raízes indígenas mais profundas.

Dona Brandina, minha avó, era casada com Seu Emídio Pintor, como era conhecido – Emídio Tiago Correia. O nome verdadeiro de minha avó era Aniceta Francisca de Lima. Ao casar-se com meu avô, tirou o "Francisca de Lima" e ficou Aniceta Tiago Correia. Mas todos a chamavam de Brandina, não sei bem por qual razão. Só sei que possuía um sopro mágico que fazia desaparecer as dores de ferimentos, machucões e dor de dentes. Lembro-me deitado em seu colo com o dente doendo e ela soprando a minha bochecha e passando o dedo indicador em círculos. Eu sentia que tudo ia se apagando. Quando eu acordava, não havia mais dor.

Lendo num dos antigos almanaques que tínhamos em casa, encontrei umas explicações "esotéricas" sobre o sopro. Não me lembro se foi perdido em algumas de minhas "mudanças", mas o texto dizia que existem dois tipos de sopro: o quente e o frio. O quente é anti-inflamatório e o frio é anestésico. Acho que, mesmo sem ler isso, "mãe-vó" sabia o que estava fazendo, pois, eu via quando ela aproximava mais a boca da parte inflamada ou que doía,e depois afastava um pouco e soprava "fazendo bico", à distância e a friezinha do vento aliviavaa dor. Hoje, ao ler *A Arte de Curar no Tempo da Colônia* (2004), verifico que [...]" a terapêutica indígena era carregada de representações mágicas. A sucção e o sopro eram processos curativoslargamente empregados na terapêutica dos povos da floresta" (MIRANDA, 2004, p.199).

---

[4] **The Pernambuco Tramways & Power Company Limited** foi uma empresa inglesa criada em 24 de janeiro de 1913, em Londres, com a finalidade de instalar e operar linhas de bondes elétricos no Recife, Pernambuco. Paralelamente à concessão do serviço de bondes, a empresa também explorou a distribuição de energia elétrica no Recife.

Com isso eu constato que minha avó não estava mentindo em relação a sua descendência. Não quero transformar esse trabalho num compêndio antropológico, mas, trazendo para nossa episteme e me aproveitando da constatação de que "(Auto)Biografar é um processo civilizatório" (constato ainda que) Contar a sua história significa, assim, dar forma aoque antes não tinha" (PASSEGGI, 2010, p.123). Logo, Dona Brandina, minha avó, filha da índia Dindinha, possivelmente, teve escola entre as curandeiras dos povos indígenas da Mata Sul do Estado de Pernambuco. Agora, começo a compreender de onde vem minha sede de convivência com o trabalho naturista e fitoterapêutico.

Já Seu Emídio Tiago Correia, meu avô, um homem com 1 metro e 96 centímetros de altura, magro, usava tamancos, mas, segundo minha mãe: "andava silenciosamente, parecia um gato andando". Já tinha tendências, naquele tempo, a andar nos candomblés. Ele frequentava o Sítio de Pai Adão, hoje, Estrada Velha de Água Fria, a antiga Estrada da Boiada, que é o mesmo lugar. Por essa estrada passava o gado de corte, provavelmente com destino ao Matadouro de Peixinhos, inaugurado em 9 de novembro de 1919 e só vindo fechar suas portas em 1970. "Dr. Pernambuco. Dono do Engenho Nossa Senhora da Ajuda, foi o engenheiro responsável por essa obra [...]" (PAULA, 2000, p.17) iniciada em 1874. Pelo tempo de construção, mesmo antes de ser concluído o matadouro já estava em funcionamento, favorecendo o sustento e o labor dos pobres dos Peixinhos e adjacências.

Minha avó, Dona Brandina, era uma pessoa muito rígida em matéria de educação. Eu não conheci meu avô. Com minha avó vivi o tempo inteiro, até ela morrer. (Desculpem, mas me lembrei agora de algumas coisas interessantes e vou escrever pra não perder as cenas que minha memória começou a trazer). Vi minha mãe botando uma vela na mão dela (minha avó) quando ela estava morrendo. Morreu em casa.

Eram muito católicas, as duas: ela e minha mãe. Enquanto minha avó morria, há uns cinquenta metros de onde morávamos, *Los Corralleros* – antigo grupo musical da República Dominicana - animava a gafieira do Monte Negro Esporte Clube, nos dias de domingo, a partir das 14 horas, com seus merengues, nos long-plays de 45 rotações: *"Mentira oh, mentira eh / Tu dices que no mi quieres / Mas despues mi vien llorando".*

Eu, com meu famoso "ôi comprido", de cá da porta do quartinho onde morávamos, admirava seu Tibiro, agarrado com Dona Cecília, mãe de Joca e viúva de um dos maiores compositores de frevo do carnaval Pernambucano: Lídio Macacão. Foi ele quem compôs o famoso frevo "Três da Tarde", relíquia entre os nossos frevos de rua. Via também Zé Preto, agarrado com Ruth, sua irmã, a deslizarem no salão do Monte Negro, que naquele dia eu não podia ver de perto.

Como eu era pequeno, em meus 10 anos, e não sabia dançar, ficava do lado de fora da mureta do salão, “atrepado” nos meus dois tijolos, para apreciar melhor os famosos “pés-deouro” a deslizarem no cimentado, fazendo a poeira subir. Criança só entrava de tarde, na *matinée.* Mas, como minha avó tinha morrido no final da tarde desse domingo, é lógico que eu não tinha coragem nem permissão de ir para as portas de um lugar festivo.

Afinal, na minha educação, a morte sempre foi tratada como algo triste e solene: fui criado sob diretrizes judaico-cristãs, onde mesmo sem conhecer o morto temos que fazer cara de choro ao cumprimentar seus parentes, para demonstrar solidariedade. Seria um ato imperdoável, mesmo para uma criança, ir se divertir enquanto o cadáver de sua avó estava “estendido” na sala de sua casa. (Quando eu tinha 14 anos, minha mãe me ensinou a dançar bolero, tango, samba, xote e valsa. O resto aprendi nas gafieiras e “assustados” da vida).

Mandaram chamar meu tio, Tiago, e quando ele chegou, coçava a cabeça e chorava muito, desesperado. Depois foi providenciar o caixão pra botar minha avó. Nessa época estávamos morando numa rua transversal a dele, um pouco mais acima, no Terreno do Banco, no “correr de quartos” de seu Dedeu”, que minha mãe tinha alugado para a gente morar, fora da casa de meu tio, para livrar-nos do convívio da “jararaca” da mulher dele, como dizia mãevó. A gente a chamava assim.

Seu Dedeu era um homem alto e curvado que tinha uma venda, defronte de onde morávamos. Todos os “quartos” de aluguel, daquele trecho da rua, de um lado e de outro, eram dele. Parecia, de rosto, com um judeu. Dos que a gente via nas gravuras dos livros. Mas como comerciante e empreendedor, Seu Dedeu parecia não ter o hábito de cuidar de sua aparência. Parecia também não ter muito cuidado com a roupa, que, quase sempre, estava machucada e suja. Minha mãe não deixava a gente comprar pão na venda dele porque ele ficava o tempo todo, por trás do balcão, com o pé em cima de um banco alto, cotovelo sobre o joelho e catucando as “ventas” compridas com o dedo indicador. Com essas mesmas mãos nuas, ele pegava nos alimentos pra “despachar as pessoas. Era casado com Dona Tina, que também era muito “malamanhada” - dizia minha mãe – jeito de descuidada também. O casal era branco e tinha duas filhas grandes: Edi, “loira de farmácia” e Sosô, que tinha muito piolho e ficava no balcão chupando dedo e coçando a cabeça com os cabelos pro ar, parecendo uma “moita de capim-de-planta”. Na escola ela jogava pedras quando a tropa a chamava de “pioienta”. Depois dessas filhas grandes, nasceu Langinha, que só vivia gripada com as ventas escorrendo catarro que, ao chegar na boca, ela passava a língua.

Ao recordar essa vida de mudanças, moradias insuficientes, convivências às vezes nefastas, lembro que de vez em quando minha mãe se lamentava e fazia alusão ao meu pai,

como co-responsável por essa desdita. Quanto mais ela falava, mas eu ficava curioso em conhece-lo. Eu achava minha mãe um dez em matéria de coragem, caráter, honestidade, senso crítico, e pensava: "esse cara deve ser um tamporoso. Deixar uma mulher dessa é se considerar o Zé Carioca, na praia de Copacabana, de paletó e fraque, em plena Copa do Mundo de 1962, com o Brasil bi-campeão. Decidi ir procurá-lo, pois sina de professor é apender com tudo. Só agora percebo que o outro é uma construção da imagem que temos de nós mesmos pelo avesso.

2.1.2 Caminhada Em Busca Do Meu Velho Pai

Eu tinha 26 anos, já estávamos em 1978, quando fui procurar meu pai. Mas ele já tinha "ido embora", tinha morrido há alguns anos antes. Segundo o relato, ele estava muito difícil de conviver, perdendo a noção das coisas e o internaram no Instituto Jung. Disseram que lá, um "louco" bateu com um ferro na cabeça dele e desse acidente ele morreu. Eu sou o vigésimo quarto filho dele. Quando eu encontrei a minha irmã mais velha – por parte de pai -, no Alto da Foice, em Casa Amarela, atrás da estátua de Nossa Senhora da Conceição, ela disse que eu ainda tinha uma irmã com 17 anos, que era freira. Meu pai não era de brincadeira. Fazia muita criança pelo meio do mundo. E, como já disse, eu sou o vigésimo quarto. Vejam, em 1952, eu era o vigésimo quarto filho. Engraçado, predestinação ou por coincidência, na casa de meu outro pai, Paulo Preto, meu Bàbálorìsà[5], eu também sou o vigésimo quarto. Ele teve vinte filhoscarnais, como dizia e chegaram mais quatro para ele paternalizar. O último fui eu.

Eu lembro que parti cheio de esperanças e fantasias para encontrar meu pai. Segui o roteiro que minha mãe falava, nas histórias que me contava sobre seu paradeiro. Lembranças imagéticas nem uma. Mamãe não tinha foto dele, nem de nada com ele. Nem do casamento. Mãe-vó só falava que ele era "amostrado", cheio de "goga" (pabulagem). Não era alto, nem tampouco baixinho. Pelo que elas diziam deduzo que: de estatura mediana. Mamãe dizia que ele era um negro retinto, tinha as palamas das mãos e a gengiva roxas; riso largo e, quando via mulher, ficava que parecia um "pinto no lixo". É lógico que eu queria ver esse homem que elas falavam com um riso de desdém no canto da boca, mas que denotava admiração. Minha mãe também dizia que meu irmão era a cara dele. Eu pensava: então, ele era bonito! Meu irmão é um tipo bonachão que as meninas sempre o preferiram. Um conquistador. O famoso "come quieto!"

[5] Yorubá. Bàbálorìsà - Babá = Pai; lo = cuida, trata; Orisá = Divindade. (Pai que cuida dos Orisá), o Sacerdote do culto yorubano, vulgarmente, denominado "Pai de Santo".

Só em mamãe dizer que ele não falava alto, não gritava com mulher: já era meu ídolo. Pena que a foto que minha irmã me emprestou para que eu levasse pra regenerar, o artista para quem eu levei, na Praça do Diário, no cento do Recife, mudou-se, eu não consegui seu endereço fruto da minha demora em ir buscar a obra - e depois disseram que ele morreu. O original perdeu-se. Essa irmã paterna, que me forneceu a foto, morreu há alguns anos. Tenho o endereço de uma que ainda está viva. Vou procurá-la, pra não acontecer de novo o que aconteceu quando fui procurar meu pai. Eu não imagino o que eu diria se o tivesse encontrado. Eu o imagino de cabeça branca, olhar desconfiado, sem saber o que eu queria e não sei como ele reagiria quando eu falasse o nome de minha mãe. Não sei. Lágrimas me vêm aos olhos, e eu repito: não sei ... com lágrimas nos olhos!

Me encontro agora neste domingo, sozinho, escrevendo e chorando, Eu e meu "Eu" idêntico, como tantos "eus", que não conheceram seus pais, nem pelo menos tiveram a chance de pensar com carinho e escrever sobre eles, abraçados com as lembranças das histórias e feições que suas mães e avós puderam lhes dar como modelos às suas imaginações. Mas eu sei que ele não me abandonou. Peço desculpas à minha mãe para que ele não se sinta desmentida pela minha ousadia de pensamento, mas agora digo: "Obrigado meu velho. *Sakidila* é melhor, porque você era um Bantu, um *Liele*. Pelo menos digo na língua mais próxima; pra não dizer *merci*, na língua dos franceses, escravizadores de nosso povo da Burkina Faso (pessoas de caráter firme), antigo Alto Volta.

Eu gostaria de tê-lo conhecido, para lhe dizer que quando ele disse que era amigo do mar, que este o conhecia, não era pabulagem, embora tenha despertado o riso de mofa e censura de minha mãe e da minha avó. Elas me contaram que meu pai em sua "amostração", numa tarde em que pegaram o bonde de Olinda e vieram passear à beira mar, nos Milagres, próximo à praça do Carmo, ele todo pabuloso, insinuou que o mar o conhecia. Se aproximou de umas pedras, todo bonito, portando um terno de linho branco e seu chapéu *prada*, com toda intimidade perguntou: "o que é que há, onda?" De repente uma onda agigantou-se, veio de encontro às pedras e espalhou a água espumosa, molhando-lhe a roupa e os sapatos engraxados, sem darlhe tempo de se afastar. Elas caíram na risada dizendo: "tá aí, ele te conhece mesmo!" E ele ficou com a frente da roupa toda molhada. No bonde, de volta para casa, no Recife, o paletó ainda estava úmido e elas tirando "onda", brincadeiras com ele.

Hoje, sem querer desfazer do ponto de vista delas (mãe e avó), que era o da cultura ocidental, sem parceria com a natureza e seus elementos, posso dizer que houve uma demonstração de intimidade sim. Kaiala, para os kongo-Angola ou Iyemojá, dos Yorubá, como elemento mãe das águas, respondeu de imediato. O trio é que não soube interpretar. Elas por

não estarem a par desse tipo de intimidade. Como católicas, só Jesus, como um deus, tinha esse dom de falar com as águas; e ele, por ter apenas a vaga lembrança ancestral da intimidade confiscada pela colonização, evocou, mas ele mesmo tomou como brincadeira. As estratégias usadas para que os humanos sequestrados não retornassem às origens, não conseguiram sequestrar os conteúdos da "caixa preta" das ancestralidades que, vez por outra, ao serem convocados se fazem presentes, sem pestanejarem, usando disfarces necessários, de acordo com suas conveniências circunstanciais. Despeço-me de você, meu velho, para podermos continuar nossa caminhada de amor, às vezes pensando que nossos antepassados são como armazéns de material de construção: fornecem os artefatos para sermos o que somos. E quem sabe "Tata uami fukunuka", ou "Babá túndé"[6] (meu pai voltou), e esteja junto a mim e eu não consiga identificá-lo entre as minhas adoradas crias ... ?

2.1.3 Minha Mãe, A Escola E Os Costumes...

Minha mãe, como eu disse, tinha uma escola em casa. Uma escolinha para crianças. E foi ali que eu aprendi a ler. Eu fui aprendendo a ler porque eu não gostava de ver as crianças apanharem. Era o tempo da reguada. Mamãe tinha uma régua de um metro e meio que quando os meninos ou as meninas não sabiam determinados assuntos que ela ensinava, ensinava de novo e a criatura ficava meio dispersa, ela batia na coxa. Naquele tempo, menino não usava calça comprida. Neles, a régua chega estalava. Até aos 12 anos usava só calça curta. Tinha que pedir permissão ao pai, aliás, até os 12 anos não, até os 14 anos. Os meninos tinham que pedir permissão ao pai pra usar calça comprida. Já as meninas não usavam calça comprida nem por sonho.

Lembro que, quando eu tinha 12 anos, estudava na Escola Rotary de Olinda. Na turma tinha um menino chamado Bartolomeu, que era um "galalau", branco, de olhos verdes e protestante, que morava em Paulista. Tinha 14 anos e ia pra escola de calças curtas. Aqueles canelões que pareciam de girafa. Ele já falava grosso, mas o pai não deixava usar calça comprida.

Nos dias de hoje, se olharia como uma coisa retrograda, tal comportamento, mal-famaria o jovem. Mas temos que nos lembrar que "os valores sociais variam também e principalmente

---

[6] O primeiro termo é Kimbundo, uma das línguas de Angola; o segundo é em Yorubá,língua falada na Nigéria, e Benin. Termos que se aplicam quando pouco tempo apósa morte do pai, nasce uma criança. Se for menino, a crença é que o pai está de volta àfamília. Entre os yorubá, se morre a mãe e nasce uma menina, nomeia-se "Iyátundé (pron. tundê) (Nota do autor)

no espaço e no tempo em função de cada época, de cada geração, de cada sociedade" (OLIVEIRA, 2002, p.79), e muitas vezes de cada grupo religioso, visto que, nada disso: ideias, opiniões, regras, recebem avaliações contextuais para terem significados. Nada é visto ou avaliado isoladamente.

E eu comecei nessa brincadeira, no contexto da escolinha de mamãe terminei aprendendo a ler e com isso ensinando a quem não sabia. Pelo menos aos meus idênticos. Eu, aos cinco anos de idade ensinava às outras crianças que iam par a escola de mamãe, na *Carta de ABC* e na *Tabuada*. Tinham umas coisas bonitas que eu gostava. No final da cartilha, tinham umas coisas que eram assim: "Paulina mastigou pimenta/ Delfina comprava araçás... Nas páginas seguintes tinham as lições para as pessoas entenderem: "A preguiça é a chave da pobreza. Quem não ouve conselhos raras vezes acerta". E eu apendi e ensinava às outras crianças, pra elas não levarem reguadas, além de, junto com elas, absorvia os valores morais contidos nas lições, que foram valorosos para a minha formação. Principalmente como professor.

Eu ficava escondido debaixo da mesa. De vez em quando a régua passava pela minha orelha "Zap! Chega passava assoviando", quando mamãe descobria que eu estava "soprando", como dizia, ao repreender-me: "você está soprando pra os outros aquilo que eu perguntei e eles não sabem?" Deixe de ser intrometido.

Nessa época, morávamos no Fundão, na casa do meu tio. Meu tio, durante o dia trabalhava na Pernambuco Tramways and Power Company, que a gente chamava "Tramis e Pôver Companí", que hoje é Celpe[7]. De início, era no bairro de São José, Perto da estação do gasômetro, próximo ao Forte das Cinco Pontas, nas margens do rio Capibaribe. Existia também uma estação, em Santo Amaro, ao lado do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, ainda hoje existe uma favelinha chamada "Beco da Trami"; depois foi para o prédio que hoje é a Secretaria de Segurança Pública, na rua Princesa Izabel, esquina com rua da Aurora.

Meu tio, Tiago, comprou um terreno em Olinda, onde construimos uma casa, no Parque Bancrédito, perto do Jatobá. O local que todos chamavam Terreno do Banco, era por que pertencia ao Banco de Crédito Real de Minas Gerais, que até nos anos 1980 funcionou na

[7] A Neoenergia Pernambuco, não tinha este nome. Nasceu em 10 de fevereiro de 1965 como Companhia de Eletricidade de Pernambuco - Celpe. Foi criada a partir da fusão do Grupo Pernambuco Tramways e o Governo do Estado, com as funções desempenhadas pelo Departamento de Águas e Energia (DAE).

Praça Coronel João Lapa, no Varadouro, em Olinda. Hoje em dia depois de ser um cartório, é uma academia de ginásticas. Mas era uma agência do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, pertinho do Cinema do Varadouro, Cine Duarte Coelho, que hoje está desativado, mas neste local funciona a Sementeira da Prefeitura da Cidade, nesta gestão do prefeito Professor Lupércio, reeleito para o período de 2020 a 2024.

2.2 A MUDANÇA E AS ESCOLAS

Em 1958, com 6 anos, fui morar no terreno do Banco. O terreno, era uma área imensa, próximo ao que atualmente é a Vila de Ouro Preto, na subida ao lado da Escola Argentina Castelo Branco, na Rodovia PE-15. E ali, em Olinda, eu fui estudar. Ao completar sete anos, em 1960, minha mãe me botou na escola do município: Escola Reunidas Felipe Camarão, porque eu só completaria sete anos no final de dezembro de 1959. Como diz o ditado popular, "enquanto descansa, carrega pedra", fiquei estudando numa escolinha particular, de Dona Amara, a mulher de Seu Fernando, e que era perto da nossa casa.

Como era o começo do loteamento, havia poucas casas. A vizinhança era esparsa. Tivemos que fazer uma cerca com arame farpado, vigiar materiais de construção para evitar roubo, cavar barreiras ao redor e, principalmente, no quintal, cavar uma cacimba para ter água para o trato doméstico. Éramos crianças, eu e meu irmão, mas nossas mãos viviam cheias de calos. Nosso tio não dava moleza. Sábados e domingos eram para trabalharmos a fim de deixarmos a casa pronta. De início foi um tipo mista: taipa e tijolo. A taipa eram barrotes de madeira com cruzamentos de varas dentro e fora fazendo quadrados que preenchíamos com barro e cobríamos a madeira, solidificando as paredes. Como tínhamos muito barro ao redor, tínhamos que amassar o barro com os pés, para fazermos, também, tijolos manuais. Eram peças retangulares, moldados numa fôrma de madeira, que secavam ao sol, cobertos por um encerado lonas de cobrir carga de caminhão – que era pra não racharem se o sol batesse diretamente sobre eles. Pena não ter foto dessa casa antiga.

Seu Fernando, marido de Dona Amara, dona da escolinha que estudávamos, carregava água pra vender, numa jumenta. A jumenta tinha dois caçuás. Em cada caçuá, feito de tábua, cabiam duas latas, que o povo chamava: "lata de gás", mas às vezes eram latas de armazenar manteiga, como se conhece hoje. Gás, era querosene, pra alimentar os candeeiros e fazer fogo. É igualzinho ao tamanho da lata de botar manteiga, ou seja, quadrada. As quatro latas, cheias d'água nos caçuás, Seu Fernando levava às casas. O nome da jumenta era "Sua Mãe". E aí seu Fernando passava em frente das casas ordenando – umbora "Sua Mãe!"

Certo dia, Seu Fernando ia passando ao lado de nossa casa, aos gritos, quando minha mãe o indagou - "Ô Seu Fernando, que gritaria é essa?" Ele respondeu - "É Sua Mãe, Dona Benedita, que não quer andar". Lembro de minha mãe ter arregalado os olhos e dito: "O quê seu Fernando? Que liberdade é essa?". E seu Fernando, coçando a cabeça, com a mão debaixo dum boné "sebento" que ele usava, explicou, meio brincalhão, mas com cara de assustado: "Não, Dona Benedita, entenda: eu não sou homem de tirar liberdade com as minhas vizinhas. "Sua Mãe" é o nome da minha jumenta, da minha burra".

Mamãe ficou de mãos nos quartos olhando. E ele saiu chamando e puxando Sua Mãe, por ali afora. E ela, pra não dar ousadia, se virou rindo e disse: "esse Seu Fernando... que homem mais gaiato!"

Nesse trecho, podemos observar que, de acordo com o referencial metodológico da *Teoria do Posicionamento*, dentro de uma narrativa, os personagens representados recebem voz e individualidades, podendo ser reconhecidas, bem como o próprio narrador tem uma posição dentro dos personagens escolhidos para serem representados no que dizem, daí então "coisas podem ser feitas com qualquer ato semioticamente mediado, [...] as palavras, ou até mesmo outras modalidades de comunicação, podem tanto nomear ou significar algo quanto ser constitutivo de atuação, de desempenho, de ações" (BLOCK, 2015, p. 216).

Na narrativa acima, por exemplo, eu não passava de um mero expectador, visto que, "em conversa de gente grande, menino não se mete",[8] diziam os mais velhos. Eu como molequinho de rua conhecia as peripécias de Seu Fernando, mas não podia interferir. Principalmente sabendo que da parte dele era brincadeira e ele não se referia à minha avó.

Às vezes, eu fico pensando no que disse o meu orientador, o Professor Edilson Fernandes, quando me pediu que lesse sua tese, para compreender melhor os caminhos organizativos de minha escrita, por serem ambas teses (auto)biográficas. Respondi que tinha receio de ler para não correr o risco de imitá-lo. Ele riu, e disse que não me preocupasse porque, de minha parte, ele não via essa probabilidade. Mas era preciso que eu aprendesse alguns passos, que me facilitasse a tarefa de escrever uma tese (Auto)biográfica.

"Interrogando entrevistas de Histórias de vida: narrativas, entrevistas, identidades e teoria do posicionamento", escrito por David Block (2015, p. 211), observo a pertinência dos passos metodológico-organizativos que tomei como sugestão, da tese do Professor Edilson, como se estivesse em conversa com o professor David, apontando que as pesquisas de

[8] Dito popular muito conhecido no Nordeste, de cunho educativo, muito usado pelos (as) mais velhos(as).

narrativas de histórias de vida "são geralmente organizadas em torno de estágios específicos na vida do/a entrevistado/a, tais como a primeira infância, os primeiros anos na escola, o início da adolescência e assim por diante".(BLOCK, 2015, p. 211)

A primeira escola em que estudei foi o Escolas Reunidas (ou Grupo Escolar) Felipe Camarão, que era ao lado do pé de Jatobá. Um jatobazeiro ou jatobaeiro grande. Esse pé de jatobá deu nome ao bairro onde hoje eu moro: Bairro do Jatobá. Infelizmente o derrubaram depois de muitos anos. Parece que as pessoas não têm memória. Também derrubaram o Felipe Camarão. Até um dia desses, no local, era um armazém de material de construção. Demoliram o que foi uma das primeiras escolas desse bairro, aqui na Estrada de Paulista, hoje, PE-15, em Olinda.

Na Escolas Reunidas Felipe Camarão, minha professora chamava-se Lêda Maria Amorim Guimarães. Gordinha, bonita, uma branquinha, assim, tá e tê, ou seja: elegante, agradável e cheirosa.

Eu disse branquinha porque eu tive duas outras professoras negras, depois dela. Dona Lêda gostava muito de mim, de vez em quando me botava no colo. Foi com ela e por causa dela que, pela primeira vez, cantei em público. Eu tinha sete anos, ainda me lembro de ter cantado com um chapéu de palha, uma camisa quadriculada "de matuto", em uma festa de São João. Eu no meio de uma roda. A gente ensaiou muito pra isso. Uma roda de crianças, todo mundo vestido de "roupa de matuto", eu cantei uma música que é de Luiz Queiroga (1958), e cantada pelo Coronel Ludugero. Ainda me lembro:

> Olê Laurindo / Eu vou tirar uma laranja. /Olê Laurindo / Uma laranja eu vou tirar / Olê Laurindo / Cavaleiro tire dama, cavaleiro rode a dama/ E bote a dama em seu lugar / Olê Laurindo / Eu só não solto é busca-pé / Olê Laurindo / Nessas noites de São João /Só porque numa festança, eu atirei um busca-pé / e papocou na minha mão./ tanranran taranran tchen tchen tchen .../ Olê Laurindo / O Duda Chaga diz queé brabo / O Duda Chaga é valentão / Olê Laurindo / Mas um dia falou fino / E correuque só menino / Quando viu o Lampião[...].(Luiz Queiroga, Grav.Mocambo,1959, s.p)

Todo mundo cantando e eu ali, no meio da roda, tinha que cantar e gesticular. Foi a primeira vez que me apresentei cantando. Eu tremia que só vara verde. Mamãe olhando, toda orgulhosa, e Dona Leda também. Todo mundo bateu palmas... aquela coisa toda ... Dona Leda tinha muito orgulho de mim, porque eu já entrei na escola lendo o livro *Vamos Estudar*, primeira

série e primeira edição, de Teobaldo de Miranda Santos. Minha escola era municipal. Eu estudei lá, primeira série. Na segunda série eu fui estudar na "Escola do Quartel 7º RO": Escola Marechal Floriano Peixoto.

Naquele tempo, no Terreno do Banco, não tinha água encanada. Quem quisesse água em casa, ou cavava uma cacimba em seu terreno, ou, não tendo dinheiro para pagar aos que carregavam "água de ganho", enfrentava uma fila de uns duzentos metros, conduzindo suas latas e baldes para encher com a água que escorria, dia e noite, através de um cano que saia de um buraco no muro do Quartel do 7º RO, na "Estrada de Paulista". Só a vila militar, que era em frente ao quartel, tinha água encanada.

Para apanhar água do cano do quartel ia gente de todo lugar: dos altos, das invasões, das favelas ... A água dava pra todos. Quem não quizesse enfrentar fila grande, que fosse de noite ou de madrugada buscar água. Quando acontecia alguma "baixaria", tabefe ou briga séria, sempre aparecia um soldado para apaziguar e manter a ordem.

Então, eu estudei na casa de Dona Amara, para, como dizia minha avó,"desarnar"[9]. E depois, minha mãe dizia: "ele já está desarnado". Depois foi que eu descobri (depois de velho), que "desarnado" é uma corruptela. A palavra real seria desasnar, ou seja, o menino está deixando de ser asno. Está "desajumentado", vamos dizer.

Mas eu não sei porque saí do Felipe Camarão. Eu nunca soube, mas continuei vendo Dona Lêda. Minha mãe chegou a ser lavadeira da casa dela. Eu fui estudar depois dentro do quartel. A gente morava perto do Quartel do 7º RO, que era o quartel do 7º Regimento de Obuses. Eu me lembro que todos deixaram de estudar na escola de dentro do quartel, que era a Escola Marechal Floriano Peixoto.

A gente comia na hora do recreio junto com os soldados, dentro do rancho, no quartel. Mas em 1964 a escola foi desativada. Eu acho que era porque, como o coronel Ivan Ruy era o comandante do Sétimo Regimento de Obuses- 7º RO, e foi ele um dos que foram prender o Governador Miguel Arraes e o Prefeito do Recife, Pelópidas Silveira, e conduzí-los para o Décimo quarto Regimento de Infantaria – 14 RI , onde permaneceram até serem enviadospara a prisão da Ilha de Fernando de Noronha. Lá, por muito tempo, era o local onde ficavam presos os elementos perigosos, para a sociedade local e, desta feita, para o País.

Se não estou enganado, seis meses depois construíram, na Estrada de Paulista, hoje,

---

[9] Forma popular de dizer que a criança está se apropriando do conhecimento, deixandode ser umasno, um jumento, "desasnando".

PE15, pegadinho ao muro do quartel, a Escola Estadual Argentina Castelo Branco, que era o nome da esposa do primeiro presidente do Brasil, por ocasião da intentona de 1964 - que o povo foi induzido a chamar de revolução - o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Na verdade, foi uma quartelada, um golpe civil-militar. O presidente Humberto de Alencar Castello Branco, o cearense, foi apelidado "pescocinho" – tinha o pescoço enterrado no corpo e a cabeça quadrada – Como Argentina era sua mulher, botaram o nome dela na escola oriunda do quartel.

Hoje em dia, a Escola Estadual Marechal Floriano Peixoto, que era dentro do quartel, está situada mais em cima, na segunda entrada para a vila de Ouro Preto. Está funcionando tranquilamente, mas quando eu falo desses fatos de 1964, as pessoas ficam achando esquisito. Eles não sabem ou desconhecem os detalhes e desdobramentos dessas histórias. Esses desdobramentos, decisões e detalhes históricos não são discutidas nem conversadas nas aulas dos colégios.

Aliás, não é comum se ter conhecimento da história das instituições escolares: quando foram criadas, sob que políticas de ensino, os significados dos nomes de seus patronos, por quais mudanças de política de ensino passaram e, sobretudo, como as respctivas trajetórias institucionais ajudam a compreender quem foram seus alunos, professores e demais servidores. Depois de estudar na escola do quartel, eu fui para a Escola Rotary de Olinda, quase em frente ao Campo do V8 um time de futebol, hoje, nome de uma das favelas mais brabas da zona Sul de Olinda. Estudei lá 3ª e 4ª séries. Escola Rotary, lá encostadinha ao Campo do V-8. Onde tinha um cano, que atravessava a maré e ia bater na Vila Popular, ao lado da Estrada de São Benedito, que atravessa o bairro dos peixinhos, segundo maior colégio eleitoral de Olinda, hoje Avenida Presidente Kennedy, que começa no Complexo de Salgadinho, na entrada da cidade. Escola, no tempo, muito boa, muito interessante. E a diretora chamava-se Maria Elba deAndrade Galvão. Muito carinhosa também, para comigo. E minha professora, desta feita, era uma negra: Dona Maria da Saúde Cruz da Silva.

Dona Saúde, como chamávamos, tinha sido colega de minha mãe na Escola Profissional Feminina, que depois de muitos anos virou Escola Normal Pinto Júnior, no centro da cidade do Recife: Riachuelo, Esquina com rua do Sossêgo, e Dona Maria da Saúde, sabia Francês e falava muito bem. Ela dizia "Em francês, meu nome é "Marie de La Santé" ... olha!

Dona Saúde era uma pessoa boa, mas também muito rígida, só diferia de minha mãe porque mamãe sorria muito, e ela não. Ela era assim, em matéria de tratar o alunato para as questões de educação. Eu me lembro que quando a gente fazia alguma besteira por lá, ela dizia: "vou dizer a Benedita. Pra fazer queixa da gente à nossa mãe.

Eu me lembro que meu irmão um dia (risos)... ela escrevendo no quadro, ia escrever

bilhete e escreveu “bilhe...”. Esqueceu do tê é té, e meu irmão, falando fino, fez uma balbúrdia na sala de aula: (fala em falsete) “bilhêêê, bilhêê”, e a kambada fez aquela anarquia toda Aí, ela botou tudinho de castigo. Ninguém sairia pra lanchar, nem brincar no recreio. Nós tivemos que escrever 100 vezes, em nossos cadernos: “eu devo ser bem educado, eu devo ser bem educado”. E aí, quando a gente terminou de escrever, as 100 vezes, ela disse: “agora vamos continuar escrevendo. A frase seguinte é: e respeitar as minhas professoras. Mais 100 vezes” Ah ah ah ah ah.

A mão já estava doída de tanto escrever, e Dona Maria da Saúde ainda mandou chamara mãe de todos, inclusive, minha mãe. Fez queixa do meu irmão, que fez o levante, né? E minha mãe deu uns puxavantes de orelhas no meu irmão, na porta da sala de aula, e em casa o botou de castigo de novo. E eu, era mais ou menos “um aluno bom”. Eu sempre gostei de estudar. Sabia muito Geografia. Gostava muito de Geografia e História.

Como vimos acima, “o controle e o diretivismo do comportamento humano são considerados como inquestionáveis” (MIZUKAMI, 1986, p.25). Logo, as penalidades impostas por Dona Saúde, a reguada que minha mãe desferia sobre a coxa do menino e/ou da menina, quando não prestavam a devida atenção, ou não estavam aprendendo algo, estava correta, uma vez que, ainda era reforçado pelo pai e/ou mãe, como atitude exemplar da professora, ou do professor frente a quem com ele estudava pois este ou esta tinha “seu papel nesse planejamento sócio-cultural, que é ser passivo e respondente ao que dele é esperado” (Op.cit, p.25). Pensamento que vigorou até o final da década de 1970, no Brasil.

Dentro das abordagens do processo educativo, na década de 1960, a abordagem comportamentalista estava com toda bola. Essa abordagem tem como característica primar pelo objeto (empirismo). Dentro dessa abordagem, Mizukami (1986) conceitua o conhecimento como uma “descoberta”, como algo novo para quem executa tal façanha. Mas como o sujeito é considerado sempre em formação pelos acontecimentos do meio em que vive, a coisa que foi descoberta não passa de algo que já se achava na realidade fora do indivíduo.

Trocando em miúdos, nesse caso, o conhecimento não passa de algo diretamente ligado à experiência dos organismos. Em razão disso, o planejamento da experienciação passaa ser considerado pelo positivismo lógico, como a plataforma de sustentação do conhecimento (MIZUKAMI, 1986, p. 25).

Me lembro que eu sempre acertava as perguntas sobre capitais dos Estados do Brasil. Um certo dia, estávamos estudando os Estados e suas capitais. Eu comecei a falar, sobre o assunto e ela (Dona Saúde) mandou parar. E rapidamente pulou para outra pessoa, e a mesma não sabia qual era a capital do Espírito Santo. Silêncio total na sala. A todo mundo que ela

perguntava, não sabia. Quem acertasse ganharia 100. Naquele tempo não era 10. Aí eu entrei e disse: “Vitória”. Aí todo mundo bateu palmas. Estava certo. E eu, enquadrado, “enredondado” dentro do que era esperado pelo sistema: tem que saber, mesmo que seja decorado.

Também foi lá na Escola Rotary que eu junto com os outros meninos, aprontamos algumas peripécias. Tinha uma menina chamada Hozana, que era a tal. Sua cara era sardenta e era afilhada de Dona Saúde. Amarela que só. Era grandona e ricaça.

A gente, tudo favelado, né? Eu era da turma dos que moravam no Terreno do Banco, perto da Capelinha de N.Sra. Aparecida e no Jatobá. Eu, meu irmão, Pacotí (Eduardo), Diva... a gente ia a pé. A escola Rotary, é no bairro do Varadouro. Dá, mais ou menos, meia légua (3 Km). A gente saía do Terreno do Banco, colado ao Jatobá, na beira da PE-15, depois do 7º RO, e chegava ao Varadouro suado que só não sei o quê, no sol do meio dia. Mas era muito importante, chovendo ou fazendo sol, irmos para a aula. Como dizia minha mãe, tínhamos que “aprender a ser gente, não quero que mais tarde virem burro-sem-rabo, puxando carroça na rua”.

Quando chegávamos à escola, já estávamos com fome de novo. Para o lanche a gente levava uma banana. Aquela banana preta, enrolada num pedaço de saco plástico. A gente não tinha isso de comida fina. Já Hozana, nossa colega de sala, de olhos verdes e afilhada da professora, tinha pão com queijo e biscoitos. Aquele biscoito champagne, ela levava pro lanche envolvido num gurdanapo. E a gente só via, em casa, quando estava doente, ou em tempos de Natal. E o que é que a gente fez? Nós maloqueiros - os meninos, “os cão” - roubamos o lanche de Hozana: o pão com queijo e as coisas lá, e botamos no lugar, as duas bananas pretas para Hozana comer. Ela ficou muito “puta da vida”, mas não sabia quem era. Dona Saúde virou uma fera. Como ninguém se acusava, nem acusava ninguém até hoje ninguém sabe quem comeu o “lanche fino” de Hozana.

Nos dias de sábado, às vezes a gente ia jogar bola no Rotary, como chamávamos... A escola estava fechada. A gente pulava o muro. Geralmente estava sem vigia. Não tinha essa história de vigia, de dia. Vigia só de noite. De tarde, ou de manhã, a gente ia jogar com bola de pano, bola de meia. Pegava uma meia velha, da mãe, enchia de “mulambo”, fazia aquela bola e ficava jogando....

Eu me lembro que teve um dia, que a gente jogando bola, o cabra deu uma tumba –que é um chute muito forte - e pegou no filtro. A escola tinha em seu terraço-pátio, alguns filtros de barro para bebermos água. Quebrou o filtro. Foi água ´pra todo lado, junto com os“cacos”. Os pedaços do filtro. A gente pulou o muro de volta e se dispersou. No outro dia estava a maior confusão. “Os maloqueiros quebraram o filtro da escola. Mas acho que até hoje, ninguém sabe quem foi. Foram os “maloqueiros do Beco do Lixo” que quebraram o filtro. Eu a essa altura já

estava morando no Beco, hoje, Rua Coronel Nelson Guedes. Em relação ao novo nome da rua, alguns moradores de lá dizem: “duvido que ninguém aqui saibaquem foi esse corno. ah ah ah” Na quinta série eu fui estudar na Escola Dona Brites de Albuquerque[10], no Bairro Novo,também em Olinda, perto da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Passei pouco tempo. Era distante e muito contramão para meu deslocamento. Por essa razão, mamãe arranjou uma vagano Grupo Escolar Duarte Coelho, lembro que foi assim. Aliás, voltando ao Floriano Peixoto: adiretora era Dona Neusa Rangel. E tinha duas professoras que eu gostava muito: Dona Ení (outra negra) e Dona Miriam. Foi daí que eu fui estudar no Brites. De lá, não lembro de nenhumaprofessora, mas lembro bem que fui para o Duarte Coelho. Eu já tinha cursado a quarta série, passei para a quinta e fui estudar lá.

No Duarte Coelho a minha professora chamava-se Maria Rosalina Cruz da Silva, outra gordinha maravilhosa que me ensinava muito. Foi lá que eu comecei a aprender música. Havia canto orfeônico. Ainda me lembro do nome do professor. Um gordo alto, com cara dos tenores, que hoje se vêm na televisão, de nome Bazza Baccoquebas. A minha professora era Dona Rosalina, mas Dona Miriam, aquela lá do Floriano, que era uma pessoa maravilhosa, também ensinava lá.

Minha mãe, nesse interim, tornou-se lavadeira de Dona Elba, que era a diretora do Rotary, e de seu Limpinho, que era o marido dela. O verdadeiro nome era Olímpio. Eu me lembro quando ia levar a roupa de Dona Elba. No sábado, botava a trouxa de roupa na cabeça e ia. Minha mãe tornou-se lavadeira definitivamente. Assim, podia tomar conta de nós e da casa. Não queria nos deixar soltos, ao léu, dizia ela. Quando a roupa era demais para que carregasse sozinho, mamãe dividia a quantidade e íamos eu e ela.

Dona Elba morava no Bairro Novo, em Olinda, que era o lugar dos ricos. Não existia, ainda, Casa Caiada em Olinda. E aí foi quando eu fui para o Duarte Coelho. Nesse Grupo Escolar, eu fiz a quinta série, depois da quinta série, que não era igual a hoje, tinha o exame de admissão ao primeiro ano ginasial. Era quinta série mesmo.

Lembro que eu vestia aquela blusa branca – blusa não, que era coisa de menina - a camisa branca, com as divisas no braço esquerdo, na manga da camisa. Eu tinha cinco divisas. Vixe Maria! Que coisa bonita! Aquelas divisas bordadas em ponto cheio, que mamãe era bordadeira e mamãe me ensinou a bordar também – aquelas 5 divisas no meu braço, eu exibia com muito

[10] Dona Brites de Albuquerque foi a esposa de Duarte Coelho Pereira, donatário da Capitania de Pernambuco e fundador daCidadade de Olinda em 12 de março de 1535.

orgulho. Quando eu passava só faltava esfregar na cara do povo, pra dizer que eu era 5ª série.

E eu fiz exame de admissão ao ginásio. Naquele tempo era igual a um vestibular. O cara na quinta série fazia, no final do ano, exame de admissão. Quem passasse entrava no primeiro ano ginasial. E eu passei no EXAME DE ADMISSÃO, para o melhor colégio estadualde toda a cidade, não é? Foi muita alegria...lá em casa eu fui muito aclamado por minha mãe –que boatou logo na vizinhança – e meu tio também, porque eu passei para o primeiro ano ginasial....
No prédio do Duarte Coelho, onde funcionava também o Colégio Estadual de Olinda naparte da tarde, no começo das aulas, tive uma grande surpresa: encontrei uma pessoa muito querida: Barreto Guimarães. Ele estava visitando o Duarte Coelho. O famoso Professor Barreto,que tinha sido prefeito de Olinda, e no momento era Vice-Governador de Pernambuco.

O motivo de sua visita, soube depois, foi sondar as condições de deliberar a construção, no Terreno vizinho ao grupo escolar, das dependências do famoso Ginásio Estadual olindense, uma vez que o Duarte Coelho tinha ficado pequeno para comportar a demanda de estudantes querendo se matricular e faltava espaço. Mas vou contar o motivo da surpresa.

2.2.1 Um Drama Na Arena, Ou Tragédia No V-8 ?

Quando eu estudava na Escola Rotary de Olinda, junto ao campo do V-8, certo dia Dona Elba, a diretora, me chamou da sala de aula, para me apresentar ao Prefeito Barreto Guimarães, que também era rotaryano. Ela queria me "exibir" como um dos alunos que sabia das coisas. "Esse pretinho daqui é muito sabido e inteligente!" - disse ela. É filho da minha lavadeira, que também é muito inteligente.

No tempo, eu não tinha idéia dessa imagem que ganha o status de pitoresca, o fato de uma criança negra ser estudiosa. O feito é passado pelos não-negros à sociedade a ponto de receber logo o rótulo de "negrinho ou negrinha sabida", a criança negra que se destaca por sua inteligência e gosto pelo estudo, uma vez que é, para eles, "natural" um branco ter essas qualidades.

Ainda hoje eu me emociono com a lembrança. Eu era franzino e pequeno E Barreto Guimarães, com aquele seu costumeiro terno de linho branco, bem engomado e sapato preto lustroso, parecendo um espelho, me puxou para perto dele, na diretoria, sentou-se na cadeira Gerdau, em frente à diretora, me botou sentado em sua perna. Ele era um homem grandão de quase dois metros de altura, quase assim. Aquele homem forte, que falava muito grosso e fazia discursos maravilhosos, pediu para o seu fotógrafo bater uma fotografia. É, o neguinho da favela, sentado na perna de Barreto Guimarães, o Prefeito de Olinda.

Para mim é uma lembrança muito positiva, de muito orgulho enquanto criança negra, ser reconhecido como inteligente, tanto pela direção da escola, quanto pelo eminente e admirado político de sua época, que despojadamente, coloca um menino pra sentar sobre o linho, no mínimo Braspérola, branco. O menino sendo preto.

Sei da idoneidade do saudoso professor José Antônio Barreto Guimarães, estudei e joguei futebol de salão com seus filhos – Barretinho e Sérgio –que ele fez questão de matricular no colégio que ele como vice-governador, mandou construir o prédio e a quadra de esportes, que até hoje existe, dando, já na época, um bom exemplo. Populista, mas foi.

Mas hoje posso, também, fazer uma outra análise dos fatos, desta feita, de cunho político. Afinal, tratava-se de um político pertencente à Aliança Renovadora NacionalARENA,partido do Governo da época, 1965, o partido do poder, do braço de ferro, da mão de aço, da decisão sobre a vida e a morte, e que só tinha como forte oposição o Movimento Democrático Brasileiro – MDB, que no tempo, tinha vergonha na cara.

Nos dias de hoje, Deus, se fosse de seu partido, do Professor Barreto, que o protegesse! A oposição teria um "prato cheio", para coloca-lo na berlinda. Primeiro, o acusaria de aproveitador dos fracos e oprimidos, usando-os como bandeira de campanha política, já pensando no futuro. Depois, por esta campanha estar sendo, de maneira subliminar, sendo feita dentro das escolas; e em terceiro lugar, era possível que trouxessem à baila uma insinuação de imoralidade, e/ou sedução, diante da vulnerabilidade de menores, pretos e pobres – com a conivência da diretora - ao colocar um garoto pré-adolescente negro, como eu, de 12 anos, sentado em sua perna sem possuir com o mesmo nenhuma relação de parentesco, como o fez na Escola Rotary.

A tragédia estaria pronta a partir do V-8, com inquérito aberto, perda de mandato pelo prefeito, do cargo pela diretora, desassossego total na vida da criança e de sua família: mudança de bairro, perda do ano escolar, perseguição de repórteres; proteção por parte do Estado ou sumiço para resguardar a honra do mais forte, além de difamações e estigma duplicado que sofreria por parte da vizinhança da favela, que não deixa nada passar em branco, principalmente se for preto.

Barreto Guimarães era da Arena, partido do governo, em 1964. Os professores do Estado, no tempo, diziam uma piada em relação a ele. A mesma que se diz em relação ao Professor Lupércio, o atual Prefeito de Olinda, em pleno 2021.... "Esse é igual a Barreto Guimarães": aluno de Professor Barreto era igual pé de cobra, quem visse morria. Ele era chamado de Professor Barreto, sabia, como ninguém Língua Portuguesa, fazia excelentes

discursos, escreveu vários livros, mas as pessoas não conheciam ninguém que tivesse sido aluno dele. Engraçado, para não dizer tragicômico.

Eu passei para o primeiro ano ginasial do Colégio Estadual de Olinda, onde comecei minha vida de ginasiando, só saindo de lá para a UFPE, quando terminei o curso científico lembro que, num dia como esse, 26 de outubro, em 1996, quando estou a escrever estas memórias, agonizava em coma, no Hospital do Exercito, no Parque 13 de Maio, em Recife, Dona Maria Benedita Tiago Correia, minha mãe, vítima de um acidente vascular cerebral ...

Pois é ... Quarta-feira 1º de julho de 2020. É, eu estava aqui estudando Velandia Mora e parei. E parei chorando feito uma vaca, porque uma amiga, mãe de uma menina que me adotou como pai aos 27 anos, embora o pai dela esteja vivo, me enviou um vídeo que acertou na veia. Eu sou assim: as pessoas me adotam como pai – um bocado de gente – e eu aceito essa posição de alguns e de algumas e viro pai mesmo: de ficar, de cuidar, de estar perto, de chorar junto, de cuidar das mães, de ouvir. Também de conversar, de contar coisas minhas também e ... ela me mandou um vídeo d'um camarada lá de perto de Tamandaré – uma das praias do litoral sul de Pernambuco - que é padre. Padre Arlindo

No vídeo ele fala de seu Arlindo, o pai dele. O véio queria que ele fosse para uma banca de revista trabalhar, fosse um comerciante de revistas e jornais, mas ele queria era ser padre mesmo. E o velho o botou pra fora de casa. Ele foi embora, mas comia em casa, escondidoquando o véio ia para a barraca beber. Todos os dias, assim que o pai saía pra tomar cachaça Ele ia pra casa, e lá a mãe dele botava comida e ele comia.

Um certo dia em que ele estava almoçando às pressas, o "véio" voltou mais cedo da barraca e o encontrou. O véio era daquele rígido. Era daquele tipo que, se a mulher não botasse a toalha dele no banheiro, ele não tomava banho; e se a mulher não botasse a comida no prato, ele também não comia mas como eu dizia, de repente o véio chegou e ele comendo, olhou assim, assustado, com a colher na mão e disse: "bença papai! E o velho disse: "Deus te abençoe meu nego! Quer que eu faça um suco de laranja pra você?" (Começo a chorar. 5 segundos).

Agora, transcrevendo a narrativa vejo que meu choro, não foi atoa, nem por nada. Eu me lembrei que eu nunca tive pai pra me oferecer nada. Isso não quer dizer que a minha mãe não era maravilhosa Estou falando de pai.

Mas por que eu estou agora falando disso e comecei a chorar com saudade de Seu Luiz ... (choro) um velho lá de Iati[11]? Briguento e ao mesmo tempo sensível, místico, cheio de livros

[11] Iatí, cidade do agreste pernambucano, a 282 km do Recife, a capital do Estado. Fundada em 1964.

de bruxaria e, que, eu só vi uma vez. Passou umas cinco horas conversando comigo, dando risadas. Ele é avô da menina que aos vinte e sete anos me adotou como pai, e hoje já tem 36 anos. Estávamos na casa em que ela morava com a mãe, no bairro da Imbiribeira.

Ela, a menina-moça, trabalha no Banco do Brasil e continua tomando conta da minha conta bancária, "fazendo" meu Imposto de Renda, e ... se for alí na esquina me diz, entende? Eu fiquei chorando (choro de novo) com saudades de Seu Luiz, da atenção que ele me deu e ... já faz uns anos, faz uns 4 anos que eu o vi, 2017. Já estamos em 2021 e não o vi mais.
E foi justamente, a filha dele, que é mãe dessa menina, quem me mandou esse vídeo pelo WhatsApp, e eu parei de estudar (fungando) porque não aguentei. Coisa estranha, não é?

Coisa estranha, justamente quando Velândia diz que:

> o ser humano não está só, e que as relações que ele traça na vida, são educativas porque ele, à proporção que se inter-relaciona, vai tendo emoções que emergem (funga) e faz dele aquele que se afasta, aquele que se achega e aquele que constrói ao longo de seu viver as suas relações pessoais, grupais e modifica. Ao mesmo tempo ele vai modificando a sociedade. Como ele não é sozinho, ele vai modificando a sociedade à proporção que ele vive por conta dessas relações (MORA, 2010, p.07).

Eu estou vendo que antes de modificar a sociedade esse ser humano vai é se modificando educativamente. Isso é um trabalho educativo, porque esse ser se educa à proporção que ele vive as relações mais naturais, que são as relações com os vários grupos, com as várias instituições: família, Igreja, escola ... sei lá. Esse bando de coisas.

Saudade de Seu Luiz! Engraçado. E o camarada do vídeo, o que foi botado pra fora de casa, hoje, é padre lá em Tamandaré, no Litoral, Sul de Pernambuco, falando: "que saudade de seu Arlindo!" Aí, vendo isso eu também me lembrei: que saudade de Seu Luiz! Não sei. Eu posso dizer que não sei porque. Mas esse bando de justificativas, eu não sei se consegue alcançar essa saudade de Seu Luiz. Só isso.

Hoje, nesta hora, 23:49 do dia 12 de janeiro de 2023, voltam-me a cair lágrimas dos olhos porque eu percebo como muito engraçado, o fato de que: meu pai se chamava José LUIZ!! Mas já se passaram dois anos e meio. Este assunto já se esgotou, diriam os de visão estruturalista que analisam textos até a exaustão. Mas as histórias de vida não se reduzem ao texto estudado e analisado como se faz com um documento, exaustivamente. No trabalho (auto)biográfico, o sujeito é categorizado como "um espaço de enunciação, em que os elementos pertinentes vao se desenhando na medida da relação dos relatos com seus contextos" (ABRAHÃO, in- PASSEGGI, 2010, p.56).

Conversando com meu orientador perguntamos um ao outro: será que estava buscando meu pai, ou eu estava em busca de mim mesmo, a partir desse "Eu" idêntico que é aminha parte vulnerável que se encontra com as vulnerabilidades dos outros "eus" que formam essa massa de negros, inicialmente composta por crianças, mulheres, homens enlouquecidos e bêbados, homossexuais, todos e todas sem pontos de apoio, ou garantia de que um dia poderão ser contentes sem medo da orfandade, uma vez que plenos de convicção de ser todos, já estarão identificados idênticos, e não precisam mais de "um" como garantia?

Bem, acho que delirei, mas a (auto)biografia está me sabendo a um mergulho no inconsciente de Freud, na tentativa de educar-me em busca de encontrar-me, não colapsado como Nietzsche e podendo dizer Ecce Homo, me tornando verdadeiramente o que sou. Isso é um processo educativo, mediado por várias vertentes, como aprende por meio das estradas, o retirante. Só espero que os que me testemunham nunca me permitam viver por mim mesmo.

2.2.2 Eu Retirante – Em Busca Do Meu "Eu" Idêntico.

Estou de volta, hoje, dia 18 de agosto de 2020, relendo o artigo do professor Edilson Fernandes, para melhor fazer a história da minha autobiografia, onde o mesmo diz que "o que está chamando de autonarrativa é a fala gravada, compromissada da memória, na busca de suas lembranças, de fatos e experiências da vida escolar e acadêmica, nas artes e na política", (SOUZA, E. F., 2020, p.6) entrelaçados com outras pessoas de suas amizades até no campo profissional.

Mas hoje, amanheci me lembrando de coisas de quando saí da casa de meu tio, onde morávamos: eu minha mãe, minha avó e meu irmão, e depois a minha prima. A gente andou pelo mundo a esmo. Ficamos sem casa de início, depois de estar na casa de meu tio, no Terreno do Banco, e aquela coisa toda; e as brigas de minha avó, porque a mulher de meu tio, num domingo de noite, em que ele não estava em casa, pois trabalhava na Mercearia e Bar Acadêmico, ela em vez de fazer uma janta decente, fez como fazia em algumas noites da semana: pegava bacalhau, assava na brasa e servia com farofa de farinha branca, água e sal, para a gente comer, só pra esconder as outras comidas.

Minha avó ficava indignada. Principalmente porque meu tio não era mesquinho, e isso era para desfazer dela (minha avó), ademais, num tempo em que bacalhau era pra quem estivesse em petição de miséria, morrendo de fome. Final dos anos 1950, melhor dizendo 1959. Mãe-vó – era assim que chamávamos - foi fazer queixa a meu tio. Ele deu um esbregue em Dona Maria Luiza, que ficou muito zangada. Minha mãe para não ver minha avó contrariada,

um certo dia, fez feito cachorra quando quer salvar as crias: botou a todos nós “nos dentes” – como dizia ela – e nos levou pro meio do mundo.

Não tínhamos muito lugar para ir, então fomos bater na casa de Esther, uma amiga de minha mãe que morava em Gameleira... Bem, eu não sei bem se foi pra lá pra esse lugar, que é no interior de Pernambuco, na Zona da Mata, ou fomos pra casa dela, que era de Gameleira. Eu não me lembro bem como é que era, mas só sei que era uma casa grande, bonita, arborizada, cheia de pés de uma frutinha de um azedume gostoso. Mamãe disse que eram ubaias.

A gente dormia no chão em colchões e uns papelões forrados com lençóis. Lá fazia frio e tinha uns lençóis de feltro. Passamos uns dias e depois fomos embora. Parecíamos um bando de retirantes: sacolas, as roupas embrulhadas em jornais e ficávamos de casa em casa, até que mamãe encontrou um lugar para a gente ir morar.

Fomos morar na Mangabeira. Mangabeira de Baixo, perto de Casa Amarela. Eu me lembro que minha mãe alugou um quartinho, num correr de quarto, né? Dessa vez ela assumiu a função de lavadeira mesmo. Tinha umas três lavagens de roupa, pra poder, além de pagar o quartinho para morarmos, comprar comida. Era muito louco, porque tinha dias que a gente não tinha nada pra comer.

2.2.3 Reencontrando Meu Tio

E a gente ficou ali, naquele quartinho da Mangabeira, até o dia em que meu tio saiu feito um louco, de bicicleta *Rallig*, procurando a gente porque não sabia onde a gente andava e, principalmente, carregando a mãe dele. Conduziu de volta a todos para o terreno do Banco. Tinha se separado de Maria Luiza, que tinha sido uma garçonete da Mercearia e Bar Acadêmico, onde ele trabalhava à noite, lá ele se engraçou dela e a levou para casa, mas ela havia deixado os familiares dele passando fome.

Ele ia trabalhar e não sabia que dona Maria Luiza botava a mãe dele, a irmã e os sobrinhos, pra comer farofa de água e sal com bacalhau assado na brasa, pra não gastar a comida boa que tinha lá dentro: carne, galinha e ... essa coisa toda. Ele convenceu minha mãe, aí a gente voltou pro Terreno do Banco, para a casa dele que, a essa altura, estava sem nenhuma mulher. Meu tio foi “casado” oito vezes, teve oito mulheres (risada).... eu conto o resto no próximo episódio. Hoje é dia 24 de setembro, são 18 horas e 22 minutos.

2.2.4 Igual Às Amas-De-Leite

Minha mãe foi bordadeira da casa de Jayme da Fonte. O grande dono da Farmácia, Maternidade e Hospital que leva seu nome, no Bairro das Graças, uma das partes onde moram os abastados, do Recife. Minha mãe foi bordadeira profissional antes de casar com meu pai. Ela bordou a primeira toalha de étamine do Palácio do Governo de Pernambuco, por volta do ano 1933, aos 15 anos de idade.

E pensar que aquela mulher das mãos finas que seguravam o dedal e o bastidor, nos anos 1940, e no final dos anos 1950 passaria a carregar baldes pesados com água para lavar roupas alheias, torcer tecidos de todas as qualidades e ainda, voltar à casa onde bordou o enxoval do casamento dos nubentes, para trocar um serviço de faxina por restos de alimentos, para saciar a fome de sua velha mãe e seus dois filhos...

Sim, trabalhou e viu crescer os filhos da família Meira Lins da Fonte, hoje proprietários de concessionárias automobilísticas, fábricas de produtos de limpeza, e hospitais. Quando Dr. Jayme só possuía a farmácia, atrás desta havia uma fabrica clandestina de sabão, que pertenceu, segundo ela, a Dr. José do Rego Monteiro, com o qual também trabalhou.

Por sua inteligência, recebeu um convite para ser caixa da farmácia Jayme da Fonte, mas não aceitou. Segundo ela: “Como eu negra vou ser caixa de uma farmácia, nas Graças?” Em sua mente, a farmácia poderia ir à falência. Quem iria entrar na farmácia, se tinha uma negra no caixa? Não! De jeito nenhum. Se falissem ela seria culpabilizada.

Isso é o que se chama em psicologia de auto-rejeição. O bombardeio sofrido pela pessoa negra, oriundo do racismo estrutural, conduz esta pessoa a culpabilizar seu corpo pelas desditas e contratempos recebidos na vida, muitas vezes até chegando ao estado de loucura e/ou ao suicídio. O negro chega a incorporar essa inferioridade sugerida pelo racismo. Foi o questionamento sobre esse estado de coisas e as leituras e debates sobre o sofrimento do povo escravizado, depois de sequestrado de suas terras na África, que me conduziu ao Movimento Negro. Eu queria conhecer mais. Estava cnasado de discriminação e ser sozinho.

2.2.5 Movimento Negro Educou Mãe E Filho

Só depois que entrei para o Movimento Negro, fui estudar Psicologia e, por necessidade, li Neuza Santos, *Tornar-se Negro*, li Leandro de Lajonquière, *De Piajet a Freud: A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber*, li Monique Augras, *O Ser da Compreensão:* Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico, tudo isso para tentar compreender o que se passava na cabeça de minha mãe. E não cheguei muito longe, a não ser organizar dentro de mim as perguntas que, talvez, sejam a causa de eu estar escrevendo isso que estou, esta tese: "Como é que ela conseguiu fazer com que eu não chegasse a pensar do mesmo jeito que ela pensou?" Será que ela enquanto "régua e compasso" foi a grande construtora do grande palco para este "Eu", respeitável público?

O máximo que posso tecer são "chavões" em torno do pensar que ela possuía uma baixa autoestima, altos "arranhões" na auto-imagem e como o racismo, que até hoje perdura no Brasil, conseguiu conduzí-la a uma crise de auto-rejeição, como à maioria das pessoas negras.

Observo que ela aceitava ficar na surdina, ficar lá atrás, nos porões da fábrica clandestina de sabão. Só não aceitava ficar no caixa, porque sua imagem poderia afastar, espantar os clientes. Mas foi ela quem bordou todo o enxoval de dona Creuza Meira Lins, para que pudesse tornar-se uma da Fonte, ao casar-se com Dr. Jayme. Era bordadeira formada pela Escola Profissional Feminina, no Recife

Depois que se casou, deixou a função de bordar na casa dos supracitados, mas sempre visitava a família. Eu lembro que nesse quartinho que ela alugou, quando faltava comida e já não tinha outro jeito, ela dizia assim: "eu vou à casa de Dr Jayme da Fonte, fazer lá alguma coisa e ver se Dona Carlita ou dona Creuza (Dona Carlita era a mãe de Dona Creuza), me dá alguma coisa para eu trazer para a gente comer.

Eu achava muito interessante porque ela dizia: "olhem ... e boca calada. Se por acaso alguma vizinha souber que a gente não tem o que comer, eu boto um ovo quente na boca de todos dois, ouviram? Mas veja só: não tinha nem farinha, só tinha água para a gente beber, como é que ela iria colocar um ovo quente em nossa boca? A há, há, há, há, e o pior era que eu e meu irmão acreditávamos. Não tinha era ovo de porra nenhuma.

Então, minha mãe ia para a casa de Jayme da Fonte, e a gente ficava por ali assim, dentro de casa, trancado no quartinho. Não ia brincar, nem no terreiro, nem no meio da rua comas outras crianças da vizinhança. Minha avó, ficava tomando conta da gente. Minha prima, a essa altura já estava grande e ia trabalhar, como se diz, nas "casas de família", e mamãe, só lá para as duas horas da tarde ou três, vinha com aquele pacote imenso. Que coisa linda! Aquele pacote com aquele papel marronzinho, daqueles da padaria. Mamãe entrava em casa (tom dramático) com

aquele pacotão e ... quando ela abria em cima da mesa (tan tan tan tam), que alegria!

Ai meu Deus, tinha de tudo: resto de pão Recife, pedaços de bolacha, torradas, aqueles pedaços de carne enrolados na farinha, pedaços de lombo, aquilo tudo, fora as roupas que ela trazia. Davam roupa a ela, que era para a gente vestir – fazia questão de dizer – "mas só depois de lavadas".

A gente ia se sentir o máximo. Nessa semana a gente ia ter comida em casa. E ela ainda trazia café, fubá e um dinheirinho que Dona Creuza dava a ela. Nesse tempinho a gente economizava, que era para ter comida por mais tempo. Podia comer bem, no sentido de ficar alimentado três vezes por dia. Só não podia estragar. Afinal de contas era fruto do trabalho da minha mãe.

Outra coisa que me lembro é que, ao lado desse mesmo correzinho de quartos, na Mangabeira, morava um homem que tinha uma venda, chamado Seu Abel e que a mulher de Seu Abel era irmã de Manga. Manga, ex-goleiro da Seleção Brasileira e antes disso, foi goleiro do Sport. Eu vou até localizar o ano, porque ele também foi goleiro do Botafogo, no Rio de Janeiro. Mas que coisa (até fiquei gago), que alegria, né? Que glória, morar perto da irmã de Manga (rindo), que tinha uma venda, uma mercearia junto com seu marido (emocionado). Que orgulho danado.

Essa criança alegre e orgulhosa da fama dos parentes dos vizinhos, que hoje sou eu, era a mesma que enfrentava a fome, a nudez e as desvantagens, às vezes, sem saber que era vítima das três coisas. Não dispensava um livro velho para ler e nem a sua mãe desistia dessa idéia: ficar sem leitura, sem conhecimento. Sabia que era pretinho e pobre, só não sabia o porque, nem quem inventava a pobreza para os pretos. Quando teve a chance de refletir sobre isso, junto ao movimento encabeçado pelos que viviam situações semelhantes, sentiu-se no dever de compartilhar com a mãe, saberes que no seu tempo ela não teve a chance de se aproximar de maneira sócio-política, nem filosófica, embora eu sinta que todo esse conhecimento esteve sempre imbutido na formação educativa que ela me deu.

"O que os currículos têm a aprender com os processos educativos construídos pelo Movimento Negro ao longo de nossa história social, política e educacional? E têm integrado em seus corpos docentes e discente sujeitos negras e negros que façam parte ou foram (re)educados por esse movimento social?" (GOMES, 2017, p.13). São questões trazidas para orientar os estudos sobres as desigualdades, coisas que para serem formuladas custaram a vida e o suor dos que militaram e dos que continuam militando em busca da superação do racismo em nossa sociedade, tanto enquanto brasileiros, como em toda a diáspora africana espalhada no planeta.

2.3 O CORPO NEGRO

Na estrutura social brasileira há uma verbalização democrática de que todos são iguais. Entretanto, por trás, ou mesmo pela frente, mas de maneira “cavilosa”, há um hábito autoritário de comportamento da sociedade abraçado a um tipo “cordial” de racismo que funciona como “[...] um mecanismo neutralizador da consciência étnica do negro, que se formaliza através do sistema escolar” (CORREIA, 1995, p.77), que poucas vezes se dá ao trabalho de fornecer em seus textos didáticos, um discurso que positive uma visão, ou reconheça sem timidez, a relevância dos ancestrais dos povos oriundos da África, aqui chegados para manterem e desenvolverem a colônia.

A fim de que numa criança negra-brasileira brote um pequeno rasgo de orgulho em relação ao seu pertencimento étnico e/ou de seus antepassados, como fazer? Me perguntei várias vezes enquanto professor, visto que a instituição reflete sempre a estrutura.

Geralmente nas salas de aula as crianças negras como eu não têm nomes próprios. Ou recebem nome de animais, substâncias químicas ou minerais, e de vez em quando são apelidadas com o nome de um expoente em voga no campo das artes ou dos esportes, que tenham a mesma cor de sua pele. Mesmo num tempo em que há estudos sobre os malefícios do que hoje se chama bulling, a maioria das crianças e jovens negras continuam sendo identificadas por apelidos, quase sempre, de cunho depreciativos.

Dado a tais circunstâncias, há uma continuidade nas chacotas e intimidações que se naturalizaram, há muito, e seguem acompanhando o crescimento das crianças e jovens negras. Ações que causam sofrimento psíquico e instabilidade emocional a quem leva a vida a ser submetida a esse bombardeio constante, sendo-lhes negado até o direito de pertencimento à sua nação de origem, pelo nascimento, uma vez que somos qualificados como meios(as) cidadãos(ãs) ao sermos categorizados(as) como “afro-brasileiros(as)”, em vez de, pelo menos “negros(as) brasileiros(as)” ...

Por exigir meu nome, isso depois de velho, aos 40 anos, levei um tiro. O individuo me chamou nêgo Pelé, e só porque eu disse que meu nome era Severino, ele mandou eu me lascar, puxou o revólver e atirou. Ainda bem que atingiu a parede. O ano, era 1982, eu estava à disposição da Prefeitura de Olinda. Ia passando pela rua dos Quatro Cantos, em Olinda, eram 11 horas da manhã. Estava eu caminhando ao lado do Grêmio Musical Henrique Dias, minha primeira escola de música, na rua dos Quatro Cantos.

“Desta tentativa de despersonalizar pela ausência de referencial de identificação, vema auto-rejeição, que exerce papel negativo sobre crianças (e jovens), criando assim problemas

diversos" (CORREIA, 1995, p.77), principalmente de aprendizagem, visto que, quem não pensa em si mesmo com prazer, de maneira alguma sentirá prazer em pensar. E assim, em sua maioria, chegam a abandonar a escola por sentirem não ser ali os seus lugares. O que não aconteceu comigo devido à persistência de Dona Benedita.

E nessa agonia, como portador de um corpo eivado de perseguições devido a cor de sua pele, submisso(a) a uma autoimagem cruel, entregue à própria "sorte", que criança, jovem e, consequentemente, adulto sem acolhimento poderá se lançar ao mundo sem medo de se relacionar consigo mesmo e com as outras pessoas e, portanto, sem ressentimentos?

> A revivescência da ferida passada é mais forte do que toda vontade de esquecimento. A existência do ressentimento mostra o quanto é artificial o corte entre passado e presente – um vive no outro, o passado tornando-se presente, mais presente do que o presente. E a História oferece diversos testemunhos disso (FERRO, 2009, p.14).

Por conta das condições socio-históricas, das investidas constantes do racismo da discriminação e da organização colonial que, consequentemente, gerou uma variedade de percalços à sua sobrevivência, até hoje, a pessoa negra no Brasil, "[...] na busca pela alteração do seu mundo exterior, constrói e organiza o seu mundo interior e sua voz de sujeito por meio do ensimesmamento" (ROMUALDO, 2017, p.49). Embora não tenha me desviado da busca, da melhor estruturação desse meu "Eu" idêntico, freiadas não faltaram, muito menos ciladas e armadilhas. Minha resistência superou até meu medo. É por isso que estou sempre colocando esse know-how a serviço de outros "eus" e me colocando disponível enquanto presença teimosa diante dessa estrutura "tanque" a querer nos amassar. Temos que levar em conta que a qualquer pessoa que esteja passando por esse processo é precisa leva-la à compreensão de que: "O mundo humano é essencialmente mundo de coexistência. O homem (a pessoa) define-se como ser social e o crescimento individual depende, em todos os aspectos, do encontro com os demais" (AUGRAS, 1986, p.55). Logo, isso exige também um movimento para fora, uma vez que precisamos compreender onde se situam as diferenças, para que saibamos que nem tudo o que interiorizamos é parte, apenas, de nossas próprias construções. O desejo da estrutura é provocar assédio, crenças distorcidas e desamor próprio para que a culpa nos consuma.

2.4 O OUTRO CAMINHO IDÊNTICO.

"A psicologia clínica de obediência psicanalítica tem designado pelo nome de "relações objetais" todo o jogo e inter-relações que faz do outro, nas próprias palavras de Freud, ' "modelo, objeto, auxiliar, ou adversário" '(AUGRAS, 1986, p.55), E em se tratando de jogo de

poder, esse “outro” será responsabilizado pelos defeitos do sistema, por sua desadaptação, falta de conformação ao modelo, onde o poderoso não se reconhece como coautor das relações no seu meio social; por não se ver um ser ambíguo, pois é mais fácil “fulanizar” os problemas que se tem, como por exemplo, a dificuldade de se relacionar com sua própria alteridade, principalmente sendo o dominador, seja lá em que instância estiver situado.

Em se tratando da fenomenologia existencial, como diz Monique Augras (2004), onde não é a oposição nem a complementaridade que estimula a estruturação do mundo da coexistência, visto que entre uma pessoa e os objetos que estão em sua volta: “Os ‘outros’ não designam a totalidade daqueles que não sou, dos quais me separo, pelo contrário, os outros são aqueles dos quais a gente não se distingue, e entre os quais se encontra também”(HEIDEGGER apud AUGRAS, 1986, p.56) Tal citação traz à nossa presença o termo africano Ubuntu: “eu sou porque tu és”, que designa uma maneira de viver.

> A palavra Ubuntu tem origem nos idiomas zulu e xhosa do sul do continente africano e tem como significado a humanidade para todos. Nesse sentido, a Filosofia Ubuntu fundamenta-se em uma ética da coletividade, representada principalmente pela convivência harmoniosa com o outro e baseada na categoria do “nós”, como membro integrante de um todo social. De acordo com os fundamentos da Filosofia Ubuntu, somos pessoas através de outras pessoas e que não podemos ser plenamente humanos sozinhos, sendo feitos para a interdependência. (CAVALCANTE, 2022).

Dado à visão eurocêntrica, o pensamento colonizador, até hoje, em seu contínuo eco, nunca se deu ao luxo de prestar atenção a essa maneira de viver. Colou-se ao passado onde o corpo negro escravizado “[...] configurava-se como um empecilho ideológico à higiene e à modernização (portanto) [...] excluído, por ocasião do pacto da Independência, [...] recebia conotações negativas de parte do corpo social (SODRÉ, 1988, p.39).Esse negro teria que ser afastado do meio social, devido aos maus costumes de sua cultura. Mesmo no século XXI, esse corpo negro tem que ser “doutrinado”, mesmo que ele adoeça e passe a viver como o negro do poema “**Gato Escondido”,** uma grande ironia para denunciar àqueles que podem mudar tudo, menos a cor. A não ser que queira se submeter a “tratamentos de brancura” como Michel Jackson, e morrer com medo do sol, fingindo ter vitiligo.

> Agora eu quero mudar / Primeiro mundo, é quem pode
> Favela, Orisá, pagode / Eu não quero ouvir falar
> Discursos de negritude / Passaram com a juventude
> Quero ser de outro lugar.
> Decidi ter paletó / Calçar: só cromo alemão
> Rasguei kaftas e torsos / Não pus mais meus pés no chão.

> Queimei toda teimosia / Pus no lixo meus tambores
> Fechei meus versos às cores /
> Que me lembrassem além mar
> Deixei de comer feijão / Passei a ouvir sinfonia Pôr
> o meu francês em dia / Pra despertar fino gosto
> Fino prazer na audição...
> Mas ao descer do metrô / Conversando ao celular
> Com meu andar disfarçado / Ouvi alguém me chamar.
> Voltei-me desconfiado / Ao ouvir forte psiu
> Disse um senhor ao meu lado:
> —"Africano, descuidado / Tua carteira caiu".
> (CORREIA, 2006, p.86)

Igualmente a como se faz nas chamadas seitas ou grupos radicais fechados em que tudo o que vier de fora é proibido e os aderentes até são ameaçadas de expulsão, o racismo cria estratégias demonizadoras das referências africanas, pelo menos no Brasil, e exalta eurocentricamente as façanhas e cosmovisões dos colonizadores, promovendo ambivalência e um grande sofrimento psíquico aos portadores das ancestralidades de África. O que resta é a agonia de identidade onde o negro se deseja branco e se porta como aquele que o oprime sem filtrar o que pode lhe ser adequado ou não, mas vive do que aparenta deixa-lo mais parecido com o seu algoz. Na diáspora, enquanto, por exemplo, um judeu pode passar desapercebido por não ter uma estrela de David na testa, ou não ter mostrado a carteira de identidade, o negro é diferente: a cor da pele o denuncia e o identifica com sua origem.

2.4.1 A Teimosia

"Por colocar a liberdade corporal no centro de todo processo comunicativo, a cultura negra choca-se com o comportamento burguês-europeu, que impõe o distanciamento entre os corpos" (SODRÉ, 1988, p.39). Para a visão eurocêntica, a cultura brasileira está eivada desse comportamento sem "cortesia", nem "refinamento", sem observância das normas que vetam as pessoas a se tocarem em praça pública, dando abraços calorosos, esbanjadores de afeto. É um costume dos corpos negros a risada gostosa em plena rua, o "é um grande prazer te ver", que institui o livre contato corporal nas vias públicas, o dançar na alegria do encontro sem ser hora de espetáculo nem dias de festa instituídas.

O trabalho psicoterápico de qualquer abordagem, no Brasil, deveria se adequar à cultura de seupovo e não ao contrário, afim de levar a pessoa a "reaprender a lidar com os demais, mediante a interação com o Outro, sintetizado na pessoa do terapeuta, ou desdobrado nos outros, no casoda terapia de grupo" (Augras, 1986, p.55). Por essa razão, um grupo de profissionais negras(os)

da psicologia decidiu romper o cerco da comodidade e subverter o olhar e a escuta eurocentrada, em busca da sabedoria ancestral de tratamento.

2.4.2 A Afrocenticidade

Não se trata de um movimento separatista ou mesmo um pensamento revoltoso, ressentido, mas uma proposta epistemológica do lugar. [...] é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos (e negros brasileiros) como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus própriosinteresses humanos (ASANTE,2009, p.93).

Embora não estivesse entre nós, estruturado cientificamente, esse pensamento já deambulava entre alguns de nós. No campo da arte literária os escritores participantes de **Caderno Negros,** grupo editorial fundado por escritores(as) negros(as) no final dos anos 70, seassenhoraram do desejo de se reverem no mundo, buscando através da literatura, reconstruir a imagem e representação do corpo negro.

Frantz Fanon (2008), nos incentiva a dar valor ao fenômeno da linguagem quando nos diz que: "[...]falar é existir absolutamente para o outro" (p.33), e o Piauiense João Romualdo (2017), o interpretando, em sua Dissertação de Mestrado, comenta que "A expressão que o corpo comunica vai além da palavra falada, de uma ação gesticulada, tendo em vista que o negro está dimensionado duplamente, com seu semelhante e com o branco" (p.22).

Para Fanon (2008), quando se fala, além do domínio da língua em seus meandros, se assume uma cultura, e isso é igual a "*suportar o peso de uma civilização*" (p.33). E lá vamos nós, entre os carnavais e as luas das diásporas, entre os salões chics e as ruelas das favelas, carregando nossos corpos grávidos, "vivificando o corpo negro, como um ser que reage, constrói sua história..." (ROMUALDO, 2017, p.22), como faz Lepê Correia (1998), em**Teimosa Presença.**

> Eu continuo acreditando na luta / Não abro mão do meu falar ondequero
> Não me calo ao insulto de ninguém. / Eu sou um ser, uma pessoacomo todos
> Não sou um bicho, um caso raro / Ou coisa estranha
> Sou a resposta, a controvérsia, a dedução / A porta aberta ondeentram discussões.
> Sou a serpente venenosa: bote pronto / Eu sou a uta, sou a fala, obate-pronto
> Eu sou o chute na canela do safado / Eu sou um negro pelas ruasdo país.
> (CORREIA,1998, p.92)

Desta forma, “o eu poético destroça o discurso fechado do Brasil Colônia e faz emergir uma voz ativa, em primeira pessoa, o “eu”, o “sou”, o “me”, palavras que dão ao afrobrasileiro, elementos para construir o discurso que o caracteriza e o define” (ROMUALDO,2017, p.132). Assim o corpo negro, cada vez mais vai ocupando os espaços e se territorializandocomo sujeito de sua própria enunciação.

2.4.3 Ser Estranho

Na Verdade, a promessa do dia 24 não foi cumprida. Talvez seja a prova de que a gente não manda na memória, principalmente porque ela não é uma câmera de filmagem às minhas ordens, que recomeça de onde eu parei com um clic. “O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea” (BOSI, 1987, p.11) Engraçado, hoje é terça-feira, 29 de setembro de 2020. São dezenove horas e trinta e nove minutos. Eu entrei pra tomar banho, cantando, me lembrando de uma canção cantada por Jessé (Ser Estranho-1990): “Dentro de mim aparece às vezes / Uma mulher quem me vive em segredo / Um ser estranho que até tenho medo / Que algum dia me expulse de mim”. Que coisa louca, não é? Eu vi que tenho mania de ficar pensando, muitas vezes, nas minhas coisas diante do chuveiro, da torneira do chuveiro.

Fico um tempo olhando. Quando vou tomar banho fico me lembrando de muitas coisas: de coisas passadas, de coisas futuras ... (a há, há ah). Eu estava pensando agora: “Será que eu sou minha mãe?” ... meio louco, não é? E eu fiquei aqui imaginando... Todas as vezes que eu entro pra tomar banho, não sei o que se passa que eu fico pensando, pensando... Será que é medo de que a água me lave e tire as coisas que eu acho preciosas, ou ...?

Não sei, eu não sei. Eu só sei que eu estava aqui imaginando isso. Essas besteiras. Essascoisas. Pensando nessa história de autobiografia. Mas na verdade eu acho que estou mesmo é com um sentimento de tristeza. Assim como se eu ... se eu fosse rejeitado pelas pessoas, pelo mundo. E isso, essa tristeza me dá quando eu me dou conta dessa rejeição.

Eu hoje estava conversando com um companheiro, mostrando esse bando de coisas que eu fiz para um bocado de gente, e todas as vezes, quem sai perdendo sou eu. Lembrando que eu tenho uns amigos que são famosos, cantores famosos. Tem um aqui em Pernambuco, muito famoso que estudamos juntos, fazíamos músicas juntos. Começava às cinco da tarde e só parava no outro dia, às quatro horas da manhã, ou cinco. Passávamos a noite cantando, brincando e fazendo poesia; fazendo músicas na casa dele. A mãe dele, solidária à essa labuta, dava café, de

madrugada fazia comida pra a gente, e tal ... Um dia, eu muito contente, fui perguntar: “cadê aquelas músicas que fizemos juntos?” Ele disse que as músicas tinham envelhecido.
Tanta poesia bonita que a gente fez, tanta música e ... a música tinha envelhecido. Eu fiquei olhando pra ele e disse: que coisa linda, não é? A música envelheceu. Que desculpa interessante. E disse mais: não podia me ajudar, porque ele era cantor e eu também. Este foi o motivo que ele deu. Que coisa mais louca, não é? E tem mais...

Eu trabalhei quatro meses para que o atual governador de Pernambuco, 2021, fosse eleito. Fui, junto com a nega Bernadete, responsável por trazer as comunidades quilombolas, ciganas, indígenas para o Recife afim de que fosse feita uma grande reunião com ele e fosse explicada a razão do encontro: em Pernambuco seria instituída a Secretaria da Igualdade Racial. Construímos o discurso dele para ser proferido diante desse povo todo. O discurso saiu na mídia, foi muito elogiado, tirou fotos comigo e com meu filho, e no final das contas, ele não fez nada. Nem sequer mandou um dos seus cumpixas dar lembranças, ou disse: “chama aquele nego fila da puta, aquele idiota, pra eu dar um chute na bunda dele.” Nem isso, cara.

Fiquei imaginando ... rapaz... outros candidatos. à governador, Jarbas Vasconcelos (1999), prefeito, João Paulo (2000). Os seus coordenadores juntavam a turma toda pra trabalhar, me chamavam, eu fazia programas de rádio e gravava de madrugada (para João Paulo), fazia papagaio com o nome do futuro governador (Jarbas) e ia soltar na praia de Boa Viagem. Depois, todo mundo ganhava dinheiro, ganhava isso e aquilo e eu: nada. Era de graça. Puta que pariu, não é cara?

Eu de novo fico imaginando: será – como dizia mãe-vó – será que é sina? Que sina ... puta que merda! É um troço muito doido esse negócio: fazendo, fazendo, fazendo ...eu não sei não. Estou aqui pensando nisso, antes de tomar banho. Olhando aqui pro chuveiro e imaginando essas coisas, esse povo...

Eu tinha um colega, um companheiro de música que, desde 1982, a gente fazia músicas juntos, e o tempo inteiro nosso sonho era gravar um disco. Ele dizia: “porra meu velho, tanta gente que nem sabe cantar, nem compõe a metade do que nós compomos, em matéria de qualidade, já gravou discos, e a gente, feito dois babacas não fez nada ainda. Ele é um excelente músico, violonista, contra-baixista, toca baixo acústico, só é medroso.

De repente, o medo acabou, no dia em que eu tive a chance e tive dinheiro, em 2020, para ir a um stúdio e o chamei pra ir junto. Chegando lá ele tirou o violão da capa, pegou um caderno e começou a mostrar ao dono do studio de gravação uma música dele. Disse que queria gravar as músicas dele sozinho. E disse que eu gravasse as minhas. Só queria saber mesmo era do show. Quando tivesse show, ele iria tocar.

Quer dizer: nós passamos juntos 35 anos, tocando em bares, restaurantes, biroscas, hotéis; passando fome e noites acordados, andando a pé de madrugada e pegando ônibus bacurau, pra chegar em casa e querendo crescer juntos. Depois de 35 anos o camarada aparece com um negócio desse?

Eu posso dizer que, de imediato, eu não tive sentimento nenhum: não tive raiva, não tive ódio, nem decepção. Eu fiquei só assustado. Protagonista do filme "Dormindo com o Inimigo". Eu estou dizendo 35 pra minimizar. Mas eu acho que tocava com ele, assim que meu filho nasceu. E meu filho já tem 40 anos. Esse tempo Juntos. Esse meu amigo é um pouquinho mais velho do que eu ... acho que uns três anos. E eu fico aqui imaginando ... caramba, que coisa né? Sei lá ... é isso mesmo ... nem sei ... eu tô aqui perplexo.

Eu comecei a gravar ... pra dissipar um pouco esse sentimento que eu não sei o que é. Essa coisa angustiante, essa coisa triste, de tristeza e essas lembranças que me vieram agora, e que às vezes me vêm sempre nas horas em que eu vou tomar banho. Me lembrou uma música, uma marchinha de carnaval, que quando eu era menino se cantava: "a água lava, lava, lava tudo / A água só não lava a língua dessa gente.[12]" Eu acho que tem que lavar a minha língua, não é? Pra eu deixar de ser queixoso com a vida.

Eu não sei se estou fazendo queixa. Eu estou aqui conversando. Conversando com a vida, conversando comigo, conversando com meu "Eu" idêntico, com esse "Eu" de mim, que eu posso dizer que é ele quem vive essas coisas. Eu sou só o observador. Eu mesmo não sei se sou a alma dele ou ele é a alma de mim. E aí ... de novo, vem esse sentimento.

Pois é, eu vou tomar banho que é melhor. Tomar banho, estudar um pouquinho. Vou passar a escrever de novo lá. Eu vou dactilografar, como se chamava antigamente o ato de "bater" à máquina, usar o teclado da máquina de escrever. Eu vou datilografar o que eu grave em outras horas, pra poder fazer parte da minha tese, tá? Um beijo he he he he. Um beijo d'eu pra eu. E para a minha poesia, para a minha música.

---

[12] Marchinha de carnaval dos compositores Jorge Gonçalves/Paquito/Romeu Gentil, gravada por Emilinha Borba, em1955.

Figura 7 - Buscando Justiça

Fonte 7: Arquivo do autor

3 CONVITES E CONVOCAÇÕES

> Não. A morte era melhor à margem do Abaeté
> Que a independência de Pedro no Ipiranga
> Ogun não precisaria mudar de cor
> Pra ser padroeiro deste acampamento
> (CORREIA, 2006, p.32)

A epígrafe expressa um momento de indignação, no *Caxinguelê*, diante da forjada independência que não foi para os que construíam um arremedo de nação, pois nem lhes servia, uma vez que, escravidão abolida só 66 anos depois dos maiorais terem trocado Ogun por São Jorge, desarmado a barraca e ido embora.

O objetivo desse capítulo é mostrar como as pessoas, por não saberem dizer não, devido a traumas sociais, ou pelo aprendizado de querer ser agradável sempre, vivem momentos de explorações de grupos ou indivíduos determinados que, sem nenhum escrúpulo, se fazem de esquecidos, fingem-se de bobos, ou porque são autoritários em demasia, acham que o mundo vive em função de lhe servir, e ainda tratam o explorado como se lhe estivesse fazendo um favor. Como em vários momentos passei por situações de exploração pra ser bonzinho, aproveito o ensejo pra lhes dizer que hoje eu, sem culpa, digo não vou, não quero, não posso, ou mesmo: não tenho vontade. Ao educar-se melhor, o "Eu" idêntico aprende a distinguir a tarefa de servir por interação dando exemplo de solidariedade, do ato de estar à disposição, pelo medo de ficar só.

Uma vez que ao me convocarem para algo, estão convocando a minha vontade, e ela está atrelada ao meu discurso, se descubro que o objetivo de quem me convocou nada tem em comum com o meu, nem compartilho com sua paixão, prefiro não ir. Já passei da fase de aceitar para não desagradar, de comer para "não fazer feio". Acho que já passei do tempo de aceitar ir para uma festa onde me convidam porque a coisa que tenho não vai sozinha como por exemplo: o violão, o carro, ou para substituir o "macaco gordo", ou o magro, o engraçado,

Algumas convocações não valem, para mim, nem mesmo se me derem a galinha inteira, quanto mais a pena. Tem alguns que são portas para prejuízos como por exemplo, em 2014, plantar baobá no Complexo de Salgadinho. Não fui porque não sabia quem estava na condução dos trabalhos, visto que, plantar um vegetal desta importância e de tamanha responsabilidade no abrigo de ancestrais, não é para qualquer um meter a mão sem prévia preparação de resguardos e sentimentos. Sempre há alguns anos depois se vêm os resultados de quem se arvorou da pretensão, sem o devido preparo. No ano seguinte, abraçar baobá em

Suape para protestar contra invasões de territórios de comunidades, pelo Estado sem ter participado de reuniões prévias, não é interessante politicamente, nem espiritualmente por algumas das razõessupracitadas.

Convites para fazer parte da "infantaria" na organização de simpósios ou congressos de pesquisas e/ou Cultura Negra, para que sejam exaltados os nomes dos organizadores ou pretendentes a casas legislativas subsequentemente, estou fora. Principalmente os que passam o ano todo sem pelo menos perguntarem se eu já morri. O leitor pode pensar que é birra, "mimimí" ou revanchismo. Eu digo que não: é vergonha na cara. Posso citar certa pessoa docente de um centro acadêmico do qual eu fazia parte, que ofereceu, em 2020, uma disciplina em determinado semestre, com assuntos relativos ao que eu sempre pesquisei. Quis me matricular, "já não tinha mais vagas", compreendi. Não tive convite nem para assistir como ouvinte-colaborador. Também compreendi. Entretanto, no fechamento da disciplina, uma vez convidado um professor de renome para legitimar a importância do tema, fui convocado a estar presente pois minha poesia em performance era de grande importância para o evento. Fiquei tão feliz que não respondi à convocação.

Não respondi porque, recordando os anos 1970, o meu violão era o convidado, não eu. No caso recente, a grande estrela era minha poesia performática, por isso estava sendo convidada. Mas ela não respondeu nem se manifestou propensa a ir ao evento, logo, pra onde iria eu sem brilho? Sem contar que no mesmo convite estava sendo solicitada tam a presença de um kamba (amigo) meu, como dizem os de Angola. Mas igualmente ao Nego Sarapatel, da década de 1970, o Kamba Sheriffe, também abandonou a profissão de macaco gordo. Como o galho ficou sem quebrar, devem ter arranjado algumas bandeirinhas para pendurarem nele.

Uma das lembranças que me chegam agora, é de meados dos anos 1970, explosão do "amor livre", festas "hippies". Eu estudava Comunicação Social na UFPE, mao curso funcionava na Fundação Cecosne. Era da segunda turma do curso e em alguns fins de semanas, eram escolhidas as casas, e sorteada a que abrigaria a festa. E entre os convidados, quem deveria estar presente? Ninguém menos que o Nêgo Pelé – "Euzinho" da Silva - e o Nego Sarapatel.

Eu, porque tocava violão e ele, porque dizia piadas engraçadas e divertíamos a todos. Essa tal festa, foi de "arromba". Tinha como título *Festa da Jurubeba*, devido aosbotijões de licor de jurubeba, uma planta nordestina, cujo vinho e licor, servem para debelar osmales do fígado e a anemia, muito usada nas garrafadas no interior. Tinha também salgadinhose outras bebidas como, vinho Capelinha, "pau-nas-coxas", "leite de onça", além de "Cuba Montilla, bebida preparada com Coca-cola, Run e cubos de gelo. Para fumar, cigarro Camel.Continental sem filtro, Minister e Consul, um cigarro mentolado, com fama de que baixava o tesão. Era

nossa chance de fumar, embora “filado”, algo de qualidade, pois, no quotidiano, era só “góia” de cigarro Gaivota, um estoura-peito que os pobres fumavam. Ali nos tornamos chics:só cheiro de Artmatik, Patchuli misturado com desodorante Avanço e Mistral, enquanto que nosso sovaco só conhecia Leite de Rosas e o nosso costumeiro perfume Topázio e Seiva de Alfazema Pheb, depois de nosso banho com sabonete Gessy.

Como toda festa avançada, discretamente, lá por dentro, estava infiltrada a que não podia faltar: a poderosa e inebriante *marijuana*. Muito escondida, pois a RP não brincava. De cacetete na mão, se pegasse um “coisêro”, ou “coisêra”, este e/ou esta “apanhava que só mala véia pra largar a poeira”. Principalmente quem usasse cabelo desgrenhado ou a lá black-power, camisas floridas e saias compridas de chita ou gase. E se eles soubessem que participavam de algum DCE, era que a fritura estaria pronta, porque a ditadura militar tinha acabado até com o grêmio estudantil para não haver “infiltração comunista”.

Afinal, estávamos na primeira década dos anos 1970 o AI-5 não estava para brincadeira. Até o rock progressivo, filho das experimentações dos anos 1960, não era bem visto, pois tinha a influência dos conjuntos musicais: Yes, Genesis e principalmente Pink Floyd, que era um indemoniado inglês.

Lá para as tantas a festa começou a “mixar”. A sala começou a esvaziar, os casais a sumirem, mas ninguém foi embora. As garrafas vazias a ficarem nos cantos das paredes e de repente ... só os dois negros: um agarrado com o violão, e o outro a fazer a marcação do samba com uma caixa de fósforos, cantando *Amigo é pra Essas Coisas*, de Aldir Blanc e Sílvio da Silva Jr., que foi sucesso, gravado pelo Grupo Musical MPB4, naquela época.

Duas da manhã, tinha gente no quintal, no beco, nos banheiros, atrás das touceiras de colônia, todo mundo “orquestrado” (gíria da época) e só os dois “neguinhos”, como sempre, sobraram. Um olhando pra cara do outro, rindo de nós mesmos, cantando e esperando que o desse 4 da manhã, pra pegarmos um “bacurau” e irmos pra casa. Só o dinheiro de uma passagem tínhamos. Tivemos que ir a pé para o centro do Recife. Lá, pegamos nossos ônibus. Eu, o “bacurau” de Rio Doce, pra descer no Varadouro, Olinda, e ir a pé até o Jatobá, na estrada de Paulista; e o Nego Sarapatel, o de Boa Viagem que passava pela Conselheiro Aguiar, pra que ele descesse no Pina. A partir daí, não fomos mais a festa nenhuma em que fossemos “acompanhantes” dos convidados: o violão e a caixa de fósforos.

Entretanto, enquanto a gente se esquece ou se descuida, acreditando que os tempos mudaram, os exploradores passam a ter atitudes mais modernas, mais sofisticadas, melhor dizendo. E o pior é que, seguindo o mau exemplo de fatos antigos como o descrito em trechos das narrativas bíblicas cristãs, como, no capítulo 37, versículo 28 do livro da Gênesis, onde por

inveja, ciúmes os filhos de Jacó, numa associação criminosa tramaram e venderam seu irmão José por 20 moedas de prata, os atuais invejosos, vampiros e trapaceiros, tecem armadilhas para causar vexames aos companheiros de associações, de trabalho e até mesmo de trapaça, que entregam uns aos outros, por ninharias, cargos passageiros ou ilusões de comando.

Aceitei o convite da SEDECET – Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Turismo da Paraíba, para fazer a palestra de abertura da 3ª Semana das Ligas Camponesas da Paraiba, abrangendo algumas cidades do interior, que aconteceria de 25 a 29 de julho de 2022, com o tema: "A Mulher Negra Camponea Latino Americana. Aceitei, porque sempre fui bem tratado na cidade de Sapé, era dia Internacioonal da Mulher Negra Latino Americana, 25 de julho e convidado a ser Sócio Correspondente da Academia Sapeense de Letras, Artes e Cultura, mesmo antes de ser inaugurada no dia 13/10/2022.

Em novembro de 2022, fui convocadoa participar da de um evento do Instituto Federal de Pernambuco – IFPE (antiga Escola Técnica Federal) campus Recife, em uma mesa redonda; Ancestralidade, Memória e Educação, junto ao professor, fotógrafo e cineasta, Rennan Peixe, que aconteceria no dia 21, às 19 horas. O Convite partiu da professora de História Aline Ramos, membro do Nucleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena, dirigido pelo professor Maciel Silva, da referida entidade educativa. A justificativa foi de que, eu, além de liderança do candomblé, era acadêmico.

Achei o convite simpático. Primeiro porque o título do trabalho a ser realizado estava em consonância com a linha de pesquisa na qual estou atrelado na Universidade Federal – Identidades e Memórias – e depois por ser um evento educativo destinado à incentivar estudantes do Ensino Médio e Técnico a pesquisarem sobre o tema, e em terceiro lugar eu estaria colaborando com a melhor compreensão dos propósitos da Lei 10.639/2003, pelos estudantes, hoje, 11.645/2008, que é o estudo e o conhecimento sobre a História da África, do Negro no Brasil e dos Povos Originários desta terra.

Aceitei sim, porque além de tudo, tinha a ver com a tese que estou escrevendo, que tem a Educação enquanto palco (auto)biográfico para desenvolvimento do "Eu" idêntico de Lepê Correia Aceitei também o convite de uma professora, que a única coisa que tinha a me oferecer era o transporte da prefeitura, que me transladaria da Rodoviária de João Pessoa à cidade de Sapé, para uma palestra de formação para professoras, diretoras de escola e o povo de supervisão, mas o prefeito, que é um major, alegou não ter dinheiro para realizar a 12ª Semana da Consciência Negra. No dia 24 de novembro de 2022. Mas eu fui!

Entretanto, na mesma cidade me neguei a participar do 1º Encontro Intermunicipal de Igualdade Racial, para adesão ao Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial –

SINAPIR, em 3 de agosto de 2021. Tinha ajuda de custo e hospedagem, mas me neguei a fortalecer a campanha do ex-presidente da República, numa cidade em que ele recebeu título de Cidadão, das mãos do prefeito, major Sidney Paiva. Não me imaginei com a cara nos jornais da Paraíba, entre dois negros, capitães do mato, empalitozados, fazendo uma propaganda aintidemocrática, faltando dois meses para o pleito eleitoral. Como diria a minha avó: "passando abacaxi ...!"

Eu estou mesmo é com as lágrimas à flor da pele. São 10:20 (dez horas e vinte minutos) de uma manha ensolarada de sábado, 14 de janeiro de 2023. Recebi um comentário sobre um Projeto de Lei, o PL 2053/2022, aprovado pela Comissão de Cultura da Camara dos Deputados e através da Lei nº 14.519 de 5 de janeiro de 2013, sancionada pelo Presidente da Repúlica, Luis Inácio Lula da Silva, institui o dia 21 de março como o "Dia Nacional das Tradições das Raizes de Matrizes Africanas e Nações de Candomblé. Todos ficam eufóricos e esquecem – faço uma reflexão - que para algo dessa natureza se tornar Lei tem que ser discutido, votado, combinado, principalmente, brigado por se tratar de benefício para o povo negro desse país. E numa democracia, não é o Presidente sozinho que, com uma canetada, faz milagres.

O autor do projeto tem que ter aliados de caráter reto e jogo de cintura apropriado para não perder a pose, nem desviar ou ver seus objetivos serem desviados pelas aves de rapina do parlamento. No caso desse projeto, o deputado Federal do PT de São Paulo, Vicentinho, tem o mérito de ter enfrentado o racismo brasileiro, ao lado das Deputadas Benedita da Silva e Erika Kokay, além de entidades dos Movimentos Sociais, conseguindo fazer com que a Câmara aprovasse o projeto supracitado, de sua autoria.

Pois bem, por esclarecer para algumas pessoas e grupos das redes sociais sobre o assunto e autoria dessa lei, acabo de receber um telefonema de uma das assessoras de Vincentinho, Sra. Sônia Souza Raimundo, para fazer parte de uma reunião de articulação, paraformarmos uma rede de fortalecimento no Brasil, a fim de que a Lei não seja apenas uma coisade festividade e comemoração. Na conversa, adiantei que aceitaria se for algo que atenda aos objetivos da ancestralidade, no que diz respeito à função do espaço da festa, que para nossos antepassados sempre foi um espaço político, de engendramento de táticas para a consecução daliberdade.
Ela ficou contente e na próxima semana, junto ao Tata[13] Edson (sacerdote de CultoAngola) de Brasília, logo eu finalize a escrita da tese, marcaremos a data desse primeiro encontro. A

[13] Tata- Pai, em língua kimbundo. No candomblé Angola é o Sacerdote

Makota[14] Sônia, como é conhecida, por também ter um cargo no Candomblé Angola, me agradeceu por estar sempre, mesmo em Recife, tão perto das lutas e propostas do grupo de Vicentinho, em Santo André, São Paulo.

Convites como esse eu aceito sim, acredito, enquanto negro e ser humano atuante, que todo ser social "tem consciência do valor de suas atuações, isso dá sentido a seus atos e às atuações dos demais seres humanos, logo, igualmente se adquire sentido a si mesmo, aos seus feitos, aos demais, à cultura e à sociedade" (MORA, 2010, p.7). É nessa consciência que caminha meu "Eu" idêntico ao lado de outros idênticos que acreditam na força do sentido de grupo, mesmo estando longe. Aceito a emoção, com lágrimas nos olhos.

Apenas citei alguns convites e algumas convocações. As mais recentes entre tantas que escapei por não querer me juntar com *personas non gratas* ou gente que não gosta de mim e a recíproca e verdadeira, para evitar encontros com "eutidades" e/ou os "pega na virada", que são os que ao assumirem alguns cargos momentâneos se acham os próprios donos do Olimpo. Por isso, rechacei o convite para participar do Encontro Nacional do Movimento Negro Unificado - MNU, que no ano passado (2022) foi em Pernambuco, no mês de maio.

Embora tenha sido, em primeira mão, convidado pela coordenadora estadual, dizendo que o MNU precisava de minha presença, rechacei o convite perguntando-lhe por que, ela e alguns, ocuparam um "arremedo"de Divisão Étinico Racial junto ao Governo do Estado e nunca me convocaram para nada? Esqueceram que eu e meus idênticos (Quilombolas, ciganos, Gays, indígenas, sem-terra, sem-teto e tantos outros) ajudamos a eleger o governador, acreditando na promessa de criação de uma Secretaria da Igualdade Racial no Estado, e que fomos desprezados por ele (governador) em dois mandatos? Só agora que a mamata junto ao Governo acabou, eu sou necessário? Não, não irei. ‘

Confesso que tive saudade de velhos amigos, de outros Estados, que vieram, mas não fui. Ajudei a criar, fiz crescer, vi correr, cair, levantei e ainda querem rasgar minha cartilha? Não. Mesmo com lágrimas nos olhos, não vou. Talvez eu tenha falhado em não lhes ter ensinado o princípio africano da "Ancianidade". Estou colhendo o que plantei. São aprendizados para o melhoramento do meu "Eu" Idêntico. Assumo!

[14] Makota – a segunda pessoa, a ajudante do Tata ou da Néngua (mãe em Kikongo).

Figura 8 - Tamborilando

Fonte 8: Acervo do autor

4 O “EU” ATIVISTA – UM NEGRO EM MOVIMENTO

> Vim da luta, da rasteira e vim do pé
> Foi gingando que eu fiz o que eu sou
> Vim do toque trindade: run, rumpi, lé
> Hoje vejo que a trilha não findou
> Risco o chão com a ponta da kicé
> Lendo a folha, eu me curo e vou vivendo
> Como a tocha, que o sopro não apagou
> Um tambor vai trilhando ao que vou sendo
> (CORREIA, Cadernos Negros 39, 2016, p.217)

A epígrafe traz os relatos de uma caminhada de batalhas, riscos corridos e encontros com as práticas ancestrais, a persistência em manter conservado o ardor do pertencimento, e fidelidade à voz do que convoca e determina a trilha.

4.1 - NOS CAMINHOS DO ATIVISMO ARTICULADO

Este capítulo tem como ponto principal mostrar alguns engodos pelos quais passei enquanto criança negra diante dos meus pares não-negros, e os malabarismos que teci para escapar ao sofrimento psíquico e não me tornar uma presa do ressentimento, arriscando não chegar à idade que tenho: aprendi a transformar “piaba” em “picanha!” Algumas partes da minha vida na escola cursando o ginasial, hoje, sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, a transição que tive que me submeter para me adaptar sem tanto prejuízo, juntando os três numa massa uniforme para poder construir o “Eu” Idêntico e o platô educativo que me deu o Movimento Negro, meu deslumbramento diante desse reencontro comigo mesmo, a ajuda involuntária do grupo de estudos elisianos, me auxiliando em algumas de minhas vivências, mesmo sem ter participado de uma reunião de estudos sequer.

Alguém me perguntou, por que sendo eu Severino, sou conhecido pelos participantes dos movimentos culturais e pelo movimento negro como Lepê, e o que esse codinome revela do homem negro, militante político e ativista cultural Severino do Ramo Correia?

Na Verdade, como em todas as vezes, tenho que explicar que Lepê é nome africano, que brevemente será incorporado ao nome de branco, que recebi quando nasci, dado por minha mãe. Todos vieram saber que eu sou Severino, um dia desses. Como a maioria das crianças negras do Brasil, eu também não tinha nome. Nem na rua, nem mesmo na escola onde a

caderneta de frequência e a chamada não eram levadas a sério, quando se dizia respeito ao nome das crianças negras.

Uma criança negra, quando não é “batizada” na rua com o nome de uma substância, de animal, ou objeto preto; se tiver “sorte”, ganhará como alcunha o nome ou apelido de algum expoente negro que estiver na mídia, em voga em seu campo de atuação. Por exemplo, cantor: no meu tempo de criança era “Michael Jackson”; ator: “Grande Otelo”. jogador: “Pelé”, “Bria” ou “Lua”, do Santa Cruz, se fosse gordinho. Mas se fosse peladeiro de rua, na certa não escaparia de ser “Pelé”. Eu não fui exceção.

Sofri muito para encarnar o tal apelido. Joguei pedras, lata velha nos perturbadores, gritava irritado: “Pelé é o cú da mãe”, “o tabaco da tua irmã”, mas não houve jeito. Segundo minha avó: “deixe, meu filho, se você se importar, o apelido pega. E foi o que aconteceu.
Mas a Sociologia tem elementos para explicar o outro lado dessa história. É preciso, àsvezes, nos utilizarmos de alguns mecanismos para não sermos destruídos.

A acomodação é um deles. Não no sentido de não fazer nada, não reagir, mas como um processo social. É uma espécie de jogo de cintura em que o indivíduo faz que concorda, pranão sofrer o dissabor de ver-se esfacelado em sua integridade, por uma força maior que ele. Euestava numa grande batalha, numa situação de conflito. Era eu contra o mundo, que naquele instante era representado pelos que estavam em minha volta, querendo impor que eu me reconhecesse no que eu não era.

Eu não tinha consciência desse tipo de discurso, mas uma certeza eu tinha: esse tal de Pelé, eu não era. Não queria ser e pronto. “Pelé é a puta que te paríu!”, gritava eu, no meio da rua, até que um dia, um dos meus companheiros de pelada com bola de plástico, disse:

— Querias tu ser Pelé!

— Não quero ser porra nenhuma!

Minha mãe me chamava “Raminho”. Como é que eu iria aceitar ser esse “negócio” que eu não conhecia?

— Pelé é famoso, rapaz – disse ele - É negro mais ganha muito dinheiro... joga que só a porra!

O interessante da frase do meu colega é que, ser negro deveria ser algum defeito, um coisa ruim. Esse tal Pelé, tinha essa marca defeituosa, mas ..., mas na minha casa não tinha televisor. Eu morava no fim do beco, em uma das últimas casas do “Beco do Lixo”, hoje, rua Coronel Nelson Guedes, no bairro do Varadouro, em Olinda. Dentro da maré.

Fiquei curioso. Tinha que saber onde o tal Pelé jogava. Comecei a ficar nos portões das casas assistindo qualquer jogo que passasse na televisão. Então, descobri: ele jogava no

Santos Futebol Clube. Era negro, mas não parecia comigo fisionomicamente. Era rápido e fazia uma tal de tabelinha com outro negro chamado Coutinho. Dava "banho" de cuia em quem fosse descuidado, quem entrasse pra tomar bola, de pernas abertas, levava a famosa bola "debaixo da saia", tirava bola de "charle[15]", fazia gol de "bicicleta". Não chegava a ser meu idêntico, mas era habilidoso ...

Agora eu tinha dúvida: deixava ou não, que me chamassem Pelé? Estava perdendo meus colegas. Me irritava e em vez de me divertir jogando bola; ia chorar, em vez de bater pelada. Diante dessa desgraceira toda, era melhor ser "Pelé". Eu estava derrotado.

Se o "derrotado corre o risco de ser totalmente liquidado, é comum este aceitar as condições impostas pelo vencedor. [...] "o vencido aceita as condições impostas, [...] posição de subordinação" (OLIVEIRA, 2002, p.41). Este é um típico exemplo de "acomodação", que na Antiguidade era comum na escravização dos perdedores das batalhas ou das guerras. Embora eu nunca tenha jogado de atacante na minha vida, continuavam me chamando Pelé. Sempre fui lateral esquerdo, back-central, ou lateral, principalmente jogando futebol de salão. Ganhei muitas medalhas, integrei a equipe Campeã Pernambucana de Salão infantojuvenil do Colégio Estadual de Olinda, nos anos 1970.

No Desfile Cívico Escolar de Olinda, desfilei na ala *Seleção Brasileira*, representando Pelé, com direito a exibir réplica de bola da "Canarinha", para a comissão julgadora do desfile, na Praça do Jacaré, em frente ao Colégio de São Bento; ao lado de uma loira que representava Rosemary Schell, na época, esposa do Rei do Foot-ball, recebendo aplausos calorosos do público assistente do desfile. Ah ah ah ah ah ah. (Famoso por um dia, junto com minha colega Dayse, filha de um sargento, da vila do Quartel do 7º RO.

Carreguei o "nego Pelé" até 1978, no curso de Psicologia. Minha angústia foi visível pra uma amiga dedicada: a poetisa Dione Barreto... Me devolveu o nome africano, sem saber. A essa altura eu já sabia que era chamado "Pelé" apenas por uma questão da cor. Eu morria de vergonha. Eu não queria mais me sentir um "muleque qualquer de rua". Eu queria meu nome, mas não tinha coragem de me indispor novamente.

Agora seriam dois conflitos: um emocional, outro físico. Teria que partir para a porrada. Estava cansado de me submeter. Dione aparece, e do nada me atira uma corda. (Ao estar aqui escrevendo isso, me emociona e choro, me lembrando da generosidade dela) Diz que está cansada de me ver chateado quado me chamam Pelé. — "A partir de agora vou lhe chamar Lepê".

---

[15] Charle, era uma maneira de bater na bola, encolhendo e levantando a perna, deixando-a repousar entre o calcanhar e o tornozelo. O nome é uma homenagem ao suposto inventor do foot-ball, o inglês Charles Miller.

Disse ela. “É facilzinho, apenas uma arrumação no som e nas letras e todo mundo vai se acostumar logo”, concluiu.

Eu fiquei assustado. Era um nome em Yorubá. A essa altura eu também já era curioso em querer saber línguas africanas. Como é que ela sabia disso? Eu tinha que perguntar ao meu pai Paulo, uma vez que eu já andava pela casa de Orisà, se eu poderia usar esse nome, se ele permitiria. Isso faz parte de um “canto” para Osún. De inicio ele relutou, mas depois consentiu. Era como se ele tivesse aberto um portão a quem estava prisioneiro por muitos anos. Senti-me na carreira em plena relva, de braços abertos, levando vento na cara.

No momento dessa lembrança, penso em Norbert Elias, em sua escrita sobre as“Estátuas Pensantes”, embora não seja eu um expert em seu pensamento sociológico, mas aprendi a gostar através de meu orientador e das teimosias das doutoranças afixionadas em “Leituras Eliasianas”. (Esse povo nem sabe o quanto me ajuda a compreender Elias, mesmo não estando eu no grupo). “O corpo, tal como aparece ao sentimento, separa uma pessoa da outra como uma parede, ainda que tenhamos perfeita consciência de que também ele é que as une” (ELIAS, 1994, p.99).

Hoje, penso na percepção de Dione sobre mim e imagino que o citado corpo: “parece um continente que isola do “exterior” e “contém” a própria pessoa, ou, conforme o caso, a “consciência”, os “sentimentos”, a “razão” e a “consciência moral”, como um receptáculo” (Op.cit. p.99).

São transformações que segundo Elias (1994), ocorrem na consciência, tanto em níveis históricos, que sociedades do passado e também atuais, protagonizaram, quanto afetam seres individuais, “no sentido de que toda criança as atravessa ao crescer” (Op.cit. p.100).

E foi esse corpo, o meu corpo negro que me levou a pesquisar, no curso de Psicologia, sobre “Problemas Escolares provocados pela Auto-Rejeição na Criança Negra”. Este foi o título de minha monografia, meu trabalho de conclusão do curso. Comecei a ver que “o problema das injustiças sofridas pelas crianças negras, ainda não ganhou lugar nas pesquisas históricocientíficas, muito menos nos relatórios da educação” (CORREIA, 1995, p.76).

Passei a observar também que poderia dar uma contribuição à Comunidade Negra Brasileira, no tocante à educação quando vi que a escola, instituição da estrutura social, em considerável medida dá reforço à ideologias e fortalece os regimes, agindo “como caixa de ressonância do aparelho do Estado” (CORREIA, 1995, p.76), transmitindo o racismo através dos textos didáticos e dos “desavisados(as) mestres e mestras”, sem formação alguma para lidar com relações de discriminação étnico-raciais.

Agora vejo, que mesmo sem perceber, eu já dava início a um caminho que sugeria a construção de uma autobiografia, quando tomo a mim mesmo como instrumento de pesquisa, tomando como base teórico-metodológica, as obras de Neuza Santos (1983) "Tornar-se Negro", Ailton Souza (1978) "Uma Contribuição ao Enfoque do Problema Negro" e Maria Carrilho (1980) "Sociologia da Negritude". Eu não podia mais parar: tinha que ser um negro em movimento.

4.1.1 - Passos de um "Eu" em deslumbramento

Eu cheguei ao Movimento Negro, institucional, em 1979, como a maioria dos negrosde movimento em Recife. Como disse José Carlos Limeira (1998)[16], "Naquela época, obscura pra o contexto geral, vivia-se o "milagre" (que resultou nas inflações da vida), e o solo pátrio abrigava [...] torturadores, torturados e presos políticos" (LIMEIRA, 1998, p.86). O Recife, ainda era a terceira cidade do Brasil, e como a maioria das cidades de destaque no Brasil, como Salvador, vivia abarrotada de sugadores, hippies, poetas, estrangeiros, mentirosos, falsos profetas e os infaltáveis racistas.

No tempo, eu, recém-saído de minha adornada virgindade, como espírita kardecista, cabeça abarrotada de "psicografias doutrinárias" moralizadoras do grupo ao qual eu pertencia, morria de medo que os espíritos obsessores se aproveitassem das "energias ectoplasmáticas" do sexo praticado por mim, e que, se por acaso eu desencarnasse naquele clima, fosse parar no umbral – local de purgar faltas cometidas – onde foi parar o espírito do médico brasileiro André Luiz, descrito na obra *Nosso Lar*, psicografada pelo inolvidável médium de Uberaba, Chico Xavier, que há pouco mais de cinco anos, tornou-se película cinematográfica.

Eu não tinha ideia do quanto essas filosofias e religiões acumulam pensamentos preconceituosos e racistas. Tanto pela falta de conhecimento sobre as outras filosofias e tradições, quanto pelo comportamento eurocêntrico. Cheguei ao movimento ainda acreditando que Obaluaiye era um espirito das trevas, que os pretos velhos eram "nossos irmãozinhos de pouca evolução", Jesus era branco e que Tupã era o Deus de todos os índios.

Sem contar que eu já havia escapado de ser padre, em minha adolescência – desejo veemente de minha mãe – e expulso de umas cinco igrejas protestantes, por tentativa de disseminação de dúvidas entre os de minha idade com minhas perguntas que abalavam as estruturas da fé.

---

[16] Poeta e contista negro-baiano, participante de Cadernos Negros, falecido em 2019.

Mas, na efervescência dos finais dos anos 1970, absorvido pela estética africana, nova entre nós; as notícias das guerras de libertação dos países africanos; do Movimento Black Power e das repercussões das mensagens Black-Panters, mesmo "como cego num tiroteio", mergulhei de cabeça.

Nunca tinha visto tantos negros e negras sabidas juntas. Era como se as portas do céu africano tivessem sido abertas e aqueles anjos ebânicos tivessem se espalhado no centro de meu coração, em seus vários matizes de marrom, num coral gigantesco, ao vivo, pra me legitimarem como gente. Gente de verdade!

Ficava linda a escadaria do DCE da UFPE, na Rua do Hospício, nos sábados à tarde. Lá dentro comecei a ouvir falar de homens grandiosos como Steve Biko, grande líder da Áfricado Sul, Nelson Mandela, que dispensa comentários, Mark Garvey e tantos outros. Aí comecei e me aprofundei nos estudos sobre esses personagens.

É por isso que, com muita propriedade e conhecimento de causa, a professora Nilma Lino (2017) afirma: "O Movimento Negro é um educador. Minha trajetória [...], minhas pesquisas, produções teóricas e ações políticas se pautam nesse reconhecimento" (GOMES, 2017, p.13). Eu não poderia dizer ao contrário. Foi no movimento negro que eu aprendi a ir até as raízes, como bem explicava Paulo Freire, definindo um radical. Tomei consciência de que devia honrar a descendência e respeitar as tradições de meu povo, tão invisibilizadas e/ou desqualificadas pelo eurocentrismo.

Daí participei da fundação do Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra - CECERNE, no começo dos anos 1980. A entidade tinha como objetivo instruir e unir o povo negro para que pudesse se reorganizar como foram organizadas as entidades do passado recifense, por exemplo: o CCAB- Centro de Cultura Afro-Brasileira, fundado por Solano Trindade, José Vicente de Lima, Barros, o Mulato e Ascenso Ferreira, na década de 1930.

Em 1937 a Frente Negra Pernambucana, é criada, no Recife, por Solano Trindade, José de Albuquerque e Gerson Monteiro de Lima, juntamente com o gaúcho Barros, o "Mulato", reagindo contra "uma proibição da visita de negros à Rua do Triângulo e da dança de negros em lugares considerados como de frequência para brancos" (SOARES, 2016, p.76).

Possivelmente essa proibição se dá em face da criação do CCAB, no Recife, entidade queembora tenha finalidades políticas de integração do negro na sociedade, funcionava como um centro cultural, disfarçado de diversionismo para não dar na vista do Governo Brasileiro que, mesmo sendo racista, nunca admitiu que se falasse em discriminação por parte do Estado, massempre ou quase sempre afirmava-se que no mundo, a única democracia racial era o Brasil.

Solano ao criar o Centro de Cultura Afro Brasileiro e a Frente Negra Brasileira em 1936, no Recife, alfabetizava, ensinava dança, canto e arte dramática a todos e todas: garis, desempregadas, empregadas domésticas, quem morava na rua, estudantes, prostitutas, dentro de uma noção de comunidade, retratando o modelo tribal de união. Sua poesia cara-do-povo, era seu carro-chefe no trabalho educativo antes de existir o Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento em São Paulo. Foi o velho Solano Trindade que também me inspirou esse texto:

4.1.2 - E por falar em Solano...

Se Solano tivesse silenciado, o que seria da poesia? O que seria dos poemas?

E já que a simplicidade não vale tanto, e hoje muito menos a vida, pior para aqueles que insistem em escrever, principalmente *Poemas de uma vida simples.*

Se Solano tivesse silenciado, com o desaparecimento das ferrovias o Trem sujo de Leopoldina* não passaria de um monte de entulhos, cacos enferrujados de um passado sem discursos e sem lembranças, como sua cria: o TPB – Teatro Popular Brasileiro que, nem sequer é citado nos grandes eventos em homenagem ao teatro - talvez, por ter sido coisa do povo e para o povo – só ouvido e aplaudido fora. "Ora, direis – por certo perdeste o senso... E eu vos direi no entanto", bilacteanamente[17], que estou a falar da poesia que pulsa no meu peito, dos poemas que insistem em querer me escorrer por entre os dedos, só porque capturaram do eco que ainda se ouve pelos espaços a fora, os versos do mestre, cantados por João Ferreira - o Abiodu, em nossas tares e/ou noites de poesias negras , no Bar de Gilda, no Páteo de Santa Cruz, no Bairro da Boa Vista:

> Não disciplinarei as minhas emoções estéticas
> deixá-las-ei à vontade como o meu desejo de viver
> É grande o espaço embora se criem limites ...
> Basta somente que eu sofra a disciplina da vida mas a estética
> deve ser sempre liberta
> (TRINDADE, 1980, p.60).

Sei que a essa altura, o rótulo de minha loucura já está sendo afixado, mas se Solano tivesse silenciado, São Pedro estaria sozinho a tomar conta daquele Pátio Imenso e as terças continuariam brancas, como de costume, e os bêbados nas *terças negras*[18] não teriam quem aplaudisse suas loas convexas, como faz a estátua do poeta a piscar o olho para o Santo, como que lhe pedindo para perdoar os transtornos, poeticamente etílicos, em frente ao templo.

---

[17] Relativo ao poeta Olavo Bilac, criador do soneto "Ora direis ...", o XIII de *Via Láctea*, publicado em 1888.

[18] Terça Negra, movimento cultural criado por componentes do Movimento Negro, no Recife, com apresentações de grupos musicais, poesias, reivindicações de direitos etc, todas as terças-feiras à noite, no Pátio do Terço, Recife, Bairo de Santo Antônio

Solano, por interpretar tanto a alma dos seus, fez a crítica jornalística em 1944, o classificar como um poeta social, engajado, lírico: "Nenhum outro preto no Brasil cantou a raça com tamanho sentimento [...] A cor preta no Brasil está tendo agora, com o surgimento de Solano, o seu primeiro poeta nato, o seu primeiro cantor negro" (HOLANDA – in CAMARGO, 1987, p.80).

Isso lhe valeu um lugar ao lado de grandes mestres da lírica afro-cubana (1928) inspirada conscientemente na linguagem popular, como Guillén, Ballagas e Arozarena, mestres de uma lírica "que refuta el 'alma africana', el renacimiento de África a partir de su psique" (JAHN, 1978, p.287). Essa lírica de ritmo fascinante que chegava a fazer magia com palavras ao modo africano "se extiende por toda América Latina; su método fue adoptado y elaborado por Luis Palés Matos em Puerto Rico, por Adalberto Ortiz en El Ecuador, por Solano Trindade en el Brasil [...] (JAHN, Op.Cit. 287).

Podemos dizer então que Trindade, em matéria de pioneirismo, pode estar situado entre os que antecederam a poesia de negritude surgida em Paris (1939), não em se tratando de publicação, mas, no que diz respeito a um "que fazer poético," rebelando-se contra medidas e modelos.

Então posso continuar afirmando que se Solano tivesse silenciado, o que seria de Miró*, de França* (hoje ao lado de Solano), Malungo*[19], tantos outros, e de mim, consagrado pela "academia" (UFPE) como quem não sabe escrever, e cuja poesia não tem tempo nenhum diante dos *Seis Tempos de Poesia* do "Mestre".

Mas, se **Solano** tivesse silenciado eu não teria a quem recorrer quando me pedissem para que eu escrevesse mesmo assim, pois:

Hoje me falta o verso
Como falta pão e farinha
Na mesa do meu irmão.
Meu estômago poético ronca,
Dá nó, a tripa da inspiração.
Uns com tanto e outros sem saber como.
Vou gritar pelo velho Trindade
Quero alguma imaginação pra beber
Algo que aplaque esse miserê ...
Poético sim... Por que não?
Ele sempre teve
Em cada caracol de sua carapinha
Umverso, uma ilusão espalhada:
Pelas barbas, nos cabelos do sovaco ...
Até nos arames pubianos
É ... até lá tinham versos pendurados.

[19] *Todos, poetas performáticos "de cama e mesa", como diz Miró, de Recife, Olinda e onde forem convidados.

Me acode Véio!
Agora e na hora de qualquer papel em branco
E depois...
Vai ser poeta assim na casa d'Orisanlá
(CORREIA, 1998, p. 93)

... Que eu daqui, continuarei a lhe pedir para lançar mais *Cantares ao meu povo*, pois, sei que pelo seu próprio nome, **Solano** – o "vento forte da África" – jamais se calará.

Tudo isso para mim foi uma escola. Tanto é, que, quando pude escrever minha primeira experiência como poeta, fiz um livro de poesias dedicado a Solano Trindade: *Caxinguelê*- Poesias de Negritude, em 1993. Sou o Primeiro Poeta Negro, depois de Solano a publicar um livro inteiramente direcionado a essa finalidade temática, no Recife.

O Movimento Negro Pernambucano, seus intelectuais e pesquisadores acadêmicos, nunca disseram isso. Acho que é por isso que o pessoal do Departamento de Letras da UFMG, que criou o Jornal de crítica e divulgação literária, LITERAFRO (professor Luiz Henrique, especificamente em um de seus trabalhos, 2010), me chama "Lepê Correia, o Poeta Bissexto". Ironicamente: aquele que é lembrado só às vezes, embora alguns poemas do Caxinguelê foram musicados, por mim e outros como, Valdi Afonjah, Marcilio Lisboa, por exemplo. As páginas musicais, Caxinguelê, Rainha Matamba, até hoje tocam em rádios da República Tcheca, levadas por Valdi em suas turnês internacionais. Hoje, Rainha Matamba, 1987 (Asé de Fala), já é cantada em quase todo o Brasil. E um exemplar do *Caxingulê,* embora eu não saiba escrever, encontra-se no Instituto Íbero Americano em Berlim, na Alemanha.

Além da fundação do CECERNE, no final da década 1970, participei no começo dos anos 1980 da criação do Afosé Ilê de África, inspirado por João Ferreira, o Abiodun, Jorge Morais e Ubiracy Ferreira, organizado e dirigido por Zumbí Bahia, um dos criadores do Balé Primitivo de Arte Negra do Recife[20], onde o Bailarino e coreógrafo Edilson Xerife, hoje Professor Titular da UFPE, PHD em Sociologia, Edilson Fernandes de Souza despontou e tornou-se astro, expandindo a dança africana Brasil afora.

Com o Balé Primitivo de Arte Negra à frente, performatizando a nossa vida, o Ilê de África seguia lindo e emocionante, de cabeça erguida, parando o trânsito do Recife com suas túnicas africanas encarnadas e brancas cantando a todos os pulmões: "Vamos assumir a nossa raça / Ilê de África, Asé África... ao som do Ijesá. Negras e negros com sorrisos que chegavam

[20] Uma dissidência entre coreógrafos, fez Zumbi Bahia seguir com o Balé Primitivo, enascer o BACNARÉ, Balé de Cultura Negra do :Recife que ficou aos cuidados de Ubiracy Ferreira. Até o hoje, pela maneira de dançar se conhece quem foi discípulo de quem: do primeiro dançam de corpo erguidos, e os do segundo, corpo curvado.

às orelhas. Braços abertos como águias-rainhas – urubus uma porra! Diriam em couro todos que estavam honrando a desendência e a ancestralidade, se em tem tivessem notícias sobre o sem vergonha que proferiu a ofensa contra nossa elegância.

Figura 9 - Dandalunda ni Kaiala

Fonte 9: Acervo do autor

5 O SER, O SAGRADO E A MEMÓRIA.

> Dandalunda, mãe de minha crençaÁgua doce, quero agradecer
> Cada passo que me faz crescerPra lutar, quero pedir licença
> Ao mais velho sempre a me guiarAncestral do rio, terra e mar
> Se a ordem é pra vencer, que eu vença**.**
> **(**CORREIA, in- Cadernos Negros 39, 2016, p..213)

Nesta epígrafe, mais uma vez o povo bantu é homenageado na figura de Dandalunda, divindadedas águas doces e Kaiala, o Nkise de todas as águas, mas tem comando no mar. Este capítulo caminha pelos campos da história, localizando fatos e acontecimentos emdeterminados momentos vividos pelo país chamado Brasil. Aborda o preconceito, o racismo e o autoritarismo na exibição de força política, o poder do sagrado e não perde a oportunidade dedemonstrar a cultura, o patrimônio, os encontros e desencontros de cosmovisões, além de, ligeiramente, apontar como pouca coisa mudou no tempo histórico deste país, dos anos 1940 aoano de 2023, para os ocupantes da chamada Diáspora Africana, no que diz respeito à liberdadee os conflitos enfrentados na afirmação da identidade e manutenção de seus ritos ancestrais.

As demonstrações são feitas através da intervenção de Mãe Beata, desde a Baixada Fluminense e Dona Fortunata, a Baiana do Pina, fazendo ecoar sua voz desde a Terra do Frevo e do Marcatu – Recife. Tudo isso de braços dados com a identidade, o mito e a oralidade. Todas, escanchadas na História, sustentadas pela ancestralidade alimentada pelo poder do sagrado e conservada pela memória.

É de opinião geral, nos estudos filosóficos, que um dos primeiros problemas acessados pela mente humana foi o problema cosmogônico. Pelas inquietações existentes até agora em relação ao para onde vamos e o que viemos fazer aqui. Intui-se que perguntas sobre as origens e destino das coisas e dos entes, começaram a surgir no primeiro momento em que o ser humano adquiriu o poder da reflexão.

A busca das revelações sobre os segredos do Universo levou pessoas, culturas e gerações inteiras a um incessante perguntar, a uma criação desvairada de meios e métodos, bem como, escritos e “garatujas” que pudessem acalmar a ânsia de apreender o real em sua totalidade e compreender as diversas realidades em que se situa e se contextualiza o todo.

Para justificar, fundamentar e explicar os acontecimentos e atividades que tiveram lugar num tempo primordial, tempo esse parido pelo sagrado - o pai-mãe do real e do talvez verdadeiro – aquele que ganhou o lugar de provado e comprovado, visto que, “até hoje o mundo existe”, surgiram os mitos. “Tudo o que sabemos acerca das recordações míticas do <<

Paraíso>> mostra-nos, pelo contrário, a imagem de uma humanidade ideal “[...] (ELIADE, 1969, p.105).

Daí vermos como o ser humano diante de contextos aleatórios e frustrativos apela para uma relação transcendental, procurando uma segurança e uma identificação mais firmes: se integra em grupos organizados na tentativa de se reencontrar e atingir metas valorizadas e definidas pela comunidade e aceitas por ela. Assim a história humana e suas contingências vai sendo feita a partir das “circunstâncias, ambientes, recursos e interações [...], porém, a história não se constitui apenas de eventos, ela é o próprio desenrolar dos processos” (FOURSHEY, 2019, p.22).

E uma vez que o começo da história da humanidade, tem sua origem ligada ao continente africano, nesse texto, sem querer desconhecer o sagrado na visão de outros povos, trataremos das relações e símbolos, com esse teor, dentro das comunidades africanas trazidas para o Brasil por contingências escravocratas, uma vez que continuam a fazer parte de nosso inconsciente coletivo, embora tenham travado, nos últimos tempos, uma luta ferrenha para continuarem sobrevivendo, apesar de alguns generosos acadêmicos afirmarem que “diversas tradições e linguagens religiosas sempre conviveram no Brasil, país que parece ser terra fértil para o surgimento de novas expressões religiosas e para releitura de antigas tradições de fé” (MAGALHÃES, 2008, p.8).

Entretanto, no recente governo brasileiro, os famosos “istas”, há muito tempo na surdina e na espreita, foram legitimados pelos discursos da instância maior do País. Entre eles os rac”istas”, que apesar de se comportarem como admiradores paisag”istas”, dentro e fora das instituições sociais e da academia, passaram a colocar as “unhas de fora”, atuando como: “papagaios de piratas”, admiradores do que descaracteriza sua terra e, até alguns afrodescendentes, reavivaram a chamas dos “capitães do mato”, há muito adormecidas em seus corações lacaios, para começarem a ser porta-vozes do eco colonizador, através do brandir da espada da insurgência contra as “práticas e os ritos ancestrais” de povos dos quais eles próprios descendem, junto ao exército dos não-negros de várias denominações religiosas e/ou credos espirituais, abominando o sagrado que não tiver uma euro-autorização.

Mas o legado africano, mesmo trazido à força, embora ressignificado, por aqui tomou volume e apesar da riqueza e da pompa dos credos coloniais e da perseguição, a cosmovisão

negro-africana que aqui chegou, nem sonha em desaparecer, e ultimamente com o avanço dos movimentos sociais, principalmente do Movimento Negro o número de estudos e estudiosos desse assunto cresce a cada dia.

O professor Fábio Leite (2008) foi um dos grandes estudiosos da questão ancestral, desaparecido em 2020, de nosso convívio terreno, fez no final dos anos 1970, uma das mais significativas pesquisas, na África, sobre a questão ancestral, inclusive observando "a dimensão ancestral como dotada de concretude histórica" (LEITE,2008, p.13). Não acho viávelaprofundar tal assunto por aqui neste momento, mas como estou tratando de fatos relacionadosà memória e historicidade brasileira inspirada no sagrado, decidi tocar no assunto, visto que existe uma relação de muito estreitamento entre a problemática da ancestralidade e as várias instâncias do social, sem necessariamente se tratar de uma questão religiosa.

Daí, em relação a alguns termos como: "tradição", que por não achar adequado para as práticas sociais negro-africanas [preferiu] designá-las por práticas ancestrais; e as ações atinentes à espiritualidade - para ele - "ficariam melhor explicitadas sob a designação de *ritos ancestrais*" (LEITE, 2008, p.18), uma vez que seria um "perigoso engano" transformar os cultos aos ancestrais – e a reverência às forças da Natureza[21] - em "religião africana". Não por uma questão preconceituosa em relação ao termo ou coisa semelhante, mas porque o termo *religião*, parece "ter adquirido o sentido mais imediatista e comum de injunção formal submetida a crenças em poderes celestiais e sublimação da condição humana" (Op.cit. p. 18), fazendo que, igual ao pensamento religioso europeu, o ser humano parta em constante elevação na rota do Criador, como um tipo esforço humano para se divinizar, coisa que foi propalada na África Negra, pelas "missões civilizatórias", com intuito de dominar. Entretanto, "os valores originários [...] propõem, ao contrário: [...] a humanização dos deuses" (LEITE, 2008, p.19).

Em razão das práticas sociais ancestrais terem uma abrangência muito maior e em variados níveis das relações de parceria entre a natureza interior e exterior das convivências humanas no planeta, nessa minha convivência com ritos ancestrais de origem africana noto, que, quando é permitido, principalmente, aos pesquisadores e curiosos alheios aos cultos a participação em atos mais fechados (esotéricos), ocasiona, quase sempre, visões e interpretações limitadas, principalmente, da parte dos portadores do ponto de vista dos dogmas do conhecimento euro-americocêntrico.

---

[21] Culto aos Vodu, Orisá e Nkise – (elementos sagrados dos povos Ewe, Yorubá e Kongo-Angola)

Embora o pesquisador seja sério, tomar como simplesmente um ato religioso as práticas sócio-espirituais que envolvem os "que fazeres" de um Babá L'Osayin[22] em busca de folhas para fazer uma consagração, ou uma "lavagem de cabeça", com seu amontoado de passos e fases, apenas pelo que se pôde ter acesso em um momento, é ter um trabalho de observação "periférica", ou do popular "visto por cima", interpretado desde fora.

Existem vários trabalhos, mesmo de "grandes" pesquisadores, que não citarei por questões éticas, cheios de equívocos, embora bem escritos academicamente, pois as bibliografias e sujeitos que fornecem as informações, falam muitas vezes, desde um pensar estranho ao meio de onde foi "pesquisado". Enunciam de um pedestal fora dos cultos que, logicamente, diminui o valor de alguns sujeitos protagonistas da realidade prática ritual, devido aos preconceitos intelectuais em relação aos não escolarizados.

Esses comentários não são mais profundos e melhores do que outros têm escrito sobre esse assunto, mas algumas coisas sobre as quais escrevo fazem parte da minha experiência, da minha vivência quotidiana. Vários aprendizados me foram conferidos pelos chamados "arquivos do saber": alguns mais velhos e velhas, cheias de conhecimentos vindos de outros velhos mais antigos, minimizados por sua falta de instrução escolar, mas que contribuíram, em muito, para que o pouco que aprendi dentro dos ritos ancestrais, pudessem fortalecer minha relação com o sagrado, minha identidade e orgulho de meu pertencimento étnico[23].

5.1 O SAGRADO QUE SOMOS NÓS

Nas culturas africanas, pelo menos as que conheço, o sagrado ocupa um lugar, diferente do que costumeiramente, no Ocidente, assim foi denominado. Para estes, o sagrado tem um quê de assustador, de intocável; as Divindades estão sempre distantes, ou orientando de longe. Enquanto isso, o que ocupa esse lugar nas culturas indígenas e/ou africanas se amalgama aos atos e vivências daqueles que o evocam ou se entregam aos seus cuidados como guias ou guardiões, ficando tão perto que às vezes são confundidos com seus próprios adoradores.

Nessas relações o amor é possessão e não posse, as pessoas se tornam uma com e como o Orisá, o Vodu ou o Nkise, o Mestre, o Caboclo ou o Encantado. É um grande prazer, ver o elemento do qual a pessoa é filha, filho ou afilhado(a) incorporado em outra pessoa e se poder

[22] O que conhece e colhe as ervas sagradas
[23] Meu pai pertencia ao povo Lyelle, da Burkina Faso.

cumprimentar, falar, abraçar e não se ter ciúmes, por saber que no corpo em que aquele elemento sagrado atuar, ou no lugar onde se manifestar, continua lhe amando e lhe protegendo, aconselhando individualmente, ao mesmo tempo em que faz parte de um todo comunitário.

Nas comunidades originárias o individual nunca deixa de ser uma parte do corpo coletivo. Por isso, aqueles ou aquelas que estão ou vivem à frente das Comunidades Terreiros, pelo menos, nos tempos mais antigos, foram devidamente preparados(as) para exercerem seus papeis de comando do grupo, fazendo com que os locais funcionassem tanto como reduto de tratamentos espirituais e físicos, quanto lugar de resistência contra a extinção dos ensinamentos e regras ancestrais - como dizia a minha avó - "do bom viver." Isso, desde o comportamento político para que se tomasse cuidado com os pactos a se fazer com os que chegassem pedindo favores ou oferecendo benesses em troca de votos; ou em relação ao comportamento moral dentro da sociedade à qual pertencesse. Principalmente, não se deixando influenciar pela aquisição fácil, porém ilegal, tornando-se uma má referência para os mais jovens do grupo e para a reputação da casa a que pertença.

Ser o Sagrado enquanto Ser, é cuidar bem do próprio corpo lhe conferindo saúde através da limpeza feita com os banhos das ervas, o resguardo durante as funções rituais, a roupa sem sujeiras: não emprestar, nem vestir roupas alheias, nem calçados. Coisas que previnem desde a "sovaqueira" até o não envolvimento com energias inadequadas, transportadas por outros corpos que as vestem, através do suor. Aos olhos dos verda deiros praticantes, é preciso amar o corpo e equilibrar a mente ouvindo a ancestralidade. Não é um mero estar por estar. Será que é simbólico apenas para determinado grupo? Não sei. Os mais velhos ensinam assim. Aprenderam de seus mais velhos, como já diz o velho ditado:

> O corpo que deus me deu
> Foi feito pra vadear
> Na ginga falo do mundo
> Do de lá e do de cá
> Meu corpo negro é uma arma
> Que muito prazer me dá
> Melanina é meu escudo
> O meu protetor solar
> Por isso meu Mestre Zé
> Logo ao se incorporar
> Tira primeiro uma loa
> Dessa que eu vou lhes mostrar:
> "Mas eu sou preto, e bem preto
> Não sou queimado do "Só"
> Já diz o velho ditado
> Quanto mais preto é milhó"[24] (CORREIA,2009)

[24] Poema de Lepê Correia, 2009, com enxerto de uma toada do "Mestre" José Felintro, ouvida em 1982, na ComunidadeTerreiro Ogun Toperiná (ã), no Jatobá, em Olinda.

Imaginemos uma criança negra de periferia, desrespeitada pelo racismo, como a maioria das crianças negras desse país, cuja família frequenta um terreiro de Mbanda,[25] depois de uma semana de achincalhamento na rua, ou mesmo na escola, ouve uma exaltação à sua cor, ao seu povo, partindo da boca de uma figura paterna poderosa, como um Mestre da Jurema? É fascinante ver os olhos de todos brilhandono terreiro, a força com que cantam se afirmando "pretos", reabilitando suas autoestimas. É uma aula de "Psicologia do Fortalecimento e da Autoafirmação Identitária," sem rodeios e teorias cansativas. Em suas frentes: só um símbolo de poder.

Brasil está repleto de personagens que não arredam o pé – também de carne e osso - quando se trata de defender o patrimônio simbólico negro-brasileiro, reconhecendo o sagrado como grande artífice nesse ato de amor. Tenho notícias de que em São Paulo, negras psicanalistas estão abrindo mão dos eus confortáveis consultórios para irem às comunidades darem assistência aos que precisarem de apoi psicológico, tendo como base a escuta dos problemas sobre as espiritualidadesnegras destroçadas pela opressão.

5.2 O TRABALHO DO PSICOTERAPEUTA: ENCONTRO DE DOIS CAMINHOS.

Hoje, ao executar uma supervisão de uma colega psicóloga que está no Chile, no final da conversa começamos a comentar como essa criança que existe dentro de cada um de nós, mesmo depois de crescida, carrega uma carga pesada de acontecimentos ocorridos desde a mais tenra idade que, dependendo das situações por ela vivida, influencia de diversos modos sua vida adulta: pode elevá-la, dentro do caminho escolhido na profissão, até a sedimentação de bloqueios que podem influenciar sua caminhada ou trajetória, atuando como empecilho nas tomadas de decisão, nos relacionamentos interpessoais, sejam de trabalho, de amizades, encontros afetivos e tantas outras circunstância que venham a se apresentar.

Muitas pessoas, por não saberem o que fazer, ou não suportarem mais carregar sozinhas a carga de problemas de várias etiologias busca o auxílio de vários setores: familiares, amigos, professores(es), centros espíritas, terreiros de candomblé, igrejas e consultórios psicoterápicos para compreenderem melhor o que se passa consigo mesmo ou não entenderem de modo algum,

---

[25] Termo Kimbundo (Angola) – Medicina, arte de curar, ciência médica; em Umbundo, designa o médico tradicional, o curandeiro (LOPES, Nei, Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, 2004, p. 663) (apelo para a escrita original do termo, visto que, no Brasil, quando se escreve, na maioria das vezes, em línguas estrangeiras se faz questão de manter o original: "hot dog", "coach", etc. Por que não em línguas africanas também?)

muitas vezes, a causa ou as causas de seus sofrimentos.

Hoje é terça-feira, dia 4 de outubro de 2022. Acabamos de sair de uma eleição no domingo,onde as forças chamadas democráticas foram para o segundo turno, com objetivo de se livrarem daquilo que é denominado fascismo. E eu aqui, continuo o meu trabalho. Estou trabalhando dessa forma, remotamente, atendendo a uma pessoa brasileira, ora, morando no Chile e, me emociona muito, como supervisor de uma profissional de psicologia, observar os símbolos que surgem nas narrativas.

Segundo ela, fica maravilhada quando eu faço leitura interpretativa desses símbolos. Eu, de minha parte, acho que faço coisas simples, porque fazem parte do meu dia-a-dia. Entretanto, ao refletir vejo que não é tão simples fazer leituras assim, porque o psicólogo não é um profissional do óbvio. Vejo como resultado do meu tempo de trabalho, essa minha instrumentalização que me capacita a interpretar imagens que emergem do inconsciente das pessoas, compreendendo "o que não foi dito, atrás do que está sendo dito". Segundo Paulo Hindemburgo, meu falecido Mestre, no campo da psicologia: "esse ato se chama ler".

Então me vem à mente um pensamento que para os cientistas pode parecer esdrúxulo. Pelas minhas vivências no campo dos ritos e práticas ancestrais afras e brasileiras, chego a pensar que nós os psicólogos, funcionamos, na maioria das vezes, como se fôssemos um tipo de Babaláwo, homem sacerdote do Ifá, a filosofia oracular do Orisá Orúnmìlà, no sentido místico: "Divindade que responde a consultas e orienta o crente" (FERREIRA, 1977, p.342).
Sei que não somos Babaláwo, que "[...] consegue saber o destino das coisas e pessoas através de um complicado jogo de nozes de cola" (FONSECA JÚNIOR, 1988, p.75), ou 16 coquinhos de palmeira denominados "Ikin"; e ainda 16 conchinas do mar: os búzios. Nós não somos nenhuma divindades neste sentido, mas a fantasia que eu faço é que somos considerados(as), assim analogamente, devido a nossa função e instrumentalização acadêmica,como na metáfora da segunda definição, do parágrafo acima: "Pessoa cuja palavra ou conselho inspira muita confiança" (FERREIRA.1977. p.342), diga-se, de antemão, para aquele que nos consulta almejando, entre outros benefícios, saber como é que deverá conduzir a sua vida. Sei que me arrisco a pensar assim, temo estar colocando minha cabeça e meu status profissional a prêmio, uma vez que estou a fazer uma relação do oráculo com esta ciência, a psicologia, queo Ocidente tem, com base em técnicas e práticas europeia

Entretanto, embora diplomado em escola possuidora das mesmas ideias eurocêntricas, eu trabalho auxiliado por uma base, para mim, interessante, uma outra cosmovisão. Eu trabalho me lembrando de algumas coisas que os mais velhos ainda hoje ensinam, e que existem na cultura afro-nigeriana, que é o culto a Orí.

Orí, cabeça, em língua Yorubá. Segundo um mito desse povo, quando Olodumáàre, o Criador de tudo, nos torna um Ser, e esse Ser vai sair do Òrun, que é o mundo espiritual, e atravessar o portal para entrar no Aiyé (aiê) – vida, mundo material – ele vai, antes de sua vinda à matéria, buscar uma cabeça, um Orí, moldado por Ajàlá, o grande artesão das cabeças. Daí então, Ori posta-se diante da grande criação para receber as incumbências e fazer as promessas de execução das tarefas que comporão o traçado de seu destino, no Aiye, o mundo material.
A principal testemunha, do ato de escolha e apropriação de um Ori, pelo Ser e da expressão de cumprimento das promessas, é Òrúnmìlà, O Senhor do Destino. É por isso que, quando ao chegar ao mundo, e começam a acontecer diversos atropelos, atrapalhos e surgimento de obstáculos na vida dos indivíduos que ganharam corpo e desceram para a terra, eles costumam ir direto consultar o oráculo, para receberem as orientações e diretrizes de Orunmìlà,em busca de equilíbrio para seus Orí, visto que, só ele esteve presente na sala de escolha de suascabeças, recepções do destino e promessas diante da Divindade maior.

Ifá, o oráculo, vai indicar, dar algumas dicas através dos "ìtàn", histórias, mitos, lendas que serão contadas ao consulente a partir das configurações, ou quedas que são as maneiras como os 16 búzios ficam dispostos na peneira. Quero salientar que, os coquinhos, ou Ikin, principalmente no Brasil, na maioria dos lugares, foram substituídos pelos búzios (erindílogun), desde a África, para que as mulheres também pudessem jogar.

A maneira como os búzios se dispõem formando os Odu – "signos do oráculo de ifá que determinam as mensagens que serão interpretadas pelo bàbáláwo" (NAPOLEÃO, 2011, p.158), ou pela Iyaorisá, e transmitidas ao consulente como orientação para que possa melhorar sua maneira de viver e/ou indicar as tarefas ou "obrigações" solicitadas pelas entidades guardiães de seu Orí.

Como iniciado dos ritos ancestrais de matriz africana, e psicólogo, eu vejo esse "Eu" Idêntico lendo a semelhança entre os dois ofícios: o ato de receber as pessoas no Ilé Orisá (terreiro), solicitando que diga o que a levou àquele lugar, onde mora, que idade tem, tal qual o "raport"de quando se vai à consulta pela primeira vez num consultório de psicologia, depois procede-se a *anamnese*. Deixa-se-a (a pessoa) à vontade até o momento da consulta, propriamente dita, no local do jogo, onde ela observa as invocações, os objetos utilizados e a disposição dos búzios que é interpretada onde se comunica o que Ifá está a dizer, indicando os caminhos e sugerindo o que deve e como pode fazer para recuperar o equlibrio.

A diferença é que o tempo da tradição, não é o tempo do relógio, se pode criticar as ações incompatíveis com as condutas morais exigidas pelo social e chamar a atenção pelos desregramentos, como se faz a um filho ou filha desobediente, em nome do Orisá que está a

falar no “recado”. A ética da tradição não é a favor de mentiras ou indiscreção em relação aos conteúdos abordados pelo oráculo, com outras pessoas da casa.

Já o psicólogo faz, também, seu papel de educador, dependendo da abordagem, orientador, acolhe pela escuta, mas tem o relógio a exigir o máximo de 50 minutos para a execução de seu trabalho, mesmo levando em conta que o palco ali, é do cliente. Seus juízos de valores não devem entrar em cena, e o sigilo é obrigatório em relação aos conteúdos.

Coisas que o cliente não está percebendo são alertadas, símbolos contidos nos sonhos e atitudes, poderão ser lidos com ajuda do terapeuta, visto que, este está mais instrumentalizado na condução de tal tarefa, tais leituras. Vai mostrando e vai tomando consciência, ao mesmo tempo, que é sua obrigação avisar que se não fizer sentido, o que está sendo pontuado, a pessoa tem todo o direito de jogar fora.

Na psicoterapia, se faz a pergunta para que a pessoa responda para si mesma sobre o por que de ter tomado determinadas atitudes; ver onde se enganchou: na infância, na adolescência...que engancho foi esse que está gerando determinados problemas? E essa pessoa segue fielmenteaquele terapeuta... eu fico aqui só observando e vendo que, mesmo sem sermos oráculos ou Babaláwo, funcionamos como tal.

Que responsabilidade imensa esse exercício da psicologia, que não implica em só sentar-se para escutar pessoas, mas para participar da vida de pessoas que tiveram a coragem de convocá-lo e aceitá-lo dentro de sua própria história, buscando seus conselhos, suas dicas e, hora se enraivecendo, ora se encantando com suas leituras sobre seus comportamentos, para que possam, muitas vezes escapar de suas próprias “armadilhas”, que ainda não podem, sozinhos, sair. Portanto, é preciso compartilhar negociações entre a cabeça e o coração

E eu continuo aqui, não em cima, mas dentro do muro, sentindo como é duro, pesado, no sentido da responsabilidade, do mesmo jeito que aquele que joga os búzios, que manuseia o oráculo de Òrunmìlá: se ele erra em suas leituras em relação ao Orí de alguma pessoa que está em sua frente, em busca de melhor direcionamento, pode botar a perder anos de investimentos na vida. O psicólogo também? Fico fazendo essas analogias, pois sei que essas duas ocupações não são iguais, e também que nem o psicólogo nem o Babaláwo são adivinhos. Nem mesmo o oráculo, que é apenas um veículo de mensagens e intuições divinatórias, segundo cada tradição e/ou cultura.

Em muitas vezes, o psicólogo, além da técnica, também tem que recorrer à sua intuição, coisa que acompanha o ser humano desde o seu surgimento, tendo ao longo dos tempos recebido várias denominações: “espirito santo de orelha”, “sexto sentido”, “lampadinha”, etc. Afinal, somos pessoas e, concordo com os mais velhos, negros e indígenas, que nos ensinam sobre a

importância de aproveitarmos as chances naturais de continuarmos “sendo gente” e não agentes da *“[...] ideologia tecnocrática (nos) conduzindo à panificação social e à programação dos indivíduos*” (JAPIASSU, 1983, p.79). Fazemos parte, penso eu, das emanações da consciência cósmica.

Cientes disso, podemos ajudar as pessoas a terem saúde, equilíbrio mental, tanto quanto a nós também, nos concentrando no que fazemos enquanto tarefa política, pedagógica e filosófica. Uma tarefa de ajudar o outro a se organizar no mundo.

Caso contrário, ajudaremos muita gente a errar o caminho, no caminho, tomando o sentido que não tem coração, que são todos aqueles que nos conduzem ao sofrimento.
Ficar aqui pensando, falando sobre isso, me emociona, me faz chorar. E a minha supervisionanda perguntou: “você se emocionou?” Respondo que sim. “Eu sou a própria emoção.

Eu não posso deixar de me emocionar diante de tantos símbolos, de tantas coisas belas” e tanto aprendizado para mim, vendo o quanto a outra pessoa consegue apreender e depois aprender a fazersua tarefa de contribuir, colaborar com o reestabelecimento do equilíbrio de outras pessoas. Eu decidi gravar porque é muito importante estar na minha tese, também esta parte de minha tarefa nomundo. Eram 10:57, em Olinda. Muito grato às bisavós que ensinaram aos bisnetos, que passarampara os netos e que chegou aos filhos, o que até hoje nos aquece como se tivesse saído do forno, servido pela memória.

5.3 - VOVÓ FORTUNATA EM MINHAS MEMÓRIAS DO “EU” IDÊNTICO

Essa evocação da memória me conduz a um outro tempo mais atrás, sendo desta feita, a memória da memória, ou seja, a escuta da narrativa de um velho, sobre as façanhas de sua mãe, em conversas de terreiro. Fez com que eu lembrasse de Vovó Fortunata, como protagonista em um dos fatos dos anos 1940, e como Beata, também muito inquieta em matéria de enfrentamento desses desaforos políticos, como testemunhei por várias vezes nos encontros do Movimento Negro.

O velho Paulo Preto contava que durante o Estado Novo, em Pernambuco, Agamenon Magalhães, como um governador muito obediente ao Presidente Getúlio Vargas e seu “fiel escudeiro”, decidiu fechar todos os terreiros de Candomblé, principalmente do Recife. Lá no bairro do Pina, próximo à Campina do Bodé, estava o terreiro de Dona Fortunata, conhecida como a “Baiana do Pina”. Muito respeitada porque não dava mole quando se tratava de mexer com suacrença, ou testar a sua competência “mágica”.

O Governador mandou chamá-la ao Palácio do Campo das Princesas, para comunicar que

ela não poderia mais tocar candomblé, porque o Presidente não queria mais esses tipos de coisas acontecendo por aqui. Ela só escutava balançando as pernas e olhando para el- Minha Velha, se a Senhora quiser eu lhe mando pra África. Lá a Senhora poderá fazer o que quiser – disse o Agamenon, depois de comunicar que ela deveria parar de "tocar bombo" - E quem dixe que mim qué ir pra lá? De lá eu já vim – disse a velha.

O velho Paulo ao contar, afinava a voz e falava do jeitinho que a "véia" – como ele se referia a ela – falava.

— Então, aguente as consequências quando a polícia chegar por lá – disse ele.

A velha então levantou-se, ajeitou o asó[26], botou as mãos nos quartos e disse:

- China Gôdo, Vosmixê é muito ativido. Huuum!

O Governador ficou vermelho, feito um camarão, ao vê-la chamá-lo por um apelido que os seus adversários puseram nele, devido a sua estatura, sua barriga e os olhos puxados: "China Gordo"

— Mixê tem lêta e véia aqui – batendo no peito – tem sabedoria. Manda teus cachorro me buscar, e se eles mincontá, manda cotá minha cabeça como fez cá de Lampião. Mas se num mincontá, mim vai tocá até morrê, vice?

— Mas minha velha, eu estou cumprindo ordens.

Vambora murica[27] – dá um muxoxo, pega o menino Paulo pela mão, olha pra Agamenom e diz – mim vai ximbora.

Dá meia volta e o deixa só, olhando enquanto ela desce as escadas. Quando ela chega ao páteodo palácio, ele de cima, no caramanchão, a chama:

Minha velha... espere que eu vou mandar um jeep lhe levar pra casa.Ela olha pra cima, bate nas cochas e diz:

— Mim tem duas perna. Num pixiza. Garda teu cumbustíviu pa condo tu pixizá de véia aqui (aponta para o peito), e tu i lá na minha caja. Vambora muriquinha, ah ah ah! – e sai puxando o menino e dando risadas.

E saíram os dois caminhando. A distância, calculando hoje, era de de uns cinco quilômetros, uma vez que teriam que atravessar todo o Recife Antigo, a ponte do pina e caminharem mais um pouco até chegarem à casa onde moravam e onde funcionava o terreiro... A essa altura, ela beirava a idade de 113 anos. Era o ano de1944.

---

[26] Yorubá - Asó (axó): roupa, vestido.

[27] Corruptela de mu-léeke (kikongo – menino, criança) ´LOPES, Nei, *Enciclopédia brasileira da Diáspora Africana*, 2004,p.444.

O tempo passou, a perseguição aos terreiros continuou, chega o ano de 1949, e o combustível serviu mesmo para ele: a profecia foi cumprida. Segundo o Velho Paulo, em conversa no terreiro, pela enésima vez, aproximadamente, o Ex-Governador, dias depois de levar uma "saraivada" de tomates e ovos podres, no Bairro de Santo Amaro, Recife, durante um comício, às 11 da noite dirigiu-se à casa da Velha Fortunata, no Pina. Pelo que nos foi narrado, acena foi hilária.

— Ô murica ...! Muriquinha! – Gritou a velha – Meu fio, vá vê quem tá batendo aí, a essa hora...

Deve sê um "tabiexí[28]", pra batê parma em casa de conbombé e a essa hora. Vá vê!

O molequinho vai correndo até o portão e vê alguns homens de paletó, e entre eles, um rosto meio conhecido. Antes que falasse, ouviu a pergunta:

- Ei menino, cadê tua mãe? – Falou um deles – Diga a ela que o "interventor" está aqui e quer falar com ela.

O menino volta ofegante e dá o recado: - mãe, ele disse que é o teventô e quer falar com a Senhora. – Acentua ainda, que tem um carro preto parado e uns homens grandes.

— Teventô? ... - levanta a cabeça como se procurasse algo no ar e cai na risada – a ah ah ahé o China Gôdo, muriquinha. Mim num dixe que ele vinha? Mande entá e ficá xentado lá no xalão.

O salão era a sala do terreiro, onde se faziam as festas dos Orisá e se recebiam as visitas. Depois de demorar um pouco ela saiu e perguntou o que ele queria. Ele ficou meio sem jeito porque a criança estava presente e pediu para retirá-la. A velha se recusou:

— Tu num tá cum teus cacho. , qué dizê, cum tuas odenança. Essa muriquinha aqui é a minhaodenança tamém. Se quijé fala cu mim, é cum ele aqui.

Ele ficou vermelho, olhou pra seus pares, respirou fundo e começou a falar, contando o incidente do comício em Santo Amaro e disse, que, como ele soube que ela poderia fazer alguma coisa por ele, a procurou e queria que ela "jogasse" os búzios. — Fajê arguma coija, como axim? A velha perguntou.

— Quero que a Sra. me ajude a ganhar as eleições. Eu sou candidato a governador dePernambuco.

Foram, ela e ele lá para dentro. Ela "jogou", olhou pra ele... e concluiu:

---

[28] Do Yorubá – tabi esín (o que escoiceia) – cavalo, mulo; tabiexí – expressão usada nos terreiros para chamar alguém dejumento.

— Mixê tem condixão de ganhá. De xentá de novo naquela cadêra. Mas vai saí de pé pa fente... qué?

Eu quero ser governador de Pernambuco, nem que seja por um dia. Mas quero mostrar ao povo de Santo Amaro que eu sou AGAMENOM MAGALHÃES! – Disse o candidato, com semblanteentre felicidade e indignação. Tá bom. Si Vosmicê qué axim, vamo pa fente! Vamo povidenxiá o que fô de nixixidade, cum fé in Deus e nos Orisá e levante a cabexa. Pronto!

E ganhou as eleições de 1950 sim. Contra João Cleofas. Mas como ela disse, só governou um ano. Em agosto de 1951, ela morreu aos 120 anos; em 24 de agosto de 1952, subitamente, ele morre também. A profecia, mais uma vez, estava cumprida: "saiu de pé pra frente", do Palácio do Campo das Princesas, como saem de casa todos os defuntos. Segundo meupai Paulo, fruto de um ebó, muito bem feito, diante do palácio, no começo do mês. Uma vez quea velha "foi embora", sem proteção os macumbeiros e babalorisá da época, pegaram pesado e o mandaram "pro inferno". Ele era muito ruim para nosso povo, concluiu o velho.

5.3 CONVERSANDO UM POUCO MAIS

Neste escrito, tentando fazer uma reflexão acerca da tomada de consciência do ser humanodentro do mundo, descubro que o que fiz foi uma viagem muito pessoal dentro da pergunta que sempre me faço sobre o estar ou não, neste planeta, em passeio. Sem esperar pela resposta, eu entro sempre num bocado de conversas sobre o paradeiro das coisas que passaram um dia e sobrea maneira de construir uma melhor recepção para as coisas e seres que virão. Acabo esbarrando no mito, no sagrado, no que penso desses primos próximos e irmãos distantes. Pois, um presumoque seja filho da fertilidade da imaginação e o outro da essência cósmica que criou o Universo, da própria imaginação universal, por isso se fez representar por tantos Deuses e Deusas, inclusivecolocando nos seres humanos, sorrateiramente o poder de sublocação das forças dessas entidades,mas com os contratos todos em escritas simbólicas. Por isso, só a tenacidade e a disposição interessada é capaz de fazer essas patotas felizardas, portadoras de mágicas e feitiçarias.

Mas não pensem que estou viajando na mostarda ou bancando o filósofo engraçado. Minha vida foi sempre ficar junto aos mais velhos ouvindo, anedotas, lendas, mitos e histórias que eles viveram. Posso até dizer que minha vida foi viver de boca aberta engolindo memórias. E o sagrado, pra mim, sempre foi tão profano que passei a não acreditar em pecado e sempre queposso, dou uma cochilada no altar pra sonhar que sou sacerdote: morto de inveja de Dona Fortunata. Por que? Ora porque...

Como vimos, nas suas narrativas, o *sagrado* é incorporado pela sacerdotisa, que, como seestivesse imantada por ele, enquanto instrumento de poder, disputa junto às autoridades constituídas, o espaço. Tanto o de conservação da memória individual e coletiva, como de manutenção das suas autoridades enquanto portadora das chaves dos espaços que se interpenetram Àiyé e Òrun– o visível e o invisível - sem perder a identificação com a função sagrada de dirigente, a ela confiada.

Os discursos dão a impressão de que estão solicitando que cada um ocupe seu lugar e exerça seu papel da melhor maneira que puderem, como ela fez, sem apelar para a invasão de domínios. Não demonstra nenhuma atitude de vingança, mas exige que respeitem as ancestralidades, quando evoca as divindades, lança augúrios e sorrateiramente escreve as históriasde sua passagem, sem demonstração de medo ou vontade de recuar. Eu sinto tudo isso como umalição ao meu "Eu" Idêntico em relação a si e aos outros idênticos. Sigamos! O Iròkò, oImbondeiro, tem lições para pra dar e vender. É lá que moram as ancestralidades

5.4 IRÒKÒ: IGI OLÓDUMÁÀRE![29]

Uma vez que nós, os povos negros não somos fabricantes de armas poderosas, portamos nossas crenças na vida parceira, na força de nossos Orisá através do Asé, o grande poder de realização; Iwà, o princípio da existência e Àbá, a orientação e o objetivo; o que permite a direção das coisas. São esses princípios, que nunca foram separados entre si, nem de nós, nem de nada. Que fizeram com que nossos ancestrais e nós até hoje, pudéssemos enfrentar o trágico com dignidade e pudéssemos cumprir nossa tarefa-destino, que é: dar continuidade às nossas tradições.

[29] Árvore do Senhor de Todos os Destinos

Figura 10 - Ancestralidade

Fonte 10: Acervo do autor

Salientamos que isso não é um enunciado apenas profético, mas uma enunciação teimosamente política. Talvez isso explique porque Irokò, enquanto enorme Árvore, que só existe na África, tenha, enquanto Orisá, vendo o povo africano ser sequestrado, escolheu outras moradas sagradas para poder se mostrar presente. No Brasil escolheu a *gameleira Ficus doliaria*, que pode viver mais de dois séculos. Entre nós essa árvore abrigou o Orisá Iròkò, e nele se fundiu passando a ser absolutamente necessária aoe nossas divindades.

Mas sendo Iròkò a Árvore Orisá pertencente a quem governa todos os destinos; e também um Orisá Árvore, ele tem a liberdade de ser o Vodu Lokô, para os fon do Benin; o

Orisá Lorokê, do povo efã e dos Ijesá (Ijexá); o Nkise Tempo, para grande parte do povo Bantu; e para o povo Mahi (marrim) do Dahomey (atual República do Benin), a morada sagrada de Azanaodô, um vodu masculino da família de Besén, o Osumarê dos Yorubá.

Para que nós possamos compreender a noção de parceria e família dentro dessa tradição - que uma grande maioria chama de demoníaca, coisa de pobre e analfabetos - o terreiro e os ritos ancestrais, enquanto escolas da existência nos oferecem mais uma lição de união na diversidade: "não é somente a gameleira, que abriga Irokò nas casas de candomblé do Brasil. No Tumba Insaba Junçara, terreiro angola do Rio de Janeiro, Tempo reside nas mangueiras. No Maranhão, o Vodu Loko, mora nas cajazeiras" (MARINHO & MARTINS, 2002, p.35). Vejam como Iròkò está e é o espirito de todas as árvores!

Em Cuba, é um grande atrevimento alguém ousar cortar um galho do Iroòkò. As pessoas preferem morrer de fome, a ter que cometer tal atentado. Mas no Sitio do Pai Adão, nacidade do Recife, aconteceu mais do que um atrevimento: houve um vilipêndio, um desrespeito à ancestralidade dos construtores desse país, hoje, entregue ao anti-humanismo colonial. Um inqualificável ato: o de atear fogo no maior Iròkò brasileiro ainda vivo e exuberante dentro de um terreiro de candomblé. O desmoronar de um monumento secular, ocasionado pelo ódio, a nojenteza dos que incomodados, invejosos e desesperados por não possuírem uma tradição que os conforte, os conduza sem imbecilizá-los.

Um ato dos que vivem perdidos no meio de monumentos emprestados e símbolos ameaçadores de flagelo e sofrimentos infernais. Coisas que não temos em nossas tradições.
Mas não se importem, senhoras e senhores do racismo e do desrespeito. O culto da Árvore, vem de longas e largas distâncias temporais. Se tivesse que acabar já teria acabado. Recebam nossa ouvação diante do que passará o couro de cada destruidor. Nós confiamos em Iròkò, no seu renascimento. O fogo não lhe fez, nem lhe faz medo, por também ser morada de Aganjú, Orisá da família de Sangó, aquele que porta o fogo da justiça.

Segundo o mito Yorubá da criação, Orisalá ao criar cada ser humano, fazia nascer ao mesmo tempo, uma árvore. Então, do mesmo modo que os seres humanos a ele pertencem, todos os "dobles" espirituais das árvores, também pertencem a Orisalá, aquele que simbólica e coletivamente é o poder ancestral masculino, representado pelos troncos e ramos das árvores.
Portanto, esse mito é de fundamental importância para a compreensão do porque cada árvore sagrada é "paramentada com uma tira de pano branco – òjá-funfun – atada em torno dotronco [...]" (SANTOS, 1976, p.77).

Até os raios e furacões respeitam Iròkò. Até mesmo Oya-Mèsàn, a dona dos ventos e das tempestades, em seu estado *megbé* (meguê), poupa os que residem em Iròkò, seu grande amigo.

Por isso, estamos aqui atendendo a uma convocação, a um conselho ancestral que, apesar do tombo, não desertaram do Iròkò tombado porque o branco que simboliza a morte e o renascimento, nos veste do amor de Obàtálà Ògìyán, simbolizado pelo ojá que envolvia seu tronco e nos faz estar de mãos dadas, afirmando que: podem até matar nossos corpos, mas não matarão a nossa fé, nossa confiança de que há um posto de honra na Árvore Sagrada, onde está Ògún, o vitorioso em qualquer modalidade de guerra. Estamos aqui porque sabemos que ao lado de Ògún e ao nosso lado estão as belicosas Obà, senhora da Sociedade feminina E'léékò (elekô), Oya a que comanda os egùn, e Ewa, a que "não tem medo de nada". E ainda mais, aquelas que encabeçam os poderes místicos das mulheres comandando a Sociedade Gèlèdè: Òsun, Yèmonjá e Nàná. Como sabemos que "sem folhas não há Orisá", todos os outros, reunidos em e por Iròkò, estão conosco e em nós.

Mas queremos dizer também que paciência tem limites, e não nos deixaremos abater como ovelhas obedientes. Que o diga Babá Èsù, o senhor dos caminhos; e Obàlúaiyé, o comandante dos espíritos do mundo, dos ancestrais e dos mistérios.

Lições de bem-viver, de respeito a todas as naturezas, às diversidades e comunidades, é\ a grande diferença entre a tradição cultural negra e a tradição cultural branca que, infelizmente, alguns dos nossos a ela se venderam iludidos pela abstrata noção de poder, que coloca na frente a fantasia e deixa passar descuidadamente a existência. Nós enfrentamos as crueldades desde há muito tempo tocando, cantando, dançando, comendo e bebendo. Isso não quer dizer que nos alienamos, mas é com isso e dessa maneira que ensinamos politicamente aos nossos as lições ancestrais da resistência. Os Olugboohuṅ de Odé Òsósi, seguirão tocando e continuaremos a marcha, porque, Iròkò como patrono da liberdade, mora no tempo e não aprecia prisões nem muros. Como é de terra, fogo e ar ele é o espírito da vanguarda e a cura, ofeitiço e a guerra, e o eterno recomeço.

Iròkò é o sustentáculo de toda humanidade, sempre de braços erguidos conduzindo esta gente negra nas lutas seculares e não morrerá enquanto aquilo que nos ergue. É um bastão interposto entre o parcial sucesso dos racistas e a continuidade das vitórias do povo negro, nos territórios dos vários continentes do planeta, escanchando suas raízes profundas que organizam nosso quotidiano nos fazendo reconstruir a cada dia esse corpo melanínico universal, enfrentador dos separatismos, intolerâncias, comandos nefastos e gabolices sobre o que desconhecem. Enfim, nós somos Iròkò em sua universalidade pulsante, somos a pulsação de

suas veias que racham o chão da fragilidade dos tronos de papel dos vaidosos seculares. Iròkò é o que nos akilomba e afirma as nossas tradições enquanto autoridade histórica, filosófica, científica e social, penetrando no mundo com seus tentáculos-raízes emanadas do coração da Grande Mãe Negra da comunidade humana, espalhada por esta Terra a fora.

5.6 NZILA[30]

Econtro-me numa encruzilhada, eivado de histórias. O coração abarrotado de Oriki. Sei cantar para Èsù, evocar Orisá, entregar ebó em qualquer lugar, sei contar as coisas que meupai Paulo por horas e horas me falava. Coisas sobre os velhos sacerdotes e sacerdotisas famosasdo Recife, a minha cidade; os causos que meu velho, a dar risadas, narrava como se fossem quadros (cenas) dos filmes de Glauber Rocha.

Para uns, como alguns de meus irmãos e frequentadores da casa: ele, em suas repetições, dizia "coisas sem pé e sem cabeça," para mim eram lições da Tradição guardadas desde os tempos de minha avó, que morreu aos cento e vinte anos, se eu não me engano, em 1951. Falar dessas vivências com meu velho, o chamado Paulo Preto da Mina, me faz lembrarum trecho do livro *Esboço para uma Auto-Análise* (2005), em que Pierre Bourdie, escrevendo sobre sua estada em Argel, por ocasião de sua pesquisa sobre o comportamento das classes populares, durante a invasão Francesa na Argélia em 1960; do apoio recebido em horas de grande desencantamento, numa verdadeira encruzilhada entre sua formação europeia, sua nacionalidade francesa, e sua discordância com a invasão; o respeito pelos daquela terra em sua luta de preservação de seu território e principalmente a gratidão pela compreensão dos sitiados em relação às suas tarefas de pesquisa etnográfica sobre o povo Cabillas. Emocionou-me o trecho escrito sobre sua grande gratidão pela ajuda, em sua autoreconstrução, "[...] da parte de amizades argelinas, que, nascidas, sem dúvida, da afinidade dos *habitus*, me ajudaram a construir uma imagem que fosse ao mesmo tempo íntima e distante, atenciosa e, se assim posso dizer, afectuosa e calorosa, sem ser ingênua nem idiota" (BOURDIEU, 2005, p.65).

Comenta o autor que isso foi muito importante, para ele, enquanto francês, transformar sua visão europeia de mundo, em relação ao "outro", o não-europeu, aquele que se agarrava com "unhas e dentes" às suas *práticas ancestrais*, como um grande "fortificador" de coragem para empunhar o fuzil e defender o que lhe restava diante do poderio das táticas e armamentos

[30] Encruzilhada é começo ou fim de caminho?

do invasor: a sua dignidade.

Diz ainda (Bourdieu, 2005) que não era fácil de descrever essa transformação, devido a estar, justamente numa fase crítica em que migrava da filosofia para o campo sociológico, e a experiência argelina representava o momento de crise, justamente porque essa experiência, dizia ele, era "feita de acumulação imperceptível de mudanças que as experiências da vida pouco a pouco me impuseram e das que efetuei à custa de um grande trabalho sobre mim mesmo" (BOURDIEU, 2005,p.65-66), e que de maneira nenhuma poderia se separar de seu trabalho no seio da sociedade.

Minha identificação com Bourdieu, embora não esteja, conscientemente, esboçando nenhuma auto-análise, é porque essa encruzilhada de que falo no inicio do texto, é devido a transformações que aconteceram na minha vida. Não estou aqui a dizer que a encruzilhada é boa ou ruim, nem tão pouco um lugar fatídico ou tenebroso, mas um território de grandes decisões e/ou compreensão de começo ou encerramento de ciclos em nossas vidas.

Vejamos então as semelhanças: saio da Universidade Estadual da Paraíba em 2016, proveniente de um Doutorado em Literatura e Interculturalidade, abortado na qualificação, cujo motivo "cytotec" (comprimido que mulheres tomam para abortar) foi "uma questão na metodologia". Decidiram reprovar as 78 páginas escritas, que levadas para um "expert" da UFPB, professor do Mestrado em História da referida Universidade, constatou que o único pecado do trabalho era o primeiro capítulo estar no lugar do segundo, ou seja, era só efetuar a inversão e acrescentar a introdução que eu havia colocado no projeto de pesquisa, sobre o assunto.

Senti-me como os ocupantes das "antigas aldeias de origem", agrupados nas planícies da Argélia, descritos por Bourdieu que: "caíram nas mãos de uma pequena burguesia argelina de tecnocratas autoritários" (BOURDIEU, 2005, p.65). Vi que coisa que não falta na academia são burgueses tecnocratas autoritários, sem preparação, parecendo até desconhecerem o artigo 52 da LDB- Lei n. 9394/1996, no que concerne à universidade, definindo-a

> [...]como instituição multidisciplinar de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio do saber humano que se caracteriza por produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional (WEBER, 2009, p.131).

Lá estavam os burocratas, fantasiados de professores, trabalhando e conduzindo as casas de "saberes" universitários, que, como não dominavam a temática que eu estava a pesquisar, e sem a orientadora, preferiram descartar. Sotaque das Representações Subalternas em Abdulai Sila, Buchi Emecheta e Paulina Chiziane, era o título do trabalho em que a busca era saber de

que modo a escrita viabiliza diálogos na tentativa de representação de identidadesnacionais, através dos personagens das obras dos autores supra citados.

Juntaram a falta de preparação para lidar com a temática à tentativa de desgastar a minha orientadora, (por sinal morreu vitima da COVID-19, no dia 21 de fevereiro de 2021) para eles, persona non grata, visto que, “abandonou” os orientandos em fase de qualificação e foi fazer pós-doutorado em Portugal, não nomeando, oficialmente, ninguém para auxiliá-la na tarefa, coorientando. (Justiça seja feita, a única pessoa que entendia do assunto, Professora Zuleide Duarte, estava abarrotada de orientações). Então, patotamente, cortaram a cabeça dos quatro orientandos da mesma, e, entre eles, estava eu. Esta tese que ora escrevo, também dedico a ela, Professora Rosilda Bezerra, por ter me acolhido e ocasionado a minha volta à Universidade Federal de Pernambuco. Que toquem as alfaias com sua homenagem, num baque redondo aos que de volta foram às suas estrelas. Auê Kalunga

Figura 11 - Despedida

Fonte 11: Acervo do autor

6 EM BUSCA DO "EU" IDÊNTICO NAS TERRAS DE ALÉM-MAR(A TESE re-PROVADA)

> E assim foi feito, se fez / Kaiango Mukenko disseQue Nzambi mandou chamar
> Disfarças-te num muxoxo / Não vou jogar tudo fora Pramim, isso não é hora / "Não quero, não vou voltar!" Ordem é ordem muxikani / Escolhe: adeus ou até logo Passa o cetro sem demora / Estão te esperando lá.
> (CORREIA in-Cadernos Negros 39, 2016, p.216)

A epigrafe é um fragmento de um poema de despedida, e este capítulo tem a função de acolher o texto que junto com meu "Eu" Identico teve sua narrativa reprovada por questões ditas metodologicas. O texto está na integra, objetivando mostrar a quem me der o privilégio de lê-lo, o esforço empreendido nessa busca de meu "Eu"identico até mesmo no além-mar; berço dos nossos ancestrais, em busca de lições para compartilhar com outros "eus"idênticos espalhados à espera de notícias da resistência em suas diversas modalidades buscando, às vezes, apenas o direito de sermos contentes, sendo o que somos.

Gratidão a quem um dia me acolheu e orientou enquanto pode e como sabia. Xala, mana mulongi (Adeus, irmã professora), diriam os kimbundos. O Continente Africano na contemporaneidade é um oceano em pleno movimento, repleto de ondas de esperanças, sonhos e desencontros pós- coloniais. A mídia internacional,apesar dos discursos tendenciosos, tem trazido ao mundo informações de grande importânciasobre os impasses oriundos das lutas das "independências", iniciadas nos anos 1960, redundando na formação de 56 novos Estados. Entretanto, a África, lógico, existiu muito antes do período colonial, sendo alguns dos percursos históricos diferenciados apenas compreendidos como um recuo significativo nas origens dos povos ali radicados.

Dentro deste estudo o que se tem como enfoque principal é mostrar alguns aspectosdas exigências do colonialismo, e como a partir delas "as administrações coloniais buscaramdestruir e\ou alterar todo o modo de vida anterior dos africanos"(LOPES & ARNAUT, 2005,p.70), com suas hierarquias sociais, sentidos e crenças nativas bruscamente, por meio da força, impondo o modo de vida europeu, que aí permaneceria secularmente como herança.

Tais acontecimentos, é preciso salientar, não se deram sem que os povos africanos tenham impetrado ferrenha resistência ao poderio dos invasores. Entretanto, mesmo tendo findado as invasões e o Continente se emancipado, o imaginário europeu em relação às terras

africanas e seus povos fez surgir um amplo pensamento de desqualificações baseadas, na maioria das vezes, na voz e na escrita de uma gigantesca plêiade de intelectuais da Europa que condenaram a África a estar sempre representando a periferia da humanidade.

O que se apresenta sobre o Continente Africano, diariamente, é que ele não passa de um lugar de conflitos e de carências quando é muito mais. É um continente que tem grandes atividades artísticas, culturais e científicas, no qual podemos depositar esperanças de progresso e revitalização da cultura.

Os interesses coloniais da Europa por muito tempo procurou reforçar, a partir de um modelo politico e econômico único, que defendiam e, com razão, queriam legitimá-los, por julgá-los de natureza universal, "transformando as populações de outros continentes em consumidores de produtos e mão-de-obra, sendo necessário, para isso, intervir drasticamente nessas sociedades" (COSTA, 2005, p.140).

Assim, tradições, hábitos e costumes tinham que ser radicalmente transformadas. Eraa civilização chegando através da visão evolucionista dos estudos antropológicos, históricose sociológicos, servindo aos interesses expansionistas do capitalismo europeu e, que, ainda hoje,influenciam a redutora visão de que: a África é um pequeno país cuja história se iniciou com a colonização. "As metrópoles possuiriam cultura de valor universal; a África, costumes exóticos. [...] O que é filosofia e religião na Europa toma os nomes de crendices ousuperstições na África"(PEREIRA, 1978, p.16), e nas Diásporas africanas espalhadas mundoa fora. O evidente disparate dessas colocações não leva em conta a extensão territorial – 30.221.532 Km² - as riquezas naturais ocupando grandes extensões de terra e as dinâmicas históricas e culturais tão diferentes entre si.

Infelizmente, o elemento comum que serviu de traço de união entre os países do continente africano foi o colonialismo. Drama comum que levou estudiosos a situarem a História da África para os fins do século XIX ou os primórdios do século XX, abrindo concessão apenas para o períododo intenso tráfico negreiro.

Todo esse lapso histórico ou esse fosso epistemológico, criado peloetnocentrismo, o maior entre todos os obstáculos "com que se depara tanto o etnógrafo quantoo etnólogo, ou o antropólogo de um modo geral" (LUZ, 1994, p.49), teve como consequência o não se enxergar"a violência praticada contra os naturais nas ex-colônias, a surdez e o descaso votados aos donos da casa pelos indesejados "hóspedes" ou invasores" (DUARTE, 2012, p.32), que desalojaram os mais velhos da beira das fogueiras, desarmonizando a parceria arte-natureza, as representações nacionais, e muito pior: tudo em nome da civilização.

Buscando uma forma de expandir o conhecimento a todos os seus domínios, servindo-

se da *Teoria do Conhecimento*, o eurocentrismo propunha-se responder a tudo, atingindo os mais variados âmbitos das ciências e teorias históricas, cada uma a seu modo, se pôs a explicar de que maneira seus "objetos" – as sociedades "*primitivas*" passaram a fazerparte do cabedal de seus conhecimentos.

Assim, os estudos da Antropologia social, como aquela que assenhorou-se do direitode estudar tais sociedades, apoiando-se nos parâmetros da Antropologia Física, queestudavaos vários tipos de hominídeos surgidos através dos tempos, não vai apenas, como se vê, influenciar os estudiosos da Antropologia, mas o grande arcabouço de disciplinas correlatas.

> As proposições mais lamentáveis são as que se basearam no conceito de Lévy-Bruhl de pré-logismo, nas projeções centro- européias de Freud, nas suas infelizes aproximações entre neuróticos e "primitivos" em *Totem e tabu,* no conceito materialista histórico de "comunismo primitivo", e no deslocamento feito com muito pouca sutileza da celebre frase "a religião é o ópio do povo..." para aplica-la a qualquer religião e em qualquer conjuntura histórica etc (LUZ, 1994,p.50).

Por essas razões, entende-se hoje, que, para um renascer africano "não era preciso só expulsar o colonizador, mas era também necessário reformular o conhecimento sobre a África, rompendo os mitos erguidos contra seu processo [...] de reformulação" (SARAIVA, 1987, p.6), buscando uma nova forma de ser, em meio à desarticulação e extravio de seus valores e, porque não dizer: buscando uma nova identidade?

Samora Machel, um dos grandes líderes da luta de libertação de Moçambique, e primeiro presidente pós-libertação, propunha em 1974, no discurso de comemoração dos 10 anos de desencadeamento da luta armada, um "poder novo": um poder popular que servisse a todos. Uma formação jovem de comando, dentro dos princípios formulados por inspirações socialistas, entretanto, ancorado nas tradições africanas, para que se pudesse devolver ao povo sua pátria, com vistas a criar um futuro melhor. Onde todos participassem de uma nova construção moçambicana, já que todos que derramaram seu sangue, assim aspiravam. Ele enfatizava que o poder novo não era "uma coisa abstracta. O poder novo somos nós com todas as nossas insuficiências quem tem de exercer"(MACHEL, 1979, p. 11).

Esse tão propalado poder, era fruto da organização da FRELIMO, que junto ao povo traçou as metas do combate às forças portuguesas. A responsabilidade assumida pelos mais

jovens diante das batalhas foi a de resolver os problemas nunca resolvidos pelos exploradores. Por isso, a FRELIMO, na voz do comandante Machel enunciava: é preciso "retificar os nossos métodos de trabalho, introduzir o bisturi da crítica e autocrítica, para amputar a herança enorme, pesada e negativa que nos transmite a sociedade antiga"(MACHEL,1979, p. 11). Obviamente, não estava se referindo à sociedade tradicionalafricana, mas à que se formou sob a tutela do colonizador, que sobrepunha valores europeuse combatia rigorosamente costumes e maneiras próprias do viver moçambicano. O objetivo das forças libertadoras era criar uma forma nova, que identificasse o africano com a África, combatendo as deformações criadas pelo colonialismo e seus representantes.

Sendo a identidade considerada "um processo de construção permanente, em que as predisposições inatas e as habilidades adquiridas se desdobram em razão dos desafios que estabelecem a vida social" (BRESCIANO, 2011, p. 24), deve-se observar que esses desafios não são coisas estáticas, mas algo que depende dos acontecimentos sociais em suas distintas épocas, culturas e estruturas comunitárias. Todo sujeito histórico estrutura sua identidade pessoal a partir de suas vivências, recordações, esquecimentos, num drama cheio de construções e reconstruções permanentes, "dado que certas experiências críticas conduzem a revisar, constantemente, o sentido das coisas" (BRESCIANO, 2011, p. 25).

Segundo José Flávio Saraiva (1987), o renascimento cultural africano "é a coisa mais criativa que osafricanos estão fazendo atualmente. Está ocorrendo uma verdadeira revolução nas concepções, nos métodos e nas práticas culturais naquele continente" (SARAIVA, p. 2). Umbom exemplo é a valorização de sua literatura. Por muito tempo, o fato literário passou aolargo, pelas especificidades que apresenta (oralidade, pinturas, performance). A literatura daÁfrica tem, hoje, com muito esforço, conseguido alguns vislumbres através de seus arrojadosautores, em seus diversos estilos, embora a mentalidade eurocêntrica tenha consideradoliteratura apenas os textos produzidos em línguas europeias, agrupando-os em três grandes espaços: anglófanos, francófanos e lusófanos. Denominações problemáticas, pois implicam questões ideológicas e metodológicas significativas, na medida em que se considera osprodutos literários dessa África Negra com uma feição única, desconsiderando o rostobifronte da produção literária africana, restringindo-as a esse contexto cultural do colonizador. Tais designações,

> [...] são em si portadoras de uma significação ideológica obtusa, que permite a indefinição nacional, e leva a uma generalização do particular em favor de traços apenas comuns pelo uso de uma mesma origem linguística, e processos temáticos de contestação similares durante o período colonial (LEITE, 2014, p.13)

Em relação ao tratamento dado aos africanos, rotulando-os de “povos sem escrita”e “primitivos”, o antropólogo Lévi-Strauss teceu vários comentários críticos “acerca da criseda antropologia moderna, provocada pela reação das sociedades africanas por continuarem aser objeto de uma pesquisa antropológica feita pelos cânones científicos europeus”(apud, SARAIVA, 1987, p.6). Tais pesquisas permitiram estabelecer dois grandes grupos de espaço literário: o da oralidade-autóctone e especificamente africano; e o da escrita assumido pela África só após a colonização, e mesmo no processo de descolonização, sempre usando a língua do colonizador. Reduzir as literaturas da África apenas a expressões do Inglês, Português e Francês ou do Espanhol, é negar a contundência da realidade.

Menciona-se a literatura em língua Amárica dos séculos XIV e XV na Etiópia, a produção artística Futa-Djalu, da Guiné no século XVIII, com escritores em língua Pular, como Thiernou Mouhamadiou, na África Oriental, considerado o centro cultural Pate, no Kênia. Culturas do Grupo Bantu, a Produção Yorubá e Ashanti; a escrita em Haussa, na Nigéria antes do período colonial; a poesia Wolof do Senegal. Obras muitas vezes escritas em línguas africanas aproximando o ato da escrita das populações. Considera-se ainda a tradução da Bíblia dos cristãos nas línguas do Kongo, tal como Bateke, Kikongo, Nkundu, Tshiluba, Bobangi, Lokolé, Lomongo bem como as literaturas Shoto, Shosa e Zulu na ÁfricaAustral; o teatro Ewe, no Togo, literatura Yorubá na Nigéria e ainda a proposta de criação deum alfabeto Peul com caracteres árabes proposto por Shayk Ousman Danfodio, no século XVIII.

Não só as literaturas em línguas africanas constituem uma linha de força na solidificação dessas culturas como também os esforços em criolizar as línguas, como é o casode Cabo Verde, ou de Esperantizá-las como fez o Sultão Njoia, da República dos Camarões em 1912. Existem ainda outros elementos responsáveis pela singularização da expressão africana. Há de se considerar as relações com a cultura da Oralidade reconhecida como marcade originalidade numa tentativa de conciliar o oral e a escrita. O exemplo é o trabalho de HeliChatelais, na recolha dos contos orais angolanos: Missossos, Mi-sendus, Makas. Ultimamente, a Martins Fontes publicou *Meus Contos*, uma seleção de contos africanos feita por Nelson Mandela (2009), que inclui “algumasnovas histórias de diferentes partes da África do Sul e do Continente para suplementar essesantigos tesouros”(MANDELA, 2009), em que *Madiba* – como era chamado por seu povo, Mandela - diz ser seu desejo “que a voz do contador de histórias nunca morra na África [...]”

Através dos recursos de transcrição dos contos orais, o que alguns chamam de oralituras ou oraliteraturas chega-se ao conhecimento de uma imensa produção literária a quenão se teria

acesso de outra forma. A escrita que viabiliza a fixação dos dados da cultura, viabiliza a leitura, a análise e a tentativa de elucidação do produto literário desses povos.

Dentre os países africanos, elegeu-se três nacionalidade e respectivamente três textosficcionais como corpus primário para esta tese: *A Ùltima Tragédia*, do guineense Abdulai Sila;*O Alegre Canto da Perdiz*, da moçambicana Paulina Chiziane e *A Menina Escrava*, da nigeriana Buchi Emecheta.

Assim, para dar conta da personagem feminina, importante nesta tese mas não o único direcionamento, pretende-se responder aos seguintes questionamentos, fazendo um pequeno levantamento sobre o que ainda resta no Brasil trazidos pelos primeiros bantus e yorubás escravizados que tenham correlação com as obras estudadas:

a) De que forma a tradição é interpretada na contemporaneidade quando se põe em xeque os ritos ancestrais africanos?
b) Como o projeto de nação em Sila, Chiziane e Emecheta se articula fazendo frente àvisão de mundo do colonizador?
c) De que forma o perfil traçado das personagens acima referidas refrata a imagem que ocolonizador construiu do negro e lhe impôs?

Com base nestas três questões estudar-se-á a o papel da tradição na evolução histórica dos personagens e de seus escritos, considerando elementos próprios da religiosidade,da cultura tradicional e da relação colonizador versus colonizado. A cosmovisão africana cuja tônica é a existência como uma qualidade inerente não somente ao humano, mas a todos os objetos animados pelas forças vitais desde a Divindade Suprema ao grão de areia, tendo porémcada existência um lugar próprio na hierarquia das forças vitais, em cujo topo encontra-se a Natureza Criadora (denominada pelos Bundo de Luanda por Nzambi, Entre os Yorubá, por Olodùmáàré, pelo lado dos Igbo, Olisa, pelos do Dahomey, Mawu). No degrau abaixo estão os antepassados, semelhantes à Divindade Suprema e encarnando o mito da criação das respectivascomunidades.

No sopé desta pirâmide hierarquizadora, estarão os animais, as plantas e os minerais, etc. Ainda analisaremos os conflitos entre as mentalidades do colonizado e do colonizador discutindo o constructo cultural da autoimagem do negro, diminuída e subalternizada, com base na pretensa superioridade branca.

Vale salientar que as pessoas autoras aqui estudadas exercem uma grande intervenção sociocultural em seus países, embora tenham formação acadêmica adquiri-da nas antigas metrópoles que, não obstante o contato com o mundo dito civilizado e os acesso aos bens culturais dos colonizadores não desprezam seus lugares de origem e disponibilizam sua arte à causa de libertação de seus respectivos países.

No primeiro capítulo, discute-se algumas posturas do pensamento moderno diante da tradição, na tentativa de esclarecer alguns *pontos de vista* auxiliados por Albert Memmi, Carlos Serrano e Waldman, Balandier, Giddens, e Compagnon, para em seguida se ater nas relações entre *colonizador e colonizado* onde aparece como jogo de cintura a *evocação das memórias* dos autores, dentro das denuncias da *situação colonial* explicitada por Balandier, observando os embates constantes da luta contra o racismo. Os discursos cheios de poesia, de metáforas, estados psicológicos e vingança exigiram a presença de Frantz Fanon e as análises de Orlandi.

No segundo capítulo serão apresentadas as obras, e em que contexto foram escritas, para que se tenha uma ideia de como os autores se valeram, cada um a seu modo, da escrita ficcional, das imagens e símbolos culturais para descreverem seus países, durante e diante da colonização, ora jogando "o feitiço contra o feiticeiro", ora apontando as misérias e desencontros de seus povos, pois ao aprenderem e apreenderem a escrita e suas formas, as utilizaram para também denunciarem os estados de opressão , do mesmo m odo que decantaram a beleza das paisagens e costumes das suas sociedades, buscando revelar seus desejos de recuperarem suas identidades com vistas no futuro, ou quem sabe, darem a ideia de que algo melhor deveria acontecer, pelo menos, na imaginação. Ressaltam-se aqui, como suas narrativas estão engajadas no trabalho de recuperação das identidades extraviadas e quais são os vislumbres de futuro dentro da contemporaneidade.

O terceiro capítulo, a sutileza do feminismo das mulheres africanas dentro do viés de suas culturas, denunciando os perigos do imperialismo dentro e fora de suas nações, ironizando os invasores e os da própria casa com seus seculares costumes, se multifacetando através dos símbolos em suas narrativas:

As construções de imagens compartilhadas pela cultura; b) a forma particular como as mulheres escritoras retratam a nação, a partir de seu lugar de fala, analisando como suas escritas visam tecer a desmistificação e dessacralização do poder, na tentativa de reabilitarem suas nações, principalmente, seus ritos ancestrais diante do cristianismo; c) De que maneira as mulheres são ao mesmo tempo ouvintes e narradoras, possibilitam o trabalho reconstrutor da memória? d) onde, nas narrativas, são registradas as formas malogradas de fazer libertação no território africano, fazendo ascender novos tiranos dentro de casa, e domesticando mentalmente os do seu povo, segundo o modelo vivido na colonização?

No quarto capítulo, abordar-se-á a recorrência de determinadas temáticas pelos autores, enfatizando a necessidade de afirmação das cosmovisões; reconstrução da autoimagem e das identidades nos discursos literários que receberam a marca dos regimes totalitários e\ou coloniais, cujo objetivo sempre foi fragmentar e destruir as tradições locais.

Assim sendo, intenta-se chegar ao término analisando as imagens rastreando a relaçãoentre o discurso literário e o discurso histórico e social na representação da escrita dos autoresescolhidos.

6.1 SOBRE MODERNIDADE E TRADIÇÃO

6.1.1 O Colonialismo

A história recente da humanidade está marcada pelo projeto dos povos europeus em alcançarem os pontos mais longínquos do planeta e expandirem seus domínios. “Trata-se de uma expansão que conduziu à submissão – quando não ao desaparecimento – da quase totalidade dos povos ditos atrasados, arcaicos ou primitivos” (BALANDIER, 2011, p. 219). Tal aspecto, conhecido como ação colonial, ganhou importância impar por todo o séculoXIX, para os povos da Europa, gerando inexoráveis resultados para os povos que foram submetidos, dado ao fato de, impositivamente, receberem outros modos de ser, de pensar, de falar, ou mesmo de conviver inimaginados. “Assistimos assim, a partir do século XIX, à desagregação dos principados indianos, das províncias turcas e na África, à desestruturação deimpérios e reinos cujas bases haviam sido minadas desde o período de tráfico escravo” (PEREIRA, 1978, p.17).

Entretanto, apesar do poderio dos dominadores, as reações foram diversas, visto que “homens e animais possuem o instinto, se podemos assim chamar, da resistência; é uma defesa ou proteção usada pelos que são atacados em sua liberdade [...] de ser, viver, existir: seus direitos mais sagrados”(CORREIA, 2006, p. 27). Portanto, ao serem submetidos a uma situação inospitamente particular, tendo suas histórias de vida abaladas, o fato “não só condiciona as reações dos povos <<dependentes>>, mas também explica certas reações dos povos recentemente emancipados”(BALANDIER, 2011, p. 219), uma vez que “na origem do ressentimento, tanto do indivíduo como no grupo social, encontramos sempre uma ferida, uma violência sofrida, uma afronta, um trauma”(FERRO, 2009, p. 14), que, na maioria das vezes, se transformam em atos de vingança de aparência gratuita como depredações, terrorismos, sequestros e tantas outras formas, até mais sutis, como sabotagens para chamar atenção sobre si. O Ocidente sempre teve suas relações com os extra-europeus eivadas de estereótipos e preconceitos de todas as qualidades e pseudo-argumentos científicos, desqualificadores de pessoas e etnias não- brancas. Isso, de forma constante, bombardeando sócio, politica e ideologicamente os subalternizados. Outro fator que, ainda, deve-se levar em conta é que o descontentamento em relação aos opressores não é gratuita: a estratégia de inferiorização do outro foi também estendida ao território habitado pelas populações não europeias, impregnando

de modo simultâneo o espaço, as sociedades e as culturas dos demais continentes com todos os signos da negatividade(SERRANO & WALDMAN, 2007, p. 24).

De maneira particular, alguns estudos mostraram que o continente a receber maior carga de desqualificação pelo pensamento do Ocidente, foi o continente africano. No pensar filosófico, histórico, religioso e principalmente geográfico, que, traçou a partir de seus primados visões excludentes e estereótipos "explicitados nos mapas, que sumamente referendam discursos construídos em relação ao continente" (Op.Cit, p. 24).

Durante a Conferência de Berlim em 1884-85, a África foi vítima do mapa côrde-rosa – apelido dado ao mapa traçado na Alemanha pelos de "pele rosada" - uma partilha que criou, na época, fronteiras artificias ao bel-prazer das potências europeias, especificamente, França e Alemanha – principalmente a segunda -, sequiosas em confrontarem-se com a Inglaterra, a senhora absoluta dos mercados asiáticos e africanos. Procedendo assim alemães e franceses estavam a acompanhar, em conjunto, a ascensão do capitalismo, que já estava chegando a um bom nível econômico nessas bandas do Ocidente.

> Tinham diante de si o modelo imperial inglês e sentiam-se até em condições de superá-lo, através de novas técnicas oriundas do aprofundamento da revolução industrial (transportes marítimos a vapor, ferrovias, siderurgia etc) e de uma concentração financeira e industrial superiorninclusive à britânica (PEREIRA, 1978, QUAL PÁGINA).

A decadência dos Estados asiáticos e africanos, foram também de grande contribuição, além da ascenção dos países do ocidente para o nível do imperialismo, para que os domínios coloniais estendessem seus domínios.

Em relação ao pensamento da época, predominante na Europa, que tenta justificar as invasões a outras civilizações, Anderson Oliva (2003), faz alusão às articulações medievais formadoras do imaginário europeu, citando a teoria camita que lança um estigma sobre os africanos como descendentes de Cam, o mais "moreno" dos filhos de Noé, portanto, indignos e predestinados à escravidão, essa imagem teve como agregamento o resultado "da fusão da cartografia de Cláudio Ptolomeu com a cosmologia cristã, relegando a África e os seus habitantes aos piores recantos da terra" (OLIVA, apud, WALDMAN, p. 25). Daí o Mapa dos Salmos, do ano 1250, "acatando a genealogia dos relatos bíblicos [...] discrimina na sua posição Sul a África, um 'continente negro e monstruoso'" (NORONHA, apud, WALDMAN, p. 25), e no lado Norte, as figuras do Paraiso e do Cristo que redime a humanidade, alegoricamente traça um código de exclusão no espaço geográfico.

Há nesse fato uma adjetivação dos traços que levam a uma interpretação de que o que

está abaixo da Europa é inferior; o que mais tarde os filósofos iluministas, munidos da "racionalidade universal" como o monogenista Buffon, que defende que a humanidade possui uma origem comum, vão explicar através da teoria do clima a inferioridade dos africanos, vivendo nos trópicos: "Desta forma, os negros (e seus descendentes mestiços) seriam anormais e degenerados" (SANTOS, 2002, p. 10), enquanto que os europeus,eram desenvolvidos, corporal, moral, intelectual e esteticamente, dado ao ambiente de clima temperado. Como nessa época argumentar e discutir desta maneira era estar de posse dos alicerces da ciência, dá para entender que esses argumentos pretensiosamente neutros, foram plataformas para a naturalização da desigualdade racial humana. Ainda não sabiam que "o bronzeamento é uma reação do corpo humano para se proteger dos raios solares, aumentando a produção demelanina. Portanto o determinismo biológico que pavimentou o caminho do racialismo ou racismo científico que até hoje pesa negativamente no futuro coletivo dos povos não-europeus, principalmente negros e índios e seus descendentes mestiços, teve aí seus primeiros passos (SANTOS, 2002, p. 11).

Criando uma forma de estabelecer novos laços através da linguagem e dos conteúdos familiares, continuam a fornecer referências para que sejam re- construídas suas nações de origem. Fazem de suas narrativas escritas uma nova maneira de organização da vida em suas comunidades: um tipo de globalização com outra cara. Forjaram uma mente "culta" para substituir a mente colonizada, entretanto, mais livre e mais divergente.

Assim, "Em lugar de produzir apenas sujeitos criados a partir da imitação dos modelos brancos, a educação europeia tornou possível a sua própria desestabilização" (REIS, 1999, p. 65). Não dá para se acreditar em colonizador ingênuo. Mas é possível que, por excesso de confiança na "bestialidade e selvageria" como uma "qualidade" irrevogável do outro, os dominadores, por estarem apenas olhando seus próprios umbigos, não perceberam que:enquanto o discurso colonial visa à dominação através da exigência da cópia e da identidade imutável, o processo de mímica permite que o sujeito se mostre quase como o modelo mas, ao mesmo tempo, se faça diferente (REIS, 1999, p. 65).

Muito bem intencionados, o objetivo dos "governos coloniais ao organizarem os sistemas educacionais na África foi preparar um grupo de nativos para ocupar postos nos governos locais" (Op.Cit. p. 66). Articulando-se duplamente o guineense Abdulai Sila, a moçambicana Paulina Chiziane e a nigeriana Buchi Emecheta, fizeram diferente ao aprenderem a língua, as tecnologias, e analisaram os discursos da academia do colonizador, para, quem sabe, expandir convicção de que nesta luta de reedição da nação e reestruturação da identidade é preciso esclarecer àqueles "que ingressaram, ainda, na idade adulta, ou nem sequer

abandonaram a infância -, a memória viva está em pleno processo de construção e, inclusive, é ainda parte do futuro" (ACHUGAR, 2006, p.171).

Os que passaram por processos de colonização como os africanos ou mesmo viveram ditaduras ferrenhas, como as da América Latina, por exemplo o escritor uruguaio Hugo Achugar (2006), diante do ter que imitar, copiar o dominador, têm gabarito para convocarem os mais jovens em tempo breve, a uma reflexão sobre a memória da nação, pela angustia de saber que num futuro muito próximo todos os que lutaram deixarão "de ser parte do presente para ingressar na categoria de sobreviventes do passado"(ACHUGAR, 2006, p.171). E ele confessa que o cerne da angústia não é o "não se transformarem em objeto da memória, mas também de nos transformarmos de senhores de nossa memória em escravos da memória de outros" (*op. cit.*, p.171). Por isso é preciso o ataque à "memória congelada pelo autoritarismo dos setores hegemônicos, objetivada no "cânone" artístico e literário [e o estarem] dispostos a criar uma cultura mais democrática" (*op.cit*., p171). É preciso compartilhar, como disse o Régulo de Quinhamel, embora quebrando a regra da tradição: "Tinha que ter conselheiro. Não era uma questão de cobardia ou de ter medo de tomar decisões sozinho. Tinha outras razões" (SILA, 2011, p. 68).

Não será a batalha pelo poder, entre sí, que vai livrar o povo das amarras do opressor, mas um ideal coletivo, uma vez que o colonizador sempre "pressupõe a crença numa só cultura, cuja validade e ápice encontram- se na civilização europeia ocidental" (PEREIRA, 1978, p.20). Mas é preciso estar sempre a questionar sem a ingenuidade de José dos Montes: "Viemosde longe. Completamos gerações, sem ninguém que nos diga porquê tanta desordem se o mundoestá concluído e é perfeito" (CHIZIANE, 2008, p.143),ou seja: como, agora e por que, só umacoisa está certa – a visão de mundo delescomo se as outras fossem fruto da imperfeição? Mas como diz Memmi (2007), se até "a humanidade, do colonizado, recusada pelo colonizador, torna- se de fato, para ele opaca"(p.122-23), o colonizador, também, vive cheio de medos, pois, na verdade está lidando com o imprevisível. Sabedor desse fato, Soyinka (1999, apud REIS, p.69), em vez de se fixar no fato da existência deum conflito, muda de estratégia e vai a outra observação de que é preciso perguntar: de que maneira a África se transformou ao encontrar a Europa?

6.1.2 Visões E Discussões

Estudar algumas sociedades tradicionais africanas, implica em tentar compreender que na África inteira há uma relação dinâmica impregnando todo o continente partindo da tradição. Este fato "tem inspirado a diáspora negra, que, procurando resgatar a sua identidade, volta-se

para suas raízes culturais e históricas”(SERRANO & WALDMAN, 2007, p. 126). Isso não significa pura e simplesmente um retorno ao “primitivo” para viver uma atualidade de exaltações imaginadas, nem culpar apenas o Ocidente pelos desmandos internos, lutas pelo poder e desrespeito nas relações humanas; nem mesmo silenciar a participação de africanos no “tráfico negreiro que durou diversos séculos e teve um impacto duradouro sobre as sociedades” (BARRY, 2000, p. 30). Implica em buscar provas de que a África pré-colonial tinha uma historia capaz de despertar interesse no nível do que se vê sobre os Impérios da Idade Média. Não eram vazios intelectuais, Como bem sugere a leitura de Silá, Paulina e Emecheta, autores africanos que fazem parte do corpus desse trabalho: o tráfico e a colonização foram portadores de agressões inimagináveis e geraram desastrosas consequências.

Dentro dessa ótica, o chamado mundo da tradição, ou sociedade tradicional, num continente pleno de manifestações culturais heterogêneas e grande pluralidade, constitui um conceito chave para que se possa compreender e encontrar a composição nuclear que mais caracterize a africanidade e possa permitir um vislumbre dos fatores que unificam o continente. Há quem discorde do uso do termo “tradição”, como Fabio Leite (2008), um grande estudioso da questões de ancestralidade na África negra. para ele, o termo “não pareceadequado para as práticas sociais negro- africanas, preferindo [...] designá-las por práticas ancestrais. E ações atinentes à espiritualidade [...] ritos ancestrais. (LEITE, 2008 p. XVIII).

Sua justificativa se baseia no fato de que “as relações sociais ancestrais captadas abrangem praticamente todos os níveis”(*Op. cit..*, p. XIX), mas quando se trata de questões espirituais,usar o termo religião, pra ele é ficar numa área “bastante restrita, oferecendo ângulos extremamente limitados a definições emanadas dos dogmas do conhecimento ocidental”(*Op. cit..*, p. XIX). Pela concordância com a explicação há muito buscada, ao longo deste trabalho,as referências diretas às coisas da espiritualidade serão descritas como ritos ancestrais, vistoque, o que encontrarão descritos pelos autores estudados são muito mais concernentes aos valores originários “que [...] propõem, ao contrário e se crença existe, a humanização dos deuses (p.XIX), muito mais do que “ uma elevação contínua em direção ao Criador, numa espécie de divinização do homem, tendo vicejado fortemente na África Negra sob múltiplasconfigurações geralmente unidas à dominação” (p. XIX).

Tudo na religião ocidental gira em torno da salvação que é uma preparação em torno do futuro, do post mortem. A única coisa para o presente é a velha e sádica pressa em cortar o mal - que é a tradição alheia - pela raiz, para dominar melhor oferecendo a ´”única via”. Embora como o referido autor, também não tenha em seu trabalho intuito de reportar práticas ancestrais e ancestralidade ao âmbito das religiões, continua-se usando o termo*tradição* devido à

necessidade de ter as opiniões de outros autores em relação à modernidade, tida comoantítese daquela, dentro de um nível que especificamente não se restringe à África Negra, mas se reporta a outras comunidades e culturas não europeias também vitimizadas pelocolonialismo. Há interesses também culturais, que fogem ao enquadre estritamente sociológico, em nível exclusivo de atuações sociais chamadas originárias, como exige o trabalho de Fábio Leite, sobre a *Questão Ancestral*, enquanto que a pesquisa desta tese segue a abordagem de Estudos Culturais pela Literatura.

Mas, voltando ao termo tradição, alguns autores, como ver-se-ão ressaltar, opinam que tal conceito vem se opor a duas outras conceituações de grande poder discursivo. Uma é a modernidade; "a outra polariza com o próprio mundo tradicional em sentido mais amplo [...], o formado pela totalidade das sociedades "pré-modernas, ao seu modo igualmente contraposto à modernidade" (SERRANO&WALDMAN, 2007, p. 126): a tradição.

A compreensão de que o continente africano é dinâmico, levou vários historiadores, principalmente africanos a criarem escolas em busca de um lugar nas sociedades africanas para a história, ao compreenderem que a retomada da tradição deveria ter como compromisso a transformação, visto que "até uma data recente, o estudo das sociedades africanas [...] será dominado pela Etnologia colonial centrada numa visão estática da História"(BARRY, 2000, p. 16-17). Observe-se que ao longo do tempo, as sociedades negro-africanas são abordadas de duas maneiras principais:

A primeira, chamada de "*periférica*, vai *de fora para dentro*, e chega à África não a explicando adequadamente. Essa opção é típica da visão ocidental que com honrosasexceções, está disseminada e imposta por toda parte, inclusive na própria África. A segunda, pouco considera a anterior e faz configurar a visão *interna*, vai de *dentro pra fora* e revela a *África-Sujeito*, ou seja as África da identidade originária, ancestral, mal conhecida, oferecendo interpretações outras do mundo, surpreendentes e distantes das banalidades. (LEITE, 2008, p. XVIII).

Reside nesta revisão, e na segunda maneira de abordar o eixo do renascimento cultural africano. Mas o que significa isso tudo no mundo contemporâneo, ou mesmo, comofoi dito, dentro de um contraposto, que é ao mundo tradicional, que é a modernidade?

Será preciso, para melhor definir a África, não deixar de avaliar as duas considerações em polarização. Observando primeiro a modernidade dentro de uma visão sociológica,com as suas "instituições sociais [...] sob alguns aspectos, únicas – diferentes em forma de todos os tipos de ordem tradicional" (GIDDENS, 1991, p.13), perguntamos: qual a sua natureza e quais as consequências do seu surgimento como nova ordem? Existe continuidade entre o tradicional

e o moderno? E Giddens (1991), continua: “a modernidade, como qualquer um que vive no final do século XX pode ver, é um fenômeno de dois gumes. [...] tem também um lado sombrio, que se tornou muito aparente no século atual” (GIDDENS, 1991, p. 17). Seus três fundadores, Marx, Durkheim e Weber divisaram-na como: portadora de turbulência, necessitando de mais humanidade no sistema social devido aos embates da luta de classes no sistema capitalista. Sem contar com a manutenção do totalitarismo como um dos patrocinadores da “industrialização da guerra”, dado à combinação: politica, militarismo e ideologia como armas do poder despótico, taxadas como coisas da pré-modernidade.

Previram a degradação provocada pela industrialização moderna, mas não a destruição humana em larga escala. “Hoje estamos numa situação onde um só homem deve decidir sobre o emprego instantâneo de vetores rápidos, isto sem falar nos raios *laser* que nos esperam” (VIRILIO, 1984, p.167*).* Entretanto, todo esse dinamismo da modernidade provém da desarticulação entre tempo e espaço, o que contrasta com todas as culturas pré-modernas, uma vez que estas desenvolveram inúmeras formas e formas de calcular o tempo. Daí o próprio Giddens (1991) afirmar que está na inerência da idéia de modernidade o contrastar com a tradição, embora possa-se observar concretamente em vários cenários sociais um sem número de coisas do moderno e do tradicional que se combinam. Tanto é que “alguns autores têm argumentado que ambos estão tão cerradamente entrelaçados que qualquer comparação generalizada não é válida” (p.47).

Entretanto, como sistema europeu surgido na Baixa Idade Média, e tendo escalado os píncaros da supremacia e se espalhado pelos outros continentes, teve suas demandas civilizatórias radicalizadas, fazendo com esse processo, ou essa construção políticoideológica chamada “mundo moderno” respaldasse “uma série de modos de vida que desvencilharam a humanidade de todos os tipos tradicionais de ordem social, mudança esta entendida como sendo sem precedentes” (GIDDENS apud WALDMAN, 2007, p. 127). A partir da modernidade o lugar passa a ser considerado apenas algo imaginado, um fantasma, uma vezque as influências que poderiam estar a milhas de distância, passam a moldar e se instalar completamente no que antes se via, e que hoje não é mais o apenas, mas também o que as relações distanciadas ditam e determinam como natural naquele local. É como se o rei, ao trocar-se em seus aposentos, se visse nu diante de uma plateia, por ele não convocada.Eis a conexão do local com o global, coisa até então impensável numa ordem tradicional, pelo menos da época em que o processo começou.

Não se objetiva aqui combater a modernidade, pois seria falta de bom senso querer negar o que existe patentemente e os seus inúmeros benefícios ao desenvolvimento. O que se quer

fazer chegar ao debate é o direito que não se tem, em nome da modernidade, de negar "osque fazeres", descobertas e expressões das culturas tradicionais com suas experiências, seus símbolos, contradições e acertos, além de suas maneiras peculiares de existir e cuidar do equilíbrio psicossocial dos elementos pertencentes a suas comunidades.

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam as experiências de gerações. A tradição é um modo de integrara monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. [...] A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada novageração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes (GIDDENS, 1991, p. 47-48).

Embora se tenha em conta que a tradição em seu conceito se opõe ao que se considera moderno, é possível uma tentativa de equilíbrio no dissertar sobre sociedades tradicionais, principalmente quando se tratam das africanas, devido a gama de elementos queas diferenciam umas das outras – embora se encontrem sistemas semelhantes – visto que, estamos tratando de um vasto continente, mapeado artificialmente e cuja cosmovisão se desassemelha em gênero, grau e número dos "comportamentos civilizatórios" que conhecemos do lado de cá do planeta, e que buscam fazer valer através da dominação, princípios estranhos àquelas, quase sempre de maneira traumática. Dentro dessa observaçãoé que Touraine (2007) enuncia que a modernidade define-se pelo fato de dar fundamentos não sociais aos fatos sociais,de impor a submissão da sociedade a princípios ou a valores que, em si mesmos, nãosão sociais. [...] pois a violência pode criar o poder mas não a capacidade de auto transformação e de racionalização. E isso nos leva a definir a modernidade pela intervenção de princípios anticomunitários (TOURAINE, 2007, p.86).

Através do texto ficcional os autores das obras aqui pesquisadas, denunciam as várias faces da colonização, bem como o comportamento dos colonizados com suas lutas, devaneios, sofrimentos, reconstruções e contradições. Abdulai Sila começa a denunciar, embasando-se em sua vivência com o tradicional através da personagem principal de seu romance, Ndani (ANO) em *A Última Tragédia*, metaforizando o encontro de um modo civilizatório com o outro fazendo valera disparidade na visão:

Um vício chato esse que os brancos têm de querer saber sempre da idade. Que interesse tem decorar datas e calcular anos? A gente está viva e sã, é o que mais interessa. [...] Quando a gente é jovem, até se vê na cara; [...] quando chega a velhice,a gente sente no corpo de qualquer maneira; quando chega a hora de morrer, morre-se. Qual é então o problema? (SILA, 2011, p. 34-35).

O que está ela a dizer? Definindo as culturas e tradições africanas, é desastroso separá-

las de seusconceitos. Coisa óbvia e válida para qualquer cultura. O tempo da tradição não é o tempo do relógio, porque existe o sol pra se estar notempo com ele. Embora, deva se dizer que o tempo do sol não é o tempo das horas, mas o tempo do fazer, como plantar, colher chover e até tempo de esperar. E tudo isso tem um espaço reservado para tal, pois não é concebido o tempo da colheita sem o lugar para antes ter-se plantado. Entretanto a ciência europeia sempre separou o espaço e o tempo quando decidiu estudar o que foi denominado como cultura de África (Jahn, 1978). A grosso modo,é possível que esteja a dizer que: o tempo pode até ter nascido para a pessoa, mas a pessoa não nasceu para o tempo – não percamos tempo com racionalizações sobre o que basta sabersentir, enquanto a morte não vem. Isso tem um grande valor dentro das tradições, uma vez que diante do que as ameaçam, os confrontos serão sempre necessários e um deles é "com arepresentação de corpo humano como repositório fundamental da ordem da verdade racial" (GILROY, 2012, p. 24).

Mudanças ocorridas no cerne das estruturas produtivas, bem como nas espirituais das sociedades africanas, foram provocadas pela invasão total do continente até a segunda guerra mundial, trazendo "relações de produção avançadas e alheias à sua realidade econômica, política e cultural" (SARAIVA, 1987, p, 30). Como por exemplo, oferecer uma falaciosa piedade etnocêntrica, onde o outro sempre é o aquém, acompanhado de um exorcismo disfarçado de salvação, em favor do trabalho da mão de obra gratuita desvalorizando a força de trabalho dos povos e mesmo suas produções, povoando os museus de peças raras transportadas como se fossem lixo ou aprendendo suas técnicas e expressões artísticas como se não estivessem impregnadas de tempo.

O padre disse que os europeus vieram a África para salvar os africanos. [...] dantes esta salvação consistia em levar os negros para longe, lá para as Américas, onde nãoteriam nem as máscaras, nem as estatuetas que veneravam, e muito menos as árvores sagradas...mas depois viu que este não era o melhor método e então tivemos nós oseuropeus que vir para a África ensinar a religião cristã e salvar as vossas almas.(SARAIVA, 1987, p.30).

Aproveitarem-se também das peças par suas exposições anuais usando o sagrado apenas como exótico, vendendo a peso de ouro o artesanato que nunca sonharam nem saberão fabricar e destruírem, cortando pelas raízes as antigas sabedorias contidas nas cabeças dos mais velhos, para que os frutos amarguem a solidão e o descasamento com as mais longínquas práticas ancestrais: dos antídotos, benzimentos, dos chás e compressas, se voltando para os efeitos colaterais de todas as montas e testes de seus venenos, antes da difusão em seus países de origem. A chegada da modernidade, ainda hoje, é uma grande alavanca desagregadora do modo de vida tradicional de muitos povos na África, de várias cosmovisões rotuladas como atraso, uma vez

que “a instituição progressiva do mundo moderno compromete ou mesmo destrói a antiga coesão social, substituída por um *modus vivendi* governado estritamente por inferências racionais e econômicas (SERRANO, 2007, p. 128). Entretanto, embora seja algo de muito poder hegemônico, diante das variadas formas de viver social tornam-se notórias para alguns pesquisadores as barreiras formadas pela resistência dos que não se renderam, mesmo estando em posição de inferioridade militar ou mesmo socioeconômica. Única maneirado colonizador manter sua posição de superioridade. Muitas vezes o colonizador teveque se render diante das reticências ou “barricadas” culturais “encontradasna imposição da sua supremacia, suscitando adaptações com base na realidade africana”(*Op. cit.*, p. 128). Isso é o que faz Balandier (2011) afirmar que a sociedade colonizada e a sociedade colonial tinham de ser apreendidas através de perspectivas recíprocas (p.236). Que é o que não compreende a assimilação de Delfina diante dos lampejos de resistência de Serafina em defesa das raízes, tentando explicar a relação tempo-sabedoria; autovaloração- autorejeição, colonizador, colonizado: “Esses medicamentos em que confias vieram destas plantas. Se os médicos tivessem respostas para tudo, o nosso povo só teria nascido hoje”(CHIZIANE, p.150). Aqui as contradições deixam a colonização numa verdadeira encruzilhada. É a verdadeira morada de Esú enquanto elemento de defesa e ataque, que está sempre em movimento e sempre na espeita, fazendo o encontro e o desencontro e fazendo do encontro o desencontro;

> [...]pois não compreenderam que os negros africanos que sobreviveram à dura travessia, da costa leste da África para o novo mundo não navegaram sozinhos. Violentamentee radicalmente arrancados das suas civilizações, esses africanos sem dúvida carregaram consigo para o hemisfério ocidental aspectos de suas culturas que estavam carregados de significado (GATES,Jr.1989, p.3).

E um desses aspectos é Esu-Elegbara, o que contradiz para dizer certo, o que se espalhou pela Nigéria, Américas do Sul, do Norte, Caribe, Brasil e tantos outros mundos falando várias línguas, porque é a boca coletiva o movimento do tempo em todos os lugares;e sendo a reciprocidade é a mestria das relações e contendas políticas. Instituido como chavedos mitos de origem dos povos da Nigéria e Benin, com vários nomes e várias sobrevivências.Para esses povos é o X da questão na resolução de todos os enigmas porque é o grande elemento que emprenha a terra.

Como essa relação de reciprocidade tem que começar entre pessoas “uma ideologia petrificada se aplica a considerar homens como animais que falam. Inutilmente: para lhes dar ordem, ainda que as mais duras, as mais insultantes, é preciso começar a reconhecê-los”, mesmo que convictamente se sinta superior (SARTRE apud MEMMI, 2007, p.30).

> Dona Linda mandou fazer chá de hortelã. Serviu na sala e retirou-se para a cozinha.

> Ela chamou: “Daniela, vem cá, por favor” e quando se aproximou ela disse: “Sentate aqui ao meu lado, por favor”. Era a primeira vez que a patroa dizia “por favor” para ela e logo duas vezes seguidas. Estranho! (SILA, 2011, p. 33).

Sim, muito estranho. Principalmente por quem já havia levado uma bofetada por conta de um pedaço de peixe que um gato ladrão tinha comido e na cabeça da patroa, teria sido ela. Mas agora a Dona linda toma uma atitude, como quem estivesse a dizer: “e como não se pode vigiá-los incessantemente, é preciso decidir confiar neles: ninguém pode tratar um homem “como um cão” se não o tomar primeiramente por um homem (SARTRE, in MEMMI, 2007,pp. 30-31).

Assim sendo, ninguém sabe se por medo dos comunistas que julgou contido no nome “russo”, Ndani – explicação dada como justificativa da troca deste nome por Daniela - , se pela solidão, ao ter deixado seus filhos na Metrópole, quando foi em visita, ou por sentir que a pesar de serviçal, a outra também era mulher ou medo da morte? Seja lá o que tenha sido: “Uma reciprocidade ata o colonizador ao colonizado, seu produto e seu destino” (Op.cit. p.31). Ou seja, a colona colherá de sua subalternizada o fruto de seu tratamento, embora esse fruto seja como um parto a fórceps, visto que, ambas têm o sofrimento como paga: a patroa por sua ousadia e ganância, revestiu-se do poder da autoridade metropolitana e foi confinada no exilio voluntário; a serviçal subalternizada em sua própria casa, estrangeira na prisão do poder da outra, mas tendo como saída, a entrada no circulo de pólvora que a cada dia engrossa envolvido pelos vários cordões que comprimem tudo em volta. Seus destinos estão nas mãos do tempo e a morte apenas alternando: Deolinda, fadada a desaparecer pela implosão do sistema colonial; Ndani, armada de desespero, e não tendo mais pra onde cair, levantar-se-á com o vento que sacudirá a patroa, se houver sorte, para além do círculo, como parte do sistema implodido junto às matérias da grande explosão.

Mas voltando à reciprocidade, parece até que intuitivamente, Dona Deolinda tinha a percepção de que estava muito próxima alguma tragédia. É o que o autor deixa transparecer, quando a torna gentil após passar por uma situação perigosa enquanto viajava de navio para sua terra, a ponto de, ao se livrar do perigo, ir ter com Nossa Senhora de Fátima para agradecer e conversar com o padre que explicou: “os europeus vieram a África para salvar os africanos [e] e ensinar a religião cristã e salvar as vossas almas” (SILA, , 2011, pp..40-41).

Na verdade, Silá, está a assinalar a prepotência do colonizador, através de várias informações: a superioridade do continente europeu sobre o africano, da religião e das almas europeias. Sem contar que, por ter com quem contar, a Santa foi capaz de salvá-la da tragédia. Tanto é que, a patroa vai a seu quarto, volta e pede a Ndani que levante-se: “com um fio que

parecia de prata ao qual estava pendurado um crucifixo. [...] Com toda calma, colocou-lhe o fio à volta do pescoço. Ajeitou o fio por forma a ficar bem à vista, no centro do peito da rapariga, entre os dois seios. (Op.cit. p.41). Este trecho vem corroborar o comentário da página 43, no tópico sobre o colonialismo, final do primeiro capítulo, sobre o Mapa dos Salmos do ano 1250, e a Cartografia de Ptolomeu unida à cosmologia cristã, onde do lado de baixo figura o "continente negro e monstruoso", na obra, Sila, remete o leitor a essa informação através da pergunta de D. Deolinda querendo que o padre lhe explicasse: "por que foi que os portugueses descobriram a África se o perigo era tão grande"(p.40). E no lado de cima, do mapa, no norte aparece o cristo que redime "bem a vista, no centro do peito da rapariga, entre os dois seios (p.41). Local onde D. Deolinda põe o crucifixo, preso ao pescoço de Ndani. A metáfora é perfeita para a explicação da alegoria que traça o código de exclusão do espaço geográfico, no que se refere à localização da África no mapa mundi.

Sila não somente se mostra um intelectual engajado, mas também um ficcionista que sabe navegar pelos mares da história para melhor ilustrar o porque de sua luta contra o neocolonialismo. O tempo inteiro dá mostras de que é preciso sempre ter como instrumentalização, o conhecimento; sempre houve uma astúcia muito grande no subalternizado, principalmente quando se trata daqueles mais velhos, portadores da tradição e representantes dos colonizados; ressabiados, devido às constantes tentativas de logro por parte do poder colonizador e o auxílio de ouvidos atentos que lhes trazem as notícias.

Abdulai Sila, representando uma literatura com pretensões de reavivar a memória subalternizada, trazendo de volta as vozes um dia silenciadas, com paciência, vai reconstituindo a história pra melhor poder pontuar, usando astutamente seus personagens, como é o caso do velho Régulo de Quinhamel, Bsum Nanki:

> A maior parte dos brancos que vêm para a Guiné é branco coitado. É para arranjar a vida porque lá na Metrópole não têm nada. Se é do Norte é pescador. Se é do Sul, também é pescador. Se é do centro, é camponês, o trabalho dele é lavrar batata ou apanhar uva para fazer vinho. Quando chegam cá, esquecem tudo e pensam que as pessoas não sabem (SILA, 2011, p.74)

Ele está se referindo ao que caracteriza uma colônia de exploração, local onde: "a presença do colonizador manifesta-se essencialmente por meio de um enquadramento militar e policial e de uma estrutura administrativa de cúpula. O número de colonos nelas instalado é pequeno" (PEREIRA, 1978, p.19), portanto, não desenvolvem politicamente um papel de autonomia, porque "não têm interesses divergentes dos da metrópole [...] por serem, em sua maioria, funcionários do governo ou das grandes companhias coloniais. Não se enraízam na colônia. Cumprem um contrato temporário e geralmente voltam" (PEREIRA, 1978, p.19), para

seus lugares de origem ou vão a outros locais onde as metrópoles estendem seus tentáculos. Paulina Chiziane (2008) faz o mesmo que Sila, mas metaforizando a própria África, nafigura de Maria das Dores, a louca do rio; a que enlouqueceu ao ser apartada de seus filhos. Essa África perdida em meio ao turbilhão de acontecimentos com suas entranhas invadidas a ponto de perder a razão. A tradição, em sua serenidade, desta feita, se expressa através da mulher do régulo, denunciando o tráfico negreiro como resultado das invasões do solo moçambicano pelos portugueses:

> Fomos invadidos pelos árabes. Guerreados pelos holandeses, portugueses. Lutamos. As guerras dos portugueses foram mais fortes e corremos de um lado para outro, enquanto os barcos dos negreiros transportavam escravos para os quatro cantos do mundo (CHIZIANE, 2008, p. 23).

A autora passa a confirmar através do discurso descritivo, da mulher do régulo, o que diz Albert Memmi em seu *Retrato do Colonizado...* (2007), em relação à desumanização e infortúnio sofridos pelo povo escravizado via sistema colonial: "o colonizador nega ao colonizado o mais precioso direito reconhecido à maior parte dos homens: a liberdade. As condições de vida feitas para o colonizado pela colonização não a levam em conta de nenhuma maneira" (p.123), visto que nada pode decidir e não tem para quem apelar. "Vieram novas guerras. De pretos contra brancos, e pretos contra pretos.

Durante o dia, os invasores matavam tudo, mas faziam amor na pausa dos combates. Vinham com os corações cheios de ódio. (CHIZIANE, 2008, p.23). Mas eles não sabem que o usurpador também tem medo, por isso espalha o terror como alegoria do poder, procura abastecer-se o máximo do que vê. Um, deportado de forma miserável; outro, cansado da miséria: "Estrangeiro, chegado a um país pelos acasos da história, ele conseguiu não somente criar um espaço para si como também tomar o do habitante, outorgando-se espantosos privilégios em detrimento de quem de direito (MEMMI, 2007, p. 42), substituindo tudo o que encontra pelas regras que acredita, pensando ser sua; legitimando a desigualdade e fundando uma privilegiada maneira de viver, sem abandonar as atitudes deploráveis da falsa representação metropolitana.

Observe-se o outro contraponto, propondo uma mostra histórica e sociológica através da narrativa da nigeriana Buchi Emecheta, no intuito de expressar as atitudes do povo nigeriano frente à colonização, no caso inglesa, apresentando um outro imaginário, que, mesmo distante geograficamente, faz sobressair o dialogar dos autores, ultrapassando as distintas fronteiras de suas realidades nas asas da imaginação, e não do ilusório; demonstrando que a ficção literária está sempre a variar e se diferenciar: nunca está morta (CASTRO, 1984, p. 45) diante das

vivências quotidianas.

Mas a sobrevivência de seu povo é uma grande conhecida no Brasil como alimento, raíz medicinal e alimento sagrado dos chamados Orisá genitores, os fun-fun, ou seja os que vestem branco, encabeçados por Obatalá ou Orisalá como é popularmente tratado. É o inhame, tem a mesma função nos dois locais, só que com aspectos diferentes. Na Nigéria se come assado e cozido se transforma em, papa para as mulheres paridas se restabelecerem devido ao sangue perdido; no Brasil é um alimento comum, com funções medicinais aos portadores de anemia. É nossa herança vinda do povo Igbo.

O destaque é o alheamento da comunidade no passado, apesar de ser resistente, com chefes afeitos à guerra, que não se dobravam aos administradores brancos. Até as mulheres tinham uma maneira especial de resolverem suas questões. Faziam questão de sua autonomia. Portanto: "Essas mulheres não tinham tempo a perder com a polícia; não podiam dar-se ao luxo de perder um dia de negócio para ir ao tribunal ou procurar um chefe tradicional. Tratavam invariavelmente o culpado à sua maneira, aquela que achava mais adequada".(EMECHETA, 2000, p. 76).

Muito embora o intuito dos ingleses de dominarem e manterem os negros subalternizados fosse o mesmo dos portugueses: aqueles, eram silenciosos em seus estratagemas destrutivos: não gostavam de se misturar.

O povo Igbo, predominava ao leste do sul da Nigéria, e, "em termos europeus, os Igbo e outros grupos do leste eram considerados mais atrasados que os demais, em 1900"(FORSYTH, 1977, p. 18). Diferente do lado ocidental do sul onde a maioria era Yoruba, "Um povo com uma longa história de reinos altamente desenvolvidos (*Op. cit..*, p. 17). Tanto é que,

> [...] no auge da colonização e com a Nigéria a ser absorvida pela Grã-bretanha, os habitantes de Ibuza ignoravam que já não eram governados pelos portugueses. Não sabiam que o seu país estava a ser amalgamado e compartimentado pelos britânicos até a última aldeia. Nada sabiam do que ia acontecendo, como não sabiam que havia outras maneiras de ser espoliado dos seus direitos de nascimento sem ser pela guerra (EMECHETA, 2000, p.18).

Vale lembrar que a descrição de Emecheta não se refere à Nigéria como um todo, mas, aos povos situados mais para o interior do país, especificamente. Dos Igbo, provenientes de Isu, região oriental da África, fundadores da cidade de Ibuza, sob o comando do príncipe Umejei, no meio da floresta tropical, se tornando os primeiros agricultores da região; "mais amigos de lutas que de comida, alcançaram muitas vitórias nas batalhas florestais desses tempos"(*Op. cit..*, 13).

Diga-se de passagem: começo do século XX. O trecho fala da "época em que ser inglês era uma glória, quando ia já chegando ao fim o reinado do filho da grande rainha Vitória e a mancha vermelha do Império Britânico cobria perto de metade do mapa do mundo" (p.17). Parafraseando SAID (2011, p. 130): domínio tal, que veio tomando impulso a partir do século XVI, com um vigor que atingiu várias áreas tanto pela força bruta quanto pelo conhecimento, que, por muito tempo, ficou sem adversários à altura. Mas isso não quer dizer que os outros povos europeus não estavam de acordo, a ponto de ao longo do século XIX "[...] os territórios coloniais cobriam então um terço da superfície do globo e que setecentos milhões de indivíduos, dos dois mil milhões que perfaziam a sua população total, constituíam povos subjugados." (BALANDIER, 2011, p. 220)

E, voltando ao caráter de supremacia inglesa, entre as nações colonizadoras, SAID (2011), em seu *Cultura e Imperialismo*, destaca que no final do século XIX, "não foi por acaso que a Inglaterra também gerou e sustentou umainstituição romanesca sem nenhum rival ou equivalente europeu"(Op.cit. p.130), superando a França da metade desse mesmo século, "com a sólida ascensão do romance inglês e o predomínio inconteste que veio pouco a pouco a adquirir [...] como partícipe no império ultramarino"(Op.cit. p.131) da Inglaterra.

Entretanto, a teimosia das culturas ditas "atrasadas", não vai deixar por menos, fazendo os colonizadores começarem a sentir que nas estradas das relações de poder, existe um momento em que o colonizado, aproveita os interstícios gerados pelas "contradições do sistema e a conjuntura do momento para abrir novas frestas na cadeia da escravidão" (CARVALHO, 1998, p. 15). Desta forma – continua SAID – quando o norte da África assume uma espécie de presença metropolitana na culturafrancesa, após 1870, é que vemos começar a se definir uma formação estética e cultural comparável: [...] (SAID, 2011. p. 131).

Observe-se que isso é uma linha divisória, embora abstrata, entre a escravidão e a liberdade, dentro de um constante estar por vir, que lança seus indícios através do desenrolardas conquistas que devem ser analisadas, em cada caso, a partir de seus contextos espaciais e temporais, na medida em que efetuam-se o desdobrar dos acontecimentos.

6.3 EVOCANDO A MEMÓRIA

Ao longo das suas obras os autores, demonstram grande conhecimento em relação à História Geral, recorrem às suas memórias, e a inferência que se faz é que estão sempre a mostrar como a astúcia os leva a criar novos códigos de entendimento, que sirvam de elementos táticos nos casos de necessidade, principalmente quando estavam a ameaçados pela instauração

do caos entre os seus, pela perda do controle emocional – coisa que o colonizador punia com castigo ou com a morte – e também pela insistência do discurso hegemônico em querer fazer imposição de seu idioma. Como exemplo Emecheta utiliza-se do velho Okwuekwu, o pai da menina Ojebeta, o qual trabalhava de *Kortu-ma,* ou seja, mensageiro, no tribunal indígena de Ibuza; posto recebido por salvar um inglês que fora nomeado *District Officer*.

Quando no tribunal os ânimos das pessoas se alteravam, a ponto de tumultuarem as sessões, Okwuekwu se dirigia ao mais exaltado bradando, ameaçador, o que logo todos entendiam: "*Oda!* O administrador, recém-chegado, já por muitas vezes tentara ensiná-lo a dizer a frase completa, *Order in the court!*, ou *silence in the court!* Mas Okwuekwu não fazia caso e continuava a usar a sua versão pessoal" (EMECHETA, p.18-19). E desaforadamente, num tom capaz de lembrar Patativa do Assaré, em seu poema *Cante lá, que eu canto cá,* anuiu:
"Para que serviria aprender a dizer uma porção de sons destituídos de sentido quando bastava uma só palavra?" (Op.cit.,p.19) E pediu ao interprete-escravo do administrador que traduzisse sua fala. O que levou a rir o *District Officer,* concordando até com o que lhes disseram sobre os do Oeste do Níger: eram todos uns ignorantes. E cônscio da inferioridade do outro, concordou e ironicamente pronunciou: <<Seja como quiseres, chefe."

Analisando o discurso, os atos aqui descritos são de grande valor, visto que em si, a palavra é só ela mesma. Mas como, segundo Orlandi (2004), "é o texto que significa" e, se "Oda!" é a representação substitutiva de toda uma ordem dada pelo superior – Order in the court! – "é porque ela tem textualidade; ou seja, porque sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa" (ORLANDI, 2004, p. 52). Embora para o colonizador Okwuekwu não passe de um "negro subalterno e\ou pretencioso", como declara a textualidade contida em sua palavra: "chefe", carregada de ironia. Entretanto, dentro da tradição "Oda!" é um texto, "é um objeto histórico"(ORLANDI, 2004, p. 53), um discurso.
Quem a pronuncia é um *Alo*: um homem carregado de poder espiritual; aquele "que tinha a energia de sete" (Emecheta, 2000, p.19), e ainda por cima um *kortu-ma*: mensageiro do tribunal. Oda não era só uma expressão, mas literalmente uma incorporação do poder.

Observe-se que Okwuekwu Oda, como passou a ser chamado dali em diante, convertera sua teimosia numa [...]

> *[...] postura enunciativa* [...] que se aventura nas bordas da identidade e do sentido. [...]que procurava desorganizar as regras [...], a partir do entremeio de suas lógicas de funcionamento simbólico e comunicativo [...]: não se tratava apenas de infringir as regras do jogo [...] mas de defini-las em seu absurdo (RICHARD, 2002, p. 34).

No Brasil esta maneira de resistir a pronunciar palavras ou frases na língua do

colonizador, deu aos negros, principalmente os “angola” o rótulo de “boçais”; cujo significado é “rude”, “ignorante”, quando na verdade o negro estava a fazer que não entendia, que não conseguia apreender – quem sabe – para melhor ser deixado em paz nos momentos de organizar suas escutas, assim se tornando referência ou pessoa de poder, pela quantidade de informações que armazenaria em favor de sua comunidade.

Embora, diante do senhor, não gozasse de bons olhares devido à atitude teimosa, não se dava a conhecer como combatente armado ou coisa que o valesse, para não denunciar sua verdadeira posição dentro de um jogo que só os subalternos compreendiam. “Ora, a identidade positiva, embora alienada, é ponto-de- partida para a própria história, porque decorre da experiência histórica do grupo em afirmação, em criação cultural (BARBOSA & SANTOS, 1994, p.45), em pleno exercício da resistência.

Como a louca Maria das Dores, por exemplo, que aparece nua na beira do rio, no lado dos homens tomarem banho, ferindo a tradição e, antes que seja apedrejada, precisa ser amparada pela intervenção da mulher do régulo no *Alegre canto da Perdiz :* “Aquela louca simboliza o mundo novo da guerra,das doenças, da exclusão social, ao qual todos se encontram sujeitos”(CHIZIANE, 2008, p. 22).

A obviedade das sentenças e a clareza no que está sendo dito, impulsiona um querer seguir a interpretação do que sugere a mulher do régulo, como um caminho confortável. Principalmente em se tratando do colonialismo e seus resultados, tema muito presente na obra. Entretanto, ao se conhecer um pouco da escrita de Paulina, é preciso desconfiar de que não é só isso que ela está a dizer; não é só uma denúncia dos males da colonização, mas poderemos fazer uma reflexão a partir do olhar feminino; uma inserção feminista na luta de libertação sem separatismos de gênero; uma convocação à mulher para assumir o protagonismo consciente, além dos padrões do colonizador, quebrando paradigmas. Mas dizendo que não é só isso, já que “o texto não é uma unidade fechada [...] pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção” (ORLANDI, 2004, p. 54). E tem mesmo. É o famoso interdiscurso. Os sujeitos estão a narrar suas próprias histórias, enquanto nações, enquanto entidades cujas vidas foram expostas aos mandos e desmandos das novidades coloniais.

Por isso, Dona Linda, a mulher do funcionário português da administração, cuja sede era em Bissau, fez questão de dizer a Ndani que “o padre disse que os europeus vieram a África para salvar os africanos. [...] ensinar a religião cristã e salvar as vossas almas”(SILA, 2011, p. 40). Ou seja, o corpo que se lasque! Pode ter guerra, doenças, exclusão social, morte; contanto que a salvação esteja garantida.

O que vale a pena observar é: como essas pessoas de países tão diferentes conseguem dialogar a través de suas escritas utilizando suas narrativas como instrumento de criação de mais um espaço de articulação para serem ouvidas, na tentativa de representação das identidades nacionais descrevendo o extravio das identidades provocado pelas invasões coloniais no continente. Estudo no qual nos deteremos mais adiante no terceiro capítulo Situação Colonial e Racismo. As culturas humanas, ao longo da trajetória da humanidade, como elemento de resistência à opressão, aos desmandos da dominação, principalmente, de povos estranhos à determinada sociedade, têm sido uma arma de valor fundamental. Enquanto manifestação ideológica, histórica e fruto das vivências, toma o lugar de ponte relacional de seres da mesma comunidade, das comunidades com seus ambientes e até mesmo ou quase sempre entre componentes de grupos alheios àquela realidade. O que chega a incomodar, visto que, se torna paradoxal, são os desvios conceituais carregados de egocentrismo ou sociocentrismo, das afirmações, da "existência de grupos humanos sem cultura; depois, a existência de culturas hierarquizadas; e por fim, a noção de relatividade cultural" (FANON, 2011, p. 273). Tais definições têm, de início o objetivo de negar as culturas alheias no sentido global, mas depois passa a estigmatizar grupos específicos.

> Podemos dizer que existem certas constelações de instituições vividas por homens determinados, no quadro de áreas geográficas precisas que, num dado momento, sofreram o assalto direto e brutal de esquemas culturais diferentes. O desenvolvimento técnico, geralmente elevado, do grupo social assim aparecido autoriza-o a instalar uma dominação organizada. (*Op. cit.*, p. 273).

É justamente esse fato esquartejador e sangrento que, na visão de Fanon, a antropologia cultural se nega a reconhecer. E tudo prossegue natural e implacavelmente, como se a "hierarquização sistematizada" não fosse o resultado "negativo de um trabalho, mais gigantesco, de escravização econômica e mesmo biológica"(*Op. cit.*. p. 273). E por quenão dizer, do racismo enquanto parte simples de determinadas culturas?

Foi a este complexo de artimanhas científicas, discriminações raciais, sexuais e sociais que Balandier (2011) chamou de "situação colonial"; fatores que estabelecem "relações entre civilizações radicalmente diferentes; uma civilização mecanizada, com uma economia poderosa, um ritmo rápido e de origem cristã que impõe o seu domínio acivilizações não mecanizadas, com uma [...] de ritmo lento e <<não cristã"(BALANDIER, 2011, p.247).

Mas essas diferenças sempre existiram ao longo da história humana, como efeitos históricos reais, porém, não dá pra fazer de conta que elas não existem. O esforço que se temque fazer é o de assumi-las.

> A eliminação do racismo não pode ser tarefa imputada prioritariamente à ciência contemporânea, por mais ilibada que esta se apresente nas concepções europocêntricas. Tarefa eminentemente política, ela vem sendo conduzida pelas próprias vítimas do racismo, sejam povos colonizados ou neocolonizados da África, Ásia e América ou minoria oprimida em qualquer parte do mundo (PEREIRA, 1978,p. 22).

O martinicano, Frantz Fanon, psiquiatra mergulhado na guerra de independência da Argélia, costumava dizer em seus escritos engajados que "libertação nacional, [...] restituição da nação ao povo, [...] a descolonização é sempre um fenômeno violento, (...) é simplesmente a substituição de uma 'espécie' de homens por outra 'espécie' de homens" (FANON apud PEREIRA, 1978, p. 23). E que, essa coisa que só se concretiza quando homens novos forem criados (aprofundaremos no quarto capítulo) "e que tenham vomitado a ideologia colonial. Esse processo, de estratégia cultural (ou mental), não pode passar por nenhum tipo de acordo entre colonizado e colonizador" (Op.cit.,23). Tudo isso porque "o motor [...] da descolonização está no mundo colonial" (Op.cit., p.23). Isto porque o racismo foi engendrado num tempo histórico; não é uma propriedade de ninguém, mas uma ideologia moderna, portanto, filha da expansão colonial do século XV, a mãe do trafico negreiro. Não podemos cometer a ingenuidade de achar que sempre existiu e não tem jeito.

> A tentação a ser evitada aqui é a velha noção da esquerda de "para nós é melhor lidar com o inimigo que admite abertamente o seu viés (racista, homofóbico, etc) do que com a atitude hipócrita que consiste em denunciar publicamente o que se avaliza secreta e efetivamente". Esta noção subestima decisivamente o significado ideológico e político de *manter as aparências*: a aparência nunca é uma mera aparência, mas afeta profundamente a posição sócio-simbólica real das pessoas em questão (ZIZEK, 2005, p. 18).

Fica evidente a inquietude contida nos escritos desse trio africano composto por Sila, Paulina e Emecheta, expondo seus símbolos sociais visivelmente afetados pelas marcas dos chicotes e negações. Nota-se a proposta de descolonizar as mentes que, criar uma geração de guerreiros(as) sem perderem a poesia, mas conscientes de que "resistir é preciso."

"É notável que o racismo faça parte de todos os colonialismos, sob todas as latitudes. Não é uma coincidência: *o racismo resume e simboliza a relação que ume colonialista e colonizado"* (MEMMI, 2007, p.107). É ele com dá as cartas dentro do colonialismo. Naturalmente todas as opressões e formas de dominar, sempre traz em baixo do braço sua justificativa ideológica. "Mas se não há colonialismo sem racismo, isto não significa que, terminada a dependência colonial direta, a ideologia racista deixe de existir. A descolonização não se esgota no campo político e nem [...] no econômico (PEREIRA, 1978, p. 21). Não é uma coisa simples, posto que, é uma construção histórica.

"O racismo como ideologia elaborada. É fruto da ciência europeia a serviço da dominação sobre a América, África, e Ásia. A ideologia racista se manifesta a partirdo tráfico de escravos, mas adquire o estatuto de teoria após a revolução industrial europeia" (*Op. cit.*.,p. 20).

Carlos Moore (2010), prefaciando *Discurso Sobre a Negritude*, enfatiza que "A raça e o racismo foram erigidos pelos *não-negros* em uma *metaconsciência* totalizadora, definidora do humano em termos puramente tautológicos, maniqueístas e essencialistas, como fruto de uma *metavisão* hegemônica" (p.7). Por essas e outras, mesmo, havendo progresso na humanidade e a modernização tendo tomado conta da ciência, não houve eliminação do racismo, como herança colonial. Nunes Pereira (1978) muito bem lembra que,o continente africano, mesmo tendo o polo capitalista mais do capitalismo, que é a África doSul, este teve "o campo da prática racista mais exacerbada: o *apartheid* – o racismo erigido em lei" (p.22). Mas por que ele (o racismo) é tão essencial? Antes de tudo, precisa ser explicado e justificado, principalmente par si, a fim de abolir a culpa moral, mesmo diante dequem está sendo ofendido; depois é preciso manter o privilégio gerado pela exploração. Eraeste o motivo da zanga de Mãe Mee, a competidora de Mãe Palagada no mercado de Otu:

> E por que é que você não se dispões a dar luta aos ditos brancos? É por ser amiga deles? Não sabe que, se nós mulheres tivermos de pagar imposto, você também paga? Também terá de pagar. Já ouviu falar de alguma terra onde as mulheres tenham de pagar pela sua existência? Ah, não, é preciso estrangular a fera ànascença. (EMECHETA, 2000, p. 181).

A discussão era porque Mãe Palagada tinha se tornado cristã, amiga dos missionários, acreditava nessas "pessoas de Deus, mas nem assim as livrava dos impostos que os ingleses estavam a cobrar. O mesmo estava acontecendo em Quinhamel, quando até o Régulo andava às voltas com um problema de cobrança de imposto a sua pessoa. " Dois dias sem dormir, só a pensar na vergonha que era ele também ter que pagar imposto. O que é que pensaria então a população? Esse é que era o problema mais grande" (SILA, 2011, p. 74).

Observem que a ideologia visa, desmoralizar as tradições não- europeias, minar o respeito pelas autoridades locais, desmantelar os valores provando que o respeito se devia ao branco e não ao negro, mesmo sendo velho – o que é um desrespeito ao principio da ancianidade portador das sabedorias do grupo. O não pagamento do imposto poderia levá-lo a receber chicotadas, e até ser mandado para o trabalho forçado. Esse tipo de racismo é prático, não tem doutrinação. Como conjunto de comportamentos "o racismo colonial é tão espontaneamente incorporado aos gestos, às palavras, mesmo as mais banais, que parece constituir uma das

estruturas mais sólidas da personalidade colonialista" (MEMMI, 2007, p. 107). Observe-se o que diz Serafina, em relação aos costumes, ora, naturalmente rejeitados por Delfina:

> Quando os marinheiros aqui chegaram, encontraram gente e tiveram muito trabalho para matar. Não havia médicos nem enfermeiros brancos. Olha como são os nossos filhos. Olha como eles são fortes. Sabes porque é que os teus irmãos foram deportados? Por serem fortes como touros, graças a esses remédios que hoje rejeitas (CHIZIANE, 2008, p.150)

Observe essa ruptura entre gerações como é violenta, mas a constância e a manutenção das atitudes, são subliminares: fazem mudar sem pressentir. "Os espíritos dos marinheiros e os bantu montaram o palco na mente do homem negro. E os negros retiram as próprias raízes, tal como os pássaros velhos no final da estação. Distanciando-se cada dia mais de si próprios" (Op.cit. p.151), diz Paulina com a faca das palavras, trajando a hipnótica poesia que dança pra denunciar o racismo colonial sem deixar dúvidas de que chegou às entranhas do leitor.

6.4 AUTORES, PAÍSES E OBRAS

6.4.1 Vozes Coletivas

Hoje em dia o avanço dos conhecimentos, tanto históricos como geográficos e, neste caso, literários, começam a provar que "a evolução e crescimento das sociedades e civilizações da África contradizem o estereótipo de <<estagnação de muitos séculos.>>

O mundo começa a rever as suas opiniões acerca do passado africano" (DAVIDSON, 1977, p. 12-13). Entretanto, apesar de ter se instalado uma nova ordem mundial, igual às paredes dos tachos onde se confeccionam doces, vícios e maneiras etnocêntricas ainda precisam ser raspadas. São velhas as formas de opressão e desrespeito às alteridades, que nem tão cedo vão corresponder aos discursos relativos à realidade pós- colonialista.

Como trazer de volta as memórias soterradas e a saúde desestruturada das nações outrora invadidas? Como recompor um imaginário cultural subtraído pela superposição, senão pelo trabalho fronteiriço capaz de renovar "o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente" (Op.cit.,p.27), gerando um "passado- presente", que tece a cada dia o necessário à continuidade da vida e não o retorno do que entristece por não se ter mais? Possivelmente, encetando um projeto de grande ousadia.

Sem dúvida, alguns tecelões da palavra, não mediram esforços. Avançaram desafiando as estruturas dominantes, como "indivíduos educados dentro dos ideais iluministas de igualdade e da ideologia capitalista e dotados de um projeto de vida" (Op.cit. p. 66); se apropriando dos saberes da Europa a fim de adaptá-los às necessidades das suas localidades, enquanto vozes coletivas.

Nessa empreitada, alguns grupos de africanos, ao aprenderem a maneira dos brancos,

tiveram o discernimento da recusa e não se deixaram cooptar pelos poderes coloniais. Ficou evidente, o desejo de participar da construção das novas nações nos anos 1950 e 1965, no chamado período da descolonização, onde a exorcização do colonialismo se fez presente na África, na cabeça dos que faz iam a literatura como os nigerianos Chinua Achebe, Wole Soynka, Buchi Emecheta; Camara Laye, da Alta Guiné; Luandino Vieira, Pepetela, Viriato da Cruz e Uanhenga Xitu, de Angola; Paulina Chiziane, Mia Couto e Noémia de Souza, moçambicanos; Ngugi wa Thiong'o, do Kenya; Abdulai Sila e Amilcar Cabral, da GuinéBissau e tantos outros. Entre os artistas da palavra, os escritores do romance de ficção, oriundos de África, Abdulai Sila, da Guiné-Bissau, Paulina Chiziane, de Moçambique e Buchi Emecheta, da Nigéria, são os que fazem parte deste trabalho. Escritores estes que já ´possuem maioridade emrelação às suas escritas e publicações, estudos críticos e excertos de suas obras, espalhados porvários países.

6.4.2 - Abdulai Sila

É da Guiné Bissau, país da Costa Ocidental africana, classificado como um dos mais pobres do mundo, colonizada pelos portugueses a partir de meados do século XV, que estabeleceram um comércio de escravos durante vários séculos. A Guiné portuguesa, como foi chamada, foi administrada junto com Cabo Verde, de onde saiu a grande parte dos que trabalhavam para a Coroa de Portugal. "A presença portuguesa, fora da capital Bissau, semprefoi mais nominal do que efetiva, mesmo após o reconhecimento internacional das fronteiras"(RODRIGUES, 1990, pp. 156-57).

Nunca foi um local de acomodação ao comando português, por isso, vez por outra estava a receber campanhas de pacificação contra seus nativos, o que prova a insatisfação dopovo em relação aos dominadores. Nenhum motivo seria maior do que "a carnificina dos 50estivadores do porto, em greve em Pijiguiti" (Op.cit, p.135), para inaugurar, em 1958, a luta de libertação da Guiné. Esta, só foi definitivamente estabelecida como República em 1974. Sila é engenheiro eletrotécnico, formado na Alemanha e especializado em domínios de redesde computação e de telecomunicações nos Estados Unidos, participa do GREC (Grupo de Expressão Cultural), tem participação na revista cultural Tcholona, além de ser sóciofundadorda Editora Ku Si Mon.

Abdulai Sila teve Catió, nas terras do sul da Guiné-Bissau, como local onde nasceu,em abril de 1958. Sila, em *A Última Tragédia*, ousa - ao contrário da personagem principal do romance contemporâneo brasileiro, onde o personagem é quase sempre do sexo masculino, de idade adulta, de zona urbana, classe média, de cor branca e de crença ignorada em cena como personagem principal de sua narrativa, uma adolescente do sexo feminino, negra e "do ambiente rural da *tabanca*, centro do universo tradicional africano comseus usos e costumes específicos,

regras e hierarquia bem determinadas, a crença no sobrenatural e no encantamento" (AUGEL, 2011,p.12 – prefácio da obra).

No Brasil, país que também foi "hospedeiro" da colonização, o "pluriculturalismo",a "democracia racial" e tantas outras formas de ver os herdeiros do passado escravo, por muito tempo se estabeleceu um grande contraste. Desde há muito, o país adotou um complexo de branquitude, por isso até bem pouco tempo – meados do século XX – não caberia em sua literatura, uma produção romanesca voltada para o protagonismo afrodescendente [...], o negro e sua construção enquanto personagem, (mas) inscrito em texto a partir de olhares alheios, objeto do discurso do branco, na condição de não ser ainda sujeito da própria escrita (OLIVEIRA, 2014, p.13).

Embora surgidos há pouco mais de trinta anos, as literaturas africanas têm apresentado produções estéticas e temáticas de uma riqueza sem par, destacando-se que estão vivendo uma fase de consolidação.

6.4.2 Tragédias

Retornando à ousadia de Abdulai Sila, a personagem principal de seu romance, *A Última Tragédia*, chama-se Ndani. O romance conta a história de vida dessa jovem, que saiu de Biombo, sua aldeia, para a capital, Bissau, em busca de mudar de vida e se libertar de um estigma de maldição. O Djambakus, o sacerdote de sua aldeia, afirmou que um espirito de um defunto mau se apossou dela, e que terá como consequência uma vida cheia de atropelos e tragédias até o fim de seus dias. Assim, as coisas que lhe aconteciam, desde uma queda até uma febre por um resfriado, era interpretado como presságio de uma desgraça que estava próxima. Na aldeia ela perde o sossego. Todos já evitavam sua presença. Por isso, tinha que arranjar um jeito de sair daquela insuportável situação.

6.4.3 Paulina Chiziane

Primeira mulher em Moçambique a escrever um romance, retrata a nação do seu lugar de fala, e destaca a condição feminina dentro do sistema colonial. *O Alegre Canto da Perdiz*, seu quinto livro, um romance cheio de "estórias grandes e pequenas" inspiradas nos contos ouvidos em volta da fogueira que, para a escritora, foi sua "primeira escola de arte".

Nascida em 1955. Apesar de ter sido em Manjacaze, cresceu nos subúrbios da cidade de Maputo, antiga Lourenço Marques. De uma família protestante onde se falavam as línguas Chope e Ronga, aprendeu a língua portuguesa na escola de uma missão católica. Começou os estudos de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, porém, não chegou a concluir o

curso. Guerrilheira da FRELIMO, envolvida nas lutas de libertação de Moçambique, mesmo nascida de uma família de práticas cristãs, com sagacidade e olhar feminino consegue traçar, através de suas personagens – Delfina, Maria das Dores e Jacinta – um panorama denunciador da situação dramática da África a partir do que os outros fizeram dela. Ler Paulina é refletir sobre a colonização, as guerras, a submissão e reações da mulher na dicotomia entre aldeia e cidade, a assimilação imposta, no projeto de reconstrução da vida do povo moçambicano.

Paulina, parece buscar em seus romances, a recuperação do tempo de fala silenciado: afronta, ironiza, grita e denuncia através das palavras. Sua criatividade e coragem fazem com que dialogue consigo mesma, exibindo como uma câmera sua sociedade e o feminismoafricano, amalgamando a mística, a fantasia e a imaginação valente retratando os conflitos, acertos e contradições de seu povo.

A República Popular de Moçambique, cuja história remonta ao século III, tendo a agricultura tropical e a criação de gado em pequenas comunidade teve a partir do século X, uma economia com adoção de novas formas, inclusive estabelecendo contatos com Países estrangeiros, "em primeiro lugar com as zonas da meseta elevada interior e, em segundo lugar, com as nações dedicadas ao comércio marítimo, que se movimentavam no oceano Índico"(MURRAY, p.198). Logo após os trabalhadores das minas do Zimbabwe da etnia Shona, venderam ouro, dos anos 1000 a 1500, "aos navegantes mulçumanos procedentes das cidades suahili da África Oriental e da Índia. Entre 1500 e 1870, os mercadores e colonos portugueses penetraram no vale do Zambeze" (p.198) a fim de comprarem ouro e explorarem aquela terra. A partir de 1870, um grande número de moçambicanos foi para a África do Sul, pais cuja minoria estava em desenvolvimento, para trabalharem nas minas.

Diga-se de passagem que não estamos falando sobre uma ida espontânea e sim de um recrutamento feito pelo império britânico, para que os negros fossem trabalhar em suas companhias mineradoras, dentro do acordo da Grã-Bretanha e Portugal, que entre si, dividiram a África Sul-Oriental.

A administração colonial portuguesa estendeu-se até a segunda metade do século XX, quando os primeiros movimentos de resistência à dominação estrangeira foram criados, e, posteriormente, unificados num único grupo conhecido como FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) (BRAZ, 2011, p. 137).

Sem delongas, mas é preciso ressaltar que em toda África a ânsia de liberdade nunca esmaeceu, daí as "demonstrações violentas de força por parte do governo chocaram com impulsos igualmente violentos da resistência organizada"(Op.cit, p.198). A organização gerou as sublevações, que geraram as Frentes de Libertação, e os exemplos de independência eram

seguidos.

> No nosso país, senhores de escravos, feudais, reis imperadores, dominaram a sociedade até a conquista colonial. A burguesia colonialista instalou-se então no poder e impôs a sua vontade a todas as camadas do país até o momento em que a nossa luta começou a derrubá-la. (MACHEL, 1979, p. 15)

Tanto que, inspirados na Tanzânia, sua vizinha, liberta nos anos 1960, em 1964 a guerra eclode no Norte do país e em 1974, a FRELIMO- Frente de Libertação de Moçambique, um partido multirracial consegue conduzir seu povo rumo à independência em junho de 1975, depois de um cenário sangrento, principalmente na fronteira norte-ocidental, onde a Rodézia enfrentava uma guerra civil.

6.4.4 - Buchi Emecheta

Emecheta, nasceu em 21 de julho de 1944, na cidade de Lagos. Foi bolsista no Liceu Metodista aos 10 anos; aos 17 abandonou os estudos para se casar e foi para Londres. Através de um romance histórico, sociológico – campo de estudo da autora - trazendo eu seu bojo informações importantes sobre as práticas e ritos ancestrais nigerianos, principalmente, da cultura dos Igbo, a escritora nigeriana em *A Menina Escrava*, narra a história de uma menina do povo Igbo, vendida aos 7 anos de idade, pelo seu irmão sequioso por dinheiro inglês para financiar sua dança da maioridade e se destacar entre os do seu povo. Elegeu-se como parte do corpus a investigar, por seu conteúdo narrativo, também de cunho antropológico e sociocultural, sobre a resistência na África Ocidental, diante dos colonizadores portugueses e em seguida, dos ingleses, encaixando-se nos objetivos propostos para a escrita desta tese.

A República Federativa da Nigéria, hoje, tem 30 Estados, uma capital e 543 governos locais numa área de 932, 768 Km². Sua população é composta de mais de 110 milhões de pessoas, sendo a "maior população negra do mundo, dotada com vastas e abundantes riquezas naturais e humanas" (*Nigéria*, 1992, p.5). Possui vários grupos étnicos, predominando a presença dos Hausa\ Falani (ou Fulani); Yoruba e Ibo, são os maiores.

Nigéria, possui uma imensidade de etnias, logo, algumas dissenções foram acentuadas devido à desrespeitosa partilha do continente africano durante a conferência de Berlim (1884 1885), decidida pela Rússia, Estados Unidos e mais 14 países; Portanto, é preciso se chegar à compreensão de que, a Nigéria foi formada pela Inglaterra através da reunião de povos irreconciliáveis; como esses povos foram descobrir que, seguindo as determinações britânicas, as diferenças não se atenuaram; como a estrutura deixada pela Inglaterra tornou-se finalmente

incapaz de conter as forças explosivas nela confinadas (FORSYTH, 1977, p. 12).

Os Hausa, povo de prática mulçumana, chegaram ao Brasil no final do século XVIII, junto com os Yorubá, sendo responsáveis por um dos grandes episódios nas lutas delibertação contra o domínio português, acontecido no Estado da Bahia, em 1835: a Revolta dos Malês. Infelizmente o movimento foi traído, seus líderes foram presos e até deportados, masconstitui-se num grande marco da luta contra a colonização e a escravidão do negro no Brasil,tendo um elemento feminino se destacado grandemente como articuladora: a africana LuizaMahin, nascida no Benin, e mãe de um dos grandes poetas brasileiros: o advogado Luiz Gama.Uma dessas reações de explosão foi a tão comentada e devastadora guerra de Biafra. Quando "14 milhões de biafrenses enfrentam 34 milhões de nigerianos, não é uma luta nobre, mas simum exercício de inutilidade" (Op.cit, p.11). Os povos do leste, principalmente os Igbo, nuncaforam coisa fácil dos ingleses engolirem. No coração de seu território, diversos motins, como "os Motins de Aba", em 1929, "foram em parte provocados pelo ressentimento contra os "chefes por procuração", impostos pelos ingleses, mas que o povo se recusava a aceitar" (Op.cit. p. 20), enquanto que no norte, os obedientes costumeiros, recebiam as imposições administrativas inglesas, no leste, ao contrário, "os funcionários que foram para lá deslocados em 1909 – [foram] todos eles liquidados [...] pelos chefes das tribos[...], pelos mosquitos transmissores da malária e por muitos outros insectos- soldados tropicais. (EMECHETA, 2000, p. 17). Por essas e outras, os Igbo sempre foram taxados de arrogantes e na hora de serem destruídos, nem as grávidas foram poupadas

6.4.4 A Última Tragédia

"Sinhora, quer criado? Foi a primeira das frases da língua dos brancos que aprendera quando decidiu ir para Bissau arranjar trabalho, trabalho de criada, numa casa qualquer de brancos"(SILA, 2011, p.22). Ndani em conversa com uma de suas madrastas, que já trabalhara como criada numa casa de brancos, em Bissau, recebeu informações "da vida dos brancos, dos seus hábitos, do bem- estar, do conforto..." (p.22). Recebeu ainda algumas instruções pra facilitar sua inserção naquele mundo "estranho". Estranho em todos os sentidos, principalmente no tocante a caminhos para um mundo falacioso, pois "se os africanos tivessem tido uma continuidade em sua história, sem a invasão dos europeus, certamente teriam encontrado o próprio caminho" (COUTO & EMBALÓ, 2010, p.27).

Portanto, Ndani ao aprender tal frase, julgou ser uma chave mágica que lhe abriria as portasdo mundo das criadas.

Os desmandos, a arbitrariedade colonial e a ausência de direitos imposta aos africanos pelo colonizador, fazem a pauta deste romance que decalca o crioulo, transgride o português padrão, arrola as línguas nacionais como se o local da escrita fosse um "sitio de djumbai"- roda de conversas - para discutir as coisas inerentes à sua gente, no que diz respeito às manobras frente ao colonizador. O autor, ao longo da obra, utiliza uma linguagem transgressora sem perder o domínio da formalidade da língua do invasor, numa paisagem literária que tem cor, como instrumento de resistência.

Apesar do domínio português ter chegado muito cedo à Guiné Bissau, reitera-se que efetivamente viviam, os colonizadores, nos centros urbanos, deixando o bravio sertão e florestas a cargo das etnias, ditas "selvagens" e as pragas e perigos inerentes a tais locais. Os da zona florestal ou do sertão viviam isolados. Nos seus lugares de sempre, com seus costumes e tradições. O indicativo está presente na narrativa mostrando as diferenças: Nesse caso, em relação às tabancas, que eram as aldeias das zonas rurais "nem o português nem o crioulo haviam chegado lá"(COUTO & EMBALÓ, 2010, p.37). Razão pela qual Ndani, ao querer inserir-se no mundo fora da aldeia, teve que, forçosamente, recorrer ao aprendizado da língua dos portugueses. Foi também uma maneira de saber como o colonizador estava a pensar.
Segundo Rougé (apud COUTO, 2010) a formação do crioulo está intimamente ligada ao processo de urbanização. Falar o crioulo, foi uma terceira via, criada para resolver um problema de comunicação, diante do conflito linguístico: língua étnica/língua portuguesa.

Embora, esse crioulo, dado ao número de línguas faladas, apresentem variantes e estágios intermediários, entre eles, o tradicional como recuperação das línguas antigas. Isto aconteceu em todos os países colonizados pelos europeus. Sila reafirma a transgressão à fala do colonizador; o que muitas vezes grupos étnicos inteiros executaram, tomando o crioulo tradicional para salvaguardar questões identitárias. Como no caso do Brasil: os Kimbundu trouxeram uma variante denominada Kiribun, apenas falada pelos sacerdotes, com a finalidade de salvaguardar seus segredos religiosos. Aos não iniciados, tornava-se de difícil compreensão. Mas era uma tentativa de preservar o que tinha sido construído pelos ancestrais ao longo de suas vidas para a continuidade da história e manutenção da sabedoria de seus povos.

"A invasão dos europeus impôs uma ruptura nessa história, que fez com que a contradição colonizadores-colonizados se sobrepusesse às contradições internas a esses povos, que tiveram que se unir para fazer face à dominação colonial" (COUTO& EMBALÓ, 2010, p.27).

Não sem antes ter experimentado a perda da sua língua, o absurdo do desencontro e a negação de si e dos seus; o sentimento de ser estrangeiro na extensão de seu próprio lugar. "Sabe lá, o que é morrer de sede em frente ao mar?" (DJAVAN,1984), Ndani ao chegarem Bissau vislumbra com estranheza tudo ao seu redor. Casas, ruas e principalmente as pessoaspois "estava numa zona da cidade onde só habitavam brancos. Se houvesse alguma casa de preto naquela zona, juntaria forças para ir até lá e pedir um bocado de comida. Mas aprendera que "preto da praça é como branco". E branco pobre não existe. Teve vontade de desistir. Já estava preste a acreditar que o Djambakus tinha razão. Afinal de contas, sempre conviveu comas manifestações tradicionais de seu povo, e os sortilégios e as predições, vindas da boca de um sacerdote, não são passiveis de contestação ou dúvidas: a tradição não mente. Tinha mais era que enfrentar as desditas da própria sorte, se é que na vida dela os acontecimentos podiam assim ser chamados. Seguiria seu destino: ser criada dos brancos. Quem sabe esse tal espírito se cansaria e a abandonaria?

O autor, *c*onhecedor de seus valores espirituais nacionais, principalmente dos de sua comunidade, evoca, ao longo do texto, as raízes postas à margem, pela colonização, e as coloca no centro, como aceno da recuperação da voz subalternizada; como "reconstituição da história como base de um discurso denunciador" (AUGEL, p.8), das mordaças colocadas pelo poder dominante.

Mas embora exista a fé, será o ser humano um boneco nas mãos do destino? Tal fatalismo provém do achatamento da mente do dominado sob o jugo do maltrato da chibata e das frases de efeito anuladoras de sua autoestima, em busca de um perpétuo servidor, que ao longo do que ele ainda chama de vida, toma do determinismo a melhor lição: continuar a servir. Esse é o projeto do dominador.

Ndani, em sua busca desesperada por mudança, passa maus bocados na cidade de Bissau. Depois de ser enxotada pelo desdém dos seus, preterida pela indiferença, mesmo dos desconhecidos, sentiu-se ainda mais perdida diante daquela casa. "Afastou-se do portão e foi sentar-se na berma do passeio, os olhos húmidos perdidos nos focos de luz das casas do outro lado da rua. Que fazer?" (SILA, 2011, p. 26) Nesse instante se instala uma verdadeira encruzilhada. Local onde tudo pode acontecer. Até mesmo as grandes decisões ou o descambar para o precipício, onde o "sem volta" está sempre a esperar. Mas o centro deste cruzamento ainda é um bom lugar de respirar, fazer um *joko* – sentar, como dizem os Yorubá - e encarar as decisões tomadas, porque nos cantos dos cruzamentos, espreitando tudo, está E<u>s</u>u: o dinamismo;

a ida e a vinda, a claridade e a escuridão; e principalmente a desconstrução. Em sua frente estava a luz das janelas. O grande contraste era a ausência da claridade pertencente ao "nós" coletivo. Apenas um corpo exausto, cambaleante e com o rumo em rodopios, em busca de dias melhores, Ndani é o espelho de uma África espoliada, cujos filhos tinham que perder a cor, a dignidade. Seu passado estava representado em suas costas, que naquele momento era só escuridão, embora restasse ainda a existência em busca de sentido.

Pela primeira vez, se vê a luz tornada símbolo de sofrimento e perdição, pois, mesmo que a divisória – a rua – travessia possível, não fosse tão longa: não existe maldição iluminada. Até mesmo o conforto era propriedade do espólio, dos brancos. A paisagem cedia a claridade das janelas apenas como migalha, para iluminar o sofrimento de um "até quando" alimentado apenas por um rasgo de esperança... razão na qual repousava a ousadia da dúvida: será que o Jambakus tinha razão?

De volta à encruzilhada, em Bissau, em plena África Ocidental, depois de se observar a frente e as costas, vê-se que: de um lado havia o caminho da tabanca representandoa volta, a desistência. Do outro lado, esse grande desconhecido guardador de segredos, tal qualum vasto inconsciente inconsequente que era o mar. Mar prenúncio, ou a representação de umarota de fuga autoral, como instrumento político de Sila, querendo lavar seu "eu" ensanguentadopela vivência dos onze anos de guerra, dentro e fora do espaço textual, enquanto entrega a todosa voz?

"A guerra com os numerosos deslocados e refugiados que saíram das suas zonas de origem, das suas aldeias e comunidades; o abandono de inteiras populações em outras regiões totalmente diferente das suas"(OLIVEIRA, 2002, p. 44), tanto no sentido social como cultural, conduziu o corpo africano a um enorme desfiguramento em suas vivências , costumes, tradições e visões de mundo. Uma das melhores provas é o presente que Ndani recebe, logo nos primeiros dias: ao ser admitida como criada na casa do administrador teve seu nome trocado pela patroa:

> - O teu nome, caramba!
> - Aah, Ndani sinhora. Ndani.
> - ...[...] Com tanto nome bonito português [...] teu pai escolhe para ti um nome russo! Nunca! O teu nome vai ser Daniela, ouviste? A partir de hoje, tu ésDaniela, Dani-e-la. Maria Daniela e mais nada (SILA, 2011**,** p. 31).

É a pessoa como propriedade, coisa, objeto que fala. Mesmo com um novo nome da "igualdade" colonizada, apanhou na cara, aprendeu a frequentar missa, ganhou crucifixo, aprendeu a rezar, aprendeu a ler, e ainda, foi violentada pelo patrão. E tudo funcionou como um grande favor ao povo colonizado: "Mas que desgraça, meu Deus! Como é que vocês conseguem

ser tão ingratos? Como? Sim, isso não é outra coisa senão ingratidão. Ingratidão e estupidez! A gentevem para este inferno para civilizar-vos e vocês a criarem confusão [...]" (SILA, 2011, p.31). Assim comentava Dona Deolinda: mulher, branca e portuguesa, que, mesmo semianalfabeta, era patroa e uma salvadora de almas dos pretos.

6.4.5 Um Jogo de Cintura

Mesmo em face a esses acontecimentos, tudo isso suscitou em diversassitua-ções o desejo e o dever criativo do ser africano de elaborar estratégias de sobrevivência. O Régulo, como é chamado o chefe tradicional de uma aldeia, representa a necessidade de um entrelaçamento entre o antigo e o moderno usando de perspicácia. É uma maneira melhor de destacar o papel do mais velho, "aquele que é o "porta-voz da coletividade antes subalterna e silenciada". Chega-se até a pensar que a inserção no texto, dessa figura, é para fazer valer seus pensamentos políticos sem panfletarismo, e fazer com que seus contemporâneos repensem a forma de viver diante dos parâmetros da colonização.

Se "a propriedade sem uso é um furto"(Ghandi, apud Cortela, 2015), nada mais inútil seria, o autor ter ido para a Alemanha e Estados Unidos estudar e se apropriar do conhecimento e não compartilhar com aqueles que faziam parte de seu solo natal. O propagar das ideias de como cuidar do conhecimento em favor do bem comum, pode tornar-se algo de características universais. Guardar o conhecimento político apreendido nas Metrópoles, e a forma de como usá-lo na tabanca só para si, seria um furto à chance dos outros aprenderem. O Régulo pode simbolizar também a compreensão da realidade e a criação de estratégias para transformá-la, sem perder de vista os usos e costumes da comunidade.

Personagem muito comum como chefe tradicional africano atuando nos grupos étnicos, desde o tempo das organizações tribais, o Régulo, designado assim pela administração colonial portuguesa, visto que era uma autoridade integrada na hierarquia política de controle de uma determinada área. Estrategicamente, a administração enalteceu o poder desses vários chefes tradicionais existentes e os pôs ao seu serviço, quando conveniente. Alguns, agiam de acordo com seu nível de clareza, como é o caso de Bsun Nanki, Régulo de Quinhamel.

6.4.6 Partitura Estranha, Ouvidos de Tuberculosos

Okante, o professor é o outro personagem de Sila, embora incorporando a imprudência dos mais novos, e compreendendo que não existe hegemonia sem rachaduras. Mesmo tendo sido educado por padres, parte para o confronto direto. Larga os aprendizados missionários cristãos discriminatórios e buscando os valores tradicionais, chega aos extremos. A partir do que aprendeu começa preparando os jovens a fim de "instrumentá-los para enfrentar as mudanças da modernização que não podiam ser mais evitadas"(AUGEL, prefácio, p.18). Trilhando o caminho do meio, revisa alguns conceitos e tabus, como a exigência da virgindade da mulher que se quer para companheira, e reafirma o dever de se conhecer a cultura branca fazendo valer o dito popular "jogar o feitiço contra o feiticeiro", uma vez apreendidos os passos da magia. Mas esbarra nas cotas da vingança convocado por sua altivez e dignidade. É reapresentado a um drama de sua infância durante um partida de futebol. Ao receber uma bofetada vinda do branco administrador " na sua memória surge como um relâmpago uma cena dolorida, passada há muitos anos na sua tabanca natal. Um comerciante branco tinha acabado de esbofetear seu pai"(AUGEL, 2009, p.159). Era o que faltava como estopim. "A fúria e a revolta que sentia dentro de si impeliam-no a desferir golpes cada vez mais violentos no corpo do homem branco que tinha à sua frente" (SILA, 2011, p.159). Seu indefeso pai agora assumia um novo destino. Este fantasma "que é tanto substituto de recalcado como também uma criação, cuja principal testemunha são as obras de arte (BRANDÃO, 1996, p.16), aqui é projetado pelo dom literário de Sila, postando-se na cena através do personagem e imbuindo o professor de dotes pugilísticos. Este, não estudara tanto para dar mal exemplo à juventude e também aos outros, embora o custo tenha lhe saido altíssimo. Enxovalhar um branco, mesmo em nome da honra, era anunciar seu próprio fim. Entretanto, colonizado sim, capacho nunca!

O exemplo mostra que ao longo da história de todos os povos e em todos os tempos, como assinala Marc Ferro (2009) "a carga desse explosivo, o ressentimento, não para de se acumular. Durante todo o século e por várias vezes, ele quase detonou a sociedade, em todo caso a transformou" (FERRO, 2009, p.8). Sila, traz à narrativa o professor, armado de uma paixão adolescente arrebatadora, transparente e até desenfreada que o faz enfrentar qualquer coisa. Ora derrubando as represas impostas pelas interdições da religião, ora representando os anônimos que, tal e qual ele, voltam para fortalecer a luta, demonstrando que entre a vida e a

liberdade, a valorização apenas da primeira, é para os "frouxos" e intelectuais capitalistas.

A "alegorização de referentes históricos", como diz Moema Augel (2011), ou a inversão da realidade povoada de ironias, são armas usadas no fazer literário para reafirmar que é possível representar a nação, nem que seja como comunidade imaginada, com vistas à construção do futuro com vista a combater a opressão e a demagogia dos vencedores, mesmo os irmãos, a repetirem os desmandos da colonização, como também a manutenção da subalternidade da mulher, o burlamento da lei e a fuga das soluções para os problemas estruturais. Mas se observa na obra a tarefa da literaturabdesempenhando seu papel básico de narrar a nação, mas sem se propor a nenhuma postura messiânica, mas de convocação ao pensar. Assim, Ndani volta à cena de maneira coletiva; volta como a dor das outras; Ao conhecero conteúdo do testamento que o professor lhe levara para ler, aproveitou a oportunidade para pedir, já que ele queria publicá-lo, que fosse acrescentado um ponto: "Acabar com o casamento forçado e o casamento fingido. Casamento, só quando as pessoas se amam..." (SILA, 2011,p.128). Ndani e o professor tinham conhecido a verdadeira estrada do prazer. Mas teria que se libertar do desejo, contido pelos dogmas cristãos. Não sem antes ter pesadelos horríveis. Num deles ela se afogava num poço e ele lutava para salvá-la. Foi nessa noite que tudo se consolidou entre eles. "Os alunos não reconheciam o professor. O seu rosto calmo e sereno foi substituído por outro que ostentava um sorriso permanente" (Op.cit,, p.134). Aqui, o autor, em seu projeto, até a sexualidade como ponto de equilíbrio e libertação é apresentada. Ao que parece com um adendo: desde que seja sem culpa. Mas como algo pleno, se possível, salvo por um mergulho ao fundo do poço.

O desejo de liberdade, às vezes é um grande pesadelo. Quando o inimigo mesmo em menor número, é quem possui as armas de destruição, a pressa não passa de uma alucinação. As coisas têm que amadurecer. Por isso o professor tinha tanto pesadelo. Tinha que registrar naquele dia o plano do Régulo, sem falta, ms ao adormecer sonha com guerra, mutilações, mortes assinatura de tratado. É o pior: Não via quem venceu. Acordou assustado intuindo que alguém tinha um plano diferente. A morte continuava de ronda.

Com a morte do régulo foram para Catió, Ndani e o professor, a fim de começarem uma nova vida. Ela pensando em um trabalho, que hoje poderia ser chamado de "economia sustentável". Ensinaria mulheres a costurar e ganhar dinheiro; montaria escolas, creches e "haveria também aí Mulheres- Grandes a ensinar coisas da vida que só elas conheciam" (p151). Mas uma vez o autor entra com a propaganda de seu projeto político: fazer reascender a tradição. Ele não concordava com o jogo aos domingos entre casados e solteiros, porque era separatista. Foi rotulado como assimilado, por ser bom atleta e não ter revelado seu verdadeiro estado civil.

Quando tinha jogo a administração só via como dignos de cumprimentos “os brancos, mestiços, funcionários e comerciantes, todos os civilizados e alguns assimilados” (SILA, 2011, p. 154), que era o time dos casados.

Ora, o assimilado é alguém que por força das conveniências ou tortura sistemática como a propaganda, faz adesão a um modo de viver que não originalmente o seu. O resultado é um extravio na identidade, um desvio na conduta por aderir uma outra visão de mundo. Quando o campo da dignidade é afetado chegasse ao adoecer, ao prejuízo moral, por passar a viver da farça. Isso tudo é o contrario da acomodação, termo sociológico que conceitua um modo de viver a insatisfação de modo cordia, mas sempre esperando a hora de agir. A quietude á apenas uma maneira de não se bater de frente, sem necessidade, para não ser destruído nem colocar um projeto de liberdade a perder. E o professor não era um assimilado. Foi apenas mais uma das vitimas do enredo da maldição, tal qual o administrador que acercou-se de Ndani pela via do estupro e foi assassinado; o Régulo pelo casamento utilitário, via tradição: a mulher virgem, para tomar conta de seus bens, sendo mais um troféu, foi pego pela depressão: ela não era mais virgem, ele virou chacota.

Tendo sido mais uma vítima das armadilhas do poder, o professor é preso e condenado à prisão perpétua em São Tomé e Ndani, passa a ser no fim do romance, tudo e ao mesmo tempo nada: nem viva, nem morta, nem louca. Ou tudo isso, pois foi por alguns, vista em São Tomé. Se esperando a libertação do seu amor, mais que incerto passa a ter um futuro sem futuro,pois a condenação foi perpétua. Possivelmente tudo não passa de uma metáfora, espelhando a distância entre as visões de mundo do colonizado e as do colonizador, escrito por quem testemunhou por onze anos seu país envolvido numa guerra de libertação colonial, e que, depois da independência conviveu com os desatinos administrativos, econômicos e políticos dos de casa pertencentes à elite militar, portadores ainda do como insinua o autor em seu epílogo: o colonialismo nunca existiu, ou ainda não acabou?

Em relação ao futuro da África, Ndani situa-se na metáfora da metáfora, pois encerra um desvendar de futuro tão longínquo que sabe a sem futuro uma vez que os portugueses tinham os negros como descendentes de Cam, e isso, se estava no livro que contem a palavra de Deus, justifica a escravidão como algo sem mácula e digna de ser executada contra qualquer povo que tenha a marca na pele, a cor como um sinal da maldição “legitimada por Deus”, ao ser proferida por Noé (Gênesis, 9:25), autorizando a possessão de escravos e justificando a escravidão perpétua. Na obra de Sila a parece como uma metáfora, mas também como uma grande ironia: se colonialismo é um ato tirar proveito sobre quem já nasceu sem ter direito, ele não existe. Se subalternizar é o ato colonial de fazer com que o outro não tenha direitos nem aos bens naturais,

nem pensamentos próprios, nem seja dono de sua própria existência, mas espera-se, que alguns poucos discordantes façam uma revisão nesta condenação: ainda não acabou.

Como alento, há de se concordar: “Sabíamos que iriamos trabalhar não com intelectuais “frios” e “objetivos” ou com especialistas “neutros”, mas com militantes engajados no esforço sério de reconstrução de seu país”(FREIRE, 1978, p.15), portanto a luta por um renascimento cultural africano continua tendo um significado. Um dia saberemos se Paulo Freire tinha razão. Reconstruir é poder se despedir do manto de opressão, como se estivesse a nascer de novo, topar o esforço para tirar de cima de si a placenta, se desnudar do que comprime e aspirar o ar de outra maneira, tal qual um pássaro, como faz a louca, uma mulher-escultura a se banhar nua no Likungo, sem culpas, filha da poesia corajosa e provocante de Paulina Chiziane.

6.4.7 O Alegre Canto da Perdiz

A louca do rio, é como passou a ser chamada a mulher nua que banha- se no local reservado aos homens e causa uma grande confusão. Mexe com os valores comunitários ao aparecer nua, tomando sol, sentada em uma pedra como se nada estivesse acontecendo. Representa a mulher em seu estado de pureza. Mas em sua loucura por ter perdido seus filhos, que busca há mais de vinte anos, é o retrato da África que teve suas comunidades extraviadas e seus filhos levados a lugares distantes, sem esperanças de algum dia poder reencontrá-los.
E agora, onde estarão as cantigas de nascimento, os ritos de passagem próprios das idades, as iniciaações como continuidade das etnias, as virgindades das mais novas e o respeitopelo recolhimento das mais velhas?

Cadê a pemba, cadê a guia? Em que matas estão sendo montados os gongá, para o culto dos ancestrais? Na verdade é algo de e para enlouquecer.

A mulher do Régulo é a própria memória que apresenta a síntese da história da Zambézia, no tempo em que todas eram poderosas, cheias de vida e não tinham censura sobreo seu viver. E as crianças e os homens eram livres e não se precisava de guerras ou migrações, para se nascer nem morrer. Ao contrário de Abdulai Sila, que apresenta o régulo como o esteio da luta, aquele que trama os caminhos de engrandecimento da nação a partir de planos e táticas para reflexão.

O Régulo apresentado por Paulina é uma figura, para alguns assuntos, decorativa, com uma atuação pífia até mesmo quando a tradição está sendo abalada pela invasão da quebra de um interdito, ele está a cuidar de coisa de interesses restritos, e do lazer.

Propositadamente ou não, quem assume o papel de conciliação, reflexão, exaltação da identidade e da memória nacional, é a sua mulher, que deixa os afazeres particulares para cuidar de uma causa comum, entendida até como um esclarecimento para as gerações futuras, não somente da Zambézia, mas das mulheres e homens do país.

Paulina Chiziane, em outro trecho, dentro de seu alcance analítico, se isenta para ver que, mesmo diante dessa parafernália de torturas, algo na colonização é digno de ser mencionado como benefício. Os filhos de Maria, a louca, são aqueles que apesar do sofrimento,puderam através das missões cristãs aprender os ofícios da modernidade com os invasores, massem esquecerem dos seus: podem curar-lhes as feridas do corpo e da alma, representados pelo médico Fernando e o Padre Benedito, que receberam as benesses da missão religiosa colonizadora.

Paulina consegue traçar com maestria, aulas de geografia de Moçambique e expressar o orgulho de pertencer à terra da fartura, da poesia, da preservação do ambiente e da vida em todos os sentidos, fazendo davZambézia, o grande ponto de partida e chegada: um grande ventre que pariu a humanidade. A Zambézia é o "umbigo do universo!"

Entre suas personagens, Delfina representa a abominação da pobreza. Mesmo casada, chega a fazer um pacto com o feiticeiro, para que este, use de seus poderes e lhe entregue o branco português, Soares:

> — Descobri uma mina – diz Delfina.
> — De quê?
> — De ouro.
> — Onde está essa mina?
> — O Soares. O branco.
> — Não vejo nenhuma relação entre o Soares e a mina.
> — Não entendes mesmo?
> — O branco Soares não merece isso.Não há maldade nenhuma – assegura Delfina -, só quero mostrar ao mundo que a mulher preta pode ter um marido branco. Quero mostrar ao mundo que o amor supera as fronteiras de uma raça. (CHIZIANE, 2008, p.207-8)

E nesta vantagem viu o feiticeiro levar sua própria filha, e ganhou muito dinheiro sendo cafetina e prostituta. Um pouco de ambição, um pouco do sonho de sair da miséria em que foi colocada, como faz a televisão hoje nas propagandas de consumo, despertando em todos o desejo de ter. E enquanto o Estado não oferece nem o básico para se viver, cresce a violência, enchem- se as prisões a moral viram tapete.

Serafina, é a mãe que sonha para a filha Delfina um futuro nobre, um casamento com um homem rico que a tire da miséria e lhe faça ser cheia de criados para servi-la. Diga-se de

passagem: branco. Quer que seus netos sejam pelo menos mulatos para ser menos discriminados pelos brancos e fadados à pobreza. Embora seja o retrato da assimilação, da autorejeição, isso era uma das estratégias usadas pelas mulheres, as mães, cujo intuito era atenuar o sofrimento dos seus filhos diante do pensamento do colonizador, e ao mesmo tempo seus sofrimentos. Não queriam ver seus filhos sofrendo por um "desvio" europeu da genética. Mas como se vê, não se tem, com clareza, um vislumbre de futuro liberto. Se assim o fosse, poderiam prever que, em suas comunidades, tais crianças sofreriam com atos separatistas, por não serem uma coisa nem outra. Coisa que já se podia sentir em algumas comunidades onde haviam filhos de ligações inter-raciais, ou mesmo dentro da própria casa.

Como o imaginário é filho das representações sociais, a assimilação como desejo de triunfar, de ser igual a quem tem poder, faz com que o que é dito sobre a origem passe a ser uma grande verdade, e assumindo o lugar junto ao que o profere, se tem a ilusão de ser o próprio; até mesmo de ser melhor e de comandar àqueles que não pensarem assim. Numa sociedade em que o branco representa o inteligente, o amado, o rico, e por isso, o poderoso, assimilar essas capacidades é passar a ser possuidor de tudo que proporcione essas qualidades. Logo, no imaginário social, tudo que não estiver pelo menos perto terá um rótulo de inferioridade em todos os sentidos. No caso do negro, além de tudo isso ainda há uma sobre posição dos predicados físicos como cor da pele, cabelos lisos, feições semelhantes aosdominadores e uma compreensão da língua à altura, para melhor compreender o modo de pensardaqueles que por todos esses predicados "tornaram-se senhores". Neste ser humano negro, quemuitas das vezes assim não se reconhece, pois foi pelo poder do outro, deslegitimado, o sentimento mais presente será a auto- rejeição. E se a pessoa não se aceita, como irá aceitar o seu igual, que em sua mente funciona como um grande espelho, a censurar-lhe o ideal, pela realidade, teimosamente, apresentada lhe convocando ao se enxergar?

Vejamos um discurso de Delfina quando Soares, aquele que representa o entre lugar. Mesmo sendo branco e colonizador, não se sentindo negro, mas compreende a situação miserável em que estes vivem, e faz valer a ternura e a bondade. Aquela, que mesmo os maiores assassinos possuem deitada no fundo do coração, e que se houver um bom estímulo, desperta e se põe à prova. O branco Soares ao observar o tratamento de Delfina para com Maria das Dores, que é filha dela com José, em relação a Jacinta que nasce da união dela com ele, pergunta:

> — Delfina, porque tratas as crianças com esta diferença?
> Os filhos negros representam o mundo antigo. O conhecido. São o meu passado e o meu presente. Sou eu. E eu já não quero ser eu. Os filhos mulatos são o fascínio pelo novo. Instrumentos para abrir as portas do mundo. A Zambézia ainda é virgem, não tem raça. Por isso é preciso criar seres humanos à altura das necessidades do

momento. (CHIZIANE, 2008, p. 229-230)

Soares fica sem entender que isso é um discurso de negação do si mesma; espantado chora, porque enquanto ele procura Delfina para demonstrar a invalidade do ódio racial e da discriminação, se depara com o discurso veemente de Delfina que o deixa suspenso.

Observe-se como as ideologias, os sofrimentos, podem virar o mundo dos que passaram ou passam por situações de pobreza e miséria, e aqui em particular, por força das invasões que os maltrataram e os discriminaram. Antes, discurso semelhante era só o de Serafina expressando-se através dos ditos:: - "Riqueza de preto é sorte, no branco é destino. Antes um branco pobre que um preto rico" (CHIZIANE, 2008, p. 98), mas Delfina insiste em casar com José dos Montes, que mais tarde vai se tornar um assimilado, jurando diante das forças do Império Português, o abandono das tradições e a língua dos "bárbaros africanos, só para dar o conforto que ela sonha. No caso de José, nota-se que é uma acomodação. Ele faz tudo como se manda, mas no fundo ele não queria aquilo. Quer apenas não perder a sensação de ser amado por ela, que, em seu coração, soa como destruição.

Jacinta, para a mãe, como mulata, representa a que virou troféu. Esta filha de Delfina mesmo assim, retrata a agonia da identidade. Em fim, neste romance Paulina faz aparecer o mundo redondo, com suas voltas e, às voltas com a história, o mito, a magia, as lutas e a constante busca da libertação.

Chiziane evidencia as lutas da mulher africana. Entretanto, orgulhosa de suas origens, sempre buscou suas próprias estratégias de sobrevivência. Com muita seriedade e ironia, sem perder o amor, a poesia, o misticismo e os caminhos da tradição, põe no ar um grito contra a submissão feminina, demonstrando que o "nascer, parir e morrer", não cabe mais no caminho de quem, pela via do olhar da fêmea, só vê desafios, dando voz ao seu gênero, no caminho da reconstrução da identidade: única forma de poder reelaborar e subverter as relações estabelecidas, relendo os mitos e memórias.

E por falar em memória: foi publicado pelo padre católico Adrian, no Times de Londres em 10\07\1973, que, no sábado 16\12\1972, a uns 25 km da cidade de Tete, tropas portuguesas, em mais uma de suas investidas, "bombardearam as povoações de Wiriyamu e Juwau [...] (que), foram totalmente aniquiladas e arrazadas [...], fuzilando homens, mulheres e crianças. [...]; cobriram-nos de capim e deitaram fogo" (HASTINGS, 1973, p. 123). O grito do agente da D.G.S., era: "Phani wense!" <<Matai-os a todos>>, que eram ordens do chefe, para que ninguém pudesse denunciá-los. Isso aconteceu em Moçambique. E os negros é que eram os bárbaros.

Enquanto os europeus dizimavam sem dó aqueles que se atravessassem eu seucaminho,em alguns povos africanos, até matar por acidente se corria o risco de pagar caro, ou com a própria vida, ou na melhor das hipóteses se ganhava o expurgo, o exilio perpétuo, como nos traz Emecheta, narrando as origens do povo Igbo, do sul da Nigéria.

6.4.8 Uma Viga de Sustentação – Em Sila

O personagem vive em Quinhamel, aldeia próxima a Biombo, e é elemento baseda organização social da aldeia. Ao se sentir desacatado em seu poder, monta um conselho, assegurando que várias cabeças pensam melhor. É uma demonstração de sensatez e convocação ao tomar consciência de que é preciso ampliar os horizontes e valorizar a força do agir em conjunto, fortalecendo parcerias. Por isso,quando tomou o couro, foi uma das primeiras coisas que fez. Arranjou três Homens-Grandes e pô-los perto de si.[...] Eram cabeças de gente que sabia o que fazia, conhecia maduramente a vida, tanto vida de preto como vida de branco. Mas melhor ainda vida de branco Chefe de Posto (SILA, 2011, p.67).

É demais para um analfabeto autóctone, com missões de chefia e condução deseu povo dentro da tradição e intuitos de liberdade. É isso que Sila traz em sua narrativa denunciadora e ao mesmo tempo exaltadora dos valores constitutivos de seu povo representado territorialmente pela tabanca onde o conflito maior é o poder do colonizador, a todo custo, querendo subjugar o colonizado. O autor se utiliza das brechas da empáfia dos poderosos, desconhecedora das artérias da vida rural, pra fazer do bom senso dos mais velhos uma provocação ao estereótipo do "selvagem". Este, um rótulo usado para descaracterizar a humanidade do africano a fim de não deixar escapatória ao seu estado de subalternidade. O Régulo torna-se, então, o chamado constante à reflexão, considerando que: "é preciso reconhecer que não é por acaso que o branco estava a mandar em cima do preto na terra do preto. Por quê? Este é que é um grande problema que era preciso pensar nele"(SILA, p.69). E conclui com mais sabedoria ainda: "quem não tem informação não pode montar um bom plano contra um inimigo forte. Mas mesmo se ele é fraco, é preciso saber onde é que fica a sua fraqueza"(SILA, p.96), ou seja, não existe inimigo tão forte a ponto de não poder ser superado por um bom estudo sobre ele.

Nota-se aqui o proposito forte em instituir a educação como um dos pontos fortes para que haja uma nação reflexiva e unida em torno de um projeto de crescimento. Tanto que é esse próprio Régulo que apoia a construção de uma escola, e faz questão de que a seu cargo fique a contratação do professor. E a escolha é contundente: um homem da terra para ensinar os da

terra. Fundar um conselho de e com homens inteligentes para cuidar da defesa como contra-ataque não quer dizer que houve um desprezo às tradições locais ou aos valores sociais ou religiosos. Entretanto, se um conselho de inteligência é formado, qual a razão de centralizar a escolha na pessoa do Régulo? Será uma amostra de que, embora recalcadamente, a reminiscência do tempo do rei sagrado, que não admite compartilhar o poder, ainda existe? Mas pode-se também ver que, o Régulo Bsum Nanki apresenta-se como uma revisão e uma forma de mostrar que determinadas nações africanas, como é o caso da Guiné-Bissau, estão atentas às mudanças do tempo e antenadas nas características globais, onde a troca e a sintoniacom outras culturas e formas de ser devem ser observadas e até mesmo, quem sabe, experimentadas desde que, não seja em detrimento das suas capacidades e força enquanto povo.

6.4.9 A Menina Escrava

Ogbanje Ojebeta: será este o seu nome, diz o pai. E ao saber que só encontraria os tais amuletos em Idu – nome do atual Benin -, cidade muito longe, mas que valia a pena, fazertudo por sua filha, foi e voltou com brevidade. Cumpriu os ritos a fim de que a criança pudesse permanecer na terra dos vivos.

Vários grupos étnicos da Nigéria, em matéria de ritos ancestrais, possuem suas veementes semelhanças. Quanto ao nomear uma criança, tem um dito Yoruba que afirma: “Ilé là à wò, ká to so omo lórúko, ou seja, os nomes que dermos aos filhos devem refletir toda a história da família. [...] os pais têm obrigação de escolher a combinação certa ...” (AYOH’OMIDIRE 2004, p. 120). Tudo porque, “awa loni, omo àni lòla” (*Op. cit.*, p. 120) – literalmente traduzindo, “hoje somos nós, mas amanhã pertence aos nossos filhos.”

Ora, em várias comunidades do sul da Nigéria, acredita-se que existem crianças que pertencem a um grupo de entidades, ou espíritos que fazem encarnações sucessivas, entretanto não permanecem vivos por muito tempo. São os *Ogbanje.* Para os Yoruba, Abiku. Ou seja: os que nascem para morrer. Alguns acreditam que por maldade; outros, que são ancestrais que vêmpara impingir uma prova ao casal. Todos pertencentes à - fazendo uma tradução livre de Ogbanje - “comunidade dos seres do bosque”. Local do mundo espiritual ocupado por estes seres “maldosos” e\ou “brincalhões”, “preguiçosos”.

> It is generally held among the Yoruba, Igbo and Urhobo of southwestern, southeastern and midwestern Nigerirespectively, that in the distant past, some children were born into this world but realized, with their psychic power, that the world would be too difficult for them to make any significant mark due to the stiff competition that characterizes it. (ASAKITIKPI, 2008)

Observando pela ótica política, este trecho de um poema de Soyinka e Clarck (1967), estudado no artigo de Asakitikpi (2008), sobre esta crença Igbo, em relação ao fenômeno *Ogbanje*,será que Emecheta está a enfatizar a importância da persistência, mesmo que as coisas possam serdesfavoráveis? Estas coisas serão estudadas mais à frente, no terceiro capítulo no que diz respeitoà reabilitação dos ritos ancestrais. Mas em todo caso é possível que dentro da prática ancestral, uma vez que o político está sempre a enfatizar a necessidadeda luta pela superação, faça parte dosvalores das sociedades africanas. Embora muito já se tenha modificado após o contato com o Ocidente, observe-se também que a maioria das açõesnão são atos solitários; dependem quase sempre de uma relação de conjunto. Morbidez à parte: até para morrer.

Pelo que foi contado, a menina pertencia a uma dessas comunidades, por isso, tanto aborto por parte da mãe nas gravidez anteriores. Mas para que ela pudesse permanecer no mundo era preciso fazer um ritual que foi aconselhado pelo sacerdote, que foi consultado pela mãe e prognosticou: a criança poderá vingar, "desde que tu a prendas à vida com amuletos protetores"(ASAKITIKPI, 2008 , p. 22). Tais amuletos deveriam ser usados pela menina pelo menos até os sete anos. Ao ser comunicado do fato, o marido volta correndo pra casa, nomeia a menina e parte para investigar onde poderá encontrar tais artefatos. Observe-se que, não somentena Nigéria mas na maioria dos países que possuem comunidades tradicionais, os nomes são sempre circunstanciais, ou seja dependem muito dascircunstâncias na quais nasceram as crianças.

Umeadi fez o parto, quase que sozinha, visto que, estava acompanhada de uma vizinha, em pleno período menstrual, por isso, teve que parir ao ar livre para poder contar com sua colaboração. Teve que proceder desta forma, uma vez que seu marido sendo possuidor de um título dentro da tradição, uma mulher menstruada não podia entrar na cabana que fosse dele. Mas poderia participar auxiliando no entorno. "A esposa de Ukabegwu aparou a criança nas mãos estendidas, com a aguçada faca da lareira entre os dentes, e uma menina pequenina gritou a sua entrada neste mundo" (EMECHETA, 2000, p.21). Foi ela quem cortou o cordão umbilical.

De novo a interferência da tradição. Em vários lugares do mundo, é um tabu antigo, as mulheres menstruadas não poderem participar de ritos religiosos, uma vez que a maioria mobilizam energias ancestrais e forças da natureza que são purificadoras. Portanto, não estão disponíveis para receberem oposição de elementos em decomposição. Ora, a menstruação é o derramamento ou a troca do elemento representante da força vital que, no momento, está sendo vertido em direção à terra para que o corpo e os órgãos responsáveis pelos nascimentos possam renovar seus ciclos. Como a roda do mundo é uma sucessão de nascer e morrer, e o que está

sendo derramado já, uma questão de não mais serventia para o ato de nascer se transformou em impureza e precisa ser expelido, o estado energético é delicado. Tem um sentido de força sim, mas para o que sai da vida, e essa oposição num rito de sustentação vital, em todos os sentidos, deve ser evitado.

Emecheta, desde o início da obra, narra a história evidenciando os caminhos da tradição de seu povo. Como todas as comunidades tradicionais são cheias de interditos, vale observar um texto recheado de pequenos detalhes, mostrando facetas inerentes ao povo Igbo.

Feitos os rituais, observado o oráculo a menina permanece. A vida seguiu normal até que um certo dia uma epidemia chegou à aldeia – a *felenza*– doença que acometia a todos de dor de cabeça forte e que exterminou um grande número de habitantes. Entre eles Okwuekwu e Umeadi, o pai e a mãe de Ojebeta, que ficou sob a guarda de seu irmão mais novo, Okolie, uma vez que seu irmão mais velho Enuha, há muito tinha partido em busca de emprego europeu.A essa altura, a Nigéria estava sob o domínio dos britânicos. Era época da Primeira Guerra Mundial. Diziam que a doença era causada por gases venenosos lançados pelos germanis, vizinhos próximos dos dominadores da Nigéria. Como a doença atingia mais aos mais velhos, ela e o irmão escaparam.

Okolie, o irmão mais novo de Ojebeta, estava prestes a cumprir os rituais da maioridade, dançando a Uloko. Precisando de dinheiro para comprar o necessário para sua apresentação diante da comunidade, resolveu vender a irmã a uma compradora de escravas novas em Onitisha.

Inventou uma história bonita, mas como os irmãos, principalmente os mais velhos são tidos como pessoas de confiança, principalmente porque na ausência do pai e da mãe, cabe a ele a guarda, o cuidado, o zelo e até mesmo a escolha do casamento, uma criança de sete anos não iria desconfiar do irmão. Assim, ainda hoje em diversas comunidades da África e do resto do mundo, o macho ainda é o senhor e "dono" das mulheres. Tidos até como os guias para tudo o que tiver de ser feito na vida. É isso a base da denuncia que faz Emecheta sobre uma sociedade de visão patriarcal, principalmente reforçada pelos clãs islâmicos.

O irmão de Ojebeta estava para participar de um rito de passagem da adolescência para a idade adulta. Precisava de dinheiro para comprar seus apetrechos de exibição diante de todos, no rito. Mãe Palagada era excelente negociante, e como sabia da necessidade de Okolie, tentou tripudiar. Só queria dar sete libras pela pequena. Okolie argumentou para ver se sensibilizava. "Ora veja: vou ter minha dança de maioridade, sou o bailarino principal do grupo Uloko e não quero aparecer mal vestido nesse dia.[...] Este dinheiro é muito pouco para eu me preparar"(EMECHETA, 2000,p. 90). A Velha negociante, como também, partiu para o ataque

desmoralizando a importância do ato, para ao provocar a baixa na autoestima do jovem, como bem aprendeu com o colonizador, a fim de conseguir um preço baixo pela escrava. :

"- Então é por isso que me vendes a pequena? Só por causa da tua estúpida dança? Mãe Palagada estava prestes a perder a paciência" (p.90). Mas era só encenação, começo da humilhação para dar-lhe o restante que quisesse, provocando-lhe sentimento de culpa e o sobrepujando com seu poder financeiro, pra que se sentisse bem pago e fosse embora de vez. Mas Emecheta põe a tona mais uma de suas facetas, denunciando que Mãe Palagada também é uma assimilada. Vide o rótulo de ridículo à "dança", que faz parte de um rito de passagem dos costumes de seu próprio povo. A autora dá mais uma mostra de como a assimilação vai extraviando a identidade. Entretanto é uma das formas que o colonizado encontra para galgar os degraus do enriquecimento, além de aparecer bem na fita que exibe o filme do colonizador. Porém, "os colonizados mais favorecidos jamais deixarão de ser colonizados, isto é, que alguns direitos lhes serão eternamente recusados, que algumas vantagens lhe são estritamente reservadas (MEMMI, 2007, p. 43).

Foi vendida por uma ninharia de oito libras e depois abandonada entre umas tantas que se tornaram moeda para Mãe Palagada. Aqui começa o extravio de sua identidade. Tal qual foi feito com Ndani, a protagonista da *Última Tragédia*, tendo que abandonar sua língua e suas roupas nativas, Ojebeta teve a sensação de ter sido dilacerada nas entranhas ao ouvir:

> Tira-a ao pé do meu pano, que o suja. Leva-a às tendas dos ferreiros e manda serrar essas quinquilharias que ela traz presas ao corpo. E trata de agarrá-la bem para que esses estúpidos guizos não façam barulho e os caurins não toquem música pagã (EMECHETA, 2000, p. 94).

A fala não era só uma ordem, mas também um apelo, como se algo na memória tivesse que ser apagado, como se o chamado do passado fosse tão forte que teria que ser destruído.
Note-se pelo discurso que também já havia sido assimilada e convertida ao cristianismo,pela maneira como se referiu aos amuletos usados por Ojebeta, bem como sabia para que serviam. Entretanto, pior do que isso, para a menina, foi saber que agora era uma escrava.

Ojebeta não podia chorar mais. Viu separar de si, dolorosamente serrados, os amuletos que os seus amados pais lhe haviam atado ao corpo para que a defendessem dos espíritos maus do outro mundo" (p.94). Perdera nesse instante o que parece ser a última ligação com Ibuza, com seu povo com o ventre que trouxe à terra e sua origem espiritual. "Ia ser-lhe difícil caminhar e mexer os braços como toda a gente. Precisaria de muito tempo para aprender a ser outra pessoa"(p.95)

Aprendeu a costurar, a ler, a bordar, se vestir bem, ir à igreja. Foi batizada como Alice, escapou por pouco das investidas sexuais de Pai Palagada, que terminou engravidando uma de suas companheiras de escravidão. Causou ciúmes à filha Palagada que morava no exterior. Foi desejada pelo filho de Palagada, Clifford, que, quase com ela se casou. Mas com a morte de Mãe Palagada voltou para Ibuza, morou com a tia Uteh que quase não a larga, por ser responsável por ela, no lugar da mãe, conheceu Jacob que morava em Lagos a capital do país e com ele se casou, depois de ter pago a Clifford, filho de Palagada a quantia que seu irmão dela, Okolie recebera pela escrava, de sua mãe. Ojebeta agora era feliz por ser escrava de um dono só. Assim rezava a tradição.

Dizia o velho Paulo Preto, em seu analfabetismo acadêmico, para a maioria dos que frequentavam seu terreiro, ou casa de culto aos Orisá, que: "quem dorme com os olhos dos outros, não acorda a hora que quer". Não sabia ele que estava a filosofar de maneira profunda,e a maioria dos que o escutavam não imaginavam a dimensão do espaço que esta frase estavaa ocupar, ou vinha ocupando por centenas de anos, nos campos nas minas, nos canaviais e principalmente nos cômodos construídos para guardar os escravizados. Será que igualmenteao velho Paulo, outros talentos estariam criando escola sem saberem nem imaginarem que estavam suscitando nos que os ouviram, a terem um olhar diferente sobre eles mesmos ou sobre a herança que estavam a compartilhar?

Bem, por essas poucas indagações e tentativas podemos observar como atradição [...] passa a sobreviver em seus insterstícios temáticos ou na concepçãoestrutural do texto. É assim, por exemplo, que a oralidade sobrevive naescrita"(CUTI, p.17). Um guardião do segredo, um sacerdote negro, fazendo valer sua autoridade e ao mesmo tempo resguardando-se ao direito de ensinar a pensar sem portar o chicotedo capitão do mato. Nesse momento ele é o povo, subvertendo o espaço daformalidade institucional imbuído da autoridade que lhe cabe como viventeincorporado na origem histórica cosntituida no passado. Como os que um dia sempropósito professoral ou aspirações à academia encheram de histórias formadoras de caráter e bordaram o coração de Paulina Chiziane presenteando-a com uma formação em seriedade política e cumplicidade poética com a tradição e aluta libertária, ensinaram a Abdulai Sila os caminhos da volta e o compromissoliterário social; e nas mãos de Emecheta o pilão de Olisa pra amassar o inhame doEléjìgbò – "n*ome dado ao rei da cidade de Èjìgbò, cujo título ritual é Ògiyán*"[31]- com apromessa de um dia poder fazer,

[31] Napoleão, Eduardo, *Vocabulário Yorubá*, Rio de Janeiro: Pallas, 2011, p.73.

a partir dos elementos arcaicos, fazer crescer as que um dia tendo medo do mundo se transformaram em Abiku para se esconderem no bosque se retirando do confronto, para que possam ir além de Ojebeta, desta feita, jásem dono relendo a tradição e encetando uma nova história sem escravidão e sem a mulher como objeto de troca ou consagrada como motivo de venda.

6.5 PALAVRAS DE MULHER

6.5.1 Sensibilidade Rebelde

Para as mulheres africanas receberem o feminismo de maneira que não possam verificar, solicitando que se expressem fora do viés de sua cultura, é uma imposição. Não basta só o desejo de libertação, será necessário a observação das tendências perigosas do imperialismo. M. M. Colaolie, em uma das reuniões da II Conferência dos Intelectuais da África e da Diáspora, em julho de 2006, em Salvador, dizia:

Qualquer teoria que não considere as questões fundamentais das mulheres africanas, não tem sentido: O feminismo africano dá valor à família. Valoriza a relação. Já que ambos passam pela dor, não se dão ao luxo de serem inimigos.Não se afastam para enfrentarem o inimigo comum (COLAOLIE, 2006).

A escrita de Paulina Chiziane, embora poética se posta denunciando o império dos machos, gritando contra a submissão e o colonialismo dramático do qual a África foi e ainda é um vasto palco. Razão pela qual o camarada Presidente moçambicano, Samora Machel, no auge da luta pela libertação, enfatizou profeticamente: “todos estamos conscientes que a vitória final não é para amanhã e que um longo caminho ainda nos espera” (MACHEL, 1975, p.9).

A rebeldia abre *O alegre Canto da Perdiz*, femininamente ironizando os equívocos. Paulina, embora esteja atenta às malhas da tradição, inicia denunciando-a ao mesmo tempo que demonstra ser uma mulher atenta aos próprios costumes:

— Quem é essa mulher que tem a coragem de se banhar no lugar privado dos nossos homens,quebrando todas as normas do local, quem é? (CHIZIANE, 2008, p.12).

E como que mexendo e remexendo o inconsciente das idades, da olhos de poesia àmulher nua – a própria África inocente - e metaforiza a invasão de sua privacidade sem limites.

O invasor, para ante o espanto de purista e curioso em sua modernidade, ao mesmo tempo em que faz a tradição se polarizar com seu próprio sentido, quando a mulher não consegue se confrontar com sua própria nudez e delira diante do que vê: “a mancha vai

ganhando altura, forma e movimento dos fantasmas. [...], que levanta uma nuvem de pó, como uma manada furiosa, pisando solo seco"(CHIZIANE, 2008, p.12).

A imagem usada insinua que a autora está a descrever a invasão do território até então livre dos intrusos: "Da mancha falante ela ouve sons demolidores como dragões subterrâneos a comandar temores de terra." (p12) Será o espocar das armas do invasor em perseguição aos que nada sabiam estar acontecendo? Provavelmente sim, porque a escritora traz outra belíssima e intricada metáfora. Não é a única explicação, pois "a especificidade na análise do discurso está em que o objeto, a propósito do qual ela produz seu "resultado", não é um objeto linguístico mas um objeto sócio histórico onde o linguístico intervém como pressuposto"(ORLANDI, 2004, p.53) : "Sons que lhe diziam coisas. Coisas que ela entendia. Outras que não entendia"(p.12). Pensa-se que em algumas horas as personagens de Paulina são ela própria multifacetada como uma curinga que supera a si mesma, sem programar ou imaginar uma tese construída em cima de uma página só, das muitas, em que encontram-se as histórias narradas.
Imagine-se um tempo em que cada um tinha seu lugar, as fronteiras talvez existissem,massem a artificialidade que misturou os povos sem respeito a línguas, costumes ou territorialidade.
Chiziane, foi criada em Maputo e fala, além do Português, Ronga ou Xironga, um dos ramos bantu da linguagem Tswa-Ronga, hoje com 650.000 falantes, em Maputo, capital de Moçambique e 90.000 na África do Sul; também fala Chopi, língua de um povo do mesmo nome que vive ao sul de Moçambique, ao norte do rio Limpopo, falada por 800.000 pessoas. Isto é só um demonstração do que pode estontear quem não está acostumado a esse tipo de abordagem. Fora os Makua, cuja língua EMakua, é falada por 2,5 milhões de pessoas sendo o grupo étnico mais numeroso ao norte do país.

Tudo leva a entender é uma descrição de um lado do continente, desprovido de apetrechos capazes de enfrentar a fúria desbravadora e o descaracterizar da tradição, ao mesmo tempo em que, em outra tela a grande fuga dos da mesma etnia a correrem gritando palavras e imprecações conhecidas; e em perseguição, os estrangeiros, sequiosos em aprisioná-los e até ceifar-lhes a vida, emitindo sons nunca ouvidos. Mas era preciso fazer cessar esse delírio paranóico, que ficou gravado na memória: "sente cheiro de leite. Ouve o choro de uma criança – ah, afinal é um bando de mulheres, zangadas" (p.12). Era preciso fazer aterrissar a personagem; por-lhe os pés no chão. E a escritora o fez.

Em conjunto, o estudo e a compreensão das tradições, a oralidade e o mito, tudo é encarado como uma possibilidade de ser um agente transformador e libertador dessas sociedades. A crença na possibilidade de renascer, utilizando-se dos mais variados meios teóricos e materiais, é a idéia alimentadora do atual momento do renascimento cultural

(SARAIVA, 1987, p. 15).

O interessante é que os três romances têm como personagens principais, mulheres. Entretanto, não dá pra se perceber uma ação solitária nas descrições, como de praxe, é sempre necessário a unidade. Caso contrário , não existem círculos; e isso é peculiar nas culturas africanas. Buchi Emecheta vai confirmar ao iniciar a história dos ancestrais de Ojebeta, *A Menina Escrava;* no caso, o Obi – rei, na Lingua dos Igbo – de Isu, na Nigéria oriental.

> *Quando Umejei* saiu de Isu, sua mãe, uma das principais esposas do rei, decidiu ir com ele, pois disse para consigo:
> <<Que terei eu sem o conforto do meu único filho?>> E também suas irmãso seguiram. Foi, pois, um pequeno grupo de pioneiros que se pôs nesse dia a caminha de espessa floresta tropical que então era a Nigéria Ocidental. [...] Quando chegaramao local hoje conhecido pelo nome de Omeze, Umejei deu uma queda, e ai foi fundada a cidade de Ibuza (Emecheta, 2000, p.12).

O trecho traz a memória da fundação da cidade, bem como descreve, na cultura tradicional, o papel da mãe, aquela que tem como responsabilidade máxima os filhos, por que, nas sociedades nigerianas, é uma honra, uma realização pessoal, um compromisso com seu próprio destino. Isso explica em parte porque as correntes mais radicais do movimento feminista não conseguiram até agora fazer muitas discípulas [...]. Nem mesmo nos meios universitários, onde as influências da modernidade tardia [...] não cessam de sitiar e confrontar os valores tradicionais... (AYOH'MIDIRE, 2004, p. 159).

Tanto é que no fim do romance, Ojebeta agradece ao marido, por ter pago ao filho de Mãe Palagada, a mulher que a criou, e ele poder ter se tornado agora seu único proprietário. Sabe-se que isso é uma forma de Emecheta denunciar a instituição patriarcal, que tanto peso tem nas terras da Nigéria e por mais avanços que a mulher tenha empreendido naquelas terras, ainda é. em sua maioria, tratada como submissa pelo sistema vigente naquele País. Assim a memória busca nas histórias nacionais a conexão do presente com o passado e as construções de imagens compartilhadas pela cultura. Assim são descritas as mulheres Igbo, da aldeia de Umuisagba, desde a sua antiguidade. Havia até quem relutasse em casar seus filhos ou casaramse com as mulheres dessa aldeia. Elas, "quando deixam cair ao chão alguma coisa ou quando tropeçam numa raiz, não chamam pelos deuses dos lares dos seus maridos e preferem invocar a deusa do mercado" (EMECHETA, 2000, p.14) Para os machos é uma vergonha, ou mesmo um desacato, visto que a tradição reza que a partir do momento em que o preço do noivado foi pago, os Deuses da cabana do seu paidevem ser esquecidos. Assim, considere-se tomando conhecimento da rigidez da tradição, entretanto, há um grupo de mulheres que, apesar da dureza não se dignam a servir desse modo e os desafiam o tempo inteiro:

"— Eu não entro nessa luta disparatada. Por que é que não tratam disso os homens? Por

que é que não vamos discutir o assunto com os brancos? É uma estupidez, uma idiotice...” (Op.cit.,p.180). Será que estão a secundarizar o teor do assunto ou a insultar os homens, ao mesmo tempo em que denunciam a evidência constante de iniciativas estratégicas por parte da mulher, diante da colonização? Como as chamadas – Mulheres Grandes, que na escola que Ndani planejara para o desenvolvimento sustentável das mulheres em Catió, cidade de nascimento do autor da *Última Tragédia* , ela estariam a “ensinar as coisas da vida que só elas conheciam, que não vinham escritas em nenhum livro, em nenhuma enciclopédia, nem em nenhum testamento, novo ou velho” (SILA, 2011, p.151).

Como se pode observar, elas são absolutas. Seus conhecimentos superam até o conhecimento dos profetas e dos apóstolos dos brancos, ditos cheios de inspiração divina. Ou mesmo as estratégias pra salvar da dor seus filhos e a si mesma de não colocar no mundo mais um pra sofrer, “por isso a mulher negra buscará um filho mulato. Para aliviar o negro da sua pele como quem alivia as roupas de luto” (CHIZIANE, 2008, p. 184), tornando-se Deusa pelo poder de transformar e criar um novo modo de vida num novo modelo de vivo:

O meu estatuto é maior a partir de agora! Mãe de mulata. Concubina de um branco. Não mais morrerei à mingua, com esta filha que é a minha segurança. Erguerei esta criatura como uma bandeira branca, a acenar aos marinheiros e a gritar: sou vossa! Juntei o meu sangue ao vosso na construção da nova raça. Eu te amei, marinheiro, cumpri a minha promessa, eis aqui o teu filho! Eternizei a tua passagem por esta terra. (CHIZIANE, 2008, p.186)

É um diálogo de terra invadida com terra invasora, que fincou o mastro, deixou a bandeira tremulando e agora é dona da invasão, entretanto um filho de estrangeiro será quase um estrangeiro, mesmo em sua terra. Na ideologia do colonizado é importante, pois é a representação do dominador. O problema agora é esperar que possa no futuro, reconhecer a mãe.

E esta mulher apesar do ultraje ainda tem fôlego e força para ironizar e jogar na cara que não deve nada àquele que em seu solo plantou, mesmo tendo trazido a semente, pois de qualquer maneira sua propriedade é intransferível: foi criada e não inventada. Palavra de mulher.

Apesar dos contextos variarem muito em grau e número e momentos, há uma relação de semelhança na luta das mulheres expressando sua inquietação diante das coisas e causas que as discriminam, por não terem alcance na compreensão das suas experiência e contribuição nas diversas parte do planeta.

Na África, as frentes de onde emergem os movimentos feministas, são variados, a começar no seio das próprias comunidades africanas, porém, com outro nome ou outras designações e conceitos. Entretanto pode-se dizer que a resistência contra o colonialismo foi

uma das frentes enunciadoras que fez as mulheres alcançarem grande vantagem nas outras lutas emancipatórias. Segurar um canhão antiaéreo, participando da luta armada, ou mesmo empunhando um facão na defesa de sua aldeia ou participando dos exércitos mistos contra o usurpador de seus espaços pátrios, tirou a mulher da posição tradicional de mãe, no sentido passivo. Passou a criar suas estratégias de sobrevivência independente dos homens pois a vida merecia, ao mesmo tempo que exigia. Foi o companheirismo reconhecidamente louvável, que as despertou para a ocupação de posições estratégicas diante das nações nascentes, pós guerras de libertação, como profissionais de diversos níveis buscando a educação, a formação e a academia enquanto instrutora de gerações a se prepararem para o futuro. Disse Samora Machel em Moçambique:

> Africanizar o poder colonial e capitalista retira o sentido à nossa luta. Para que serviria a luta se continuássemos submetidos ao trabalho forçado, às companhias, àsminas, mesmo se tudo estiver cheio de gerentes e capatazes africanos? [...] Um estado de ricos e poderosos em que uma minoria decide e impõe a sua vontade, quera aceitemos ou não, quer compreendamos ou não, é a continuação sob novas formasda situação contra a qual lutamos. (MACHEL, 1975, p.24-25)

Pode-se observar que tanto Ndani, quanto Ojebeta e Das Dores, Delfina e Serafina, são modelos denunciadores do quanto a luta das mulheres precisa avançar, entretanto estão a denunciar, de que modo, por qual vertente e por onde avançou. Seus autores, ora se autobiogrando, ora historiando suas nações, prenunciam o que de novo ao conhecimento sobre os movimentos feministas de África pouco se conhece: “os movimentos anti-poder, que apenas pretendem defender e manter sua autonomia” (CASSIMIRO, 2014, p.77) Isso caracteriza os movimentos endógenos, de mulheres africanas.

Algumas questões devem ser postas, ao se refletir sobre a construção da personagem feminina. Não é um trabalho simples pois ao se lidar com cosmovisões diferentes, não se deve dirigir o foco interpretativo composto apenas de uma ângulo, pra não se correr o risco do etnocentrismo, principalmente em se tratando de mulher negra dentro do imaginário masculino enquanto escrava, trágica, prostituta, concubina, interesseira, Enquanto produção ideológica, objeto de compra e venda, de desejo. O cuidado maior é ter que se prestar atenção no que politicamente se está lidando no texto: com alteridades. Portanto estas entidades dialogam em suas identidades enquanto símbolos de resistência, portando seja lá que armas tenham diante do opressor e do seu método ideológico de opressão.

Ojebeta ao se reencontrar com suas raízes e assumir que tem um senhor, não quer dizer apenas que ela tem um senhor, mas também que tem direito aescolher sua prisão consciente. Ao mesmo tempo denuncia a situação da mulher nigeriana. Nesta hora faz um diálogo com

Ndani, quando empoderada pelo amor revolucionário, dá uma sugestão com sintomas de ordem ao seu objeto de amor usando da força sedutora:"- Então escreve aí que o casamento forçado deve ser abolido.[...] Acabar com o casamento forçado e o casamento fingido. Casamento só quando as pessoas se amam"(SILÁ, 2011, p.128). Observe-se como esse objeto paradoxal seduz. Mas não é assim que a colonização o pensa, mas desde o pedestal de sua violência narcísica, que se realiza mecanicamente na linguagem, sobre este ser mulher, entretanto, enquanto negra lhe é negado o direito de existir enquanto primazia, o desejo de Delfina, uma vez que os brancos dão flores a suas mulheres. Talvez porque, na condição de colonizada, ao longe, é a única coisa que ela sabe dele.

Ao finalizar este capítulo, mais uma vez quero reforçar que o meu desejo ao criá-lo foi demonstrar mais uma façanha realizada em busca de meu "Eu" identico, desta feita, em outros países, tendo escolhido a terra de meus antepassados. No proximo capítulo demonstrarei de que maneira descobri que ele pode ser encontrado aqui mesmo no Brasil.

6.6 RETORNANDO DA PROCURA.

O final deste capítulo, além de homenagear àquela que foi minha orientadora, a professora Rosilda Bezerra, quero parabenizar à banca de reprovação (na qualificação) do poderem trabalho supra apresentado, por ter me concedido a excelente oportunidade de me encontrar com o método (Auto)Biográfico, sem o qual eu não estaria escrevendo esta tese de doutorado, nem tido a oportunidade de colocar-me de frente com esse "Eu" Idêntico capaz de perceber que foi importande sair para buscá-lo na África, mas, que,como construção universal poderia ser encontrado no Brasil; em Pernambuco, minha aldeia de nascimento, e aqui poder divisar que *À Luz do Candeeiro*, junto a quem executava o "Constructo do "Eu" Fonte", poderíamos construir a parceria que pode redundar em "Fonte" de conhecimentos para outros "Eus" idênticos encetar a tarefa de, por meio do Método (Auto)Biográfico, terem a oportunidade de pisar no palco da educação e (re)construirem melhor o conhecimento de si mesmos.

Figura 12 - O passista

Fonte 12: Acervo do autor

7 A BUSCA DO MEU "EU' IDÊNTICO NA VOLTA PRA CASA

Pensei que fosse o amanhã
O encontro desejado
O cantinho abençoado
Que me acolhesse o ser eu
Andei madrugada e dia
Feito um sem rumo um ateu
Até ver que o que eu queria
Andando no tempo a esmo
Era só uma fantasia
Estava buscando a mim mesmo.
(CORREIA, 2023,)

A epígrafe é uma reflexão sobre a busca e o retorno de quem quer encontrar fora de sio que nunca procurou dentro, e desperta, depois de um tempo, vendo o "eu" que, sendo o si mesmo, estava desconhecido. O objetivo deste capítulo é mostrar idas e vindas, reencontros, descobertas e determinação de novos caminhares do "Eu" Idêntico e seus aprendizados com os que um dia ensinou.

Depois de sair e voltar, muitas coisas de modificam. Muitas vezes, durante a ida ou a volta as coisas já tomaram outro rumo e não tínhamos prestado atenção. Por isso, é preciso, em muitas das vezes, que a Natureza nos chame veementemente atenção para as mudanças. Estas podem ser paulatinas ou abruptas. Não sei se tenho a mania de achar que o que estou vendo não é verdade, ou é, como dizia meu velho pai Paulo: "só acredito que está cheio quando está esborrando". Portanto, evocarei meu teórico inicial.

Bourdieu (2005) diz que sua experiência na Argélia foi o que o levou a ter uma transformação muito grande em sua visão de mundo. Disse ele que aprendeu tanto, que chegou a crer que estaria passando por uma experiência de teor iniciático (BOURDIEU, 2005, p.66), quando todo caminho o conduzia para os braços da Sociologia, sendo ele filósofo de formação, vindo de escolas de auto teor de saberes filosóficos.

Outro fato semelhante às mudanças acontecidas na vida do citado autor (Bourdieu, 2005), que por não concordar mais com a postura das escolas dos "super-filósofos", fazendo-o entrar em constantes embates com o mundo intelectual francês, viu que a sociologia se adequava melhor aos encaminhamentos de sua pesquisa sobre as classes populares.

E eu? Eu me encontrava em migrações acadêmicas ao quadrado: saio de Campina Grande – UEPB, e vou fazer provas para concorrer a vaga no curso de Doutorado em Letras na UFPB,

em João Pessoa. Não conhecendo o sistema de lá, vejo duas questões para se escolher sobre qualdelas dissertar: Trajetória de Lima Barreto e Édipo Rei.

Não percebi que a maioria dos concorrentes estavam vindo “fresquinhos” do Mestradoe dentro de outra maneira de estudar afro-brasileiros na Literatura. Esqueci que já tinha cursado Mestrado em Filosofia na UFPE, e quis ser negro demais, optando por Lima Barreto, escritor negro que gosto, já estudei bastante e tenho a maioria de suas obras. Resultado: nota 6,75n e pau na moleira.

Provavelmente, embora psicólogo, não levei em conta o que diz Norbert Elias (1994) em relação à teoria da Gestalt: “Ensinou-nos, primeiramente, que o todo é diferente da soma de suas partes, que ele incorpora leis de um tipo especial, as quais não podem ser elucidadas pelo exame de seus elementos isolados” (ELIAS, 1994, p.16), ou seja, pelo autor ser negro, compondo a escrita Afro-Brasileira, não quer dizer que a literatura o veja apenas por um ângulo ou viés, visto que a escrita é uma potência menor., Embora tenha lhe dado origem, é parte da potência maior (literatura), não devendo ser considerada isoladamente, pelo risco de lhe escapar a compreensão.

Volto a Pernambuco desolado, mas desejoso de retornar a João Pessoa quando uma nova mudança der sinal de que vai acontecer. Recebo um convite irrecusável, visto que, foi feito por uma pessoa muito querida, da UNEGRO, Fabiana, da Guapo, grupo de cinema itinerante com temas sobre negritude. Só que, apesar do convite dessa maravilhosa ser estupendo, havia um desafio: estar em uma mesa com um Pós-Doutor em Sociologia pela Universidade do Porto – Portugal, e Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Teoria e Históriada Educação da UFPE: professor Edilson Fernandes.

Passei duas noites só pensando se aceitaria ou não. Minha pergunta era: “ que diabo terei eu pra dizer na frente de um homem desse, que já andou até pela Europa PHDealoprando, enquanto eu, um “Mestrinho” feito na Paraiba, que só vou a Caruaru, e quando pagam minha passagem? Um autodidata numa encruzilhada de T[32], foi como me senti.

7.2 REENCONTRAR NÃO É APENAS VER DE NOVO

[32] Encruzilhada de T – Tipo de encruzilhada com apenas três caminhos, ou três braços, como dizemalguns mais velhos. Uma encruzilhada fêmea, portanto, difícil de lidar- entrar e sair – para quem é novato na magia. (Nota do autor)

Segundo Eduado de Assis Duarte (2011), buscando minha maneira de ser através da pesquisa e da crítica sobre o meu trabalho enquanto escritor, no meu "que fazer" há uma consciência de minhas raízes e um conhecimento sobre elas que explicita a busca de uma identidade coletiva entre os negros, para que possamos forjar uma luta unida contra a discriminação. DUARTE (2011), se referindo ao verbete sobre o *Caxinguelê (*livro de minha autoria) estraido da tese de Patricia Bomfim, da Universidade de Berlim, que observa que na minha maneira de escrever, tanto nos contos, quanto nos poemas, a narrativa "parte da primeirapessoa, de um "eu" idêntico com o autor que articula claramente as posições dele" (BOMFIM,in DUARTE, 2011, p.136).

E foi pensando nesse compromisso circular com a minha comunidade que eu aceitei o convite para participar da palestra da UNEGRO. Dirigi-me ao MAMAM-Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, no Recife, Rua da Aurora, fundo com rua da União, com duas deminhas crianças: uma de 9 e o outro de 12 anos. Ambas ficaram extasiadas ao ver na rua tanta gente me cumprimentando. Todos chamando-me professor. Por fim, perto da entrada do Museu,encontrei um rapaz com um balde de alumínio cheio de ostras, como fazem os que vendem nosbares de beira de praias, de Olinda e Recife.

O rapaz olha para mim e exclama: "meu professor, meu mestre !.. São suas crianças?"

– pergunta. – Digo que sim e ele continua – "é sempre uma honra lhe encontrar. Estou indo vender ostra e camarão na praia de Boa Viagem. Isso é por causa do senhor. Nos fins de semana faço isso" – era sábado à tarde – "pra poder pagar a minha pós-graduação. Com muita honra, devo isso ao senhor." (Neste momento em que estou escrevendo, não consigo conter minhas lágrimas). A emoção ainda me vem muito presente). Ele pôs a mão no ombro do meu filho e disse: "é, seu pai é assim. Um grande professor, um grande mestre...!"

Na hora, disfarcei para limpar as lágrimas dos olhos e lhe disse: - Deva isso a você também. Se você não tivesse inteligência e coragem, não tinha professor Lepê que desse jeito. Sorrimos, ele apertou minha e me desejando boa sorte, foi embora seguido pelos olhares das duas crianças estupefactas com a cena. Ao caminharmos minha filha comentou: "Pai, todo mundo que a gente encontra te chama professor. Parece até que tu foste professor do Recife todinho..."

Eu agradeço por minhas crianças estarem comigo, capitalizando um exemplo de compromisso social, assim penso eu, e lembro que, em se tratando de Histórias de Vida de Educadores, mesmo que alguns não tenham conhecimento desse papel de professores como profissionais que refletem, transformam, "caracterizam-se como intelectuais críticos (re)pensadores de sua própria prática emoldurada por uma visão de mundo que se poderia dizer "já revolucionária"(ABRAHÃO, 2010, p.59), isso já é uma condição para que se crie uma educação, um ensino que humanize e transforme pessoas em vários sentidos. Até então, eu era um que não sabia disso. Meu "Eu" Idêntico me conduziu a esse caminho.

Mas hoje percebo que dentro de mim, no que diz respeito ao aceitar o convite para palestrar no Museu de Arte, estava uma vontade imensa de saber se eu sabia de algo. Talvez de não envergonhar minha mãe. Saí desse encontro com o "aluno", ainda mexido, mas atencioso ao que iria fazer. Apesar do medo, a coragem era mais teimosa que eu. Estava indo a uma prova de fogo, ao encontro de um gigante do saber: um PHD.

Hoje eu imagino, como esses títulos assustam ao povão, como causam impacto nos meios estudantis, não só aos secundaristas. A prova era que eu, "puta véia de gafieiras livrescas", parecia um gato escaldado, com medo de água fria. Sei de exemplos, como o de um colega do Movimento Negro, nos anos 90, ao estar em um debate com um famoso antropólogo da Fundaj/UFPE, Bob Tamo, só porque não tinha argumento acadêmico para provar que existia racismo no Brasil, o personagem da academia, Bob Kota, disse: "prove, prove que existe racismo? Você fica aí só a latir". O pobrezinho do J. Bancário, de tão assustado, não conseguiu falar mais nada. Como ficam os entusiasmados revolucionários, sindicalistas, desprovidos de oportunidades de estudo, diante dos "neofeudalistas da ala social democrata ..!?"

Na minha mente me assentaria ao lado de um homem madurão de bigode preto, empalitozado, branco e buchudo, com cara de poucos amigos, como todos aqueles que se julgam saber muito. Tipo: alguns antropólogos e marxistas de linhagem uspiana-ufpeistas, que resolvem até o enigma cronológico de nascimento entre o ovo e a galinha. (ao escrever esse trecho estou a gargalhar, imaginando a cara de meu orientador ao lê-lo).

Entrei no Museu pela Rua da União, o lado do Jardim, cheio de plantas grandes e pequenas, mas a flor mais bela presente, era a minha anfitriã, professora Fabiana, com um blaiser de listas verticais pretas e cinzas, num fundo branco. Bem maquiada, uma pura rainha de cabelos black-esvoaçantes-power. Abraçou-me, seguida por várias pessoas que há muito não via. Daí a pouco chegou o palestrante acadêmico, portando uma pasta e acompanhado de um rapaz vermelhinho e barrigudo, com um bigode fininho amarelaço e cara de James Bond, que

sentou-se na plateia com jeito de consultor – depois vim a saber que se chamava Paulo Pergentino, e eram tão companheiros que, se dessem um tabefe em um, eram capazes de acertarem, primeiro, na cara da sombra do outro, mesmo que não tivesse sol. E fomos convidados a compor a mesa: eu e o PHD.

Minha fantasia foi logo "empurrada da calçada". O homem era cara lisa, moço, mas careca; vestia camisa social ensacada com mangas dobradas, sapatos pretos engraxados; era negro e esbelto. Mais arrumado do que terraço da casa de embaixador. Eu pensei – menos mal — "é um boyzinho sério".

Não lembro muito bem sobre o que falei. Só sei que era um tema que tratava de problemas da negritude no Brasil, nas comemorações do 20 de novembro. A pessoa mediadora atribuiu a mim a primeira fala, o que gerou de minha parte, para disfarçar o medo, logo uma brincadeira: "pois é, não era de se estranhar. Quando Roberto Carlos está presente como estrela maior, quem abre o show é sempre um conjuntinho local: *Os Fantásticos, Os Audaciosos* ...no máximo *Os Trepidantes*". Todos riram a valer. Menos o palestrante principal que apenas ensaiou uma tentativa de "ar de riso". Me recompus arrependido, pois, vi que ele não era de "gracinhas".

Comecei minha exposição do tema. De vez em quando eu olhava de lado querendo ser simpático, e ele impassível. Parecia Sérgio Moro, pra não dar ousadia a petista. Como sabiapor quanto tempo deveria falar, fiz questão de terminar na hora certa. Como sempre, quando digo minhas besteiras o povo tem mania de bater palmas. Gostei do que eu disse. Acho que ele também, pois, mostrou um semblante mais leve e também aplaudiu, com jeito de não só por educação.

Sua fala foi de professor. Tinha algumas folhas com anotações e era organizado. Era uma porrada no meu pecado: nunca falo o que escrevo. Faço roteiro mas escorrego mais do que sola de couro em calçada de azulejo. Fez uma fala um tanto acadêmica e professoral, mas convicta: se comunicava bem. Ao final, todos aplaudiram e foram feitas algumas perguntas. Foi bom porque ao falar houve um entrosamento nas resposta que demos.

trabalho foi encerrado e vieram as considerações finais. Fiz o de praxe. Agradeci a oportunidade de estar com aquele público, com um professor de grande sabedoria e passei a palavra ao mesmo, sentindo que não estava tão aquém em matéria de conhecimentos. Depois, tínhamos estilos diferentes de abordar o tema.

Ele agradeceu também, falou da satisfação de estar ali e principalmente por estar encontrando gente que há décadas não via, como o professor Lepê Correia. Começou a contar

uma história, e foi se desengessando, enquanto eu ia navegando na escuta. Disse que quando era garoto, tinha seus 16 anos, era do Balé Primitivo de Arte Negra de Pernambuco. Olhou pra mim sorridente e comentou: "acho que você não se lembra de mim". Quem engessou dessa vez fui eu. Ele continuou dizendo que tinha "um monstro sagrado" no Recife que, aonde esse personagem ia falar, ele seguia pra ver: no DCE da Federal – hoje loja da Mcdonald, na Rua do Hospício, em frente às Lojas Americanas – na Praça Maciel Pinheiro; em Olinda, aonde fosse ele ia e ficava sempre abismado. Havia outros negros sabidos, mas aquele... ele sempre dizia: "um dia eu quero estudar bem coisas e gostaria de saber falar assim: como Lepê Correia". Euquase me escondo debaixo da mesa.

O palestrante me encarou sorrindo e disse: "eu sou Edilson Sheriff, eu dançava no Balé Primitivo de Arte Negra de Pernambuco. Nós já dançamos muito nos afosé, você pulava feito um bode, na Praça do Carmo, em Olinda, nos dias de carnaval". Eu tive que fazer um esforço e evocar as figuras do Balé, pra ver aquele moço que tinha cabelo e o corpo de dança que parecia, ora um pássaro, ora uma cobra, ornado de ráfia e atacãs cheios de búzios nos braços, como os contra-egun, usados pelos noviços dos terreiros, após as primeiras iniciaçãoes.

Agora ao escrever sobre esse acontecimento vejo que "uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia" (BOSI, 1987, p.21). A companhia predileta da lembrança é nosso sentimento, algo que palpita todas as vezes em que ela acontece. É como se ela reaparecesse e nos conduzisse ao local onde tudo esteve posto, mesmo sabendo que os fatos não se repetem, mas é preciso refletir sobre eles, para localizar-mo-nos no tempo e sabermos o quanto caminhamos nesse universo, ao presentificarmos que não somos somente o que a força das circunstâncias nos fizeram hoje, mas o verso, o reverso, o desenho rasgado do que sonhamos, o avesso do que nos desfigurou e também a risada mântrica que nos balança o peito pulsante de esperanças.

> Todavia – e provando que o trajeto heurístico tem também algo de percurso iniciático, devido ao envolvimento total da felicidade dos reencontros que o acompanham -, opera-se uma reconciliação com coisas e pessoas de que me tinha afastado insensivelmente devido à entrada nu ma outra vida [...]. É uma parte de mim mesmo que me é devolvida [...]. (BOURDIEU, 2005, p.69).

Eu não tinha ideia quem era, ou não imaginava que aquelas "besteiras" que eu dizia pudessem causar tanto impacto, ser tão significativas na vida de alguém e, principalmente, na minha vida, quando me descubro indo mais longe: num reencontro. Encontrar com um menino que me conhecia mais do que eu mesmo, pois tinha nas mãos a extensão dos meus "que fazeres",

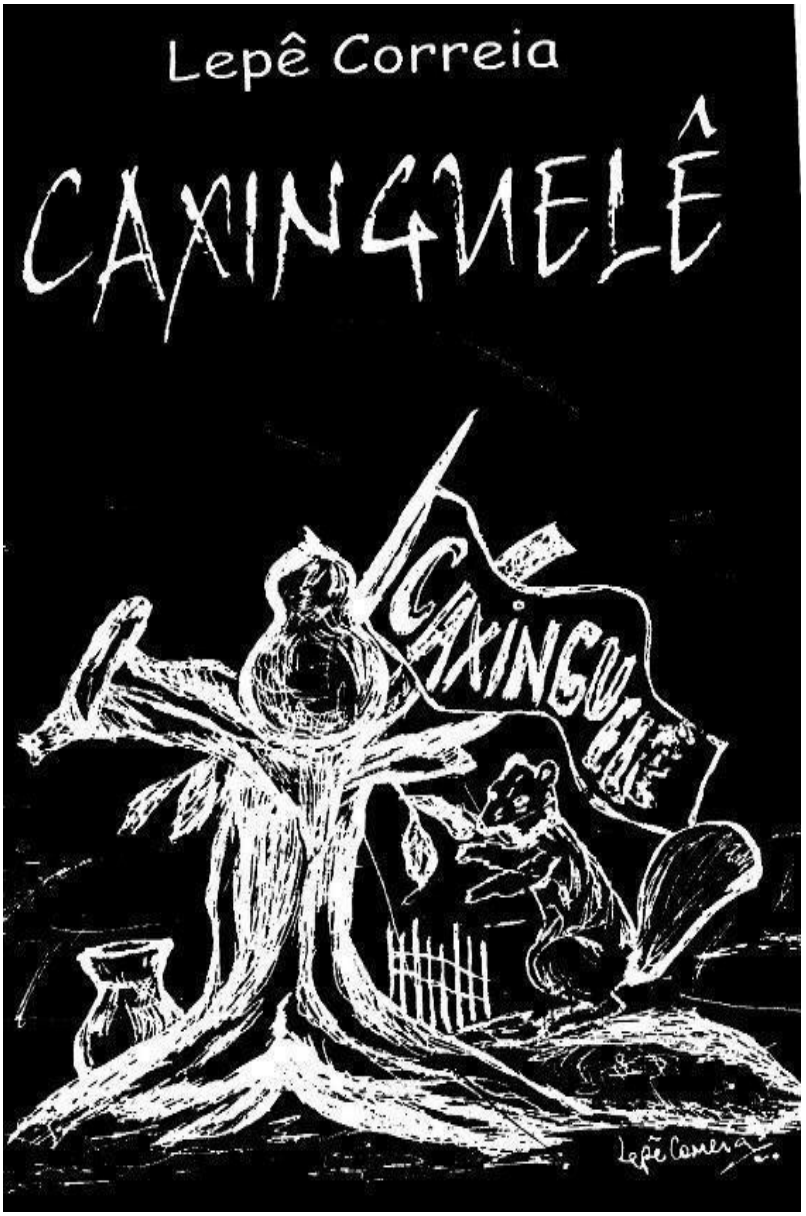
do que eu executava por prazer e compromisso com meu povo, sem pretensões de impressionar, de chegar a tanto. Para mim, como ativista, era minha obrigação: zelar pela palavra, trabalhar com dignidade e cumprir minha função de preparador da "revolução". O Sheriff me devolve o que de mim eu não conhecia; a UNEGRO, provoca um retorno, do que até então, estava recalcado em nós três, ao regressarmos às origens. Eu, do Novimento Negro, enquanto instituição, que eu tinha abandonado, ele, do menino disciplinado que tornou-se bailarino, que ora, estava guardado a sete chaves, e do professor que trocou o facão e a dança, pela caneta, cujo palco é o ´papel.

"Ao professor e igualmente mestre Lepê Correia, que sempre me inspirou na arte do discurso e da vida. Eu tinha 17 anos quando o vi pela primeira vez em uma das reuniões do Movimento Negro Unificado do Recife, na antiga sede do DCE/UFPE, e logo foi possível identificar sua generosidade em transmitir os saberes da ancestralidade" (SOUZA,E.F., 2020, s.p)[33]

Foi esta generosidade, que me fez aceitar mudar meu objeto de pesquisa, compreender que há muito as circunstâncias mostravam que o rumo estava mudado e a sugestão de observar que: meu "Eu" idêntico, também, via a vida a partir de outros desenhos, como veremos no capítulo 9.

[33] São palavras que encontram-se escrias na pagina de agradecimentos da Tese: *À Luz do Candeero e o Constructo do "Eu" Fonte,.* Apresentada pelo Professor Doutor Edilson Fernandes de Souza, ao Centrode Ciências da Saúde para promoção ao cargo de Professor Titulas da UFPE. Recife, 2020.

Figura 13 - Capa de livro



Fonte 13: Acervo do autor

8 ESCREVINHATURAS IDÊNTICAS

> Dos meios sou a metade Mas não sei cantar teu cantoRetilíneo e bem vestido Que entra no céu sem bater Sou porta de trás do inferno O novo sem ser moderno Os olhos do venha ver (CORREIA, 2006, p.78)

A epígrafe é um trecho do poema "Caxinguelê", feito numa hora de muita indignação quando fui intimado a ter bons modos e um riso no rosto, depois de responder a algumas pessoas que não me tinham nenhum apreço. Foi musicado e já tocou até na República Tcheka

O objetivo desse capítulo é exibir algumas obras em que eu fui citado e logo após, avisão se alguns escritores e jornalistas sobre Lepê Correia. Coisa que me lisonjeia e emocionabastante, pois, sinto que esse meu "Eu" Idêntico está cumprindo sua tarefa educativa de não sóinformar, mas aprender com o que dizem acerca de minha trajetória nessa escolinha chamada Terra.

Quadro 1 - Obras em que fui citado

Título daobra/Capítulo	Editora	Autor/Ano daPublicação	Página da citação
Quem é quem nanegritude brasileira	Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça	Eduardo deOliveira (org.), 1998	169
O corpo negro e a construção de identidades afrodescendentes na literatura dos Cadernos Negros	Multifoco	João Romualdo, 2017	132
Estudos AfroAsiáticos, 35 – Cap. A reinvenção de um passado sagrado na poesia afro-brasileira contemporânea	Universidade Candido Mendes	StevenF.White, 1999	99

Enciclopédia brasileira da Diáspora Africana	Selo Negro	Nei Lopes	392
Callaloo, v. 18, nº 4	Editora Universitária Johns Hopkins	Charles H. Rowll (editor), 1995	819
Callaloo, v. 20, nº 1	Johns HopkinsUniversity Press	Charles H. Rowll (editor), 1997	102
Literatura e afrodescendência no Brasil, v. 3	UFMG	Eduardo de Assis Duarte (org.), 2011	135
História e cultura afro-brasileira e africana na escola	Ágere emCooperação Advocacy	Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro. et.all (org.), 2008	78
Djumbay: informativo da comunidade negra pernambucana	Djumbay	Djumbay, 1993	7

Fonte: elaborada pelo autor

Eu nem sabia que as pessoas de tão distante soubessem coisas sobre mim, mas o que mais me estarreceu, por exemplo, foi cair na graça do Poeta Eduardo de Oliveira, autor do livro e, como presidente do Congresso Nacional Afro-Brasileiro- CNAB, me convocar a fazer parte das hostes da referida entidade.

Há 41 anos, eu, ao me formar em psicologia criei um trabalho intitulado *Corpo Africanoo: um outro Universo Terapêutico.* Executei por esse Brasil a fora um cem número de capacitações e laboratórios corporais para pessoas de várioas cores e níveis. Eu só não imaginava que a minha escrita poética tivesse a potência de contribuir para a construção de identidades. além de sensibilizar um outro eu idêntico, estudante da pós-graduação a interpretar o meu poema e dar “samba” como diz o velho ditado, e vê-lo em ação pelas mãos do Mestre João Romualdo (2017), a quem quero endereçar meus profundos e sinceros agradecimentos.

Uma das coisas que eu enquanto poeta ou contista faço, é não escrever com direcionamentos ou mensagens doutrinarias, pra não correr o perigo de engessar o sentimento e fazer do “Eu” Idêntico, um “vigia na porta de cada dia”. Escrevo o que eu sinto. Escrever como seu rei mandou, já basta uma tese e mesmo assim, a linguagem dos vassalos, aqui e acoláme surpreende. Mas *Reinventor do Sagrado na Poesia Afro-Brasileira contemporânea,* se fossehoje em dia, era capaz de matar o velhinho Lepê. Steven White foi além da conta.

Encontrei Steven, num dos seminários da Fundaj. Eu tinha feito a primeira edição do *Caxinguelê* (1995), ele comprou um, disse que era interessante e foi embora. Um ano depois me chega uma ordem de pagamento equivalente a U$25, 00.. Explicando o motivo: queriam estuda meus poemas em Maryland, John Hopkins University. Eram U$25,00 por cada. Permiti. Este talvez seja um dos motivos do professor PHD, Edilson Fernandes dizer que “a perfeição já é poder ter nascido Lepê Correia”. E eu me emociono em saber que, é um privilégio,mas também uma tarefa pesada, me comprometer em estar projetado em tantos “eus” idênticos.

Figura 14 - Lepê e Governador Miguel Arraes promovendo a Educação

DIARIO DE PERNAMBUCO

Recife, quarta-feira, 22 de novembro de 1995 - Ano 170 - Nº 326 Jornal mais antigo em circulação na América Latina Fundador dos Diários Associa

Júlio Jacobina

Lepê Correia cumprimenta então governador do Estado, Miguel Arraes, na inauguração da Escola Zumbi dos Palmares.

O governador Arraes é cumprimentado pelo representante da comunidade negra, Lepê, durante inauguração da Escola Zumbi dos Palmares, no Cabo, com capacidade para 1.200 alunos. Vida Urbana

Fonte 14: Acervo do autor

Figura 15 - Auto retrato II

Fonte 15: Acervo do autor

9 O "EU" IDÊNTICO E A ARTE DE DESENHAR-SE

> Um fotógrafo esperto pode selar um destino. E ele fora perfeito ao captar com suas lentes aquele rosto assustado, olhando para trás. Foi o que todos viram na página do Diário da Manhã. A prova estava ali [...]. (CORREIA, in Cadernos Negros 38, 2015, p.145)

A epigrafe é explicada como uma corroboradora do nascimento deste capítulo. Ela é o trecho inicial do conto "Nego Zau" que escrevi em 2015, para o volume 38 da coletânea de contos de escritores afro-brasileiros, Cadernos Negros, onde as lentes de um fotógrafo são determinantes para fazer o desvio de uma trajetória, ou mesmo o nascer ou morrer de um sonho a partir de um clic construtor de uma realidade, congelando o destino que passa a ser desenhado pela imagem capturada pelos olhos do fotógrafo e legitimada por sua câmera.

A maternidade deste capítulo é o olhar do experimentado fotógrafo "alimentador de sonhos", em uma conversa onde exibi um desenho rejeitado em 2005, no PPGL da UFPE, feito por solicitação da organizadora do livro *Áfricas de África*. É uma gravura de 1990 (Figura 1), que seria a capa da obra contendo ensaios sobre escritore de países africanos de Língua Portuguesa. A figura gerou no meu orientador a sugestiva exclamação: "isso dá um capítulo iconográfico!" E em seguida a interrogação: "e por que não o fazer? Depois de longa conversa, assim foi feito. Este capitulo tem a ousadia de apresentar o desenhar-se do meu "Eu" Idêntico a partir de "garatujas", pinturas e fotografias.

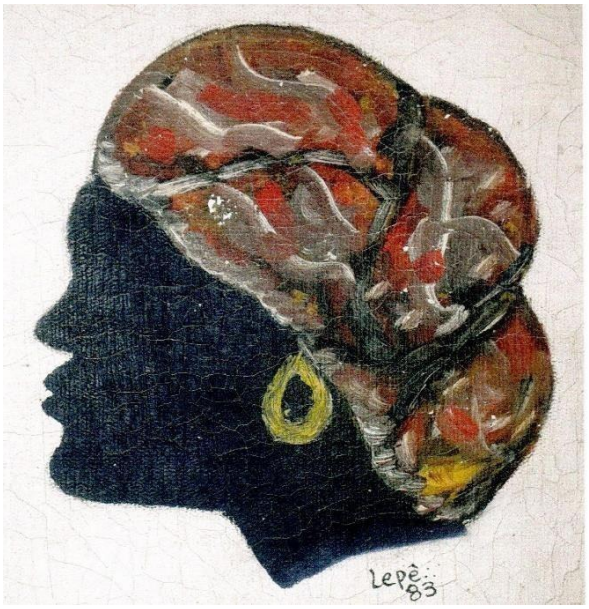
Os desenhos e pinturas foram produzidas, desde o século passado, em nanquim, caneta esferográfica, tinta a óleo, aquarela, em diversas qualidades de superfícies e momentos de minha vida. Tudo isso tendo como base documental principal o conto "Nego Zau", um desenhoda vida da maioria dos negros urbanos, onde está enquadrada, também, a vida desenhada dessemeu "Eu" Identico.

Tais desenhos não foram produzidos para esta tese, a não ser os auto-retratos que desenhei especialmente para ela. O capítulo não foi colocado ao crivo da banca, na qualificação, mas espero que a referida plêiade de sensibilidades possa apreciar com carinho e compreensão de que é mais uma contribuição para a Pesquisa (Auto)Biográfica, e seja considerado como mais uma maneira de narrar-se, desta feita, a partir da arte.

A professora Delory-Momberger desde 2015[...]" tem construído trabalhos fotográficos com interesse em histórias pessoais e coletivas, memórias, numa busca de tentar ultrapassar o caráter fixo da imagem para entrar em contato com aquilo que está enterrado pordetrás destas" (DE OLIVEIRA, 2021, p.226)

Pintando com tinta a óleo sobre tela, no começo dos anos 1980, o “Eu” idêntico de Lepê Correia, já estava exercendo, [...]” no espaço da imagem, [...] um processo de automodelagem que o sujeito faz em si, durante a ação criativa”(DE OLIVEIRA, 2021,p.227). Já estava engatinhando estudos sobre “automedialidad” de Delory-Momberger, como elemento constitutivo do processo (auto)biográfico, exibido na pintura a seguir.

Figura 16 - Moça do turbante (repetição)



Fonte 16: Acervo do autor

A “Moça do Turbante” é uma das primeiras pinturas em tela no ano de 1983, buscando esse “Eu” Idêntico pintor para retratar as belezas do que via nas ruas e nas reuniões do Movimento Negro. Está exposta em meu consultório, uma vez que o considero um “Atelier de Emoções”, Nome do trabalho do psicólogo Paulo Hindemburgo, primeira pessoa a dar crédito aomeu trabalho enquanto psicólogo.

O Interessante é que, quando olho agora para esta gravura vejo que, na verdade, na cabeça da moça não está, verdadeiramente, um turbante dos que costumeiramente se vê, mas algo construído como o que as mulheres mais antigas usavam na cabeça e chamam, ainda hoje, rede para segurar o volume dos cabelos, tal quel uma touca hospitalar. Lembro que minha mãe usava algo com esse formato quando ia sair, pra ficar bonita. Pelo menos, eu achava bonito.

Como é mesmo dinâmico o processo. De repente eu esbarro com um trecho da minha história

pessoal, já encontrando nos cabelos que não estão a mostra, oos cabelos de minha mãe,que acomodado na rede de cabeça, como assim ela chamava, me remete a uma admiração da

estética, como se eu estivesse recontando a história da pintura onde, depois de tanto tempo, sai da beleza das mulheres do Movimento Negro, [...]"em busca da construção de novas histórias. Então, na verdade, sou eu quem esá a se recontar na tela; sendo também a leitura do que está sem ser dito: o outro lado.

Recontar-me como o fotografado do conto: a prova retratada, um condenado, cujo sorte estava de costas, quando de sua passagem pelo local, um posto de gasolina, onde se discutia sem ver o que acontecia em volta, não se percebeu o afastamento dos disferidores do ataque. Só ele viu. Mas não lhe dizia respeito. Estava passando para trabalhar, mas era o único negro nas proximidades, portanto, idêntico a todos os marginais. Atingido pelos olhares e depois uma pedrada, a fama de bom corredor o tirou da rota da turba enfurecida e cega pelo estigma.

"É a narrativa que confere papeis aos personagens de nossas vidas, que define posiçõese valores entre eles"(DELORY-MOMBERGER, 2014, p.35). Esse domínio sutil dela (narrativa) sobre quem narra, busca e organiza fatos, aconselha não mexer em desvantagens: morais e psíquicas. É essa organização, que educa e fortalece as estruturas que serão capazes de dar suporte a esse indivíduo ou esse "Eu" Identico em reconstrução, redesenhando passo a passo suas lembranças e clarificando o vivido em suas experiências desenhadas.

Em matéria de desenho, a figura abaixo é mais antiga. Data de 1980, quando eu saído da grave de professores deflagrada em maio de 1979, no governo de Marcos Maciel em Pernambuco, estávamos reivindicando aumento e melhores condições de trabalho, além de eleições diretas para Presidente da República e Diretores de escolas ... Depois de muito piquete e fechamentos de 80% das escolas da Rede Estadual de Ensino, foi decidido em assembléia que iríamos acampar em frente à Secretaria de Educação, na rua Siqueira Campos, Recife, onde passamos 52 dias, em assembleia permanente – sem banheiros químicos, nem filemiñon - sobrevivendo às custas do companheirismo e nossa APENOPE – Associação dos Professores do Ensino Ofial de Pernambuco sob o comando do professor e ex-Deputado `Paulo Rubens Santiago. Não era ainda SINTEPE – Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco. Na época, como punição, por ordem do Governador Marco Maciel, Paulo Rubens foi demitido e o desconto da Associação supracitada foi tirado da folha de pagamento do professorado.

No calor dessa luta política, conheci uma das bisnetas da grande cearense Bárbara Pereira de Alencar (Dona Bárbara do Crato), nascida em Exú, uma das poucas mulheres – a exemplo da negra Otília - a estarem na luta de 1817, para expulsar dessas terras o domínio português. Por coincidência ou não, a moça era aparentada do Ex-Governador Miguel Arraes de Alencar, que neste mesmo ano (1979) estava voltando do exílio.

Tinhamos, várias coisas em comum: ambos éramos Arraesistas, trabalhadores da educação, torcedores do Sport Club do Recife, além do Pereira, no nome da família; ela pela parte materna e eu, paterna. Não deu outra. Desse acasalar-se cheio de inspiração, após a greve, desenho com esferográfica, numa tela para pintar a óleo, este casal representando, ao meu ver, a ciência e a natureza – ela pós graduada em Biólogia e eu estudante de Comunicação e cantor das noites recifenses, para completar o salário de professor – engravidando a toda hora. Em 1980, o desenho vira tela à óleo, enfeitando uma das paredes do corredor da casa dela, onde morávamos.

Figura 17 - Acasalamento

Fonte 17: Acervo do autor

A arte me fazia reconhecer meus estados de ânimo, a casa onde eu morava,a coisa mais abstrata que tinha na sala era um desenho de Volponi com figuras geométricas cinza, amarelo, encarnado e azul bebê. Triângulos: equiláteros eisósceles que, de cabeça para baixo, muito juntos, davam a impressão de bandeirolas. O festante eram as bochechudas de Renoir e as gordinhas com ancas adescoberto e uma imitação de Di Cavalcanti. Depois que nosso filho nasceu, apareceu um retrato pintado, por sinal muito bonito, de uma criança negra com lágrima caindo dos olhos. Não era chocante: só lágrimas de criança. Me identifiqueimuito, pois alí, só ela me representava. Ate que chegou este casal maravilhoso.

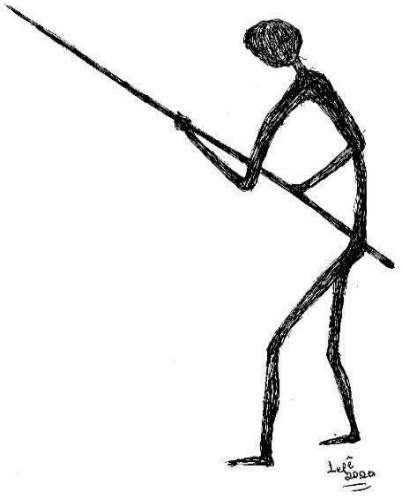
Figura 18 - Lepê, Orum e Iyainã

Fonte 18: Acervo do autor

Daí em diante não mais, na sala da casa, desenhanças de estranhos, mas o meu "Eu"Idêntico projetado em todos os recantos da casa, a saltar e sorrir, representado por esses "eus", que chegaram para ocupar cada espaço de referências para a estruturação das minhas próximas etapas que seriam: ser espelho, sobreviver ao racismo e fortalecer o coração dos recém-chegados "eus" para enfrentarem o inevitável embate étnico racial nas terras de Zumbi e de Solano Trindade.

Não desistir de si mesmo, nem de viver é a estratégia. A tática será composta de variados nuances e jogos de cintura. "Nego Zau" quase que escapole do galho, "passava a maiorparte do tempo, olhando para o tempo, bêbado, naquele colchonete desforrado, no chão frio" (CORREIA, 2015, p.147). Mas foi se utilizando dos ensinamentos aprendidos com os ancestrais, para podermos ocupar os interstícios deixados pelo poder, principalmente, com a lança nas mãos e olhos atentos, que ele compreendeu o que era a lança e para que serve.

Figura 19 - Mukuami (Lanceiro) - Repetição



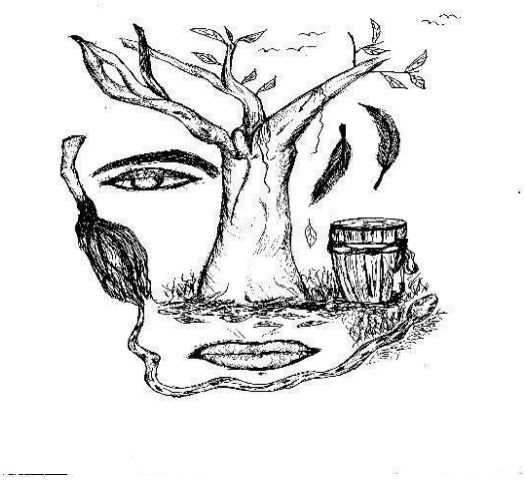
Fonte 19: Acervo do autor

Ao que parece, eu não estou fazendo nada demais. Apenas expandindo meu "Eu" Identico em mais uma extensão de mim, que é esta tese, visto que" O espaço não é um recipiente, mas parte essencial de nossas experiências" (DE OLIVEIRA, 2021, p.228). Logo, aqui eu me reconstruo [...]"no espaço da imagem, da pintura, do texto [...], no espaço do processo de criação de um objeto sensível" (Op.cit.,p.228). Isto, é o que a mesma DE OLIVEIRA (2021) define como conceito de *Automedialidad,* estruturado por DeloryMomberger, que tem o espaço como sua constituição e desenho da relação da arte com a (auto)biografia.

Neste trabalho, meu "Eu" Idêntico vai se reconhecendo em sua história pessoal, tanto nas imagens fotográficas, quato nas gravuras que foram traçadas junto com as lembranças e memórias, que me ajudam a criar um mundo vivido, experienciado e a ser utilizado pela minha comunidade que, ao se mirar no espelho dessas artes, juntará também os seus arredores históricos e pode até se reeducar como está acontecendo comigo, com a construção desta tese, com lágrima nos olhos a me reconhecer no "Nego Zau". "Vivia a vários quilômetros de onde nascera, mas era limpo e cheio de educações. Lavava suas próprias roupas, de cócoras em frente ao quartinho em que morava, por trás da casa de Dona Leta, a dona da "venda" mais sortida do bairro" (CORREIA, 2015, p.147).

A sorte mata o destino, ou o destino é a extensão da sorte? Não sei. Uma foto no jornal tem tanto poder de convencimento que às vezes desexplica a sorte e desvia um destino. Misteriosidade.

Figura 20 - Kilemba

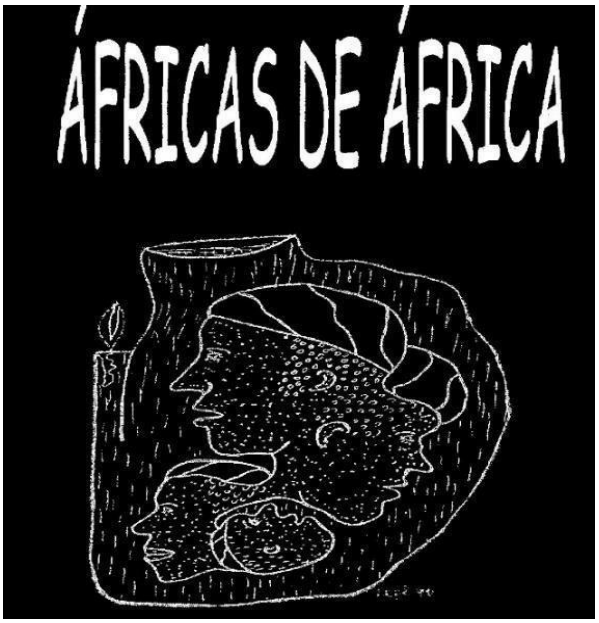


Fonte 20: Acervo do autor

Os simbolos nela inserido nos mostra o mistério da mãe terra. Esta figura representa o mistério: Kilemba. O nome em Kimbundo (Lingua de Angola), que significa *mistério*, dá destaque e faz refletir sobre os símbolos que nela estão contidos: a árvore como morada dos ancestrais, a fertilidade nas penas, o olho como espreita da natureza, a cobra como surpresa na criação e o tambor como evocção de tudo o que sai e volta para a terra com sua boca que tudo sabe, mas não gasta as palavras.

"Como provinham de *Maa Ngala* para o homem, as palavras eram divinas porque ainda não haviam entrado em contato com a materialidde. Após o contato com a corporeidade, perderam um pouco de sua divindade, mas se carregaram de sacralidade"(HAMPATÉ BÂ, 2011, p.171). Logo, a palavra, a fala é divina e sagrada simultaneamente. O humano e divindade se encontram: um representa o que o outro gera.

Figura 21 - Capa de livroIISagrada é a pergunta Divina é a resposta

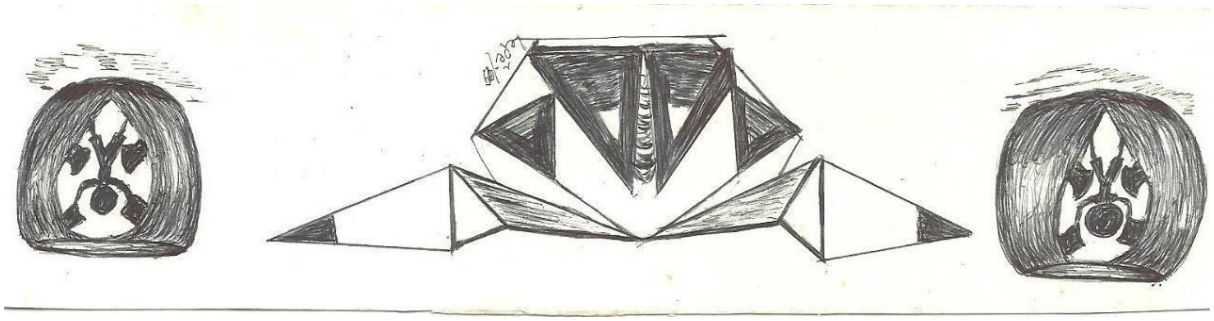


Fonte 21: Arquivo do autor

Assim, confabulando consigo mesmo, "Nego Zau" passava os dias, lendo folhas de revistas velhas, ou catando no lixo jornais para continuar informado. Para ele, noticia velha era a que já havia lido. Se ainda não leu é nova, dizia ele, sempre encantado e cuidadoso com a limpeza do ambiente. Os pedaços dos jornais sempre iam para a lixeira. Como um homem de roupa surrada estava sempre limpo? "Compreender é, em primeiro lugar, compreender o campo em que nos fizemos econtra o qual nos fizemos" (BOURDIEU, 2005, p.15).

Em que grupo caberia "Zau", em que grupo caberia este meu "Eu"Identico, se não tivéssemos a compreensão de que a educação era o único palco de onde poderíamos acenar aos nossos; a partir de onde poderíamos fincar o mastro e desfraldar o conhecimento em suas várias cores e matizes, convocando-os ao crescer convicto ? A educação desenha nos espaços de nós, o que seremos sendo.

Figura 22 - Triângulos- Escalados



Fonte 22: Acervo do autor

Nossa construção pessoal é uma "quase sempre", que, montada em triângulos abrem escalas, guardadas por cães cujos olhos são sapatos de quem repousa de cabeça para baixo dentro de um pingo d'água.(fig). Eu não tinha muita coisa a fazer por aqui. É só risco, só traço. Já fui projeto, construção e hoje, de mim: expansão.

"Representação mental, pré-escritural, o fato biográfico encontra a narrativa como sua forma de expressão mais imediata, a ponto de se confundir facilmente com ela" (DELORY-MOMBERGER, 2014, p.35). Assim como o meu "Eu"Identico prefere narrar-se a sí, como forma prudente de proteger nossa identidade com uma grande redoma de narrações acerca do jogo que nos assegurou poder continuar pulando para dentro, mesmo pelas brechas.

Ter escolhido o caminho das letras, me emprensado valorizando o grande circo da fala me fez, muitas vezes, ocupar o centro do palco sem dizer nada, ou voando como águia, cantando como os pássaros, em vários gorjeios. Estes, reconhecidos áté pelos ouvidos "idênticos" atentos dos d'além mar como "um dos nossos", me traz de novo lágrimas aos olhos. Esta é a certeza de que a educação medializou meu *ine sawa-sawa* ("Eu"Idêntico) nesta existência, me facilitando a conquista de várias ferramentas. E como afirma SOUZA, E.F. (2020), "[...] a construção histórica de um indivíduo se faz a partir de muitas clivagens, algumas das quais devotamos muito orgulho em nossa trajetória; outras, nem tanto. Porém, todas contribuem para a compreensão que temos de nós mesmos, de nossa subjetividade" (SOUZA, E. F., 2020, p.353). A razão narrativa pode ser tomada como uma âncora do ser atuante na sociedade para atingirmosesta consciência.

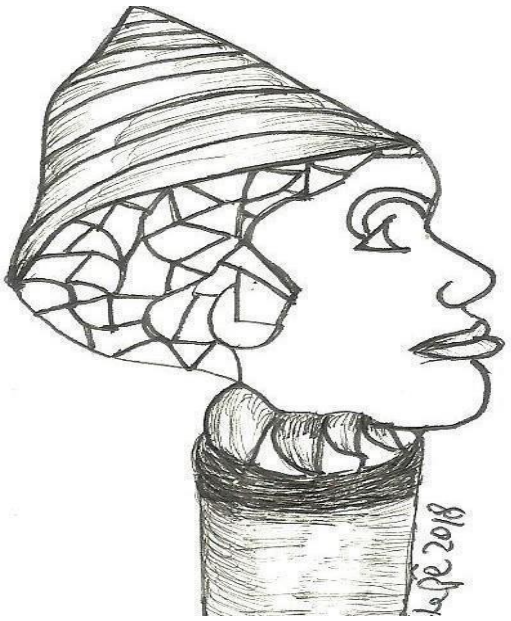
Coisa não muito fácil, mas possível de executar se tivermos um instrumento que nos conduza nos caminhos dessa compreensão é, além de tudo, arte e coragem de encarar os eventos de nossacaminhada como contribuintes do que temos a contar. "É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não

fazemos a narrtiva de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida"(DELORY-MOMBERGER, 2014, pp.33-34)

Cada um em seu tempo e à sua maneira, ou ainda, de acordo com os ventos e suas direções, épocas e meios sociais onde nos encontremos. Mas o que acumulamos diz muito, principalmente, de como nos relacionamos com nossos pares, nossos idênticos e contrastantes, nos campos em que vivemos. Cada um vai traçando os caminhos de suas histórias desenhando, pintando, dançando, discursando etc. A maneira de escrever a trajetória diz respeito às épocas, costumes, culturas e praticidade. Cada um de nós tem uma marca própria para se representar. A vida pode ser representada de várias maneiras no rosto do mundo, ou no palco chamado *mundo* pode-se contar com várias representações nas maneiras de se biografar o viver.

"Nego Zau" representa uma infinidade de campos nas várias representações desses "eus" idênticos que salgam e/ou adoçam de acordo com as circinstâncias. Ele cumpre a função da medialidade enquanto conto, este conto que cumpre a veracidade não da prova, mas de tantos perseguidos, fugitivos e até aniquilados por engano.

Figura 23 - Rosto do Mundo

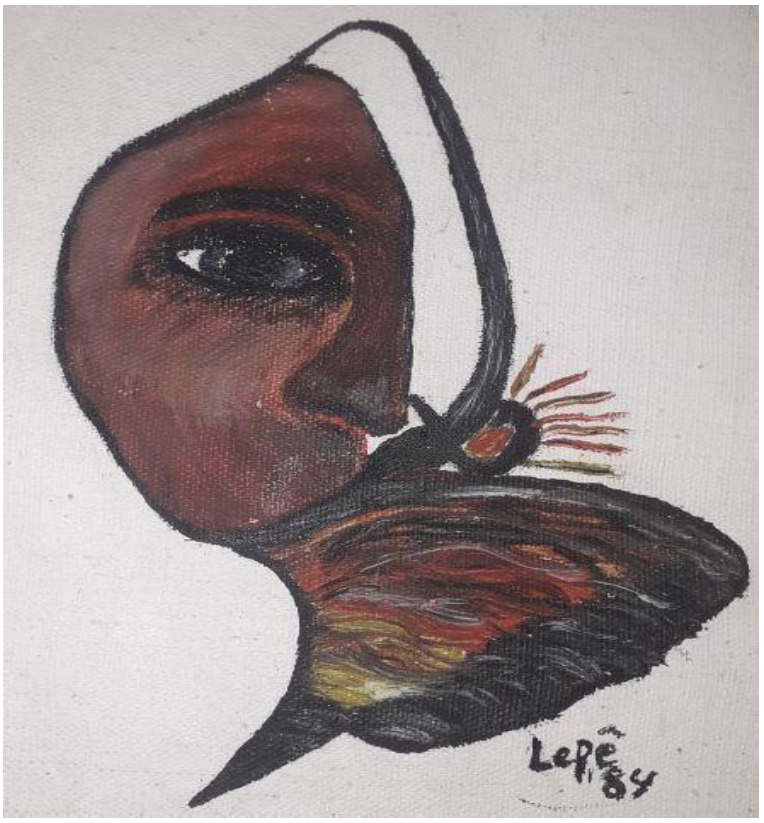


Fonte 23: Acervo do autor

Figura 24 - Eu-Palhaço

Fonte 24: Arquiivo do autor

Figura 25 - Olho-Espada



Fonte 25:Arquivo do autor

Este olho sempre à espreita, esta leveza é enganosa como a espada sempre disfarçada em língua ou o inverso para ser vários. “Zau” é o que carrega as compras no carro-de-mão, o que morre de medo de eletricidade mas sabe fazer gambiarra; um “pedreiro de mão cheia”, mas não gosta de frequentar casas alheias, pra não dar ousadia a perguntas sobre sua vida em tempo nenhum dos verbos, mas conhece pelo olhar, quando alguém sente dor. Que idade teria? - “Doze redondoze, vinte e quatro com quatorze”- respondeu o “Eu” Fonte. A resposta é um engodo, um teorema, é o que menos importa ao que correu pra não morrer, mas trasfigurou-se pra poder trazer a vida. E que nome teria em sua certidão de nascimento?

Figura 26 - Parto e Partida

Fonte 26: Acervo do autor

Quase sempre na vida, precisamos saber-nos vivos diante das nossas mortes. Eu ainda hoje não sei como compreendi a morte de uma filha. Eu racionalmente explico: veio abrigar a mãe, parabenizar a Luis Inácio pela vitória na sua primeira eleição presidencial, fazer com que eu não desistisse de me tornar acupunturista salvando-lhe a mãe numa pré-eclâmpsia, depois disse: "hasta luego". O parto, daquela que viveu apenas 14 dias, está sendo narrado na figura acima.

Exuperry, em seu *Pequeno Principe* diz que "somos responsáveis pela rosa que cativamos", coisa que virou jargão para todos os atos de bondade e afeto dos anos 1970, pelo menos no meu derredor. Isso, acompanhado de Herman Hess com seu *Sidart*a, nos sugerindo meditar na Natureza para acalmarmos o coração; e o libanês Khalil Gibran, com *O Profeta*, nos propondo o desapego em todos os sentidos, sem propor em momento algum o abandono, mas o direito à liberdade. A juventude rebelde da época decorava: "nossos filhos não são nossos filhos, mas filhos do mundo. etc", e haja levar tabefe pra "deixar de dizer besteira" (risos), diziam as mães.

"É principio da arte partir do particular, da relação íntima do artista com a matéria. Em alguns artistas, o caráter biográfico é tão evidente que passa de fato a ser a própia poética artística um modo de relação tão imbricada que não se faz possível separar história pessoal e arte" (DE OLIVEIRA, 2021. p.230). E como se poderia separar o sujeito do que ele pensa? No caso do trabalho (auto)biográfico, é o próprio individuo o objeto de sua reflexão.

Nessa perspectiva, "é possível dizer que a pesquisa (auto)biográfica inclui em seu

domínio a multiplicidade de áreas consideradas canônicas e as propostas emergentes que constituem territórios ainda inexplorados"(PASSEGGI, 2010, p.110), como por exemplo, o contoliterário brincando com o desenho, numa atualização da memória histórico-identitária. Quando Dona Lu em desespero grita pelo "Nego Zau", que vai com seu carro-de-mão, voltando de uma entraga de compras, resmungando uma canção, ele para e só escuta.

— Seu Zau, pelo amor de Deus, acuda... Chame um médico ... minha filha está se esvaindoem sangue e o menino está saindo...

— Calma! Calma dona Lu ... Só não tem jeito para a morte!

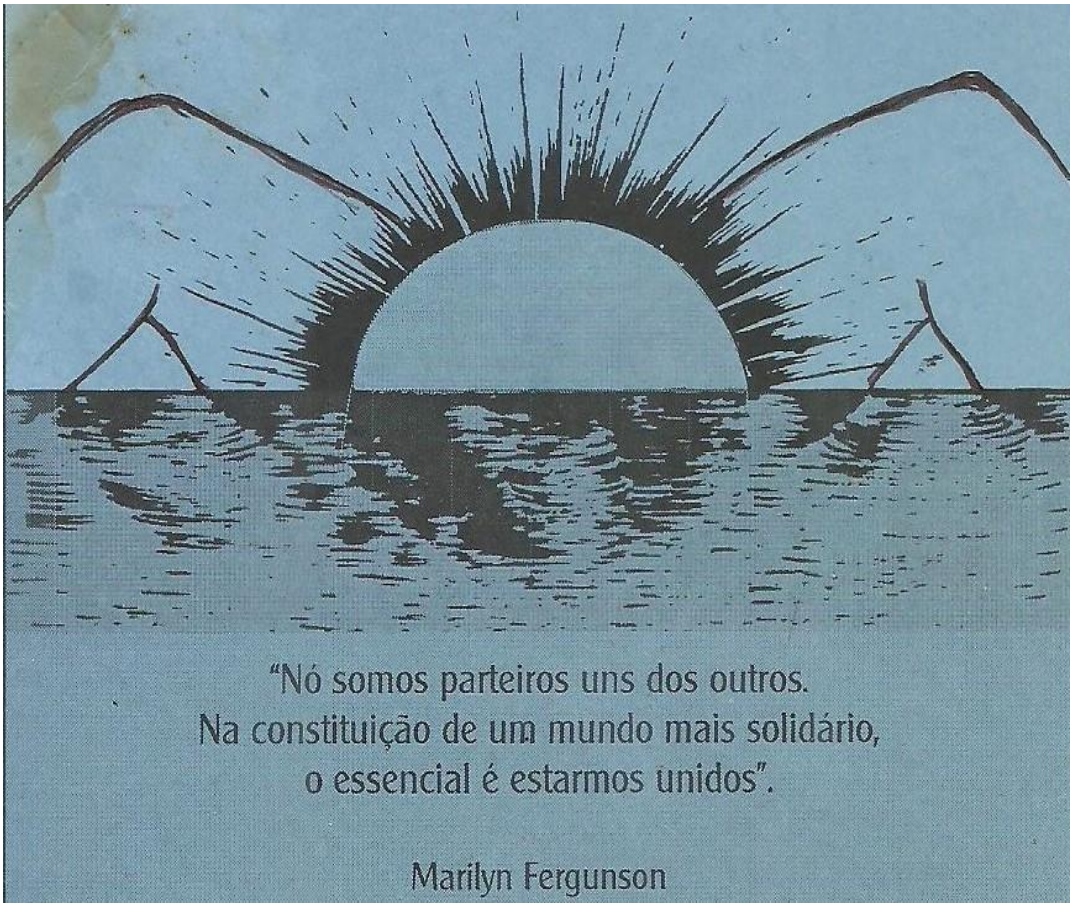
Nesse instante, a síntese comunitária se faz presente na confiança posta no outro e a resposta vem de imediato: nós resolveremos isso, leia-se. Ele deixa o carro de mão no canto da estrada, entra na venda de Dona Leta, pega um rolo de saco plástico e sai correndo. Vendo uma aglomeração no portão da casa, pula o muro e entra. " Foi à cozinha, e viu uma garrafa térmica. Balançou, destampou, cheirou e despejou o conteúdo quente numa bacia plástica que tirou da prateleira. Botou mais dois canecos de água do pote grande, ao lado do armário, e correu para o querto [...] (CORREIA, 2015, p.150), diga-se de passagem, sem largar o rolo de sacos pláticos. Mas que memórias foram essas evocadas e presentificadas no "Nego Zau"? A calmae a rapidez se juntam e a prática das negras velhas parteiras se associaram porque, ao entrar noquaro Zau pede uma tesoura, álcool e algodão, se por acaso tivesse. Mas isso isso não é das antigas, principalmente tirar a camisa suada e vestir as mãos com dois sacos plásticos. Será queDona Noca, a velhinha que fez o parto de Dona Benedita, na Travessa da Colina, agiu assim? Mas eu estou aqui: vivo, são e salvo. Prestaram atenção no desenho da cozinha?

Há um suspense e um silêncio de quem estava presente no quarto. Foi quebrado pelo barulho da sirena. Polícia ou ambulância? Há pericia nas mãos do homem sem camisa em fazer o parto. As enfermeiras que entram se estarrecem. Uma delas arregala os olhos e ... "– Doutor Isaac? Meu Deus ...!!! – Ele pediu silêncio e ela pergunta: - "O Senhor precisa de mim?" – Ele pede para que ela ponha as luvas e lhe traga mais algodão. Em seguida corta o cordão umbilical e lhe entrega a criança.

— Agora é com vocês ... - Diz o "Nego Zau" - Faça a assepsia e a coloque sobre a Mãe.

— Mas doutor ...por onde ...?!! – "Nego Zau" fica sério, põe o indicador sobre os lábios, levanta e sai de vagar. Como um monumento de ébano suado, seu dorso brilha, destafeita renascido.

Figura 27 - Nascimento



Fonte 27:Acervo do autor

"Atônitos, os presentes não sabiam para onde dirigiri o olhar ...O tempo estava mudo. - Bem-te-vi, bem-te-vi !

Um pássaro distraído pousara no parapeito da janela. O Nego Zau, com um leve sorriso irônico, tirou as luvas improvisadas, pegou sua camisa que estava entrouxada num continho e, leve comouma sombra ao se esconder o sol, saiu ... Osilêncio foi cortado mais uma vez. Agora, pelos gritos da recém-nascida (CORREIA, 2015, p.152). (Eu não sei porque todas as vezes que eu leio ou descrevo esta cena, eu choro. Não consigo conter minha emoção. Agora, por exemplo: 9/02/2023, às 17horas e 35 minutos desta quinta-feira)

O que me chama a atenção nesse jogo numérico acima descrito, em relação ao dia 9,é que este número somado ao mês (2), fevereiro, mais o ano (2023), tem como resultado o mesmo nove. Nas cartas do tarô, é o numero do *Eremita*, ou a *Lâmpada Velada*. "A figura de um sábio, ou filósofo carregando um lampião numa das mãos e um báculo na outra. Representaa alma peregrina, o homem que busca a verdade (SEPHARIAL, 1984, p.184). Pretenciosamenteposso dizer que este "Eu"Idêntico tem a função de expandir a reflexão, ao mesmo tempo em que se

ensimesma enquanto ermitão ou eremita; o que no mundo intelectual, através do ensimesmar-se, adquire a prudência, instrumento basilar da memória dos sábios. Compartilhara clareza para que todos possam ser.

"Perder a memória ou sofrer a interdição da memória é como levitar na amplidão abissal do não-ser. Quer queiramos ou não, poder reabrir o passado e inventar o porvir, pela mediação da palavra, constituem a inefável condição biográfica do humano"(PASSEGGI, 2012,p.29). O "Nego Zau" traz esta memória tatuada no ser, que é expressada na calma e na reflexão ao ser convocado a fazer o parto, ao sentir evocada sua memória profissional ainda viva, e na agilidade e organização do conhecimento ancestral. Esta coisa é conservada no oráculo por Orunmilá, o Senhor do Destino, onde esse nove (9), vai representar "pessoas de personalidade forte, com grande inteligência, lutadoras e que contam com a proteção de Orisanlá e Sàngó" (BENISTE, 2000, p.130). A calma do primeiro Orisá e sua habilidade em criar, unida ao fogo da justiça e o amor pelas crianças, do segundo Orisá redundaram em perfeição no trabalho do "Nego Zau".

A reflexão, acima, feita pela professora Passeggi (2012), dialoga com a critica anticolonialista do professor Fonseca Jr(1988), quando ela (professora) descreve o perigo que representa ao ser humano a interdição de sua memória sob o risco do esfacelamento civilizatório pela perda de referenciais como, linguagens e pensamentos que possam balizar suas história de vida. Enqunto ele (professor), afirma veementemente - como se estivessem os dois numa conversa - que essa crueldade esteve presente na postura eurocêntica na África:

"Sabemos que um dos princípios básicos de qualquer domínio estrangeiro (colonialista) é a destruição psicológica dos mitos, lendas, tradições e conceitos locaisdo povo a ser dominado, pois, dessa forma a submissão será pacífica e duradoura" (FONSECA Jr., 1988, p.20).

A isso eu chamo de reconhecimento conspiratório. Como vemos, os conspiradores, mesmo sem se conhecerem, tecem argumentos de maneira parceiras, que contribuem, por meio da reflexão, com a busca de soluções políticas para o bem das gerações posteriores. "Muitos são conhecidos em suas áreas de trabalho, e seus nomes podem ser familiares [...], que buscam o poder para difundílas, e cujas estratégias são pragmáticas [...]"(FERGUSON, 1980, p.23).
Interação e resultado: essência e dinamismo do elemento fogo, como Sàngó e Oya.

Figura 28 - Àpáàrá (Relâmpago) (Oya Mesan)

O aspecto do ar que Oya representa, é o vento e em particular, a tempestade e o relâmpago "(ar mais movimento = fogo); e está associada aos ancestrais masculinos que ela dirige e maneja. [...] O elemento fogo, [...] constitui seu aspecto dinâmico e essencial. [...] Oya é o aspecto feminino de Sàngó (Xangô) (SANTOS, 1986, p.95) O feminino e o masculino do vermelho individualizado é representado pelo casal que, em interação representam, o relâmpago no feminino e o trovão, no masculino. Essa interação gera um terceiro elemento: o raio, que representa o corpo de Sàngó, na pedra de fogo que desce dos céus. " Na realidade os edùn-àrá (pedra do raio), são machados de pedra desencavados, que se considera terem sido lançados por Sàngó (SANTOS, 1986, p.96) Osé-Sàngó: transmissor de àse vermelho, o que nos assegura viver e reproduzir. (fig. 29)

Estando a ler pode-se constatar que, de maneira espontânea, surge um diálogo em torno de uma temática convocada pela professora Passaggi (2012) que, em seu discurso contra a interdição da memória, provoca a entrada de Junior (1988), que tomando para si a exemplificação esboça uma crítica ao colonialismo, castrador das expressões dos povos africanos, fazendo morrer suas histórias e direitos ao pensar por si, remexendo os aprendizados da cultura, o que leva SANTOS (1986) a evocar as raízes mitológicas dos yorubá, para explicar interação, dentro de uma outra cosmovisão. Virou mesa redonda!

"Nego Zau", como bom anfitrião, deitou e rolou. Fez o maior carnaval. Mas carnavalde vida, de surpresas. Levou-me à reflexão sobre as diversas formas de ser que conduzo em mim enquanto homem negro praticante de ritos ancestrais, de comandar minha própria fala, àsvezes interditada pelo peso da recondução do dizer acadêmico. Com falar de Orisá sem as ligações e enredos com as outras partes da natureza, sendo várias e uma só?

Neste capítulo a narrativa encontrou paraceria com os desenhos que descobri como traços e traçados de mim e do meu "Eu" Idêntico, revelando-me, em algumas vezes, determinados sentimentos que há muito tinha esquecido. Fez-me duvidar se era eu o desenhista. Uma espécie de autobiografização, onde por muitas vezes fiz uma atualização de mim em relação ao que produzi. Me redesenhei por várias vezes e me senti profeta, quando a imagem casava com o texto, com as frases dos autores e autoras que estiveram aqui a dialogar. Mas como, se faz tantos anos que eu fiz esse desenho?

Mas tudo teve a base documental de Zau. O conto me reeducando para a organização da minha história, quando observava que as memórias do personagem estavam sempre disponíveis.

Figura 29 - Buscando Justiça (Repetição)

Fonte 29: Acervo do autor

O que será que ele cantava quando tinha que arrumar as idéias? A pedrada mudou o rumo.Desde a pedrada eu queria fazer a ligação com algo semelhante, mas não encontrava. Ao encontrar a idéia de que [...]" a história pessoal como matéria para a criação em arte é oportuna por levantar a identificação de que, em certa medida, toda arte é biográfica" (DE OLIVEIRA, 2021, p.230), fiz a ligação com um acidente que me aconteceu quando eu morava no Beco do Lixo: com uma pedrada, um "desordeiro" lascou minha cabeça. Tivemos um bateboca, ele era mais forte e eu corri. Lembro da pancada, da dor e do sangue escorrendo pelo meu pescoço.

Faço mais um link com Zau e com a palavra *jakutá*, que em Yorubá significa "briga com pedras" (JUNIOR, 1988, p.224), que foi o que mudou a vida do "Nego Zau", quando ao passar por um posto de gasolina, viu uma confusão, escutou o barulho de algo se chocando contra o pára-brisas de um automóvel e em seguida sentiu o impacto e a dor provocad por uma pedrada em suas costas. ***Jakutá,*** também é um dos nomes do Orisá Sàngó, o símbplo da antimorte, assegitrando sempre a vida e a reprodução.

Sem contar que Zau lembra *Nzazi*, o Nkise (divindade semelhante a Orisá) kongo-Angola, responsável pelo fogo, justiça e a alegria de viver. O "Nego Zau" é um preservador da vida. Em fim, este capítulo é todo esse desenho, com a releitura de mim, a reeducação desse meu "Eu Identico pelos caminhos e encontros que levarão a outros "eus", pelo menos a alegria de que é possível redesenhar-se.

Figura 30 - "Nego Zau"

Fonte 30:Acervo do autor

10 CHEGANDO AO PONTO DE PARTIDA

> Pronto! Tudo está em ordem!O Lanceiro, o guardião
> As flores brancas nos vasosAs folhas verdes no chão
> O arroz branco, o efunA louça branca no alá
> Sob os mandos de OlórunEstá chegando Obàtálá !"
> (CORREIA, 2023)

A epígrafe foi fruto de uma reflexão feita, junto com meu orientador, acerca do começo da escrita da tese, quando abrimos a mesma evocando o Orisá Esu. Chegamos à conclusão de que deveríamos fechá-la com uma saudação a Obàtálá, o grande Orisanlá, que a mandado de Olodumáàre, criou os seres humanos. Na hora em que eu escrevia, ela foi criada.

Um dos propósitos iniciais desta pesquisa foi a construção e a interpretação do discurso do meu "Eu" Idêntico frente ao grande desafio de narrar a mim mesmo, exibindo as façanhas apreendidas e executadas entre 1952 até 2023. Fico agradecido à professora Patricia Weis e ao professor Eduardo de Assis Duarte pelo despertar da inspiração para o título desta tese, uma vez que a observação sobre meu "Eu" Idêntico, na critica literária sobre meus escritosa citada professora teve a sensibilidade de perceber a manifestação deste "Eu" em ação, sempre brindando aos letores a quem as obras se destinavam, com um toque de reunir, com um desejo de juntar para fortalecer e sempre com algo que elevasse a auto-imagem e a auto-estima para que a saúde mental prevalecesse

Para mim, é uma odisseia, ter a coragem de montar no lombo dessa alegoria chamada vida e ousar dentro do tempo que ainda restar ir ao palco de construção continuada desse "Eu" Idêntico com tamanha pretensão: depois de vir ao planeta na Travessa da Colina, no Fundão – Recife, começar a ler aos cinco anos e miniaturizar-se, já naquela época, professor – como assumindo uma sina . Digo miniaturizar-se, uma vez que, para não ver os meus iguais sob o jugo da régua da professora – no caso, minha mãe – me atrevia a ensiná-los o famoso "bê a bá" da *Carta de ABC*, preparando-os para as famosas arguições feitas durante as aulas. Quando não dava tempo, eu visualizava a letra que estava sendo a pontada e ia para bixo da mesa "soprar", como dizia minha mãe, mesmo correndo risco de ser alcançado pela longilínea régua de madeira.

E nesta função permaneci e depois de peregrinar por becos, alagados, escolas e faculdades até atrever-me, aos 70 anos, a trazer para análise e julgamento, várias páginas condensando uma narrativa de mim, sobre eu mesmo, depois de apaixonar-me pela pesquisa (auto)biográfica. Digo da paixão, não porque "Narciso acha feio o que não é espelho" (VELOSO, 1978), mas pela possibilidade que vi de ter mais um instrumento para trabalhar na e com a Educação e a Psicologia, por ter dimensões metodológicas e epistemológicas capazes de contribuir para o crescimento humano, começando por nós mesmos.

E mais, "engoli a corda" do orientador, mandei a pesquisa inicial aguardar, dei o braço ao "Nego Zau" e me propus a contribuir com as pesquisas (auto)biográficas e Educação no Brasil. Tudo isso não passava de uma descomensurada afoiteza até que as conversas constantes com meu orientador, o professor Edilson Souza, passei a não só tentar me apropriar dos conhecimentos de seus textos, mas fui aconselhado a dialogar com a professora Conceição Passeggi e professora Helena Abrahão (2012) em suas *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica – Tomo II*, onde pude perceber as funções políticas, psicológicas e filosóficas das narrativas.

A neutralidade das narrativas, se algúem considerar que as mesmas têm, já são posições tomadas pelos narradores por questões de censuras ou outros jogos do meio social. Elas podem funcionar como catarses e ao mesmo tempo cumprir funções de espelho e educar; despertam questionamentos em quem as exercitam e nos que as lêem, indo buscar outros questionamentos e outras respostas. Portanto, estão muito além de uma simples contação de histórias, pois são , quase sempre, em se tratando de autobiografia, mães de novas e continuas descobertas, como está sendo para mim, nesse encontro com meu "Eu" Idêntico.

A Pesquisa (Auto)Biográfica me trouxe descobertas de peso, com valores simbólicose interpretativos incomensuráveis dentro de minha trajetória de vida. Além da escrita, o que pude obter como sujeito e objeto desta pesquisa, posso dizer que minha pergunta inicial está sendo respondida: nesse tempo de 70 anos, o Método (Auto)biográfico me conduziu nesse palcode construção e reconstrução desse meu "Eu" Idêntico a cada dia a "*exibir as façanhas apreendidas e executadas entre 1952 e 2023.*

Posso também dizer que esta tese é um "Eu" Idêntico concretizado, como contributoà Universidade Federal de Pernambuco, que concede a si mesma - ao me aceitar no Programa de Pós-Graduação em Educação, Núcleo Identidades e Memórias - a possibilidade de receber meu "Eu" Idêntico em seus arquivos de construção, como resultado das estratégias do "Constucto do "Eu" Fonte", provando como o fez , no último dia 16 de fevereiro de 2023, a ´Mestra em Educação Rizo Trindade, que a educação é "capaz de Salvar e transformar vidas, tudo isso

fundamentada no Método de Pesquisa “(Auto)Biográfico.

Tendo como pano de fundo sempre a educação, as artes, a literatura, a política, sempre me fascinaram, ladeadas pelas ciências humanas e os ritos ancestrais dos povos de origem africana fonte de sabedorias que sempre me acompanharam. Mas as fontes iconográficas e as minhas memórias gravadas foram decisivas nesta tarefa educativa de minha surpreendente reinvenção. As conversas com meu orientador, sempre interrompidas pelo canto estridente de Malvadeza, meu galo que matou até um gato, e os latidos de Cachouo Pêto, pra mostrar serviço, nos relaxava em momentos de tensão em que discutíamos sobre a feitoria de um capitulo ou correção de determinados termos.

Dessas conversas, sobre livros que me citaram gerando o capitulo 8; as discussões sobre tradição afro e política, o capítulo 5; veio a mostra de um desenho. Os olhos fotográficosdo orientador captam a partir de um artigo de Gabriela de Oliveira (2021), da Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG, que discute a arte fotográfica acoplada ao método (auto)biográfico, a possiblidade de montarmos o capítulo 9, que intutulei: “a arte do desenharse”, visto que, os estudos de Delory-Momberger, citados por Gabriela, englobam as artes como literatura, pintura, desenhos e fotografia como espaços da imagem onde se constituem formas particulares de narração, sendo estas extensões dos indivíduos, pontes no processo de biografizaçõ de si.

O artigo da professora Gabriela de Oliveira, *Poéticas da Memória [...],* analisando comdetalhes de riqueza o trabalho de Delory-Mommberger e a fotografia, onde ela traz o termo “auto-história”, me virou de cabeça para baixo no tocante ao levantamento de minha história pessoal. O que consegui para esta tese, em matéria de valorização do material que possuo, semidéia de que as minhas poesias, desenhos e contos como o “Nego Zau”, onde vejo trechos dashistórias de mim mesmo e minhas perambulações pelos “que fazeres” de meu viver, “não está nogibi”. Muito juntei de mim enquanto dançarino, acupunturista, macumbeiro, músico, ator e estudante de filosofia.

Fora meus aprendizados com as mais velhas sobre ervas que curam e agora, meus desenhos, que foram postos na confecção desta tese. Então, esta tese dá ao meu “Eu” Idêntico mais um sem número de estratégias para dialogar com os outros “eus” idênticos. São vários que vão me encontrando querendo ser “eu” no caminho que vão, a exemplo do próprio orientador, me tendo como referência - quando eu era “tão grande”- e como ainda vivendo, carrego a

esperança de que outros eus idênticos vão aparecer, e na medida em que lerem a própria escrita, do *Eu"Idêntico* , possam compreendê-la como um ciclo.

Muitas das coisas que vivemos são impactadas pelas memórias dos que se foram. Chego ao ponto de partida, não como um fotógrafo, mas como desenhista, criando um auto-retrato para começo e fim de uma tese e um novo começo. E é nessa perspectiva com o desenho que eu selo o meu destino. Esta também é a resposta do "Nego Zau".

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto **Invençõesde Vidas, Compreensão de Itinerários e Alternativas de Formação.** In – PASSEGGI, Maria da Conceição (Org), São Paulo: CulturaAcadêmica, 2010.

AGOSTINHO, Santo, **Confissões**. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1987.

APHIA, Kwame Anthony, **In My Father's House: Africa in the Philosofy of Culture**, New York: Oxford University Press, 1992.

ARÓSTEGUI, Julio. **A Pesquisa Histórica: Teoria e Método.** Tradução. Andréa Dora, Bauru, SP:Edusc, 2006

AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombro: Nação, Identidade e Pós-Colonialismo na Literaturada Guiné-Bissau.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

AUGRAS, Monique**. O SER DA COMPREENSÃO: Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico**. Petrópolis; RJ: Vozes, 1986.

AYOH'OMIDIRE, Felix, **Akogbadun: abc da língua, cultura e civilização yorubanas**. Salvador:EDUFDA\CEAO, 2004.

BHABHA, Homi K**. O Local da Cultura**, Belo Horizonte: Ed, UFMG, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Tradução. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BALANDIER, Georges. "**Situação Colonial: uma abordagem teórica**. In SANCHES, ManuelaRibeiro (Org) Malhas que os Impérios Tecem, Portugal:Ed. 70, 2011

BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Atrás do Muro da Noite: Dinâmica das Culturas AfroBrasileiras**. Brasília: MINC. /Fundação Cultural Palmares, 1994.

BARRETO, João. **Questões de Literatura e Estética (A Teoria do Romance**). São Paulo:Hucitec, 1993 (A)

BEJA, Olinda. **15 dias de regresso**. 3 ed. Coimbra: Pé de Página Editores,2007.

BENISTE, José. **Jogo de Búzios: o encontro com o desconhecido**. Rio de janeiro: Bertrand Brasil,2020.

BEYALA, Calixthe. **Femme nue, femme noire**. Paris, Éditions Albin Michel,2007.

BLOCK, David, **Interrogando Entrevistas de Histórias de Vida: Narrativas, Entrevistas, Identidade e Teoria do Posicionamento**. In – FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.) Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade Classe em Estudos da Linguagem. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

BOMFIM, Patricia Weis**. Lepê Correia**, in- DUARTE, Eduardo de Assis (org), Literaatura

eAfrodescendência no Brasil: Antologia Crítica. v.3, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Editora da USP, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço para uma Auto-Análise**. Lisboa: Edições 70 LTDA, 2005.

BRAND, Dionne. **A Map to the Door of No Return: Notes to Belonging**, Canada: Vintage Canada Edition, 2002.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Literatura e Psicanálise.** Porto Alegre: UFGRS, 1996.BRAZ, Júlio Emílio, MOÇAMBIQUE, São Paulo: Moderna, 2011.

BRUNEL, P.; PICHOIS, CI.; ROUSSEAU. **Que é literatura comparada?** São Paulo, Cadernos Cândido Mendes\ Estudos Afro-Asiáticos 2. RJ: 1978

CHABAL, Patrick. **Vozes Moçambicanas.** Lisboa: Veja, 1994.

CHABAL, Patrick. **The Post-Colonial Literature of Lusophone Africa**. London: Hasth and Company, 1996.

CARVALHO, Marcus, J, M. de. **Liberdade: Rotinas e Rupturas, Escravismo no Recife-1822-1850**, Recife: Ed Universitaria UFPE, 1998.

CASSIMIRO, Izabel Maria. **Paz na Terra, Guerra em Casa.** Recife: Ed. UFPE, 2014.

CAVACAS, Fernanda; GOMES, Aldónio. **Dicionário de Literaturas Africanas de LínguaPortuguesa**. Lisboa: Caminho, 1997

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. Lisboa: Caminho, 1999.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da Perdiz**. Lisboa, editorial Caminho,2008.

CHÓ DO GURI. **Filha do Alemão**. Luanda: Instituto Marquês de Valle Flor, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **Os Cinco Paradoxos da Modernidade**, BH: UFMG,1996

CONDÉ, Maryse. **The last of african, s king**. Paris, CPI, 2006.

CONDÉ, Maryse. **A Mulher cannibal**. Paris, CPI, 2008.

CORREIA, Lepê. **Vento Forte – Poesia**. In- Cadernos Negros: Os Melhores Poemas, S. Paulo:Quilombhoje, 1998**.**

CORREIA, Lepê. **Canoeiros E Curandeiros: Resitência negro-urbana em Pernambuco: Seculo XIX**, Recife: FUNCULTURA, 2006.

CORREIA, Lepê. **Caxinguelê**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2006.

CORREIA, Lepê. **O Apurado**. In. Cadernos Negros, 36:Contos afro-Brsileiros, São Paulo: Quilombhoje, 2013.

CORREIA, Lepê. **Nego Zau.** In- Cadernos Negros 38, Contos Afro-Brasileiros, São Paulo:

Quilombhoje, 2015.

CORREIA, Lepê. **Trilhando.** In- Cadernos Negros 39: Poemas afro-Brasileiros, São Paulo:Quilombhoje, 2016.

CORREIA, Lepê. **Rastro Ancestral**. In – Cadernos Negros 41, Poemas Afro-Brasileiros, SãoPaulo: Quilombhoje, 2018.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Kafka. **Pour une Littérature Mineure.** Paris: Les Éditories de Minuit, 1975.

DELORY-MOMBERGER, Christine**. Biografia e Educação: Figuras do individuo-projeto**. Natal,RN: EDUFRN, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica.** Vol. 3,Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

DUARTE, Zuleide. **Outras Áfricas: elementos para uma literatura da África.** Ed. 34, 2007.

ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. Lisboa: Edições 70, 1969.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

EMECHETA, Buchi. **A Menina Escrava. Lisboa**. Editorial Caminho, 2000.

FANON, Frantz, **Pele Negra Máscaras Brancas.** Trad. Renato da Silveira, Salvador: EDUFBA,2008.

FERGUSON, Marilyn. **A Conspiração Aquariana: Transformações Pessoais e sociais nos anos80**, Rio de Janeiro, Record, 1980.

FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org**). Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, SP: Pontes Editores,2015.

FERREIRA, João. **Uaná: Narrativa African.** São Paulo: Global; /Brasília/: INL, FundaçãoNacional Pró-Memória, 1986.

FERREIRA, **Manuel. Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FORSYTH, Frederick**. A História de Biafra,** RJ: Record, 1977.

FOURSHEY, Catherine Cymone. **África Bantu: de 3500 a.C. até o presente**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2019.

FROBENIUS, Leo & FOX, Douglas C. **A Gênese Africana: Contos, Mitos e Lendas da África.** São Paulo: Landy Editora, 2005.

GATES, Henry Louis, Jr. **Black Literature and Literary Theory.** New York: Routledge,

1990.

GATES, Henry Louis, Jr. **The Signifying Monkey: A Theory of African-American Literary Criticism.** New York Oxford: Oxford University Press, 1988.

GELEDÉS, Portal. **Carta de Mãe Beata de Yemonja a Marina Silva**. Disponível em: https://www.geledes.org.br/carta-de-mae-beata-de-yemonja-marina-silva/. Acesso em: 11 out. 2021.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** SP: UNESP, 1991.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negr.** RJ: São Paulo Ed. 34, 2012.

GODINHO, Eliane Bettocchi**. Linguagem da Mídia Visual** / Intersemiose (Art. 2237) Disponível em: < www.users.rdc.puc-rio.br/imago/site/semiotica> Acessado em: 06 de fev.de 2010

GOMES, Nilma Lino. (Org**.). Um Olhar Além das Fronteiras: educação e relações raciais.** BeloHorizonte: Autêntica, 2010

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GRIAULE, Marcel. **Dios de agua**. Barcelona: Editorial Alta Fulla, 1987.

HALL, Stuart**. Identidade e Cultura na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **A Tradição Viva.** In- História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: Cortez; Brasilia: UNESCO, 2011.

HENRY, Paget. **Caliban's Reason: Introducing Afro-Caribean Philosophy.** New York: Routledge – London, 2000

JUNIOR, Eduardo Fonseca, **Dicionário Yorubá (Nagô) – Português**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1988.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução. Lúcia Helena França. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAHNI, Cláudia Regina (Org). [et. al.].**Culturas e Diásporas Africana.** Juiz de Fora: UFJF, 2009.

LAGO, Maria Coelho de Souza. **Identidade: A Fragmentação do Conceito.** In. Falas de Gênero. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & Escritas na Literaturas Africanas**. Lisboa: Edições Colibri,1998.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A Questão Ancestral: África Negra.** São Paulo: Lendas da África, São Paulo: Landy Editora, 2005.

LIMA, Tânia. **Berimbau de Lata**. Natal – RN: Sebo Vermelho, 2015.

LIMEIRA, José Carlos. **Tanclau**. In- Cadernos Negros: Os Melhores Contos. São Paulo: Quilombhoje,1998.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

LOPES, Nei. **Histórias do Tio Jimbo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MACHEL, Samora Moisés. **Estabelecer o Poder Popular para Servir às Massas.** RJ: Codecri,1979.

MAGALHÃES, Antonio Carlos, PORTELLA Rodrigo. **Expressões do Sagrado: Reflexões Sobreo Fenômeno Religioso**. Aparecida, SP: Ed. Santuário, 2008.

MARIANO, Gabriel. **Cultura Caboverdiana – Ensaios**. Lisboa: Veja, 1951.

MARINHO, Roberval, MARTINS, Cléo. **Iroko.** Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro (org..) **África: Investigação Multidisciplinares.** Lisboa: Num, 1999

MATA, Inocencia et al. **A mulher escritora em África**. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado precedido de Retrato do Colonizador**. R. Michel,2007.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A Arte de Curar nos Tempos da Colônia: Limites e Espaçosda Cura.** Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2004.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **ENSINO: As Abordagens do Processo**. São Paulo: EPU,1986.

MOMPLE, Lilia. **Neighbous**. Maputo: AEMO, 2006.

MONLOUBOU, Louis e Du Buit, F. M. **Dicionário Bíblico Universal.** (vários autores). Petrópolis-RJ: Vozes – APARECIDA – São Paulo: Ed. Santuário,1997

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1994.

MORA, Manuel Antônio Velândia. **De la Autobiografia a la Autoetnoggrafia como Herramienta para el Estudio de Si Mismo**. Tese escrita para obtener el Diploma de Estudios Avanzados DEA En el Doctorado en Psicopedagogía en la Universidad del País Vasco, España, 2010. **Disponible em:** http://es.scribd.com/doc/59013270/De- Homosexual-a-Marica-Sujeto-de-Derechos-Arqueologia-al-interior-de-mi-mismo.

MWEWA, Muleka (Org). **África e suas Diásporas: olhares interdisciplinares**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008.

NAPOLEÃO, Eduardo. **Vocabulário Yorubá: para entender a linguagem dos Orixás**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

NETO, Miguel Sanches (Org). **Professores em Primeira Pessoa: perfis autobiográficos**. Curitiba:Arte&Letra, 2013.

NÓVOA, Antônio (org). **VIDAS DE PROFESSORES**. Porto Editora, Portugal: 1992.

OLIVEIRA, Gabriela Clemente de. **Poéticas da Memória Christine Delory-Momberger e Fotografia.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v.06, n.17, pp.224-234, jan. /abr.2021

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. **Introdução à Sociologia**. SãoPaulo: Ática, 2002ORLANDI, Em. P, Interpretação, Campinas: Pontes, 2004.

PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto (Orgs). **Dimensões Epistemológicas e Metodológicas da Pesquisa (Auto)biográfica: Tomo II**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS5; Salvador: EDUNER, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição & SILVA, Vivian Batista da, (Orgs). **Invenções de Vidas, Compreensão de Itinerários e Alternativas de Formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010

PAZ, Octávio. **Signos em Rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PEIXE, Renan, Palestra realizada no dia 21 de novembro de 2023, no Instituto Federal de Educação – Recife: IFPE.

PEREIRA, José Maria Nunes. **Colonialismo, Racismo, Descolonização.** In- Cadernos Cândido Mendes\ Estudos Afro-Asiáticos 2.RJ: 1978.

PERRONEMOISÉS, Leyla. **Flores da escrivaninha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. PIRES, Laranjeira. Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa. Porto: Apontamentos, 1995:

PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. RJ: Editora José Aguilar Ltda., 1960.

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PORTUGAL, Francisco Salinas. **De Próspera Caliban – Literaturas Africanas**. Recife: FUNDAJ- Ed. Massangana, 2012.

QUEIROGA, Luiz. **Olê Laurindo** música gravada em disco, gravadora Mocambo, 1959.(p.58)

REIS, Sandra Loureiro de Freitas. **A Linguagem Oculta na Arte Impressionista**: Tradução Intersemiótica e percepção criadora na literatura, música e pintura, Tese (Doutorado)- UFMG, 1999. Disponível em: < www.letras.ufmg.br>. Acessado em: 06 de fev. de 2010.

RISÉRIO, Antônio. **A Utopia Brasileira e os Movimentos Negros.** São Paulo: Routledge, 1990.

ROQUE, Araguaia Solange de Souza. **Minha Consciência Daria um Romance: O Personagemsujeito do (ao) inconsciente na interface Literatura e Psicanálise.** SP: UNESP, 2010.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Tradução. Denise Bottma. São Paulo: Cia. Sala de Aula,SP: Cortez, 2007.

SALÚSTIO, Dina. **A louca do serrano**. Praia, Spleen,2007.Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS, Gislene Aparecida dos Santos. **A Invenção do "Ser Negro.** São São Leopoldo: NovaHarmonia, 2008.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte**. Petrópolis: Vozes,1976. SARAIVA, José F. Sombra. Formação da África Contemporânea, SP: Atual, 1987.

SAYAD, Abdemalek. **Le pays où l'on n'arrive jamais.** In Corrier de l'unesco,Paris, Octobre, 1996, pp. 10-12.

SCHIMIDT, Rita S (org). **Mulheres e Literatura: transformando identidades**. Porto Alegre: Palloti, 1977.

SEPHARIAL, Arcanos. **Manual de Ocultismo**. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1984.

SERRANO, Carlos & WALDMAN Maurício. **Memória da África: A temática africana Em salade aula.** São Paulo: Cortez, 2007.

SIBILIA, Paula, **O Show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILA, Abdulai. **A última Tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes,1988.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **À Luz do Candeeiro e o Constructo do "Eu"Fonte: Educação pela Arte, Ciência e Política**. Tese de Doutorado apresentada ao Centro de Ciências daSaúde para promoção ao cargo de Professor Titular da UFPE, aprovada em 15/07/2020, Recife –PE, 2020a.

SOUZA, Edilson Fernandes. **Tese Autobiográfica: Os Procedimentos Para O Constructo Do "eu" Fonte**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica. 2020b.Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7815

SOUZA, Elizeu Clementino de**. O Conhecimento de Si: estágios e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

TRINDADE, Solano. **Um poeta do povo**. São Paulo: Contos e prantos ed. 1999.

VELOSO, Caetano, **SAMPA**. Música composta em 1978, por ocasião do; aniversário da cidadede São Paulo.

VIRILIO, Paul. Revista Idéias Contemporâneas- Entrevistas do Le Monde, Paris: 1984.

ZIZEK, Slavoj. **Multiculturalismo, ou a lógica cultural do capitalismo.** In– Politica e Psicanálise na era do Multiculturalismo, DUNKER, Christian, S. Paulo: Hacker Ed, 2005.

APÊNDICE

Lepê Correia

NEGO ZAU

Um fotógrafo esperto pode selar um destino. E ele fora perfeito ao captar com suas lentes aquele rosto assustado, olhando para trás. Foi o que todos viram na página do Diário da Manhã... A prova estava ali a correr, e os agentes não perdoariam. O carro do capitão Josias, sóbrio e desarmado, teve o vidro quebrado e, por pouco, o capitão não ficou cego. Marginal desse tipo teria que apodrecer na cadeia, se por lá mesmo não levasse fim.

* * *

Naquele dia, como em tantos outros dias, ele estava indo trabalhar e viu a confusão no posto de gasolina. Estava a duas quadras depois de sua casa. Olhou de soslaio o bate-boca. Dois carros estavam parados

em frente à loja de conveniência, e outro manobrava para estacionar. Do automóvel que acabara de chegar, algumas pessoas desceram rápido, gesticulando na direção de um carro preto que estava próximo à bomba, sendo abastecido. Ele apressou os passos para se afastar do local, pois vários curiosos já se acercavam e se intrometiam na confusão. Estava quase na hora de começar a sua jornada. Gostava do que fazia. Fora sua escolha. Sete anos não são sete dias. Era melhor sair daquela área. Pensou: como as pessoas se desentendem por tão pouco... E continuou... Lembrou-se de que nas segundas-feiras a fila dos que o esperavam não era pequena. De repente, ouviu um barulho como se algo estivesse se estilhaçando. Olhou para trás e viu um carro azul se afastando. Várias pessoas que estavam na loja correram para vários lados. Achou melhor não ficar observando. Seguiu em frente e não percebeu a posterior configuração do acontecimento. Assustou-se ao ouvir um trotar, como se fossem cavalos a correr. Como não tinha nada com isso...

Tummmm... — Sentiu uma dor intensa. Algo duro e pesado se chocara contra seu corpo... uma pedrada nas costas. Voltou-se e viu para onde várias pessoas estavam agora a apontar. Lembrou-se imediatamente de sua avó: nego jurado é nego apanhado. Desembestou a correr. Fez valer o tempo em que na escola foi

apelidado Joaquim Cruz, o prata das Olimpíadas de Seul. Botou o peito pra cima, entrou na primeira rua estreita que encontrou, subiu num monte de cascalhos, pegou a ladeira para despistar seus perseguidores e, em seus ouvidos, só Gilberto Gil dava as ordens: entra em beco, sai em beco... Mas, como não havia uma santa com seu nome, entrou em casa como um furacão...

— O que é isso, menino? — perguntou a irmã assustada, ao vê-lo deixar a maletinha marrom sobre a cama, pegar uma camisa na gaveta, uma calça que estava no cabide, beijá-la e desaparecer...

* * *

Nego Zau passava a maior parte do tempo olhando para o tempo. Bêbado, naquele colchonete desforrado, no chão frio. Radinho de pilha sempre colado ao ouvido. Fumava um cigarro em três vezes e resmungava uma canção um tanto ininteligível, sempre que olhava o céu com seu ar de saudade. Vivia a vários quilômetros de onde nascera, mas era limpo e cheio de educações. Lavava sempre as mãos, falava pouco e apreciava as crianças a brincar. Lavava suas próprias roupas, de cócoras em frente ao quartinho em que morava, por trás da casa de Dona Leta, a dona da venda mais sortida do bairro. Gostava de ler toda folha de revista que via no lixo ou cadernos inteiros de

jornais velhos; sentava na calçada, cruzava as pernas e se deleitava. Fazia gestos franzindo a testa, elevando as sobrancelhas, sorrindo ou ficando muito sério diante do que lia. Depois, dobrava com calma folha por folha, recortava com as mãos o que lhe interessava, juntando de forma organizada. Daí, colocava num saco plástico, que punha no bolso traseiro da calça surrada, e o que sobrava ia sempre para a lixeira mais próxima.

— Notícia velha é sempre a que já li. Se não li, tudo é novidade! — dizia ele, quando lhe perguntavam por que lia jornais velhos. Tinha dentes brancos e perfeitos, que escovava pela manhã, no pequeno quintal, e à noite, antes de dormir. Fechava o lado de baixo da porta, apoiava os cotovelos, e só se ouvia o barulho dos bochechos, com a boca a espumar.

— Oh, seu Zau! O senhor tem por aí, por acaso, um pedaço de nylon pra eu emendar o arame de estender roupa? — pergunta a vizinha.

— Não, senhora. Mas tenho um pedaço de fio, que foi de um telefone antigo. Foi de Dona Leta, e eu guardei para um caso de precisão. Não foi bom?

Era sempre assim. Prestativo, gente boa, e pronto a dar um jeito em tudo. A idade ninguém sabia. Apesar de não ter trabalho fixo, não pedia nada a ninguém, nem frequentava casas alheias. Talvez, pra ninguém querer se dar à ousadia de lhe fazer perguntas ou entrar em seu quartinho, que tinha a frente sempre bem

varrida. Fazia contas de cabeça, melhor do que as calculadoras. Conhecia dinheiro e sabia, pelo olhar das pessoas, quando alguém estava a sentir alguma dor, e logo indicava o que se poderia tomar. Era pedreiro de mão cheia e sabia até fazer gambiarra, embora confessasse morrer de medo de eletricidade.

* * *

Era de manhã, e Nego Zau tinha ido levar umas compras na casa de Dona Adelaide, freguesa antiga de Dona Leta — para quem fazia algumas entregas em domicílios. Nem ele nem seu carro de mão enjeitavam serviço. A dignidade dos dois estava em primeiro lugar: honestidade e utilidade.

— Ah, herança bendita — sempre dizia, a suspirar, nas vezes em que, sozinho, conversava descontraído. Era cedo e ele ia resmungando sua velha canção quando...

— Seu Zau! Seu Zau!

Imaginou mil coisas, mas respirou fundo e ficou estático.

— ...? ...!

— Seu Zau, pelo amor de Deus, acuda... chame um médico... minha filha está se esvaindo em sangue e o menino está saindo... meu celular não tem crédito... ai, meu Deus, meu Deus...

— Calma! Calma, dona Lu... Só não tem jeito para a morte!

— Calma o que, seu Zau? O sangueiro tá no meio do mundo e o senhor...

Zau correu deixando o carro de mão no canto da estrada. Apressadamente entrou arfando na venda. Dona Leta teve um grande susto, quando o viu pegar o rolo de sacos plásticos e sair correndo rua afora. Ele olhou a aglomeração no portão de Dona Lu e, impacientemente, pulou o muro e entrou casa adentro. Foi à cozinha e viu uma garrafa térmica. Balançou, destampou, cheirou e despejou o conteúdo quente numa bacia plástica que tirou da prateleira. Botou mais dois canecos de água do pote grande, ao lado do armário, e correu para o quarto com a bacia nas mãos e o rolo de sacos plásticos embaixo do braço.

— Com licença — afastando as curiosas—, preciso de álcool, algodão se tiver, e uma tesoura — pediu a alguém que parecia ser da família, ao lado da parturiente. Todos ficaram olhando assustados quando Zau tirou a camisa suada, ajoelhou-se, vestiu as mãos com dois sacos plásticos tirados do rolo, dobrou dois lençóis, colocou embaixo de Zezinha, pediu que ela tivesse calma, respirasse fundo e fizesse força como se estivesse a fazer cocô.

— Pode confiar, querida. Vai dar tudo bem!

Olhou Dona Lu chegando e pediu que pressio-

nasse a barriga da filha com movimentos em direção às pernas — que a essa altura foram postas abertas, com os joelhos apontados para o alto e pés firmes sobre a cama — e começou a conduzir o parto, diante dos olhos estupefatos das presentes. Um barulho de sirene lá fora. Polícia ou ambulância? Duas mulheres de branco e um homem de azul com colete amarelo-cintilante entraram rapidamente no recinto. Ao se depararem com aquela perícia (do homem sem camisa) em segurar a criança já quase toda em suas mãos, ficaram estarrecidos. Seu Tota, que no meio da confusão tinha corrido para o orelhão e tinha pedido urgência à telefonista do SAMU; também estava atordoado com a cena. Uma das enfermeiras aproximou-se mais e ficou boquiaberta. Arregalou bem os olhos e não acreditou...

— Doutor Izaac? Meu Deus...!!!

— Silêncio! — disse Nego Zau com calma. Sorriu, recebeu um olhar de cumplicidade e continuou...

— Não assustem esta maravilha!

— O senhor precisa de mim?

— Por favor, enfermeira, ponha as luvas e traga mais algodão! — disse com dureza. Puxou cuidadosamente o cordão umbilical e entregou-lhe a criança.

— Agora é com vocês. Faça a assepsia e a coloque sobre a mãe.

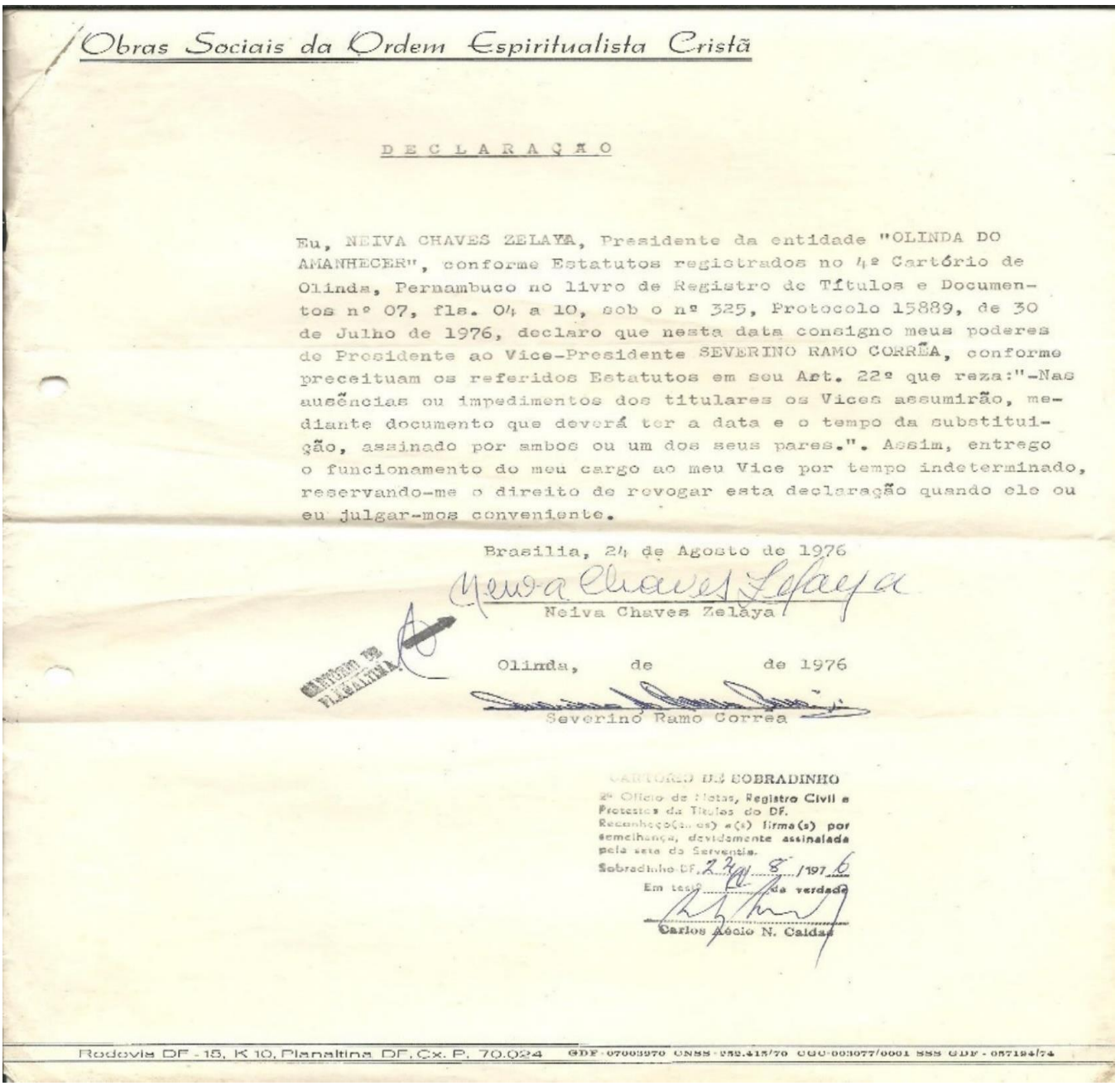
— Mas, doutor... por onde...?!!

Nego Zau a olhou sério... Levou o indicador aos lábios, e como se não mais a escutasse, levantou e foi saindo... Atônitos, os presentes não sabiam para onde dirigir o olhar... o tempo estava mudo.

— Bem-te-vi, bem-te-vi...

Um pássaro distraído pousara no parapeito da janela. O Nego Zau, com um leve sorriso irônico, tirou as luvas improvisadas, pegou sua camisa que estava entrouxada num cantinho e, leve como uma sombra ao se esconder o sol, saiu... O silêncio foi cortado mais uma vez. Agora, pelos gritos da recém-nascida...

ANEXO A - OBRAS SOCIAIS DA ORDEM ESPIRITUALISTA CRISTÃ



Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã

DECLARAÇÃO

Eu, NEIVA CHAVES ZELAYA, Presidente da entidade "OLINDA DO AMANHECER", conforme Estatutos registrados no 4º Cartório de Olinda, Pernambuco no livro de Registro de Títulos e Documentos nº 07, fls. 04 a 10, sob o nº 325, Protocolo 15889, de 30 de Julho de 1976, declaro que nesta data consigno meus poderes de Presidente ao Vice-Presidente SEVERINO RAMO CORRÊA, conforme preceituam os referidos Estatutos em seu Art. 22º que reza:"-Nas ausências ou impedimentos dos titulares os Vices assumirão, mediante documento que deverá ter a data e o tempo da substituição, assinado por ambos ou um dos seus pares.". Assim, entrego o funcionamento do meu cargo ao meu Vice por tempo indeterminado, reservando-me o direito de revogar esta declaração quando ele ou eu julgar-mos conveniente.

Brasilia, 24 de Agosto de 1976

Neiva Chaves Zelaya

Neiva Chaves Zelaya

CARTÓRIO DE PLANALTINA

Olinda, de de 1976

Severino Ramo Correa

CARTÓRIO DE SOBRADINHO
2º Ofício de Notas, Registro Civil e Protestos de Títulos do DF.
Reconheço(emos) a(s) firma(s) por semelhança, devidamente assinalada pela seta da Serventia.
Sobradinho DF, 24/8/1976
Em testº da verdade
Carlos Aécio N. Caldas

Rodovia DF - 15, K 10, Planaltina DF, Cx. P. 70.024 GDF-07003970 CNSS-252.415/70 CGC-003077/0001 SSS GDF-057194/74

ANEXO B – DEPOIMENTO DE VERÔNICA CABRAL

Falar do professor Lepê Correia... é uma grande honra, privilégio, reverencia, pois fico muita emocionada de tê-lo como meu amigo. Mas também como mestre do conhecimento ancestrais que cada vez quando passar na loja era uma aula ou palestra que ocorria tudo através das conversas em pequenos momentos quando ia comprar ou só apenas conversa na loja. Em 1996 Lepê Correia, se tornou cliente da Loja Simpatia Calçados, situada: na Rua, Flora Assunção Gonçalves,297 Olinda. Que trabalhava na época. Desde então ele emprestava livros para que eu pudesse ler onde nasceu a nossa amizade. E também acendeu mais ainda a vontade de ler.

Lembro de uma certa vez com ajuda de uma aluna dele com a qual se tornou minha amiga(Hoje atual esposa dele) combinamos de assistir uma aula administrada pelo mesmo. Essa era a oportunidade. Lembro que foi de história de um excelente conhecimento escolar O que chamava atenção quando trafegava em plena feira Beberibe junto com ele o seu traje de vestir revalidado sua própria essência cultural, (todo de branco, com seu Ojá e seu Filá) Em 2004 na Rádio Jovem Cap (Rádio Capibaribe) situada em bairro de

Cajueiro- Recife, havia um programa “Tomando Ciência” que era todos os sábados pela manhã onde passava seus conhecimentos de plantas medicinais, na época eu era proprietária da Loja “V.E Calçados”, situada na Praça da Convenção,35, em Beberibe- Recife, onde era uma daspatrocinadoras desse programa. Tem pessoas com os qual vem com Dom de compromisso decontribuir com a geração atual que terá reflexão com gerações futuras no engajamento de combatediscriminação e preconceito racial.No caminho, ensinamentos são eternos quando existecoragem, dedicação, determinação e paciência carregando tantas outras bagagens.

Gratidão, Lepê Correia: Professor, psicólogo, poeta, pesquisador da cultura afro.

ANEXO II a - Verônica Cabral no lançamento do Caxinguelè, 1995.

ANEXO C – DEPOIMENTO DE DEUZUWILMA GALVÃO

(Um abraço, uma Filha)

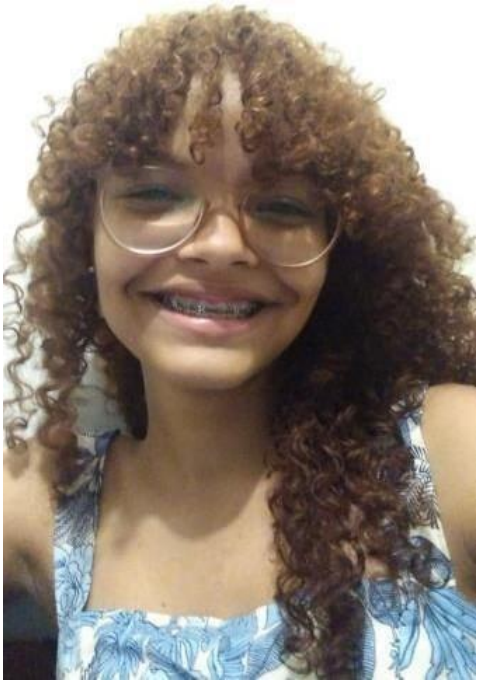
Meu nome é Deuzuilma Galvão. Conheci Lepê Correia a mais ou menos 13 anos numabienal do livro. Minha mãe me falava muito do novo amigo que ela tinha feito num curso de atualização, que sabia muitas coisas sobre assuntos que nos interessavam muito naquele momento da vida. Eu ficava cada dia mais curiosa sobre aquela pessoa, e quando nos conhecemos fui recebida com um abraço caloroso, como se já houvéssemos nos conhecidos hátempos. Desde então passamos a fazer parte da vida um do outro, e de repente eu comecei a serapresentada como uma filha. No início achei aquilo muito esquisito, depois engraçado e com o tempo, tornou-se cotidiano e natural. Era bom ter um outro pai que poderia esclarecer muitas coisas, dar conselhos e estar sempre presente.

Foi bom sentir-me amada de uma forma diferente da demonstrada pelo meu pai de sangue. Nem melhor, nem pior, complementar. Lepê foi muito importante para meu crescimento como pessoa e como alma, e não foi nada difícil me afeiçoar. Na verdade, o aprendizado continua, sempre crescemos nos relacionamentos, eventualmente eles podem nos ensinar a amar e aceitar as pessoas como elas são. Vendo suas qualidades e defeitos, enxergamos a humanidade do outro e a nossa. Interações pai e filha mostram que é permitido amar e ser amada, ainda que os envolvidos não sejam perfeitos, e essa lição me traz a cada diapaz e expansão de consciência, por isso me é uma relação tão cara.

Lepê Correia e Deuzuwilma Galvão

ANEXO D - DEPOIMENTO DE DÁFFANY CHARISSE DA SILVA LEPÊ CORREIA (MAIS NOVA)

Meu nome é Dáffany Charisse Lepê Correia. Falar do meu pai é muito fácil porque éum pai dedicado, que sempre tenta estar presente, não importa o que quão ocupado esteja, ele vai fazer o possível para estar por perto presente, vai te apoiar no que for preciso. Sempre tentaensinar as coisas novas, para as filhas e filhos repassando seu conhecimento para que possamosaprender de verdade tanto meu pai as coisas fáceis são também difíceis, porém ele vai fazer questão de dividir o que aprendeu com as experiencias da vida e com os nossos ancestrais é ancestralidade. Nascer como filha de Lepê Correia neste mundo é um privilégio, agradeço por sua existência é por você ser meu pai.



Daffány Charissse

ANEXO E - DEPOIMENTO DE MESTRE RODRIGO MARINHO

Eu sempre soube que havia algo incômodo em minha existência, mas não conseguia colocar o dedo na ferida. Não por medo, mas por desconhecimento de minha posição no mundo.Foi quando em 2020 conheci Severino Lepê, um gentil e autêntico mentor que mudaria a minhavida para sempre. Gratidão é o que eu sinto quando penso em Lepê, o ser humano que me auxiliou a me perceber como Negro e abriu as portas para que eu pudesse pensar e escrever sobre o tema. Sem as vivências que passei a realizar sob sua calorosa companhia, tenho certezade que hoje eu estaria trilhando outros caminhos, por vias de silenciamento e diminuição do que Sou. Foi através de Lepê que conheci muitos autores, e faço questão de citá-los neste agradecimento, talvez para demonstrar que o discípulo estava atento ao Mestre.

Aprendi com Lepê por meio dos textos de Frantz Fanon, que a luta contra a opressão racial é um movimento pela auto afirmação e autoestima. Em "Pele Negra, Máscaras Brancas",Fanon argumenta que o racismo cria uma sensação de inferioridade e negação da própria identidade racial, o que leva a uma busca constante por aprovação e reconhecimento pelos padrões sociais dominantes.

No entanto, ele acredita que é possível superar esse padrão de pensamento através da reivindicação da própria identidade racial e da luta contra o racismo. Fanon argumenta que a valorização da própria identidade racial é uma forma de resistência contra o sistema opressor e de reivindicação da autoestima e autoafirmação. Entender e introjetar tudo isso salvou a minha vida, em vários momentos em que duvidei de minha capacidade.

Além de Fanon, graças a Lepê, me aproximei e ressignifiquei minhas leituras de autores decoloniais lusófonos como Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos. Passei a usar um prisma aguerrido, com olhares que destacavam a importância da valorização da identidade racial e da luta contra o racismo na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Do pensamento de Paulo Freire extraí que é fundamental a luta pela igualdade e valorização da identidade racial. Ele acreditava que é através da educação que podemos construir uma sociedade mais justa e igualitária. Para ele, a educação não é um processo passivo, mas sim uma ação consciente e participativa, na qual o sujeito é protagonista de sua própria aprendizagem e transformação. Freire também destacou a importância da luta do oprimido, uma vez que este é o principal prejudicado pela desigualdade social. A luta contra a opressão é uma luta por liberdade e dignidade, e a educação é uma ferramenta poderosa para alcançá-la.

Os escritos de Boaventura de Sousa Santos me auxiliaram a entender a importância da pluralidade cultural e da diversidade como elementos fundamentais para uma sociedade mais

justa e igualitária. Visto que para Santos, o conhecimento é construído a partir da interação entre diferentes saberes, e é preciso valorizar todas as formas de conhecimento, incluindo aquelas transmitidas por culturas marginalizadas. Como é o caso da que eu estava inserido durante toda minha vida e que até então não havia aprendido a dar seu devido valor e significado. Através de Santos, mas pelo exemplo de Lepê, aprendi a importância da luta contra as opressões múltiplas, incluindo o racismo, a desigualdade de gênero e a exploração econômica. Para ele, é preciso lutar contra todas essas formas de opressão para alcançarmos uma sociedade verdadeiramente justa.

Severino Lepê me deu as ferramentas para enfrentar essa luta que eu desconhecia ou, melhor, não percebia. Sua delicada orientação me permitiu valorizar minha identidade racial e me orgulhar de quem sou, mesmo em uma sociedade opressora e racista. Eu agradeço a Lepê por ser meu mentor e guia nesta jornada, e por me fazer reconhecer a amar a negritude. Sua dedicação e generosidade são uma fonte constante de inspiração para mim.

Tenho ciência de que a jornada de valorizar e compreender minha identidade racial se encontra apenas no início, uma vez que ainda enfrentamos inúmeros desafios no Brasil. É preciso continuar a trabalhar em direção à igualdade e lutar contra o racismo em todas as esferas.Nomes como Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Silvio Almeida e Lepê Correia são exemplos de lideranças brasileiras que lutam por essa causa e inspiram a lutapor uma sociedade mais justa.

Aprendi com Lepê a sempre questionar, ir além das aparências. Por isso concluo explicitando uma questão que inquieta: Até quando vamos aceitar que a valorização daidentidade racial não seja uma realidade para todes? Ainda não sei responder. Mas tenho me movimentado diariamente para que a luta pela igualdade seja diária. Tenho certeza que cada um de nós pode fazer sua parte, seja aprendendo sobre nossa história, seja lutando contra o racismo e a discriminação. Só assim poderemos construir uma sociedade verdadeiramente igualitária e justa para todos. Graças a Olorum tenho o imenso

privilégio em viver no mesmo planeta e na mesma época que Severino Lepê, meu Mestre!

ANEXO F - DEPOIMENTO DE ANDREY PEDRO KITZYA CORREIA (FILHO)

Meu nome é Andrey Pedro. Falar de Lepê Correia é uma metamorfose superhumano...um ser de outro planeta, como uma pessoa pode ser tão inteligente, e ainda ter respostas para todas as minhas dúvidas? Seria um semideus habitando aqui, no Brasil. eu pensava assim quando era pequenino. Ainda penso as vezes. Ele fala 8 idiomas! E eu pensava,

“wow impossivel” e ele se queixa, por não ter aprendido grego! Humilde. Acho que nossa relação é como; sensei e o aprendiz. As vezes nem chamo ele de pai, eu chamo de professor! Eita! Chamei o senhor de professor...

-Mas eu não sou?! - diz ele num tom brincante. Franchement c'est un peu difficile pour moi de parler de lui... Ele passa o conhecimento dele, de uma forma tão... De uma simplicidade,de uma coerência, uma forma tão compreensível, que nenhuma outra pessoa faz. Sou muito grato por ter pedido aos seres lá de cima para vir como seu filho porque somos nós que escolhemos.

ANEXO G- DEPOIMENTO DE OLUBENIWI MARINHO LEPÊ CORREIA (MAIS NOVO)

Meu nome é Olubeniwi Lepê Correia como pai para mim é engraçado e um poucoinspirador por causa do monte de trabalho que já teve e tem.

Olubeniwi Marinho Lepê Correia

ANEXO H - ORUM NATHAN: AGRADECIMENTO AO VIVO PAI E SAUDAÇÃO AOS ANTEPASSADOS. (MAIS VELHO)

Meu nome é Orum Nathan, somos infinitamente agradecidos a olódùmarè, dona Brandina, dona Benedita, (Zé Luiz), Paulo Preto e toda nossa ancestralidade por nos conceber a existência de nosso pai, avô, irmão, amigo, bàbálòrìsà Lepê Correia em nossas vidas. Que a natureza sempre lhe abençoe lhe fortaleça e lhe proporcione sabedoria para que possa continuarnos orientandos, inspirando e protegendo!
Orum Nathan Lepê Correia

ANEXO I - DEPOIMENTO: DE ROBERTA GOMES DE SOUZA

Meu nome é Roberta Gomes de Souza tenho 38 anos sou filha de Lepê Correia de coração. Meu pai tá na minha vida desde a barriga de minha mãe, quando mais nova morria deciúmes dele com ela, já adulta ao perder minha mãe o permiti que ele assumisse esse papel quesempre foi dele, pois mesmo sem se mostrar ele estava ali pra resolver as birras de uma adolescente complicada.

Não sei o que seria de mim sem a ajuda dele, no momento em que me senti mais sozinha e perdida, onde achava que não iria conseguir passar sem minha mãe ao meu lado, maspapai segurou minha mão, e mostrou que eu era forte e que eu tenho a ele. Não sou uma filha tão presente como queria ser, mas estou aqui para ele sempre que ele precisar eu digo sempre por que é sempre.

Um pai amoroso, cuidadoso que quando tem que puxar a orelha, puxa, mas sem sombras de dúvidas não poderia ter um pai melhor, e me arrependo de não ter deixado ele entrarna minha vida a muito mais tempo, pois se todo amor e dedicação que ele sempre teve por mim,e sou grata ao universo por ter privilégio de chamá-lo de papai. Você é minha inspiração e tenhomuito orgulho do senhor, Te amo.

Roberta Gomes de Souza

ANEXO J - DEPOIMENTO DE LUIZ CORREIA –"NOGUEIRA" - (IRMÃO)

Meu nome é José Luiz Correia Falar do meu irmão é muito fácil. Quando éramos pequenos minha mãe falava bastante para mim; ´´vai estudar, vai estudar, vai estudar´´ mandavafazer as lições, pra ir pro colégio. Era um maior sufoco para me mandar ir pra escola. Ele não, ele chegava, pegava o caderno e ia estudar, nunca foi reprovado. Eu, inúmeras vezes fui reprovado, e era reprovado do 4° pra 5° da 5° pra 6°série, reprovado, mas meu irmão não, ele sempre dá o pé na promissão. E eu estudava no colégio que meu tio bancava pra mim, um colégio particular um excelente colégio. Colégio Técnico Professor Agamenon Magalhães, a gente estudava lá e meu irmão sempre no colégio do Governo, e passando, todos os anos passando. Fez parte dos jogos no colégio estadual de Olinda, ele foi campeão de futebol de salão sempre se destacando cada vez mais, depois começou a aprender violão, começou a cantare estudando também, tudo junto. Galgando posições na vida, fomos crescendo na casa do meutio com minha mãe. E aos 18, 19 anos eu entrei na marinha, em 1970. Fui embora em 72 aqui pro Rio de Janeiro e até hoje estou aqui, depois de 30 anos de marinha foi que eu resolvi estudar.Depois que vir para a reserva. Enquanto isso meu irmão já tinha umas três graduações na minhafrente, mas nunca é tarde pra aprender. Eu lembro quando foi em 2004 conversei com ele e falei

´´ Olha eu passei no vestibular, eu vou cursar direito ´´ aí ele disse para mim: até que um dia criou vergonha hein´´

Mas meu irmão foi, é e sempre será um orgulho pra mim. Agora só somos nós dois, eu e ele. Ele em Recife e eu aqui no Rio de Janeiro... e nossa prima aí também em Recife. Nossa família é uma exígua, é pequena. Mas meu irmão sempre se destacando em tudo, tanto em televisão, rádio, compositor, poeta. Esse cara é tudo, esse cara é o orgulho da minha vida. é porcausa dele, que é meu espelho que eu me inspirei, caramba meu irmão com quantas faculdadese eu sem nem uma, eu vou fazer uma faculdade, mas não por inveja mais nada e impossível euvou conseguir aí fazia dezesseis anos que eu não estudava aí procurei uma escola para concluiro 2° grau, aí conclui o 2° grau foi quando conclui e logo em seguida prestei o vestibular e passei,na metade de 2004 entrei na faculdade e em 2010 me formei. Falar do meu irmão é fácil, falar de mim que foi difícil. Mas dele não, é uma facilidade pra tudo... Ele é o irmão que todos queriam ter, mas é meu irmão. Estamos distantes...faz mais de 20 anos que não o vejo. Esse

muleque é demais, que Deus abençoe ele e quem o cerca. Ele é a pessoa que é predestinada pelo mestre.

José Luiz Correia

ANEXO K - HOMENAGEM DE PRISCILA UCHOA

Dia de sua formatura em Medicina. (Filha que me adotou)

ANEXO L - DEL, AMIGO QUE CONTA COMO CONHECEU LEPÊ CORREIA

José Dias Sobrinho, mais conhecido como Del, amigo que conta como conheceu Lepê Correia. Em 1966 na escola Técnica Professor Agamenon Magalhães da avenida encruzilhada estudei com Nogueira, irmão do "Pelé", na época chamávamos ele assim. Nogueira só tirava 10, era um excelente aluno, eu nem tanto, diz Del com uma gargalhada! Alguns anos depois minha família e eu mudamos para Ouro Preto e um dia aleatório cruzei com nogueira e começamos a conversar, a vila de ouro preto acabara de inaugurar, era 1969 aí voltamos o contato, assim conheci Pelé seu irmão. Pelé era um rapaz magrinho, com voz aveludada, de tom baixo e calmo e estudava muito, depois conheci Bené sua mãe (Benedita) uma mulher idônea, católica, mulher de fibra, andava com as roupas bem limpas e alinhadas, criava os meninos com punho, eu gostava demais da Dona Bené, diz Del com tom de tristeza na voz. Assim passamos a ter mais contato e nos reuníamos para tocar e fazer bagunça quase que diariamente, Nogueira também cantava e tocava, assim em 1972 entramos para o grupo musical "Os fantásticos" de
"Paulo Peruca" composto por: por Del, Benito, Diógenes, Neném, Paulo Peruca e "Pelé" hoje conhecido como Lepê.

"Pelé", hoje Lepê, naquela época já diferia dos demais. Nós queríamos farra. A fama já batia à porta, mas "Pelé" sempre com seus livros e voz mansa, com aquele "chapeuzinho" engraçado na cabeça sempre que não estava cantando, estava estudando. Eu admirava muito isso nele, diz Del com um semblante de orgulho. Mas ele também era metido. (Não diz isso a ele, confessou Del com um semblante de arrependimento). Achávamos ele metido, e começamos a sacanear ele, algumas vezes quando tinha o intervalo o "Pele" descia do palco, avisava onde estava e pedia para que quando acabasse o intervalo chamasse-o (no microfone mesmo). Começamos então, de propósito, a não chamá-lo, ele se arretava e falava: GenTe (imitaDel a acentuação de sua voz no T) "Eu também sou do grupo musical, (hoje chamado banda), como começaram sem mim" Dizia Lepê. Fizemos isso por várias vezes até que um dia fizemospior, além de começar sem ele começamos a tocar música de prefixo (músicas compostas só por instrumentos) aí "Pelé" se arretou: pegou as suas coisas e nunca mais voltou.

Em 1972/73 fizemos uma turnê pelo interior de Pernambuco e nordeste, passamos uns15 dias viajando direto, o empresário ia à frente e ia fechando os shows para nossa banda, trabalhamos demais. Se fosse hoje essa banda seria um "Mastruz com Leite". Nessa torne, acabamos indo tocar em uma festa para arrecadar verba para uma formatura lá na cidade de

Macaparana, lá encontramos uma parente minha Dona Julieta, ela era dona de um hotel bem conhecido na cidade, o Hotel 13 de maio, ela gostava muito do meu teu avô Adalto, diz Del com um tom de saudades do seu pai já falecido. Dona Julieta recebeu toda a banda muito bem, com comida, deixou a gente tomar banho, separou os quartos para nosso repouso, colocou tudo do bom e do melhor e tudo isso sem cobrar nada. Os rapazes da banda estavam todos paquerando as meninas, mas Pele metido a besta como sempre, caladinho, foi e sentou-se no chão no meio do hotel e com seu violão e "chapeuzinho engraçado" começou a tocar e cantar. Em pouco tempo já tinha juntado uma turma em volta dele e assim passamos a noite. Essa noite ficará sempre na minha memória; diz Del emocionado.

Lepê Correia sempre foi um rapaz diferente, sempre estudioso, sempre educado e ele merece tudo que conquistou. parabéns, por nunca desistir de seus estudos, nunca foi preguiçoso.Relato de José Dias Sobrinho (Del). Escrito e narrado por Gisele Correia Dias.

.

Lepê Correia com Del, seu amigo baterista